

# Sumário – Parte II

## UNIDADE 6

Crise na história e transformações sociais: liberdade e criação | 194

Capítulo 16 Prosadores da primeira fase do Modernismo brasileiro | 196

Capítulo 17 Gênero jornalístico: editorial | 212

Capítulo 18 Coesão sequencial IV: a conclusão e os organizadores textuais | 221

## UNIDADE 7

Entre guerras e mundos: a consciência social e a produção cultural | 228

Capítulo 19 Prosadores da segunda fase do Modernismo brasileiro | 230

Capítulo 20 Redação de vestibular: carta argumentativa | 247

Capítulo 21 Regência verbal | 257

## UNIDADE 8

A cidade e o mundo: solidariedade e ética | 266

Capítulo 22 Poetas da segunda fase do Modernismo brasileiro | 268

Capítulo 23 Redação de vestibular: texto dissertativo-argumentativo I | 281

Capítulo 24 Regência nominal e crase | 292

## UNIDADE 9

O singular e o universal: contextos e anseios | 298

Capítulo 25 Prosadores da terceira geração do Modernismo brasileiro | 300

Capítulo 26 Redação de vestibular: texto dissertativo-argumentativo II | 317

Capítulo 27 Sujeito gramatical e sujeito discursivo: agente da passiva e oração sem sujeito | 326



# SÃO PAULO CAPITAL ARTÍSTICA

A cafeicultura e as artes na  
*belle époque* (1906-1922)

JULIO LUCCHESI MORAES



# Crise na história e transformações sociais: liberdade e criação

No livro **São Paulo: capital artística. A cafeicultura e as artes na *belle époque* (1906-1922)**, o historiador Julio Lucchesi Moraes registra o panorama cultural paulistano da época, com ênfase nas atividades que aconteciam no Theatro Municipal de São Paulo, nas artes de salão e nas casas de chá do centro da cidade.

Também tiveram espaço cinemas e teatros populares, que não se ligavam ao processo de desenvolvimento capitalista da indústria cultural. Nesse período, há um deslocamento da capital cultural do Brasil, do Rio de Janeiro para São Paulo.

Esta unidade tem como foco o tema integrador “Crise na história e transformações sociais: liberdade e criação”.

O recorte apresentado mostra que a década de 1920 foi repleta de aspirações renovadoras em todos os campos da vida cultural e social, como já estudado na unidade anterior. Artistas e escritores começam a perder o constrangimento de serem brasileiros e procuram ver a realidade de modo crítico. A presença do negro, do mestiço, do operário e do imigrante desponta também na prosa de ficção, retratando as mudanças sociais que ocorriam em São Paulo, decorrentes das novas relações de trabalho estabelecidas pelo desenvolvimento da industrialização.

No capítulo de **Leitura e literatura**, você lerá trechos de romances de Oswald de Andrade e de Mário de Andrade, bem como um trecho de um conto de Alcântara Machado, a fim de analisarmos os caminhos experimentais trilhados pelos autores, tanto na linguagem telegráfica e cinematográfica quanto nos temas retratados.

No capítulo de **Texto, gênero do discurso e produção**, estudaremos o editorial, gênero que expressa a opinião oficial de uma empresa jornalística, mostrando argumentos de defesa de sua posição e de refutação das ideias opostas. As interpretações que a mídia faz de acontecimentos recentes podem ajudá-lo(a) a formar sua opinião diante deles.

No capítulo de **Língua e linguagem**, trabalharemos com a conclusão. Própria de textos argumentativos, ela marca a etapa final do processo de raciocínio dedutivo. Trataremos também dos organizadores textuais, palavras e expressões que ajudam a ordenar as ideias expostas, de forma a facilitar a compreensão do interlocutor.

Capa do livro **São Paulo: capital artística. A cafeicultura e as artes na *belle époque* (1906-1922)**, de Julio Lucchesi Moraes (Rio de Janeiro: Azougue Editorial, 2014).

# Prosadores da primeira fase do Modernismo brasileiro

## Oficina de imagens

### Onde está o saci?

Quem já participou de uma festa de *Halloween* ou assistiu ao seriado de televisão **O sítio do Picapau Amarelo**, em que uma das personagens é o esperto Saci?

No mundo globalizado, a comemoração do *Halloween*, no dia 31 de outubro, que acontecia apenas nos cursos de inglês, invadiu não só as escolas como os clubes e as vitrines das lojas. Essa massificação provocou reação de intelectuais, folcloristas e políticos, que buscam apoio na defesa da cultura popular brasileira.

Em 2003, na cidade de São Luís do Paraitinga, no Vale do Paraíba, interior paulista, foi fundada uma sociedade para recuperar a memória coletiva do país, chamada Sociedade dos Observadores de Saci (Sosaci). No mesmo ano, em Belém do Pará, foi apresentado um projeto de lei para instituir a Semana Municipal Matintaperera, como forma de preservação da cultura amazônica.

Os dois textos a seguir convidam você a revolver sua memória cultural e a encontrar-se com dois representativos símbolos de circulação nacional.



Ilustração de uma diabrura do saci feita pelo desenhista e caricaturista paulista Voltolino, pseudônimo de Lemmo Lemmi (1884-1926), primeiro ilustrador das obras infantis de Monteiro Lobato.



Charge do jornalista, cartunista, ilustrador, caricaturista e chargista brasileiro J. Bosco sobre o *Halloween*, publicada em **O liberal**, Belém, 31 out. 2003. Paineis, p. 8.

Nesta oficina, vamos resgatar a figura mítica do saci, também conhecido como saci-pererê nas regiões Sul e Sudeste e matintaperera (ou matintapereira), no Norte do país. Em suas versões regionais, ele sintetiza a expressão da alma nacional.

Para ir ao encontro do saci, um dos símbolos da brasilidade, vamos ver a imagem dessa entidade folclórica que ficou no imaginário coletivo. Ela também entrou na literatura brasileira: o saci virou personagem de contos e romances, entre eles da obra-prima **Macunaíma**, de Mário de Andrade.

O livro **O Saci-Pererê: resultado de um inquérito** apresenta uma importante pesquisa sobre representações populares, feita pelo escritor Monteiro Lobato em 1918. Composta de mais de 70 depoimentos e reproduções de pinturas e estatuetas representando o saci, a obra resgata o imaginário popular.

O saci está no imaginário popular de todo o Brasil. Em cada região, ele adquire feições próprias, como você lerá nos textos a seguir.

#### Quer saber mais sobre a Sosaci?

Quer se tornar sócio da Sosaci? Você conhece algum depoimento sobre o saci? Visite o *site* <<http://ftd.li/uz838q>>. Acesso em: 31 mar. 2016.

### Depoimento do senhor Miguel Milano

Na São Paulo antiga havia tanto Sacy como no sertão. O senhor Milano, legiãoário em menino de uma famosa saparia do Piques, o documenta.

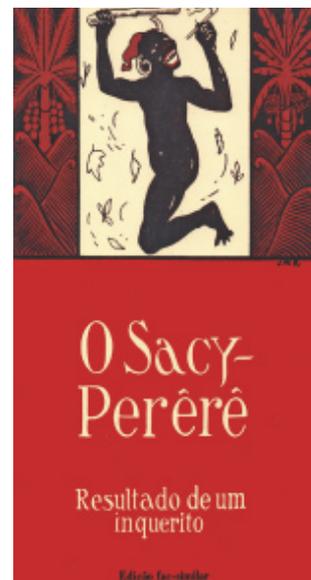
[...] Segundo o testemunho de um velho caipira de barbas longas e ralas, a quem coube narrar o caso, e que jurara sobre uma cruz feita pelos dedos indicadores, de como tinha visto e quase “amarrado”, um deles com rosário, o Sacy não passava de um miúdo negrinho — cara de macaco, muito delambido — filho do diabo, dotado de uma perna só, com cauda regular, e que desenvolvia uma velocidade superior à de um cavalo.

— O dianho do tiziu não corre, avoa — contava o caipira, arregalando os pequeninos olhos; — e quando “amunta” num cavalo, o pobre bicho sente “tar” peso que não vai nem pra diante, nem pra “trais”. Despoi ele faiz uma porção de tracinha no rabo do animá, faiz ele corrê pra tuda parte, sempre amuntado em cima, e só larga o coitado despô de derreado.

E prosseguiu.

— Ôi minino, vancê já não ôviu ele cantá de tardinha “saci, saci”? [...]

LOBATO, Monteiro. **O Sacy-pererê**: resultado de um inquérito. São Paulo: Globo, 2008. p. 81-82.



© Monteiro Lobato – Todos os direitos reservados.

Capa do ilustrador J. Wash Rodrigues, feita para o livro editado por Monteiro Lobato em 1918, contendo as respostas dos leitores ao inquérito realizado por ele sobre o saci-pererê.

### Depoimento do senhor João Corisco

*Este Corisco afuzilou, não diz de onde, um depoimento em regra, onde estabelece até a estatura exata do réu.*

O Sacy como m’o pintava sempre a Joanna, a mucama que me criou, o “mardito”, como ela o chamava, era um pretinho de um metro de altura, uma perna só, vestido com um calção de baeta vermelha; camisa de algodão branca aberta ao peito, e carapuça vermelha, afunilada; nariz adunco, barbinha de bode preto, e as unhas das mãos muito compridas.

Foi assim que comecei a conhecer o “capeta”, o Sacy dos tempos idos. À medida que fui crescendo melhor fui conhecendo o Sacy danado, conhecimento pelas narrações que dele me faziam os pretos da fazenda, os sertanejos agregados e o “Chico Rio Grandense”, velho tropeiro, domador de fama, gaúcho e ex-soldado do exército de Osório.

LOBATO, Monteiro. **O Sacy-pererê**: resultado de um inquérito. São Paulo: Globo, 2008. p. 105.

### Depoimento de Zé Caipora

*Zé Caipora sacode o pó das velhas reminiscências e fala do Sacy concebido pelo povo do nordeste brasileiro.*

Não é demais estender o inquérito interessantíssimo sobre o Sacy ao Norte. Passei os doces anos da minha infância no sertão do Ceará, minha terra. Lá, ouvi as lendas populares, correntes no Brasil, mas a lembrança das suas narrativas já estão quase dissipadas na minha memória. Vão também 15 anos e o tempo é um grande destruidor...

[...] E, tirando o pó da memória, posso dizer algo do Sacy-pererê, tal como é concebido e divulgado no Nordeste brasileiro.

Em princípio: não se lhe dá absolutamente este nome, mas o de Caipora, se bem que seja também representado por um negrinho ou caboclinho “perereca” (corrupção de pererê?).

Do Caipora, nunca ouvi dizer que tenha uma perna só, como é o seu característico por aqui; usa como o Sacy a carapuça encarnada e suas travessuras, no galinheiro, no engenho, no curral, na cozinha, não trazem menos atribulados os sertanejos do Norte, do que os do Sul. Lá como aqui é parente do diabo. [...]

LOBATO, Monteiro. **O Sacy-pererê**: resultado de um inquérito. São Paulo: Globo, 2008. p. 275.

#### Atividade em grupo

1. Como é descrita a figura do saci nos depoimentos?
2. Hoje em dia, como o saci é representado? Que figura dele circula nos meios de comunicação? Procure uma imagem atual na internet.
3. Combine com o professor uma **apresentação** para comparar as imagens atuais da figura mítica do saci com as descritas nos depoimentos.

## Astúcias do texto

### O romance e o conto no início do século XX

Os autores da primeira fase do Modernismo, na maioria atuantes em São Paulo, mergulham na cultura brasileira para revelar como vive nosso povo e como pensam suas elites tradicionais. Nessa primeira fase do Modernismo, vamos estudar a prosa de Mário de Andrade, Oswald de Andrade e Alcântara Machado.

Nesta fase, a prosa procurou registrar a linguagem popular, utilizando marcas de oralidade: os neologismos explorados por Oswald de Andrade, a língua brasileira de Mário de Andrade e a fala coloquial, que mistura italiano e português, de Alcântara Machado.

O romance e o conto incluem também uma importante dimensão poética, trazendo uma revolução na prosa literária no Brasil. Em todas as obras, há uma preocupação com as novas técnicas narrativas a fim de registrar o momento e as condições da vida brasileira. Vamos ler, a seguir, algumas dessas obras representativas.

#### A prosa revolucionária de Oswald de Andrade

A prosa do autor marca uma grande ruptura com as tradições acadêmicas. Sua verdadeira revolução na prosa encontra-se nitidamente tratada em dois romances: **Memórias sentimentais de João Miramar**, publicado em 1924, dois anos depois da Semana de Arte Moderna, e dedicado ao ensaísta Paulo Prado e à pintora Tarsila do Amaral, que fez a capa da primeira edição, e **Serafim Ponte Grande**, de 1933.

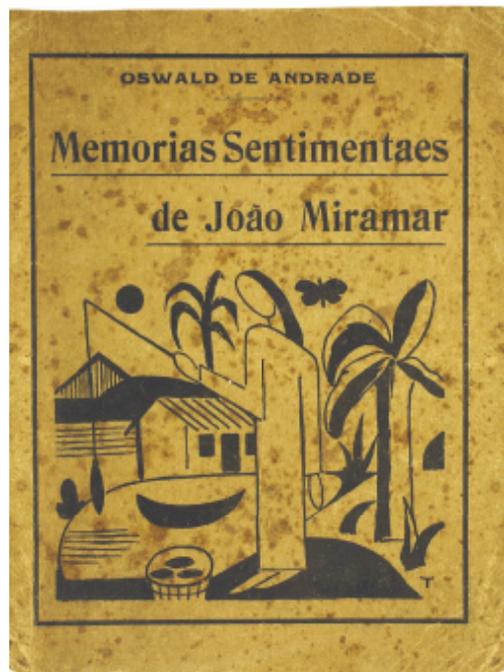
#### Memórias sentimentais de João Miramar

Romance composto de 163 capítulos, curtíssimos e numerosos, é construído por uma montagem de fragmentos que aparecem entrecortados, sem linearidade, resultando numa sintaxe cinematográfica. É uma forma narrativa inovadora: prosa e poesia se misturam com claras influências das artes plásticas e do cinema naquele início do século XX.

Se perseguimos o fio cronológico da narrativa, encontramos, nos capítulos-relâmpago, a personagem principal, o paulista João Miramar, ainda na infância; na adolescência, ele faz sua primeira viagem à Europa e, de volta ao Brasil, casa-se com sua prima Célia. Ao mesmo tempo, mantém um romance com a atriz Rocambola, o que provoca seu desquite. No final, Miramar fica viúvo, é abandonado pela amante e acaba indo à falência, por ter aplicado mal seu dinheiro na indústria cinematográfica. Nesse momento, ele redige suas memórias.

Na narrativa, Oswald de Andrade mistura cartas, prefácios e discursos, construindo uma sátira da vida de São Paulo e da linguagem acadêmica. Uma característica de seu estilo é o apego à linguagem coloquial e o rompimento com algumas regras gramaticais. O autor busca uma língua nascida da mistura do português com as línguas dos imigrantes que chegavam ao país.

Leia, a seguir, três capítulos desse romance.



Capa da 1ª edição de **Memórias sentimentais de João Miramar**, de 1924, com ilustração de Tarsila do Amaral.

Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin

#### 131. Mais-que-perfeito

Eu tinha saído do laboratório da Itacolomi Film onde Rolah tinha dado uma hora preguiçosa de pose para observações contratuais.

Ela me tinha confessado pela manhã que seus amores anteriores com pastores não tinham passado de pequenos flertes de criança.

Agora quando tínhamos descido a escada longa eu me tinha baixado até os orquestrais cabelos louros.

E tínhamo-nos juntado no grande doce e carnosos grude dum grande beijo mudo como um surdo.

**Rolah:** *Mademoiselle* Rolah, amante de Miramar.

### 132. Objeto direto

Ao longo do viaduto bandos de bondes iam para as bandas da Avenida.  
O poente secava nuvens no céu mal lavado.  
No Triângulo começado de luz bulhenta antes da perdida ocasião de ir para casa entramos numa casa de joias. [...]

### 146. Verbo crackar

Eu empobreço de repente  
Tu enriqueces por minha causa  
Ele azula para o sertão  
Nós entramos em concordata  
Vós protestais por preferência  
Eles escafedem a massa

Sê pirata  
Sede trouxas

Abrindo o pala  
Pessoal sarado.

Oxalá que eu tivesse sabido que esse verbo era irregular.

ANDRADE, Oswald de. **Memórias sentimentais de João Miramar**. São Paulo: Globo, 2004. p. 139-148.

**abrir o pala:** gíria que significa “escapar”.  
**azular:** gíria que significa “fugir”.  
**crackar:** neologismo baseado no *crack* (falência) da Bolsa de Valores de Nova York, em 1929.

FAÇA NO  
CADERNO

1. Nos títulos dos três capítulos selecionados do romance, o narrador recupera algumas noções gramaticais: o tempo verbal “Mais-que-perfeito” composto, a categoria sintática de “Objeto direto” e a conjugação dos verbos em “Verbo crackar”. Em cada capítulo, como o narrador emprega essas noções?
2. Nos capítulos, o narrador não tinha o objetivo de tratar dessas noções gramaticais como as conhecemos, mas de parodiá-las.
  - a) A que situações da narrativa remetem os títulos?
  - b) A paródia expressa nos episódios estabelece um diálogo crítico entre dois eixos paralelos: o linguístico e o social. Explique, para cada capítulo, a sátira feita à gramática tradicional.
3. Que elementos linguísticos e narrativos recuperam a linguagem cinematográfica?

A respeito dessa obra, Jorge Schwartz, um importante crítico brasileiro, afirma:

Na mesma década da poesia Pau-Brasil e do Movimento Antropofágico, Oswald publica **Memórias sentimentais de João Miramar** (1924). Esta obra foi considerada a “divisora de águas” quando se traça a evolução de nossa prosa moderna. Nela já encontramos, bem delineados e radicalizados, vários dos elementos introduzidos no seu primeiro romance, **Os condenados**. **Memórias sentimentais** constitui [...] uma obra de vanguarda por excelência, devido ao que se convencionou chamar de técnica cinematográfica, isto é, um modo especial de escrever um texto como num filme, as palavras tentam captar a simultaneidade do real através da montagem e superposição de fragmentos desse real e da ênfase em aspectos visuais, plásticos e dinâmicos das cenas que narram ou descrevem. Por isso mesmo, o texto é organizado em fragmentos dispostos alternadamente; também marcas de vanguarda são o cruzamento de estilos tradicionalmente inconciliáveis (prosa, poesia, teatro, propaganda etc.), o humor sempre presente e a dimensão satírica que impregna a obra — uma violenta crítica à sociedade da época.

SCHWARTZ, Jorge. Tupi or not tupi. In: \_\_\_\_\_. **Oswald de Andrade**. São Paulo: Abril Cultural, 1980. p. 99. (Literatura comentada).

### Serafim Ponte Grande: romance-invenção

Nesta obra, publicada em 1933, a narrativa mistura textos teatrais e poemas Pau-Brasil a diários íntimos, cartas, abaixo-assinados, um dicionário de bolso que não ultrapassa a letra L, diários de viagem, artigos jornalísticos, roteiros de cinema etc.

O sentido do romance não se limita ao enredo, mas se constrói na forma composicional de vanguarda: paródias feitas aos textos convencionais, humor, crítica violenta à aristocracia cafeeira das grandes capitais, estilo fragmentado e inventivo, alusões a personagens literárias, justaposição de lugares imaginários e reais.

Composto de 203 fragmentos, apresenta um narrador ora em primeira pessoa, ora em terceira; personagens desaparecem e reaparecem. Há, porém, uma estrutura narrativa que permite identificá-lo como livro de memórias. Dividido em 11 capítulos, narra a história de Serafim, um homem aparentemente simples, funcionário público da Repartição Federal de Saneamento, que se casa na polícia. Um dia, ele resolve mudar de vida: rouba o dinheiro de uma revolução e viaja para a Europa e para o Oriente.

No prefácio da obra, escrito em primeira pessoa, Oswald de Andrade define o romance e a si próprio. Em tom agressivo, o autor faz um balanço social em que mostra seu rompimento com a burguesia e condena seu passado. Esse texto tornou-se um importante documento do Modernismo.

O movimento modernista, culminado no sarampão antropofágico, parecia indicar um fenômeno avançado. São Paulo possuía um poderoso parque industrial. Quem sabe se a alta do café não ia colocar a literatura nova-rica da semicolônia ao lado dos custosos surrealismos imperialistas?

Eis porém que o parque industrial de São Paulo era um parque de transformação. Com matéria-prima importada. Às vezes originária do próprio solo nosso. Macunaíma.

A valorização do café foi uma operação imperialista. A poesia Pau-Brasil também. Isso tinha que ruir com as cornetas da crise. Como ruíu quase toda a literatura brasileira “de vanguarda”, provinciana e suspeita, quando não extremamente esgotada e reacionária. Ficou da minha este livro. Um documento. Um gráfico. O brasileiro à toa na maré alta da última etapa do capitalismo. Fanchono. Oportunista e revoltoso. [...]

ANDRADE, Oswald de. **Serafim Ponte Grande**. 3. ed. São Paulo: Globo, 1992. p. 38.

A seguir, você lerá um trecho do capítulo III, “Folhinha conjugal ou seja Serafim no *front*”.

#### Quinta-feira

Partida de bilhar com o Manso da Repartição. Joguei mal. Pequena emoção guerreira.

Lalá quer passar o inverno em Santos. Já fiz os cálculos e vi que o ordenado não dá, mesmo com os biscoitos.

No entanto, deve ser muito bom mudar de casa e de ares, de objetos de uso familiar e de paisagem cotidiana. Seria excelente para mim, homem de sensibilidade que sou. E quem sabe se também mudar de paisagem matrimonial. *Sed non pos-su-mus!* Como se canta no introito da missa.

#### Terça-feira

Ando com vontade de escrever um romance naturalista que está muito em moda. Começaria assim: “Por todo o largo meio disco de praia de Jurujuba, havia uma vida sensual com ares gregos e pagãos. O mar parecia um sátiro contente após o coito”.

Nota: Não sei ainda se escreverei a palavra “coito” com todas as letras. O arcebispo e as famílias podem ficar revoltados. Talvez ponha só a sílaba “coi” seguida de três pontinhos discretos. Como Camões fazia com “bunda”.

#### Quarta-feira

Inesperada enfermidade de Lalá. Cheguei a converter-me de novo ao catolicismo. As três crianças berravam, em torno do leite materno. Quadro digno do pincel de Benedito Calixto.

#### Sexta-feira

Chove. Verdadeira neurastenia da natureza.

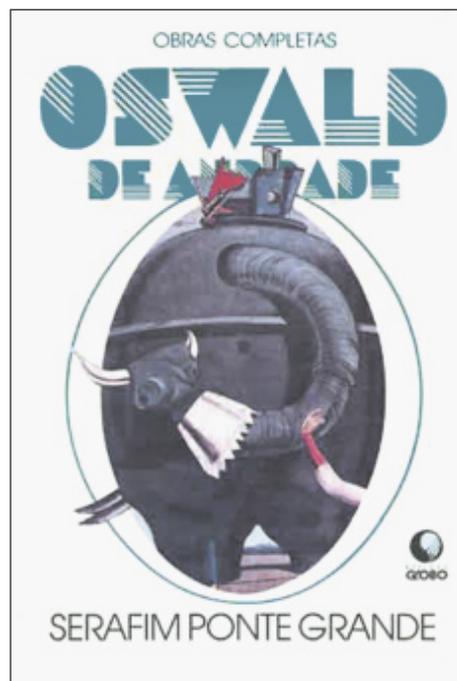
#### Sábado

Eu preciso é largar de besteira, me aperfeiçoar e seguir a lei de Deus!

#### Domingo

Benedito Carlindoga, meu chefe na Escarradeira (vulgo Repartição Federal de Saneamento), partiu para a Europa, a bordo do vapor Magellan. Vai se babar ante o saracoteio desengonçado e lúbrico das personagens de Guy de Maupassant. [...]

ANDRADE, Oswald de. **Serafim Ponte Grande**. 3. ed. São Paulo: Globo, 1992. p. 55-56.



1. O narrador recupera um gênero do cotidiano para compor seu romance: a folhinha (calendário).
  - a) Quais são as marcas do gênero citado?
  - b) Ao colocar o adjetivo **conjugal** ao lado de folhinha, que transformação ocorre nesse gênero?
2. Nesse trecho, o narrador-personagem cita estilos literários e pictóricos para parodiá-los.
  - a) Que estilos são parodiados?
  - b) Que críticas fazem essas paródias?
  - c) Que instituições sociais o narrador satiriza?

O texto a seguir é um fragmento do antepenúltimo capítulo do livro, momento em que a personagem volta de sua viagem à Europa e ao Oriente. Em São Paulo, Serafim é perseguido pela polícia e fulminado por um raio. A família e os amigos mandam construir um hospício em sua homenagem, e seu fiel seguidor, Pinto Calçudo, empreende uma viagem permanente no navio fantasma *El Durasno*, e funda uma sociedade utópica.

### Fim de Serafim

Nosso herói tende ao anarquismo enrugado.

O Brasil dos morros da infância que lhe ofertava a insistência dos mais feijões, dos mais biscoitos — dá-lhe o amor no regresso.

Pernas duras, bambas, peles de setineta de mascate e de lixa de venda, seios de borracha e de tijolo, bundas, pelos, línguas, sentimentos.

Acorado sobre o seu arranha-céu, depois de luzir de limpo o seu canhão, ensaia dois tiros contra o quartel central de polícia romântica de sua terra. Fogueteiro dos telhados, ameaça em seguida a imprensa colonial e o Serviço Sanitário.

Descobrem-no, identificam-no, cercam-no. Os bombeiros guindam até escadas o pelotão lavado dos Teatros e Diversões.

O povo formiga dando vivas à polícia. Ele cairá nas luvas brancas dos seus perseguidores.

Uma tempestade se debruça sobre a cidade imprevista. Ele arranca de um para-raios e coloca-o na cabeça invicto...

Uma nuvem carregada de eletricidade positiva esbarra sem querer numa nuvem cheia de eletricidade negativa.

Ambas dizem:

— Raios que te partam!

Faz então um escuro de Mártir do Calvário.

### PREGAÇÃO E DISPUTA DO NATURAL DAS AMÉRICAS AOS SOBRENATURAIS DE TODOS OS ORIENTES

— Tudo é tempo e contratempo! E o tempo é eterno. Eu sou uma forma vitoriosa do tempo. Em luta seletiva, antropofágica. Com outras formas do tempo: moscas, eletroéticas, cataclismas, polícias e maribondos!

Ó criadores das elevações artificiais do destino eu vos maldigo! A felicidade do homem é uma felicidade guerreira. Tenho dito. Viva a rapaziada! O gênio é uma longa besteira!

### CHAVE DE OURO

A cidade das casas contrafortes e a igreja com uma porção de cônegos de espartilho no terreiro rios e o pendão do pontão.

A população das entradas padreava o subsolo mas construíam os primeiros arredores para a meta dos costura-céus. E abriram e fecharam o vínculo dos veículos das ruas do central cabresto de São Paulo com grilos, campânulas e arrebóis.

ANDRADE, Oswald de. **Serafim Ponte Grande**. 3. ed. São Paulo: Globo, 1992. p. 150-151.

3. No final do livro, a narrativa é feita pelo narrador, em terceira pessoa.
  - a) Que mudança de sentido ocorre ao se mudar o foco narrativo do romance?
  - b) Como se dá o fim de Serafim? De que modo ele é narrado?
4. Nesse trecho, algumas críticas são agressivas e irreverentes.
  - a) Que estilos literários são parodiados?
  - b) Que instituições sociais são criticadas pelo narrador?

O professor de Literatura Brasileira Antônio Medina analisa esse livro:

**Serafim Ponte Grande** é o romance que testemunha a exploração desta fase de radicalidade criativa e ideológica em Oswald de Andrade. Serafim encarna o mito do herói latino-americano individual que, através da nave *El Durasno*, parte como um louco em busca da libertação e da utopia. Querendo redescobrir a nossa realidade para redefinir o comportamento histórico do homem brasileiro, Oswald projeta em Serafim o herói que remarará sempre contra a corrente do conformismo, procurando romper, através da crítica, do sarcasmo e da ironia, as rédeas sufocantes do ser burguês. Mas o sonho de Serafim, por ser individual, acaba frustrando-se tragicamente, depois de aprender as duras realidades da vida e se tornar o irrecuperável marginal que cai fora do sistema.

MEDINA RODRIGUES, Antônio et al. **Antologia da literatura brasileira**: textos comentados. São Paulo: Marco Editorial, 1979. p. 116. (O Modernismo, v. II).

## Tradição e transgressão em Mário de Andrade

No início dos anos 1920, vamos encontrar a figura de um escritor com ampla produção na prosa literária: Mário de Andrade. Na obra **Macunaíma** (1928), que tem como subtítulo “o herói sem nenhum caráter”, o narrador mistura as tradições brasileiras com lendas e relatos mitológicos das várias regiões do Brasil. Trata-se de uma narrativa fantástica que retrata o povo brasileiro e o homem latino-americano. Escrito em uma linguagem que mescla termos indígenas, africanos, gírias, ditados populares e provérbios incorporados à fala popular, forma um grande painel da cultura brasileira. Por causa dessa mescla, o autor classificou **Macunaíma** de rapsódia, forma de composição musical tirada de cantos tradicionais ou populares.

A prosa de Mário de Andrade é sempre um convite ao prazer da leitura. Para você conhecer um pouco mais a prosa desse escritor, sugerimos a leitura integral de **Macunaíma**.

A narrativa de **Macunaíma** é bem explicada pelo crítico literário Alfredo Bosi:

O protagonista, “herói sem nenhum caráter”, é uma espécie de barro vital, ainda amorfo, a que o prazer e o medo vão mostrando os caminhos a seguir, desde o nascimento em plena selva amazônica e as primeiras diabruras gluttonas e sensuais, até a chegada à São Paulo moderna em busca do talismã que o gigante Venceslau Pietro Pietra havia furtado. Não podendo vencer o estrangeiro por processos normais, Macunaíma apela para a macumba: depois de comer cobra consegue derrotá-lo. É perseguido pelo minhocão Oibê tendo que fugir às carreiras por todo o Brasil até um dia virar estrela da constelação da Ursa Maior. A transformação final é apenas o último ato de uma série de metamorfoses. Em **Macunaíma**, como no pensamento selvagem, tudo vira tudo. O ventre da mãe-índia vira cerro macio; Ci-Mãe do Mato, companheira do herói, vira Beta do Centauro; o filho de ambos vira planta de guaraná; a boiuna Capei vira Lua. Há transformações cômicas, nascidas da agressividade do instinto contra a técnica: **Macunaíma** transforma um inglês da cidade no *London Bank* e toda São Paulo em um imenso bicho-preguiça de pedra.

BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. São Paulo: Cultrix, 1994. p. 352.

## Macunaíma: o herói sem nenhum caráter

Você vai ler três fragmentos do romance **Macunaíma**. Começamos com o trecho inicial do primeiro capítulo; em seguida, o penúltimo capítulo e o epílogo.

### Trecho 1

#### Macunaíma

No fundo do mato-virgem nasceu Macunaíma, herói de nossa gente. Era preto retinto e filho do medo da noite. Houve um momento em que o silêncio foi tão grande escutando o murmurejo do Uraricoera, que a índia tapanhumas pariu uma criança feia. Essa criança é que chamaram de Macunaíma.

Já na meninice fez coisas de sarapantar. De primeiro passou mais de seis anos não falando. Si o incitavam a falar exclamava:

— Ai! que preguiça!...

E não dizia mais nada. Ficava no canto da maloca, trepado no jirau de paxiúba, espiando o trabalho dos outros e principalmente os dois manos que tinha, Maanape já velhinho e Jiguê na força de homem.

**cunhatã**: mulher cabocla.  
**guaiamum**: caranguejo.  
**jirau de paxiúba**: esteira de tecido com fibras de palmeira.  
**sarapantar**: espantar.

O divertimento dele era decepar cabeça de saúva. Vivia deitado mas si punha os olhos em dinheiro, Macunaíma dandava pra ganhar vintém. E também espertava quando a família ia tomar banho no rio, todos juntos e nus. Passava o tempo do banho dando mergulho, e as mulheres soltavam gritos gozados por causa dos guaiamuns diz-que habitando a água-doce por lá. No mucambo si alguma cunhatã se aproximava dele pra fazer festinha, Macunaíma punha a mão nas graças dela, cunhatã se afastava. Nos machos guspia na cara. Porém respeitava os velhos e frequentava com aplicação a murua a poracê o torê o bacorocô a cucucogue, todas essas danças religiosas da tribo.



Pedro Nava

Ilustração feita por Pedro Nava para o capítulo 1 da edição enviada a Mário de Andrade. A imagem representa a mãe de Macunaíma transformada em uma veada parida.

Quando era pra dormir trepava no macuru pequenininho sempre se esquecendo de mijar. Como a rede da mãe estava por debaixo do berço, o herói mijava quente na velha, espantando os mosquitos bem. Então adormecia sonhando palavras feias, imoralidades estrambólicas e dava patadas no ar.

Nas conversas das mulheres no pino do dia o assunto eram sempre as peraltagens do herói. As mulheres se riam muito simpatizadas, falando que “espinho que pinica, de pequeno já traz ponta”, e numa pajelança rei Nagô fez um discurso e avisou que o herói era inteligente.

Nem bem teve seis anos deram água num chocalho pra ele e Macunaíma principiou falando como todos. E pediu pra mãe que largasse da mandioca ralando na cevadeira e levasse ele passear no mato. A mãe não quis porque não podia largar da mandioca não. Macunaíma choramingou dia inteiro. De noite continuou chorando. No outro dia esperou com o olho esquerdo dormindo que a mãe principiasse o trabalho. Então pediu pra ela que largasse de tecer o paneiro de guarumá-membeca e levasse ele no mato passear. A mãe não quis porque não podia largar o paneiro não. E pediu pra nora, companheira de Jiguê que levasse o menino. A companheira de Jiguê era bem moça e chamava Sofará. Foi se aproximando ressabiada porém desta vez Macunaíma ficou muito quieto sem botar a mão na graça de ninguém. A moça carregou o piá nas costas e ele foi até o pé de aninga na beira do rio. A água parara pra inventar um ponteio de gozo nas folhas do javari. O longe estava bonito com muitos biguás e biguatingas avoando na entrada do furo. A moça botou Macunaíma na praia porém ele principiou choramingando, que tinha muita formiga!... e pediu pra Sofará que o levasse até o derrame do morro lá dentro do mato, a moça fez. Mas assim que deitou o curumim nas tiriricas, tajás e trapoerabas da serrapilheira, ele botou corpo num átimo e ficou um príncipe lindo. Andaram por lá muito.

ANDRADE, Mário de. **Macunaíma**: herói de nossa gente. Edição crítica de Telê Porto Ancona Lopez. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos; São Paulo: Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia, 1978. p. 7-8.

FAÇA NO  
CADERNO

- O livro começa com a apresentação de Macunaíma, herói de nossa gente, sua mãe e seus irmãos, que viviam às margens do rio Uraricoera, em plena Floresta Amazônica. Nossa gente é formada por três raças que aparecem citadas na narrativa. Como elas estão representadas?
- Logo no início do romance, o narrador apresenta a família do herói.
  - Como era sua composição? Identifique nela três fases da vida.
  - Por que ela pode representar o modelo de família de nossa gente?
- Note que a relação que Macunaíma mantém com os outros explica o subtítulo do romance. Procurando projetar diferentes imagens do povo brasileiro, o autor não criou um herói de mau caráter, mas sem caráter. O que significa Macunaíma ser “o herói sem nenhum caráter”?

**aninga**: planta da família das aráceas, encontrada à beira de regiões alagadas.  
**curumim nas tiriricas, tajás e trapoerabas**: menino trepando em várias árvores.  
**javari**: palmeira.  
**macuru**: berço de índio, suspenso de um caibro da casa por uma corda.  
**pajelança**: feitiçaria promovida pelos pajés.  
**paneiro de guarumá-membeca**: cesto de vime com asas.  
**piá**: menino, em tupi.

Na introdução à edição crítica de **Macunaíma**, a crítica literária Telê Porto Ancona Lopez analisa a linguagem do romance:

No crivo crítico que é **Macunaíma**, na fusão tão profunda que faz dos elementos populares aos elementos cultos (“as frases e os casos”), parece-nos absurdo querer separar de forma estanque o que é popular do que nasceu como expressão culta do autor. [...] As fontes e as raízes indígenas e populares passam a nos interessar unicamente como base para a compreensão do projeto nacionalista de Mário de Andrade, uma vez que na rapsódia o material popular não está sendo apresentado, em nenhum momento, como “documento folclórico”, como “documento etnográfico”. Está integrado, fundido no discurso do autor (na expressão do narrador e na expressão das personagens), contribuindo para o caráter de rapsódia do texto. [...]

ANDRADE, Mário de. **Macunaíma**: herói de nossa gente. Edição crítica de Telê Porto Ancona Lopez. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos; São Paulo: Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia, 1978. p. XXVI.

FAÇA NO  
CADERNO

4. Mário de Andrade usa, com frequência, frases feitas e provérbios retirados da literatura popular.

- Identifique algumas dessas expressões e explique o sentido delas.
- Qual é a importância desse uso? Considere o texto crítico anterior para responder.

Depois de analisar o trecho inicial da apresentação do herói, vamos passar ao final do romance. Nesse meio-tempo, Macunaíma, sempre mulhengo e sensual, desvirgina Ci, a rainha das Amazonas brasileiras, e se torna Imperador do Mato Virgem. Em seguida, Ci morre e lhe dá a muiraquitã, uma pedra verde em forma de sauro, que ele perde. Para recuperá-la, viaja para a cidade de São Paulo, pois o passarinho Uirapuru lhe conta que a pedra estava com o contrabandista peruano Wenceslau Pietro Pietra. Viaja ainda por todo o território nacional e, de posse da muiraquitã, volta a suas origens, perdendo definitivamente o talismã.

No trecho a seguir, Macunaíma está de volta à Amazônia.

#### Trecho 2

#### Capítulo XVII — Ursa Maior

Macunaíma se arrastou até a tapera sem gente agora. Estava muito contrariado porque não compreendia o silêncio. Ficara defunto sem choro, no abandono completo. Os manos tinham ido-se embora transformados na cabeça esquerda do urubu-ruxama e nem sequer a gente encontrava cunhãs por ali. O silêncio principiava cochilando a beira-rio do Uraricoera. Que enfaró! E principalmente, ah!... que preguiça!...

[...] Que solidão! O próprio séquito sarapintado [de papagaios] se dissolvera. Não vê que um ajurucatinga passara muito afobado por ali. Os papagaios perguntaram pro parente onde que ia.

— Madurou milho na terra dos ingleses, vou pra lá! Então todos os papagaios foram comer milho na terra dos ingleses. Porém primeiro viraram periquitos porque assim, comiam e os periquitos levavam a fama. Só ficara um aruaí muito falador. Macunaíma se consolou pensamenteando: “O mal ganhado, diabo leva... paciência”. Passava os dias enfarado e se distraía fazendo o pássaro repetir na fala da tribo os casos que tinham sucedido pro herói desde infância. Aaah... Macunaíma bocejava escorrendo caju, muito mole na rede, com as mãos pra trás fazendo cabeceiro, o casal de legornes empoleirado nos pés e o papagaio na barriga. Vinha noite. Aromado pelas frutas do cajueiro o herói ferrava no sono bem. Quando a arraiada vinha o papagaio tirava o bico da asa e tomava o café da manhã devorando as aranhas que de-noite fiavam as teias dos ramos pro corpo do herói. Depois falava:

- Macunaíma!
- O dorminhoco nem se mexia.
- Macunaíma! ôh Macunaíma!
- Deixa a gente dormir, aruaí...
- Acorda, herói! É de-dia!
- Ah... que preguiça!...
- Pouca saúde e muita saúva, Os males do Brasil são!... [...]

[o herói] Lá chegando bateu na maloca de Capei. A lua desceu no terreiro e perguntou:

— Que que quer, saci?

— A bênção minha madrinha, me dá pão com farinha? Então Capei reparou que não era saci não, era Macunaíma o herói. Mas não quis dar pensão pra ele, se lembrando do fedor antigo do herói. Macunaíma enfezou. Deu uma porção de munhecaços na cara da Lua. Por isso que ela tem aquelas manchas escuras na cara.

Então Macunaíma foi bater na casa de Caiuanogue, a estrela-da-manhã. Caiuanogue apareceu na janelinha pra ver quem era e confundida pelo negrume da noite e a capengue do herói, perguntou:

— Que é que quer, saci?

Mas logo pôs reparo que era Macunaíma o herói e nem esperou resposta se lembrando que ele cheirava muito fedido.

— Vá tomar banho! falou fechando a janelinha. [...]

Então Pauí-Pódole teve dó de Macunaíma. Fez uma feitiçaria. Agarrou três pauzinhos jogou pro alto fez encruzilhada e virou Macunaíma com todo o estenderete dele, galo galinha gaiola revólver relógio, numa constelação nova. E a constelação da Ursa Maior.

Dizem que um professor naturalmente alemão andou falando por aí por causa da perna só da Ursa Maior que ela é o saci... Não é não! Saci inda para neste mundo espalhando fogueira e traçando crina de bagual... A Ursa Maior é Macunaíma. É mesmo o herói capenga que de tanto penar na terra sem saúde e com muita saúva, se aborreceu de tudo, foi-se embora e banza solitário no campo vasto do céu.

ANDRADE, Mário de. **Macunaíma**: herói de nossa gente. Edição crítica de Telê Porto Ancona Lopez. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos; São Paulo: Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia, 1978. p. 139-145.

1. Nesse capítulo, Macunaíma está só, às margens do rio Uraricoera. O clima de solidão só é quebrado pela presença dos papagaios, momento em que o narrador recupera um provérbio. Um provérbio geralmente funciona como uma moral que condensa uma história. Qual é sua função narrativa nesse trecho?
2. O dito popular “Pouca saúde e muita saúva, Os males do Brasil são” aparece várias vezes em Macunaíma. Qual é o sentido da expressão na situação em que aparece?
3. Nesse episódio, como durante todo o livro, o herói se metamorfoseia. No céu, quando Macunaíma procura a maloca de Capei, a Lua o confunde com o saci; ao procurar Caiuanogue, a estrela-da-manhã também o confunde com o moleque pernetá. Que semelhanças há entre Macunaíma e o saci para terem sido confundidos?

FAÇA NO  
CADERNO

De volta a suas origens, Macunaíma encontra a solidão do deserto: sua tribo morrera toda de uma epidemia.

### Trecho 3

#### Epílogo

Acabou-se a história e morreu a vitória.

Não havia mais ninguém lá. Dera tangolomangolo na tribo Tapanhumas e os filhos dela se acabaram de um em um. Não havia mais ninguém lá. Aqueles lugares aqueles campos furos puxadouros arrastadouros meios-barrancos, aqueles matos misteriosos, tudo era a solidão do deserto... Um silêncio imenso dormia a beira-rio do Uraricoera.

Nenhum conhecido sobre a terra não sabia nem falar na fala da tribo nem contar aqueles casos tão pançudos. Quem que podia saber do herói? Agora os manos virados na sombra leprosa eram a segunda cabeça do Pai do Urubu e Macunaíma era a constelação da Ursa Maior. Ninguém jamais não podia saber tanta história bonita e a fala da tribo acabada. Um silêncio imenso dormia a beira-rio do Uraricoera.

Uma feita um homem foi lá. Era madrugada e Vei mandara as filhas visar o passe das estrelas. O deserto tamanho matava os peixes e os passarinhos de pavor e a própria natureza desmaiara e caíra num gesto largado por aí. A mudez era tão imensa que espichava o tamanhão dos paus no espaço. De repente no peito doendo do homem caiu uma voz da ramaria:

— Currr-pac, papac! currr-pac, papac!...

O homem ficou frio de susto feito pia. Então veio brisando um guanumbi e bolebolu no beijo do homem:

— Bilo, bilo, bilo, la... teteia!

E subiu apressado pras árvores. O homem seguindo o voo do guanumbi, olhou pra cima.

— Puxa rama, boi! o beija-flor se riu. E escafedeu.

Então o homem descobriu na ramaria um papagaio verde de bico dourado espiando pra ele. Falou:

— Dá o pé, papagaio.

O papagaio veio pousar na cabeça do homem e os dois se acompanharam. Então o pássaro principiou falando numa fala mansa, muito nova, muito! que era canto e que era cachiri com mel-de-pau, que era boa e possuía a traição das frutas desconhecidas do mato.

A tribo se acabara, a família virara sombras, a maloca ruíra minada pelas saúvas e Macunaíma subira pro céu, porém ficara o aruaí do séquito daqueles tempos de dantes em que o herói fora o grande Macunaíma imperador. E só o papagaio no silêncio do Uraricoera preservava do esquecimento os casos e a fala desaparecida. Só o papagaio conservava no silêncio as frases e feitos do herói.

Tudo ele contou pro homem e depois abriu asa rumo de Lisboa. E o homem sou eu, minha gente, e eu fiquei pra vos contar a história. Por isso que vim aqui. Me acorei em riba destas folhas, catei meus carrapatos, ponteei na violinha e em toque rasgado botei a boca no mundo cantando na fala impura as frases e os casos de Macunaíma, herói de nossa gente.

Tem mais não.

ANDRADE, Mário de. **Macunaíma**: herói de nossa gente. Edição crítica de Telê Porto Ancona Lopez. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos; São Paulo: Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia, 1978. p.147-148.

1. A narrativa tem um epílogo que lembra o final dos contos populares. O narrador rapsodo revive o milenar exercício dos cantadores, ao repetir seu canto com variações. Que expressões conservam marcas dos contos populares orais?
2. O capítulo traz o renascimento da linguagem brasileira. Analise seu processo de reconstrução.
  - a) Qual é o significado do silêncio?
  - b) Que vozes quebram esse silêncio?
  - c) Como elas aparecem?

A VOZ DA CRÍTICA

A professora de Literatura Brasileira Eneida Maria de Souza explica a linguagem do romance:

O grande mérito do livro [**Macunaíma**] reside na subversão e reconstituição do material linguístico e na recuperação da “fala nova” brasileira, destituída de artefatos retóricos e de gramatiquices portuguesas. O convívio de inúmeras formas linguísticas, oriundas dos lugares mais distintos do país, impede o endosso de uma linguagem estritamente regionalista e localizada.

SOUZA, Eneida Maria de. **A pedra mágica do discurso**. 2. ed. Belo Horizonte: UFMG, 1999. p. 42.

### A prosa de Mário de Andrade

Contos: **Primeiro andar** (1926), **Belazarte** (1934), **Contos novos**, publicação póstuma (1946).  
Crônicas: **Os filhos da Candinha** (1943).  
Romances: **Amar, verbo intransitivo** (1927) e a rapsódia **Macunaíma** (1928).

### Em cena

Amplie sua experiência de leitura: combine com o professor uma **leitura comparada**, com discussão na Roda de Conversa, do conto “Primeiro de maio”, que aparece em **Contos novos**. Nesse texto, o autor dá voz a um trabalhador da estação da Luz, em São Paulo — o carregador de malas 35. É uma verdadeira obra-prima, em que o discurso literário se constrói no percurso de um dia na vida de um operário, que busca comemorar seu dia, mas não há comemoração para ele. Era tempo da ditadura de Vargas.

Preste atenção na maneira como o narrador introduz os vários pontos de vista (discurso indireto) e que efeitos de sentido eles produzem durante a leitura.

## A narrativa jornalística de Alcântara Machado

Antônio de Alcântara Machado é um dos escritores mais importantes da primeira fase modernista. Diferentemente de Oswald de Andrade e de Mário de Andrade, sua prosa bem-humorada monta pequenos quadros urbanos, em que flagra o cotidiano popular.

No prefácio “Notícias de São Paulo” de seu primeiro livro de contos, **Brás, Bexiga e Barra Funda** (1927), o autor adverte:

Este livro não nasceu livro: nasceu jornal. Estes contos não nasceram contos: nasceram notícias. E este prefácio, portanto, não nasceu prefácio: nasceu artigo de fundo.

As afirmações apontam uma característica importante de sua obra: narrativa curta, semelhante à linguagem jornalística. Nos 11 contos, aparece uma cuidadosa descrição do espaço urbano de São Paulo, em especial dos bairros dos imigrantes italianos — Brás, Bexiga, Barra Funda e Mooca — no início do século XX.

As histórias trazem aspectos humanos, morais, sociais e linguísticos, além do reconhecimento geográfico da cidade. Alcântara Machado apresenta um novo tipo na literatura brasileira: o ítalo-brasileiro. Como fotógrafo que anota suas impressões a uma certa distância, suas histórias contam com um narrador que penetra na vida das personagens dos bairros operários, flagradas na simplicidade de seu cotidiano, na luta por sua integração social.

O conto a seguir, “A sociedade”, pertence ao livro **Brás, Bexiga e Barra Funda**, uma das obras que integram a coletânea **Novelas paulistanas**, que reúne toda a produção ficcional de Alcântara Machado.

## A sociedade

— Filha minha não casa com filho de carcamano!

A esposa do Conselheiro José Bonifácio de Matos e Arruda disse isso e foi brigar com o italiano das batatas. Teresa Rita misturou lágrimas com gemidos e entrou no seu quarto batendo a porta. O Conselheiro José Bonifácio limpou as unhas com o palito, suspirou e saiu de casa abotoando o fraque.

O esperado grito do cláxon fechou o livro de Henri Ardel e trouxe Teresa Rita do escritório para o terraço.

O Lancia passou como quem não quer. Quase parando. A mão enluvada cumprimentou com o chapéu Borsalino. Uiiiiia-uuuuia! Adriano Melli calcou o acelerador. Na primeira esquina fez a curva. Veio voltando. Passou de novo. Continuou. Mais duzentos metros. Outra curva. Sempre na mesma rua. Gostava dela. Era a Rua da Liberdade. Pouco antes do número 259-C já sabe: uiiiiia-uuuuia!

— O que você está fazendo aí no terraço, menina?

— Então nem tomar um pouco de ar eu posso mais?

Lancia Lambda, vermelhinho, resplendente, pompeando na rua. Vestido de Camilo, verde, grudado à pele, serpejando no terraço.

— Entre já para dentro ou eu falo com seu pai quando ele chegar!

— Ah meu Deus, meu Deus, que vida, meu Deus!

Adriano Melli passou outras vezes ainda. Estranhou. Desapontou. Tocou para a Avenida Paulista.

Na orquestra o negro de casaco vermelho afastava o saxofone da beijorra para gritar:

*Dizem que Cristo nasceu em Belém...*

Porque os pais não a haviam acompanhado (abençoado furúnculo inflamou o pescoço do Conselheiro José Bonifácio) ela estava achando um suco aquela vespéral do Paulistano. O namorado ainda mais.

Os pares dançarinos maxixavam colados. No meio do salão eram um bolo tremelicante. Dentro do círculo palerma de mamãs, moças feitas e moços enjoados. A orquestra preta tonitroava. Alegria de vozes e sons. Palmas contentes prolongaram o maxixe. O banjo é que ritmava os passos.

— Sua mãe me fez ontem uma desfeita na cidade.

— Não!

— Como não? Sim senhora. Virou a cara quando me viu.

*... mas a história se enganou!*

As meninas de ancas salientes riam porque os rapazes contavam episódios de farra muito engraçados. O professor da Faculdade de Direito citava Rui Barbosa para um sujeitinho de óculos. Sob a vaia do saxofone: turururu-turururum!

— Meu pai quer fazer um negócio com o seu.

— Ah sim?

*Cristo nasceu na Bahia, meu bem...*

O sujeitinho de óculos começou a recitar Gustave Le Bon mas a destra espalmada do catedrático o engasgou. Alegria de vozes e sons.

*... e o baiano criou!*

— Olhe aqui, Bonifácio: se esse carcamano vem pedir a mão da Teresa para o filho, você aponte o olho da rua para ele, compreendeu?



Capa da edição especial feita pelo jornal **O Estado de S. Paulo**, em 1997, a partir da tela **Praça Clóvis**, do pintor paulistano Francisco Rebolo Gonzales (1907-1971).

**Borsalino:** marca de chapéu.

**carcamano:** termo depreciativo para se referir aos imigrantes italianos.

**cláxon:** buzina.

**Gustave Le Bon (1841-1931):** sociólogo e psicólogo francês.

**Henri Ardel:** escritor romântico.

**Lancia Lambda e Isotta**

**Fraschini:** marcas de automóveis que circulavam em São Paulo na década de 1920.

— Já sei, mulher, já sei.

Mas era cousa muito diversa.

O Cav. Uff. Salvatori Melli alinhou algarismos torcendo a bigodeira. Falou como homem de negócios que enxerga longe. Demonstrou cabalmente as vantagens econômicas de sua proposta.

— O doutor...

— Eu não sou doutor, senhor Melli.

— *Parlo* assim para facilitar. *Non* é para ofender. *Primo* o doutor pense bem. E *poi* me dê a sua resposta. *Domani, dopo domani*, na outra semana, quando quiser. *Io resto* à sua disposição. *Ma* pense bem!

Renovou a proposta e repetiu os argumentos pró. O conselheiro possuía uns terrenos em São Caetano. Coisas de herança. Não lhe davam renda alguma. O Cav. Uff. tinha a sua fábrica ao lado. 1200 teares. 36000 fusos. Constituíam uma sociedade. O conselheiro entrava com os terrenos. O Cav. Uff. com o capital. Arruavam os trinta alqueires e vendiam logo grande parte para os operários da fábrica. Lucro certo, mais que certo, garantidíssimo.

— É. Eu já pensei nisso. Mas sem capital o senhor compreende é impossível...

— *Per Bacco*, doutor! Mas *io* tenho o capital. O capital *sono io*. O doutor entra com o terreno mais nada. E o lucro se divide ao meio.

O capital acendeu um charuto. O conselheiro coçou os joelhos disfarçando a emoção. A negra de broche serviu o café.

— *Doppo* o doutor me dá a resposta. *Io* só digo isso: pense bem.

O capital levantou-se. Deu dois passos. Parou. Meio embaraçado. Apontou para um quadro.

— Bonita pintura.

Pensou que fosse obra de italiano. Mas era de francês.

— *Francese?* Não é feio *non*. Serve.

Embatucou. Tinha qualquer coisa. Tirou o charuto da boca, ficou olhando para a ponta acesa. Deu um balanço no corpo. Decidiu-se:

— *Ia dimenticando* de dizer. O meu filho fará o gerente da sociedade... sob a minha direção *si capisce*.

— Sei... sei... O seu filho?

— Si. O Adriano. O doutor... *mi pare... mi pare* que conhece ele?

O silêncio do conselheiro desviou os olhos do Cav. Uff. na direção da porta.

— Repito *un'altra* vez: o doutor pense bem.

O Isotta Fraschini esperava-o todo iluminado.

— E então? O que devo responder ao homem?

— Faça como entender Bonifácio...

— Eu acho que devo aceitar.

— Pois aceite...

— E puxou o lençol.

A outra proposta foi feita de fraque e veio seis meses depois.

O Conselheiro Jose Bonifácio de Matos e Arruda e senhora têm a honra de participar a V. Ex<sup>a</sup> e V. Ex<sup>ma</sup> família o contrato de casamento de sua filha Teresa Rita com o Sr. Adriano Melli.  
Rua da Liberdade n<sup>o</sup> 259-C

O Cav. Uff. Salvatore Melli e senhora têm a honra de participar a V. Ex<sup>a</sup> e V. Ex<sup>ma</sup> família o contrato de casamento de seu filho Adriano com a senhorita Teresa Rita de Matos Arruda.  
Rua Barra Funda n<sup>o</sup> 427.  
S. Paulo, 19 de fevereiro de 1927.

No chá do noivado, o Cav. Uff. Adriano Melli na frente de toda a gente recordou à mãe de sua futura nora os bons tempinhos em que lhe vendia cebolas e batatas, Olio di Lucca e bacalhau português quase sempre fiado e até sem caderneta.

ALCÂNTARA MACHADO, Antônio de. A sociedade. In: \_\_\_\_\_, **Novelas paulistanas**. 7. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1981. p. 25-28.

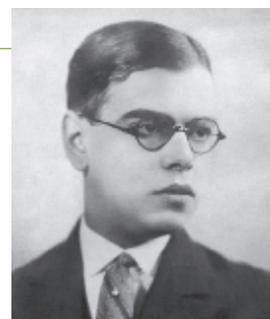
**Cav. Uff.**: Abreviatura do italiano *cavaliere ufficiale*, título de nobreza vendido pela Coroa da Itália.

- No conto, o narrador observador descreve algumas situações da sociedade, oferecendo ao leitor um verdadeiro documento de época. Identifique os detalhes da narrativa que mostram:
  - as classes sociais retratadas;
  - as personalidades da época;
  - a moda usada;
  - os costumes em vigor;
  - o progresso da cidade.
- Que perfil da alta sociedade o narrador constrói nesse conto?
- A narrativa se dá no passado, mas, na maior parte do tempo, o narrador abre espaço para a voz das personagens.
  - Que sentido provoca no texto o predomínio do discurso direto?
  - Identifique o trecho em que há dois discursos diretos justapostos à maneira da linguagem cinematográfica. Compare-os com os outros discursos diretos empregados.
- A fala dos imigrantes destaca a linguagem coloquial popular, que aparece como importante recurso de documentação social.
  - Há uma mistura de italiano e português nas falas das personagens. Como na maioria dos casos a sintaxe usada é a do português, você pode compreender o significado das palavras em italiano. Identifique algumas expressões e traduza-as.
  - Que efeito de sentido adquire essa mistura?
- No final do conto, intercala-se um outro gênero, da esfera familiar.
  - Qual é o gênero?
  - Que episódio da narrativa ele representa?
  - Que variação de registro de linguagem ocorre nele? Por quê?

#### Um retratista dos ítalo-paulistas

O paulistano Antônio de Alcântara Machado (1901-1935) participou ativamente da fundação de várias revistas modernistas, como **Terra Roxa e Outras Terras** (1926), **Revista de Antropofagia** (1928) e **Revista Nova** (1931). Em sua obra, destacam-se as crônicas, reunidas em **Pathé-Baby** (1926), seu primeiro livro. O autor registra incidentes cotidianos da cidade de São Paulo, com frases curtas, numa linguagem elíptica e sugestiva, justificando o título, que menciona o nome dos aparelhos de cinema usados na época. O livro **Novelas paulistanas**, publicado em 1961, reúne toda a sua obra.

Um de seus contos mais conhecidos é "Gaetaninho", diminutivo de Gaetano, em vez de Caetano, em português.



Câmara Municipal de São Paulo

Alcântara Machado.

## Na trama dos textos

### Duas viagens culturais: ao primitivo e ao cosmopolita

Vamos comparar trechos de dois romances já estudados: **Serafim Ponte Grande** e **Macunaíma**. Os dois mostram protagonistas-viajantes que vivem fora das regras sociais estabelecidas. Segundo o crítico literário Antonio Candido, Serafim é o "Macunaíma urbano", porque sai do Brasil e vai à Europa e ao Oriente, uma viagem tratada de maneira antropofágica. Macunaíma sai da selva e viaja o Brasil inteiro.

Os dois textos que seguem são fragmentos, respectivamente, de **Serafim Ponte Grande** e **Macunaíma**. Apesar de diferentes, podem ser considerados complementares.

#### Capítulo VI — Cérebro, coração e pavio

Um mês após, um homem trajando violentas polainas *demi-saison* subia calmamente a Avenue des Champs Elysées em Paris.

Os leitores já terão adivinhado que era Serafim Ponte Grande.

**demi-saison:**  
meia-estação.

Sob o elefante pedrês da Étoile, descobriu-se ante a flama do Souvenir e pela portinhola do Arco em espiral subiu setenta e quatro degraus.

Paris ajoelhou-se a seus pés coberto de lagartixas arborizadas. Ele, então, dirigiu-lhe este ora viva!

— Fornalha e pêssego! Domingo de semideuses! Egito dos faraós! Roma de Garibaldi! Dás dobrado o que as outras capitais oferecem! [...]

ANDRADE, Oswald de. **Serafim Ponte Grande**. 4. ed. São Paulo: Global, 1987. p. 75.

### Capítulo V — Piaimã

No outro dia Macunaíma pulou cedo na ubá e deu uma chegada até a foz do Rio Negro pra deixar a consciência na Ilha de Marapatá. Deixou-a bem na ponta dum mandacaru de dez metros, pra não ser comida pelas saúvas. Voltou pro lugar onde os manos esperavam e no pino do dia os três rumaram pra margem esquerda do Sol.

Muitos casos sucederam nessa viagem por caatingas rios corredeiras, gerais, corgos, corredores de tabatinga matos-irgens e milagres do sertão. Macunaíma vinha com os dois manos pra São Paulo. Foi o Araguaia que facilitou-lhes a viagem. Por tantas conquistas e tantos feitos passados o herói não ajuntara um vintém só mas os tesouros herdados da icamiaba estrela estavam escondidos nas grunhas do Roraima lá. Desses tesouros Macunaíma apartou pra viagem nada menos de quarenta milhões de bagos de cacau, a moeda tradicional. [...]

Quando chegaram em São Paulo, ensacou um pouco do tesouro pra comerem e barganhando o resto na Bolsa apurou perto de oitenta contos de réis. Maanape era feiticeiro. Oitenta contos não valia muito mas o herói refletiu bem e falou pros manos:

— Paciência. A gente se arruma com isso mesmo, quem quer cavalo sem tacha anda de a-pé...

Com esses cobres é que Macunaíma viveu.

ANDRADE, Mário de. **Macunaíma**. São Paulo: Livraria Martins, 1976. p. 47-50.

- Os dois livros se baseiam na viagem feita pelos heróis, que saem de seus lugares de origem para um mundo civilizado, no qual são devorados. O que eles encontram?

FAÇA NO  
CADERNO

#### Em cena

#### De olho na tela, da literatura ao cinema

Vamos conhecer a adaptação de **Macunaíma** para o cinema, feita em 1969, por Joaquim Pedro de Andrade, um importante cineasta brasileiro.

1. Combine com o professor para assistirem a esse filme, que vocês poderão encontrar nas locadoras.
2. Para melhor proveito, dividam-se em quatro grupos e escolham um aspecto para analisar:
  - a) narrativa cinematográfica;
  - b) adaptação do texto literário para o cinema;
  - c) recursos cinematográficos — montagem e justaposição de imagens, a música;
  - d) comentário irônico e crítico do herói de nossa gente.
3. Promovam um **debate oral** sobre os aspectos analisados.

### Em atividade

FAÇA NO  
CADERNO

1. (Fuvest-SP) A presença da temática indígena em **Macunaíma**, de Mário de Andrade, tanto participa // quanto representa uma retomada, com novos sentidos, //

Mantida a sequência, os trechos hachurados serão preenchidos corretamente por:

- a) do movimento modernista da Antropofagia/do Regionalismo da década de 30.
- b) do interesse modernista pela arte primitiva/do Indianismo romântico.
- c) do movimento modernista da Antropofagia/do Condoreirismo romântico.
- d) da vanguarda estética do Naturalismo/do Indianismo romântico.
- e) do interesse modernista pela arte primitiva/do Regionalismo da década de 30.

2. (Fuvest-SP)

[...] CORINTHIANS (2) vs. PALESTRA (1)

[...] Delírio futebolístico no Parque Antártica. Camisas verdes e calções negros corriam, pulavam, chocavam-se, embaralhavam-se, caíam, contorcionavam-se, esfalfavam-se, brigavam. Por causa da bola de couro amarelo que não parava, que não parava um minuto, um segundo. Não parava.

— Neco! Neco!

Parecia um louco. Driblou. Escorregou. Driblou. Correu.

Parou. Chutou.

— Gooooo! Gooooo!

Miquelina ficou abobada com o olhar parado. Arquejando. Achando aquilo um desaforo, um absurdo.

Aleguá-guá-guá! Aleguá-guá-guá! Hurra! Hurra!

Corinthians!

Palhetas subiram no ar. Com os gritos. Entusiasmos rugiam. Pulavam. Dançavam. E as mãos batendo nas bocas:

— Go-o-o-o-o-ol!

Antônio de Alcântara Machado. **Brás, Bexiga e Barra Funda e outros contos**, 1997.

No texto, o uso de frases curtas e de formas verbais simples:

- caracteriza o estilo romântico.
- caracteriza o estilo realista.
- retarda o tempo da ação.
- dá mais agilidade à narração.
- marca o tempo de duração do jogo.

3. (Unitau-SP) “Brás, Bexiga e Barra Funda tenta fixar tão somente alguns aspectos da vida trabalhadeira, íntima e cotidiana desses novos mestiços e nacionalistas.”

É dessa forma que Antônio de Alcântara Machado explica sua obra.

Identifique a alternativa que corresponde à referência feita pelo autor:

- aos japoneses;
- aos italianos;
- aos alemães;
- aos portugueses;
- aos índios.

4. (UFRGS-RS) Identifique a alternativa que preenche corretamente as lacunas do enunciado abaixo.

São duas obras inovadoras, lançadas na década de 20. Em *//////////*, Oswald de Andrade realiza a primeira grande experiência de prosa modernista na ficção brasileira, compondo a obra predominantemente através de capítulos curtos onde estão presentes elementos poéticos. Por seu turno, Mário de Andrade, em *//////////*, apropria-se de lendas indígenas, tradições populares e cenas da vida cotidiana para a criação do seu “herói sem nenhum caráter”.

- Serafim Ponte Grande — Amar, verbo intransitivo**
- Memórias sentimentais de João Miramar — Macunaíma**
- A escada vermelha — Belazarte**
- Pau-Brasil — Primeiro andar**
- O Rei da Vela — Pauliceia Desvairada**

# Gênero jornalístico: editorial

MATERIAL PARA DIVULGAÇÃO DA EDITORA FTD  
REPRODUÇÃO PROIBIDA

## Carta ao leitor

### Não só gramática



**T**oda gramática é um arremedo da língua. Sempre. Fingimos que ela nos dá a totalidade do que há na língua, mas essa é uma miragem perigosa. Toda gramática é um elogio ao idioma que descreve. É um tributo esforçado, um ajoelhar devoto ante o altar em comum, a adesão involuntária à liberdade de construir coletivamente o que é de todos.

Quando pensada para definir o caminho do falante, não para que ele entenda o caminho que todos tomam, uma gramática servirá apenas como sinal de prestígio, como índice de que um falante se acha superior a outro – talvez o seja, mas sempre o será por outros motivos, que não o “domínio” da gramática. Pois é ambição rala, em que a pessoa sai da posição que considera aviltante – a de observador e agente daquilo que é compartilhado – para arrotar um posto em cima do altar, na impossibilidade de estar acima dele.

Tendemos a achar que a gramática de um idioma é uma norma. E a norma deve, por princípio, dar conta de todos os casos, de tudo o que uma língua faz. Mas gramáticas são as recorrências que se tornaram estruturais, os testes que deram certo durante uma interação e que tendem a retornar (podem não fazê-lo) quando queremos que dê certo de novo. Não é uma lista de leis, mas condições para que as exceções não nos confundam. Exceções, no entanto, também habitam a língua, tão fortes quanto o acaso, mas mais fortes que nossa negligência com as outras pessoas.

Além das exceções, e aquilo que é dito de forma consciente, também habita a língua o que não é dito (o inconsciente). O francês Jacques Lacan chamava esse conjunto consciente e inconsciente do idioma de *Lalíngua*, neologismo que não cruzou os limites da psicologia, mas que aponta a um “fora da gramática” que é parte do idioma.

Porque língua, forçoso repetir, não é só gramática. É interação, e é protesto de rua; é falar e ouvir, escrever e ler, mas também intriga e luta, certeza e drible, inteligência e inconsciência, delicadeza e mágoa, prazer e cumplicidade. A culpa de ela se tornar menos do que é (ser “só gramática”) é apenas nossa.

LUÍZ COSTA PEREIRA JUNIOR, editor  
luizcosta@editorasegmento.com.br



Presidente: Edmilson Cardal  
Diretor: Carolina Martinez  
Márcio Cardal  
Mikael Cordeiro  
Rita Martinez  
Rubem Barros

## LINGUA

ANO 8 – NÚMERO 94 – AGOSTO DE 2015  
www.editorasegmento.com.br  
ISSN: 1808-3488

**Diretor Editorial:** Rubem Barros

**Editor:** Luiz Costa Pereira Jr.

luizcosta@editorasegmento.com.br

**Editor-assistente:** Edgard Mariano

edgardmariano@editorasegmento.com.br

**Fotografia:** Gustavo Morita

**Diagramação:** Simone Midori Maki

**Colaboradores:** Aldo Rizzocchi, Ana Lusevicius,

Bráulio Tavares, Carmen Guzman, Gabriel Pontes, Henrique

Santos Braga, João Jonas Veiga Sobral, José Luiz Florin, José

Machado, Marcelo Módolo, Marcello Godes, Mikael Cordeiro, Mário

Eduardo Vento, Sérgio Rizzo, Siro Posenelli Rextos, Kato Makita

(Imagem), Luiz Roberto Malta e Maria Stella Vall Jurevick.

**Estagiária:** Jacqueline Kaczorowski

**Imagem de Capa:** Shutterstock

**Processamento de Imagem:** Paulo Cesar Salgado

**Produção Gráfica:** Silveira Luth das Neves

PCP: Isabela Elias

### PUBLICIDADE

**Gerente Comercial:** Marco Antônio Crespo Garcia

### Escritórios Regionais

**Brazilia:** Lara Casagrip

Tel: (61) 3536-3464 / 6286-4168

lucase@editorasegmento.com.br

**Paraná:** Marisa Oliveira

Tel: (41) 3522-8690 – parana@editorasegmento.com.br

**Rio de Janeiro:** Ana Maia

Tel: (21) 4167-6262 / 6804-0001

anamaia@editorasegmento.com.br

### WEB

**Gerente:** Fabiano Haucorian Vidal

**Assistente:** Lucas Carlos Lucena

### TECNOLOGIA

Paulo Cardêiro, Jonathan Mikael Brito,

Felipe Martins e Diego de Andrade

### MARKETING

**Diretor:** Caroline Martins

**Eventos:** Priscilla Rodrigues e Joana Rodrigues

**Marketing Digital:** Aline Marzelle

**Comunicação:** Fabiano Gama

**Design:** Rodrigo Caramo

### OPERAÇÕES

**Diretor:** Miriam Cedeiro

**Coordenadora de Circulação:** Breno Zagro

**Marketing Assistente:** Gabriela Frasn

**Eventos Assistente:** Lucia Souza

**Vendas Governo:** Gustavo Araújo e Cláudia Santos

### FINANÇAS E RH

**Planejamento e RH:** Melicia Ramos

**Contas a Pagar:** Simone Melo

**Contas a Receber:** Soraya de Paula

**Faturamento:** Wesley Paiva

### Distribuição exclusiva para todo o Brasil:

Dimap Distribuidora Nacional de Publicações S.A.

Rua Dr. Heitor Diamentto, 1676 – Jd. Belmonte

Osasco/SP – CEP: 06045-300

Língua Portuguesa é uma revista mensal da Editora Segmento.

Esta publicação não se responsabiliza por ideias e conceitos

criados em artigos ou manifestos assinados, que expressem apenas

o pensamento dos autores, não representando necessariamente

a opinião da revista. A publicação se reserva o direito, por motivo

de espaço e clareza, de resumir cartas e artigos.

### Editora Segmento

Rua Cunha Gago, 412 – 1º andar

CEP: 05421-001 – São Paulo (SP)

**Central de atendimento ao leitor**

De 2ª a 6ª feira, das 8h30 às 18h

Tel: (11) 3039-5666 / Fax: (11) 3039-5648

e-mail: atendimento@editorasegmento.com.br

acesse: www.editorasegmento.com.br



PEREIRA JÚNIOR, Luiz Costa. Carta ao leitor. *Língua Portuguesa*, São Paulo: Segmento, n. 112. fev. 2015. p. 4.

**Língua Portuguesa** é uma revista mensal com enfoque nos diferentes aspectos relacionados aos estudos da linguagem. “Carta ao leitor” é o título da seção destinada ao editorial da publicação. Diferentemente dos editoriais de jornais diários, pode-se notar que no editorial de uma revista a composição do texto é verbo-visual, trazendo imagem e assinatura do(a) editor(a) responsável.

Neste capítulo, estudaremos o gênero **editorial**, que expressa a opinião de uma empresa jornalística, com argumentos de defesa de sua posição e de refutação das ideias que se opõem a ela. As interpretações que a mídia faz dos acontecimentos recentes podem ajudá-lo a formar sua opinião diante deles.

# (Des)construindo o gênero

## O projeto editorial na mídia impressa

O jornal impresso é uma das maneiras de se manter bem-informado quanto aos acontecimentos nacionais e internacionais e às interpretações sobre eles. Também é um importante veículo na formação de opinião dos leitores.

Cada empresa jornalística tem seu perfil, sua ideologia, o que fica explicitado em seu projeto editorial. Cabe ao leitor escolher o jornal que responde a seus interesses.

Como, porém, se conhece o perfil de um jornal?

A maioria dos jornais e revistas reserva uma seção para expressar seu ponto de vista sobre os assuntos que publicam: a dos editoriais. Consultando o **Manual da redação** do jornal **Folha de S.Paulo**, encontramos:

**editorial** — Texto que expressa a opinião de um jornal. Na **Folha**, seu estilo deve ser ao mesmo tempo enfático e equilibrado. Deve evitar o sarcasmo, a interrogação e a exclamação. Deve apresentar com concisão a questão de que vai tratar, desenvolver os argumentos que o jornal defende, refutar as opiniões opostas e concluir condensando a posição adotada pela **Folha**.  
[...] expressa a opinião do jornal e nunca é assinado. [...]

FOLHA DE S.PAULO. **Manual da redação**. São Paulo: Publifolha, 2010. p. 66, 73.

Neste capítulo, analisaremos alguns editoriais.

## Uma abordagem bioética

Vamos conferir como a **Folha de S.Paulo** põe em prática as recomendações do manual. Em 2 de fevereiro de 2016, esse jornal trouxe como notícia de primeira página: “Reino Unido dá aval para cientista editar genes de embriões”. O texto explicava que uma pesquisadora do Reino Unido obteve licença inédita para manipular os genes de células humanas. A notícia criou imediata polêmica mundial, por suas implicações bioéticas. Dois dias depois, o mesmo jornal se posicionou a respeito do assunto em um texto argumentativo.



Folhapress

### Embriões alterados

Há tempos a biotecnologia surpreende o público com novidades perturbadoras. Dos bebês de proveta aos alimentos transgênicos e, agora, à modificação genética de embriões, o limiar do admissível vem sendo posto em questão e, de modo paulatino, deslocado.

Passo significativo nessa marcha acaba de ser dado no Reino Unido. A Autoridade de Fertilização e Embriologia Humana (HFEA), agência reguladora independente, autorizou a modificação genética de embriões humanos.

O experimento causará repulsa em muitas pessoas, em especial naquelas que entretêm motivos religiosos ou filosóficos para rejeitar que se cruze tal barreira. Trata-se, porém, de caso especialíssimo, e cabe questionar se de fato se está a atravessar um Rubicão bioético.

FOLHA DE S.PAULO. São Paulo, 4 fev. 2016. Opinião, p. A2. Folhapress.

**Embriões alterados**  
Alguns cientistas acreditam que a manipulação genética de células humanas pode permitir a criação de organismos mais saudáveis e resistentes a doenças. Outros, porém, acreditam que essa prática pode levar à criação de seres humanos com características físicas ou mentais diferentes das dos seres humanos atuais. A discussão sobre a possibilidade de criar seres humanos com características diferentes das dos seres humanos atuais é muito antiga e continua a gerar polêmica. No Reino Unido, a Autoridade de Fertilização e Embriologia Humana (HFEA) autorizou a modificação genética de embriões humanos para fins de pesquisa científica. Essa decisão foi muito criticada por grupos religiosos e bioéticos que acreditam que a criação de seres humanos com características diferentes das dos seres humanos atuais é uma prática antiética e que pode levar à criação de seres humanos com problemas físicos ou mentais.

**Ação e delação**  
Sérgio Frazão  
Ação e delação são dois conceitos que muitas vezes são confundidos. Ação é o ato de fazer algo, enquanto delação é o ato de revelar segredos ou informações confidenciais. No contexto da segurança nacional, a delação é considerada uma traição e é punida severamente. No entanto, a delação também pode ser justificada em certos casos, como quando envolve a prevenção de crimes graves ou a proteção de vidas humanas.

**Beasil contra o terror**  
Matias Sperber  
Beasil é um personagem fictício que aparece em uma história de terror. Ele é descrito como um ser sobrenatural com poderes especiais. A história explora temas de medo e mistério, e Beasil é apresentado como uma ameaça real para os personagens envolvidos.

**Mais uma quebra de decoro**  
Paulo Cesarino Costa  
Este texto discute a importância de manter o decoro em situações formais e profissionais. O decoro é considerado uma virtude essencial para a convivência em sociedade e no ambiente de trabalho. A falta de decoro pode levar a conflitos e prejudicar a produtividade e a harmonia de um grupo.

**Embriões alterados**  
Este texto discute a possibilidade de criar seres humanos com características diferentes das dos seres humanos atuais. A discussão envolve aspectos éticos, religiosos e científicos. Alguns acreditam que essa prática pode levar a avanços médicos e científicos, enquanto outros acreditam que é uma prática antiética e que pode levar à criação de seres humanos com problemas físicos ou mentais.

**proveta:** tubo de ensaio.  
**rubicão:** o que impede ou dificulta o movimento ou o progresso; obstáculo.

A licença foi conferida para o Instituto Francis Crick, de Londres, utilizar em embriões de até sete dias a técnica Crispr/Cas9, que permite inserir trechos de DNA de maneira muito precisa no genoma de células. Em princípio, um gene problemático poderia ser corrigido ou suprimido.

A equipe de Kathy Niakan pediu essa autorização para modificar genes na esperança de identificar alterações associadas com abortos espontâneos, um processo natural ainda mal compreendido.

Há dois detalhes na proposta de pesquisa que não podem passar despercebidos: Niakan só poderá manipular embriões que seriam descartados por clínicas de fertilização; além disso, está proibida de implantar embriões alterados em úteros, para gestação.

Dito de outra maneira, não nascerá a partir daí um bebê humano geneticamente modificado. Ademais, pesquisadores chineses já haviam empregado a Crispr/Cas9 em células embrionárias humanas, no ano passado, com taxa de incorporação do DNA pretendido de apenas 20% a 40%, o que suscita dúvidas quanto à segurança da ferramenta para uso terapêutico.

E, mesmo que um dia se supere essa limitação e a técnica seja declarada segura, restaria uma séria questão bioética: é lícito modificar a linhagem germinativa de seres humanos, vale dizer, pôr no mundo crianças que, ao crescer, legarão para seus filhos e netos os genes que foram modificados?

A muitos parecerá fácil responder que sim, se for para afastar doenças ou malformações graves. Bem mais difícil será obter consenso social em favor de manipulações genéticas para agregar a embriões características valorizadas, caso um dia isso se torne possível, como inteligência, cor de olhos e cabelos ou aptidão para esportes.

EMBRIÕES alterados. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 4 fev. 2016. Opinião, p. A2. Folhapress.

FAÇA NO  
CADERNO

- O editorial trata da pesquisa realizada no Reino Unido sobre a manipulação de genes de células embrionárias humanas. Que posição têm a respeito dela:
  - as pessoas com valores religiosos e filosóficos?
  - os pesquisadores chineses?
- Que argumentos a **Folha de S.Paulo** apresenta em defesa dessa pesquisa? Em cada um deles, indique alguns marcadores argumentativos usados para isso.
- O texto faz referência às pesquisas com células embrionárias humanas na China.
  - Com que argumento o editorial situa a China em relação à pesquisa inglesa?
  - Indique os marcadores linguísticos empregados na construção desse argumento.
- Que posição o jornal assume em relação ao desenvolvimento das pesquisas científicas inglesas nessa área? Volte ao título antes de responder.
- O editorial ocupa um espaço fixo. Na **Folha de S.Paulo**, ele aparece na página 2, com os créditos do jornal e outros artigos opinativos. Observe que a empresa tem um conselho editorial, mas o editorial não é assinado. Por quê?

**Crispr/Cas9:** nova técnica de edição de genoma que pode transformar o campo da Biologia.

**Kathy Niakan:** bióloga do Instituto Francis Crick, em Londres, que trabalha com desenvolvimento humano e biologia das células-tronco.

### Argumento e marcadores argumentativos

A palavra **argumento** vem do latim *argumentum* e significa “prova”, “indício”, “raciocínio lógico”. Denomina-se argumento todo procedimento linguístico que procura provar e/ou justificar um ponto de vista, com a finalidade de persuadir os interlocutores. Esses argumentos se configuram em provas concretas (dados estatísticos, fatos, experimentos etc.), citações de autoridades, exemplificações, analogias pertinentes, definições, entre outros.

Para a construção do argumento, utilizamos **marcadores argumentativos**, ou seja, determinadas palavras e expressões (conjunções, advérbios, pronomes, locuções prepositivas etc.) que funcionam como elementos responsáveis pelo encadeamento da estratégia argumentativa escolhida pelo autor. Eles marcam contraposição, contraste, inclusão, causa e consequência, comparação, conclusão etc.

## Uma abordagem social

A opinião da **Folha de S.Paulo** em relação a um tema da área de saúde também aparece no editorial a seguir, com uma abordagem social em defesa de uma campanha da Organização Mundial de Saúde (OMS).

### É o saneamento

É sério o risco de pandemia de infecções pelo vírus da zika, em que pesem todas as incógnitas científicas sobre a doença e seu papel nos casos de microcefalia. Escaldada pelas críticas à ação tardia no caso ebola, a Organização Mundial da Saúde anunciou um plano de US\$ 56 milhões (R\$ 227 milhões) para apoiar ações em escala global.

Por ser um dos países mais afetados pelo surto, o Brasil estará entre os destinos preferenciais das verbas. Em boa hora: levantamento publicado por esta **Folha** revelou que, em decorrência do impacto da recessão econômica sobre as receitas tributárias, as verbas governamentais destinadas à vigilância epidemiológica encolheram.

Na União, a queda foi de 9,2% em 2015, para 4,6 bilhões gastos no controle e na prevenção de doenças que não se limitam às que ora encabeçam o noticiário. Os desembolsos para tais finalidades também caíram em pelo menos 17 Estados e no Distrito Federal.

Ou seja, o retrocesso nas despesas ocorreu no ano em que os casos de dengue subiram para 1,6 milhão, até meados de novembro, com 863 mortes. O salto se deu, por óbvio, em paralelo com uma explosão na população de mosquitos *Aedes aegypti*, os mesmos que transmitem o vírus da zika.

Com três viroses — dengue, zika e chikungunya

— a grassar ao mesmo tempo e com o mesmo vetor, o poder público lançou-se numa atividade frenética, concentrada na tentativa ingrata de controlar o mosquito. Era o que lhe restava a fazer, diante de sua secular omissão no que seria mais adequado para erradicá-lo, a disseminação do saneamento básico.

Já se foi o tempo, informam pesquisadores, em que o *A. aegypti* se reproduzia unicamente em água limpa. Com seus esgotos a céu aberto, o Brasil oferece campo aberto para as larvas do inseto. Coleta e destinação precárias de lixo, aliadas à necessidade de estocar água causada por falhas na distribuição, completam o quadro insalubre.

O próprio Ministério das Cidades vem de publicar um balanço desanimador sobre as condições sanitárias do país. Enquanto a rede de água encanada se generalizou e alcançava 93,2% da população urbana em 2014, a de esgotos estagnou em 57,6% (incluída a área rural, o índice se revela ainda mais lúgubre, 49,8%).

Em 2013, a cobertura de coleta de dejetos sanitários estava em 56,3%. Vale dizer, houve avanço de mero 1,3 ponto percentual.

Nessa toada, a universalização viria só após 2040. Até lá, o *Aedes* pode confiar na ineficiência do poder público e, como ela, proliferar.

FOLHA DE S.PAULO, São Paulo, 19 fev. 2016. Opinião, p. A2. Folhapress.

1. Que fato do noticiário da época motivou o editorial?
2. O jornal é ou não favorável à campanha da OMS? Que argumentos o jornal apresenta para sustentar sua opinião?
3. O editorial conclui condensando seus argumentos com dados estatísticos sobre o saneamento. Qual é a posição do jornal sobre isso?

FAÇA NO  
CADERNO

**pandemia:** enfermidade epidêmica amplamente disseminada.

**microcefalia:** pequenez anormal da cabeça, geralmente associada a deficiência mental.

## Linguagem do gênero

### Estratégias de concordância e de refutação

Você lerá dois editoriais de importantes veículos de circulação nacional. Ambos são destinados a leitores de jornal impresso e apresentam as características do gênero editorial: vêm sem assinatura e tomam como referência notícias ou reportagens recentes. O primeiro aparece na página A2 do jornal **Folha de S.Paulo**, com artigos de opinião e charge, sob a rubrica Editorial; já o segundo aparece na página A3 do jornal **O Estado de S. Paulo**, na seção Notas e Informações, e traz a chancela do jornal no primeiro editorial da página.

Como se organiza a linguagem nos editoriais a seguir?

#### Editorial 1

No início do ano 2016, causou grande polêmica o fato de a autobiografia de Adolf Hitler ter caído em domínio público, restituída aos leitores pela lei de direitos autorais que libera a publicação de obras após setenta anos da morte do autor. Duas editoras brasileiras tentaram lançar o livro e foram obstruídas pela Justiça. O tema serviu de matéria para um dos editoriais do jornal **Folha de S.Paulo**.

### Tolerância máxima

Desde janeiro, um dos livros mais repulsivos já mais escritos está liberado para publicação. Setenta anos depois da morte do autor, o genocida Adolf Hitler, período no qual o Estado da Baviera vinha impedindo a reedição, o texto cai agora em domínio público.

Trata-se da autobiografia panfletária (1925) em que o futuro ditador alemão empilha ressentimentos e os traduz em ódio patológico contra judeus, comunistas, eslavos e outros povos e minorias “inferiores”. Essas noções foram derrotadas tanto pela ciência como pelas armas; subsistem numa franja de extremismo passadista e inexpressivo.

Duas editoras brasileiras apressaram-se a lançar o livro. A primeira edição, que se resume ao texto original, foi proibida e apreendida pela Justiça fluminense, que ainda deverá examinar recurso. Uma segunda edição, acompanhada de aparato crítico, está prevista para o mês de março.

Numa sociedade de fato democrática, convém cultivar a liberdade de expressão na latitude mais ampla, dado que ela é pré-requisito para o exercício das demais liberdades e garantia de que, mediante o confronto desimpedido das opiniões, a própria sociedade se esclarece e evolui.

Ideias, mesmo que estúpidas, combatem-se

com ideias melhores. Existem, ademais, razões práticas para tolerar barbaridades como este **Minha luta**: proibições tendem a glamourizar obras que não merecem sequer essa distinção emprestada, além de resultarem inócuas, pois o texto segue disponível em versões clandestinas na internet.

Mas há uma questão de princípio. Embora não admita a censura prévia, pelo que acarreta de cerceamento, a melhor tradição democrática estipula situações em que o abuso da liberdade de expressão justifica sanção. É quando se pratica injúria pessoal ou se divulga informação falsa por má-fé; é também quando se incita ao desrespeito das leis e à violência.

Este último é o caso, sem dúvida, de **Minha luta**. Ainda assim, o risco de incitação deveria ser atual, premente, imediato — o que não acontece neste livro rancoroso que, cultuado embora em círculos extremistas isolados, é hoje uma pálida reminiscência histórica de uma era felizmente superada.

A própria tragédia da Alemanha durante a República de Weimar (1919-1933), que naufragou no pesadelo nazista, recomenda à democracia ser tolerante com ideias, por odiosas que sejam, mas implacável contra a mais tênue ameaça de implantá-las pela força.

FOLHA DE S.PAULO, São Paulo, 9 fev. 2016. Opinião, p. A2. Folhapress.

### Editorial 2

Em 17 de dezembro de 2015, a Justiça determinou o bloqueio do WhatsApp em todo o Brasil, por desobediência a uma ordem de entrega de conversas veiculadas nesse aplicativo. Diante desse ocorrido e após a prisão do vice-presidente para a América Latina do WhatsApp, em março de 2016, também por não colaborar com a Justiça Federal, o jornal **O Estado de S. Paulo** dedicou um editorial ao assunto, reproduzido a seguir.

### O Facebook e o império da lei

Por se recusarem sistematicamente a cumprir ordens judiciais em investigações que envolvem o crime organizado e o tráfico de drogas, dirigentes do Facebook — empresa proprietária do aplicativo de mensagens instantâneas WhatsApp — enfrentam problemas com a Justiça brasileira. Desta vez, o vice-presidente da empresa para a América Latina, Diego Dzođan, foi preso preventivamente por um juiz criminal de Lagarto, em Sergipe, por não colaborar com a Justiça Federal, enviando cópia das conversas travadas por traficantes pelo WhatsApp, para fundamentar um processo que corre em segredo de Justiça.

Pelo mesmo motivo, há dois meses e meio uma juíza de São Bernardo do Campo obrigou as operadoras de telefonia a bloquear por 48 horas o aplicativo. Como no caso do executivo preso, aquela decisão foi proferida numa ação penal movida contra um homem acusado de latrocínio e tráfico de drogas. A polícia e o Ministério Público, que têm recorrido cada vez mais à *web* em suas investigações, querem os dados para rastrear os principais envolvidos nesses delitos. A juíza alegou que por duas vezes pediu ao Facebook que enviasse o teor das mensagens trocadas pelo investigado e que as informações não foram liberadas. Só em multas, a empresa deve R\$ 12,7 milhões aos cofres públicos, por desrespeitar decisões judiciais.

Em sua defesa, os dirigentes do Facebook alegam que não podem repassar os dados solicitados por juízes, porque não os armazenam. Também afirmam que, apesar de ter escritório e equipe de vendas no Brasil, o WhatsApp é uma empresa juridicamente separada do Facebook e submetida à legislação do Estado da Califórnia, nos EUA, onde se encontram seus servidores e sua rede — portanto, a liberação de informações só poderia ser autorizada por tribunais americanos. Argumentam, ainda, que adotaram a política de não cumprir determinações judiciais por entender que elas violam o direito de sigilo dos usuários do WhatsApp. Por fim, alegam que “decisões extremas” — como o bloqueio de mensagens e a prisão de executivos — não devem ser tomadas por juiz singular.

Essas decisões, contudo, são previstas pelo Marco Civil da Internet, que regulamenta o funcionamento das comunicações eletrônicas no país. Em vigor há dois anos, o Marco Civil foi elaborado com o objetivo de garantir a privacidade das comunicações eletrônicas, proteger a liberdade de expressão dos internautas e assegurar um “ambiente democrático” nas redes digitais. Mas é taxativo ao estabelecer que essas garantias são absolutas, conferindo ao Judiciário a prerrogativa de determinar às empresas do setor que enviem informações pedidas para auxiliar em investigações policiais. Ao descumprir decisões judiciais, a empresa proprietária do WhatsApp está afrontando as instituições de direito do Brasil.

A direção do Facebook se esquece de que, apesar da natureza transterritorial da internet, a empresa precisa estar matriculada no Cadastro Nacional de Pessoas Jurídicas e ter endereço formal para oferecer serviços no Brasil. E isso a obriga a respeitar a legislação nacional, mesmo que sua base de operações esteja em outro país. Viabilizadas por operações de conexão espalhadas por todo o mundo, os sistemas de informação da internet transcendem fronteiras. Contudo, não são inimputáveis do ponto de vista jurídico.

No âmbito da economia globalizada, em outras palavras, personalidade jurídica, infraestrutura e usuários não precisam estar num mesmo país. Mas isso não significa que a controladora do WhatsApp possa ignorar a soberania e a ordem jurídica dos Estados. Onde quer que atue, ela tem de cumprir leis nacionais e respeitar poderes instituídos.

Bloqueios preventivos e prisão de executivos de empresas por juízes singulares podem ser medidas drásticas, como alega a empresa proprietária do WhatsApp. Mas são necessárias quando esses executivos se imaginam acima da soberania das nações e de suas leis. Não deixa de ser irônico que o vice-presidente do Facebook tenha precisado invocar essas leis para deixar a prisão.

O ESTADO DE S. PAULO. São Paulo, 3 mar. 2016. Notas e Informações, p. A3.

1. Nos dois textos, a ação da Justiça está em pauta. FAÇA NO CADERNO
  - a) Quem é avaliado em cada editorial?
  - b) Que atitude toma cada um em relação ao acontecimento em foco?
2. As argumentações usadas nos dois textos chegam a posições parecidas. Vários procedimentos linguísticos foram utilizados em sua composição. Analise os dois textos.
  - a) Observe as expressões:
    - **no editorial 1:** “cultivar a liberdade de expressão”, “pré-requisito para o exercício das demais liberdades”, “proibições tendem a glamourizar”, “censura prévia”, “abuso da liberdade de expressão justifica sanção”.
    - **no editorial 2:** “não colaborar com a Justiça Federal”, “para fundamentar um processo”, “desrespeitar decisões judiciais”, “não podem repassar os dados”, “WhatsApp é uma empresa juridicamente separada do Facebook”, “adotaram a política de não cumprir determinações judiciais”, “objetivo de garantir a privacidade das comunicações eletrônicas”.

Com que objetivo essas expressões foram empregadas?
  - b) A maioria dos verbos foi empregada no indicativo, alternando o tempo presente com o pretérito. Explique a finalidade dessa alternância.
3. Depois de introduzir o assunto situando o acontecimento, cada autor passa a interpretá-lo de acordo com a finalidade pretendida: de concordância ou de refutação. Identifique os marcadores linguístico-discursivos (contraposição, exemplificação, contraste, inclusão por série progressiva) empregados na argumentação de cada texto.
4. O editorial é um gênero opinativo; no entanto, não encontramos, nos textos analisados, marcas linguísticas de primeira pessoa.
  - a) Que sentido cria neles o recurso de supressão da pessoalidade por meio do emprego da terceira pessoa?
  - b) Que outros recursos linguístico-discursivos foram empregados para obter esse mesmo efeito de sentido?
5. Observe a seleção lexical nos dois editoriais.
  - No editorial do jornal **Folha de S. Paulo**, algumas palavras e expressões dão força à argumentação, como “genocida”, “autobiografia panfletária”, “ditador”, “ressentimentos”, “ódio patológico”, “livro rancoroso”, “extremismo passadista”.
  - No editorial do jornal **O Estado de S. Paulo**, destacam-se algumas palavras e expressões, como: “por não colaborar”, “rastrear os [...] envolvidos”, “delitos”, “investigado”, “desrespeitar”, “regulamenta”, “proteger a liberdade de expressão dos internautas”, “ambiente democrático”, “afrontando”, “precisa estar matriculada”, “ter endereço formal”, “respeitar a legislação”.

Compare os editoriais quanto à escolha do vocabulário e explique seu efeito na argumentação.

6. Observe, no trecho a seguir, do editorial de **O Estado de S. Paulo**, alguns marcadores linguísticos empregados. Em seguida, explique qual é a função deles para você, leitor.

Em sua defesa, os dirigentes do Facebook alegam que não podem repassar os dados solicitados por juízes, porque não os armazenam. Também afirmam que, apesar de ter escritório e equipe de vendas no Brasil, o WhatsApp é uma empresa juridicamente separada do Facebook e submetida à legislação do Estado da Califórnia, nos EUA, onde se encontram seus servidores e sua rede — **portan-**

**to**, a liberação de informações só poderia ser autorizada por tribunais americanos. Argumentam, **ainda**, que adotaram a política de não cumprir determinações judiciais por entender que elas violam o direito de sigilo dos usuários do WhatsApp. **Por fim**, alegam que “decisões extremas” — como o bloqueio de mensagens e a prisão de executivos — não devem ser tomadas por juiz singular.

## Praticando o gênero

### Posicione-se sobre as diferenças sociais

O editorial é um texto opinativo não assinado, construído com base em dados ou acontecimentos recentes, que se prestam a múltiplas interpretações, algumas vezes antagônicas, e sobre os quais o autor toma uma posição de defesa ou de refutação.

Geralmente, o editorial tem três partes: uma apresentação dos acontecimentos que serão interpretados, o desenvolvimento da argumentação e uma conclusão.

Para mobilizar o leitor, cria-se um efeito de linguagem objetiva, com supressão das marcas pessoais. Na construção do argumento, podem ser empregados vários recursos: dados estatísticos, generalizações, citações, exemplificações e comparações.

Sugerimos a você que redija um texto com essas características.

Para formar sua opinião, leia um editorial da revista mensal **Educação**, uma publicação dirigida a professores, pedagogos e educadores em geral. A capa de agosto de 2004 aponta para uma reportagem sobre as diferenças sociais, de cor e de religião, presentes em escolas do mundo todo.



Capa da revista **Educação**, de agosto de 2004.

Editora Segmento

#### Todos os nomes

Ela está espalhada por todos os lugares. É o jovem *skinhead* que odeia nordestinos. São judeus e palestinos que lutam pelo direito ao mesmo quinhão de terra sagrada. É o apelido maldoso ignorado pela professora, a criança portadora de HIV proibida de ir à escola, piadinhas e comentários maliciosos contra negros, mulheres, índios, portugueses. Racistas, homofóbicos, fanáticos, machistas, xenófobos, terroristas, radicais — eles atendem por muitos nomes. Em comum, têm sua própria verdade, um Deus acima de todos os outros, uma lei mais justa, a melhor tribo.

Em nome da superioridade de raças, castas e sexos, verdadeiros genocídios vêm sendo perpetrados contra milhões. Os massacres avançam com o passar dos séculos: geraram duas grandes guerras, centenas de guerrilhas, holocaustos, *apartheids*, déspotas e tiranos. Povos e nações seguem excluídos de uma vida mais digna e do direito de manifestar suas religiões, suas leis, suas escolhas pessoais. Ironicamente, as vítimas de ontem vitimam hoje.

No Brasil, a miscigenação étnica e religiosa deixou o problema camuflado, embora não menos latente. Alunos negros ainda são desprezados nas salas de aula deste país afrodescendente. Estudantes homossexuais são humilhados por colegas. Portadores de deficiência poucas vezes encontram abertas as portas do ensino formal.

Não há limites para a barbárie. Ela se infiltra, silenciosa, em todas as escolas. E atende pelo nome de intolerância.

TODOS os nomes. **Educação**, São Paulo: Segmento, n. 88, ago. 2004. p. 11.

### Momento 1: elaborar um editorial

FAÇA NO  
CADERNO

1. O editorial da revista **Educação** foi dirigido a seus leitores específicos. Se a revista fosse de sua escola, destinada a jovens como você, como seria o editorial? Esse é o desafio que lançamos a você: escreva um editorial sobre esse assunto para a comunidade escolar, utilizando o que estudou neste capítulo.
2. Reveja seu texto verificando principalmente se contém as características do gênero, se a argumentação tem boas estratégias, se foram empregados elementos de coesão.

## Momento 2: divulgar sua opinião

1. Apresente o texto aos colegas de classe. Depois que todos tiverem chance de avaliar os textos da turma, podem escolher dois ou três mais representativos ou optar por divulgar todos.
2. Monte com seus colegas um mural com notícias, reportagens, artigos, fotos etc. sobre a intolerância e afixem nele os editoriais escolhidos.
3. Se possível, envie o editorial de seu grupo por *e-mail* para amigos e familiares e publiquem-no no jornal da escola ou do bairro.

## Momento 3: avaliar e corrigir o texto

Leve em consideração as reações ao seu texto, tanto de colegas como das pessoas que o receberam por *e-mail*. Com base na qualidade e coerência da argumentação e nas críticas dos leitores, em aula, avalie e corrija o trabalho.

## Posicione-se sobre a preservação do patrimônio

### Patrimônio dilapidado

“Dilapidar” é uma palavra estranha. Significa “destruir”, “arruinar”, “demolir”. Nela, o etimologista vai identificar a raiz latina “lapid” (pedra). Para chegar da ideia de pedra à de destruição, não é necessária muita imaginação. Uma boa forma de destruir as coisas é atirando-lhes pedras. E é exatamente isso que significa o verbo latino “dilapido”, que deu nosso “dilapidar”.

Essas considerações etimológicas se colocam a propósito da notícia de que um fóssil brasileiro, um raro vegetal petrificado de 130 milhões de anos, permitiu um importante avanço na história evolutiva das plantas. Só que a descoberta não é obra de brasileiros, mas, sim, de suecos e alemães, uma vez que o fóssil foi contrabandeado para fora do país. O patrimônio paleontológico brasileiro — os restos petrificados de animais e de vegetais que um dia compuseram nossa fauna e flora — está sendo literalmente dilapidado.

O fóssil da descoberta, agora identificado como uma nova espécie, a *Cratonia cotyledon*, foi coletado na chapada do Araripe, no Ceará. Essa região, na divisa entre Ceará, Pernambuco e Piauí, reúne alguns dos mais fabulosos tesouros fossilizados do país. É também o centro de contrabando de relíquias pré-históricas. Museus europeus e japoneses mantêm peças retiradas ilegalmente da chapada. Elas normalmente são encontradas em pedreiras por moradores da região que as vendem por valores irrisórios — como R\$ 1 ou uma cerveja — a atravessadores.

Seria tentador acusar os grandes museus estrangeiros de receptação de objeto roubado, mas, pela legislação de países da Europa, os espécimes foram



João Prudente/Pulsar Imagens

Desgaste natural, efeito das intempéries e vandalismo dilapidam o patrimônio artístico brasileiro. Na área externa do Santuário de Bom Jesus de Matosinhos, em Congonhas do Campo, Minas Gerais, estão dispostos os 12 profetas, obra de Aleijadinho, que já passaram por processo de restauro. Na foto, o profeta Ezequiel.

obtidos regularmente. Lá não é ilegal particulares encontrarem e venderem fósseis — exceto quando subtraídos de sítios previamente selecionados. A diferença é que num país como a Alemanha você não escava um esqueleto do homem de Neanderthal e sai com ele debaixo do braço. No Brasil, pode-se topar com fósseis de centenas de milhões de anos e encontrar um contrabandista disposto a arrematá-los por uma ninharia. É um problema que teremos de resolver se quisermos preservar nosso patrimônio paleontológico.

A fiscalização de fósseis está a cargo do Departamento Nacional de Produção Mineral (DNPM), subordinado ao Ministério das Minas e Energia, que mantém dois geólogos para zelar pelos 9 000 km da chapada do Araripe. Como

a preocupação é com o valor científico dos achados, o ministério mais adequado seria o da Ciência e Tecnologia. É verdade, porém, que, se houvesse uma fiscalização efetiva, a questão de quem a exerce seria um problema menor.

Infelizmente, o menosprezo para com o patrimônio não se dá apenas na área paleontológica. Na esfera cultural, obras do maior escultor brasileiro, o Aleijadinho, se esfacelam ao sabor de intempéries. Cidades históricas estão se deteriorando. Até os tesouros naturais sofrem com o florescimento de um turismo muitas vezes predatório.

PATRIMÔNIO dilapidado. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 22 jun. 2003. Opinião, p. A2. Folhapress. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniaofz2206200302.htm>>. Acesso em: 12 maio 2016.

1. Em grupos, leiam e analisem oralmente o editorial “Patrimônio dilapidado”.
  - a) Qual é seu tema?
  - b) A que fatos ele faz referência?
  - c) Que posição é tomada sobre o assunto?
  - d) O texto se inicia com uma explicação etimológica. Ela é pertinente? Por quê?
  - e) Que argumentos são usados para defender a posição expressa?
  - f) No último parágrafo, como foi construída a conclusão do texto?
2. Discutam com seus colegas: como é a preservação do patrimônio cultural de sua cidade? Tirem conclusões e anatem-nas. Anotem também os fatos citados como exemplos.
3. Seguindo o roteiro da atividade anterior, escrevam em dupla ou trio um editorial sobre o mesmo tema, expressando a posição do grupo e apresentando sugestões para promover a preservação do patrimônio na cidade. Exponha o trabalho no mural da sala de aula ou do colégio. Se for possível, envie-o à Secretaria da Cultura do município ou a outro órgão competente.

## Em atividade

FAÇA NO  
CADERNO

1. (Unicamp-SP) Coloque-se na posição de um **jornalista** que, com base na leitura do texto abaixo, deverá escrever um **editorial**, isto é, um artigo jornalístico opinativo, para um importante jornal do país, discutindo o **crescimento do e-lixo** no Brasil. Seu texto deverá, necessariamente:
  - abordar **dois dos problemas** relacionados ao crescimento do e-lixo no Brasil levantados pelo texto abaixo; e
  - apontar **uma forma** possível de enfrentar esse crescimento.

**Atenção:** Por se tratar de um editorial, você deverá atribuir um título ao seu texto. Lembre-se de que não deverá recorrer à mera colagem de trechos do texto lido.

### Aumento na geração de e-lixo e responsabilidade compartilhada

Quando você descarta um equipamento eletrônico, você está gerando o que se conhece como “e-lixo”. São materiais tais como pilhas, baterias, celulares, computadores, televisores, DVD’s, CD’s, rádios, lâmpadas fluorescentes e muitos outros que, se não tiverem uma destinação adequada, vão parar em aterros comuns e contaminar o solo e as águas, trazendo danos para o meio ambiente e para a saúde humana. Com a rápida modernização das tecnologias, os aparelhos tornam-se ultrapassados em uma velocidade assustadora. Na composição dos equipamentos eletrônicos existem substâncias tóxicas como mercúrio, chumbo, cádmio, belírio e arsênio — altamente perigosos à saúde humana.

A Organização das Nações Unidas (ONU) pediu em 22 de fevereiro de 2010 medidas urgentes contra o crescimento exponencial do lixo de origem eletrônica em países emergentes como o Brasil. O Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (Pnuma) apresentou um relatório que ressalta a urgência de estabelecer um processo ambicioso e regulado de coleta e gestão adequada do lixo eletrônico uma vez que a geração desse lixo cresce mundialmente a uma taxa de cerca de 40 milhões de toneladas por ano.

Casemiro Tércio Carvalho, coordenador de planejamento ambiental da Secretaria do Meio Ambiente de São Paulo, credita a posição do Brasil à ampliação da inclusão digital no país e ao aumento do poder aquisitivo das classes C, D e E. Para o professor Fernando S. Meirelles, da FGV (Fundação Getúlio Vargas), a questão do lixo eletrônico no Brasil não é necessariamente um problema de governo. “É um fator cultural. O mercado de reciclados ainda é muito incipiente e não há coletores suficientes.”

Embora ainda tramite no Senado o projeto de lei da Política Nacional de Resíduos Sólidos — PNRS (aprovado pela Câmara dos Deputados em março de 2010 após 19 anos de tramitação), é possível fazer alguns comentários sobre o conjunto de obrigações legais que estruturarão juridicamente, no Brasil, a Logística Reversa (o retorno do equipamento usado para o fabricante ou comerciante), que tem como implicação a Responsabilidade Compartilhada entre os Produtores/Fabricantes, os Comerciantes e Distribuidores, e os Consumidores. Está visto que não adianta a boa vontade dos consumidores se não existir uma infraestrutura de coleta do lixo eletrônico. É essa falta de estrutura que representa o grande entrave na política de gestão prevista na PNRS. Não podemos ignorar que a nossa cultura de gestão de resíduos é “zero”. Daí porque o planejamento de política pública é o ponto inicial para qualquer medida que pretenda ser eficaz nessa área.

(Adaptado das seguintes fontes: <<http://www.e-lixo.org/elixo.html>> (acessado em abril de 2010), <[www.uol.com.br](http://www.uol.com.br)>, por Juan Palop (publicada em 22.02.2010), e <<http://lixoeletronico.org>>, por Diogo Guanabara (publicado em 20.04.2010).)

# Coesão sequencial IV: a conclusão e os organizadores textuais

## Explorando os mecanismos linguísticos

### A conclusão como etapa de silogismo

Nas situações do cotidiano, recorremos ao raciocínio dedutivo para persuadir nossos interlocutores: apresentamos argumentos de importância crescente e fechamos a argumentação com uma conclusão. A forma clássica de estruturação do raciocínio dedutivo é o **silogismo**.

#### A arte da persuasão

Aristóteles (384-322 a.C.), filósofo grego, desenvolveu uma teoria que atendia às condições gregas da época, quando os oradores tinham grande prestígio e a eloquência era uma virtude.

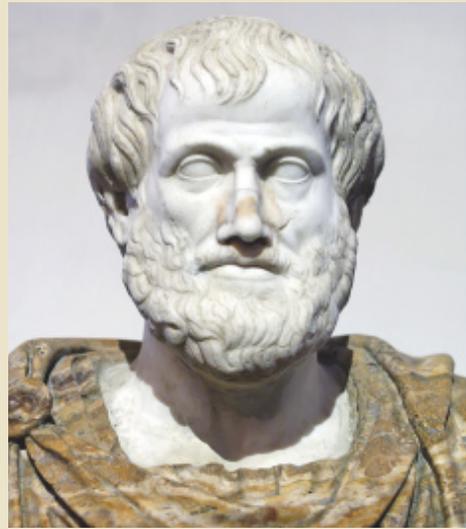
Para ele, o **silogismo** era um tipo perfeito de raciocínio dedutivo e comportava três etapas baseadas em proposições ou premissas:

- |         |                               |                  |
|---------|-------------------------------|------------------|
| (SE)    | Todos os animais são mortais. | → premissa maior |
| (E)     | O homem é animal.             | → premissa menor |
| (ENTÃO) | O homem é mortal.             | → conclusão      |

A dedução desse silogismo era considerada por ele como necessária, porque se baseava em duas premissas verdadeiras.

Em seu livro **Arte retórica**, Aristóteles trata do discurso persuasivo, em que as deduções se baseiam em premissas prováveis ou hipotéticas. Esse tipo de silogismo, em que muitas vezes se omite uma premissa óbvia, ele chama de **entimema**.

Os estudos de Aristóteles sobre o raciocínio permanecem até hoje como referência e nos ajudam a compreender a conclusão como mecanismo argumentativo.



Escultura de Aristóteles em mármore, século I-II.

Lysippos de Sicyon. 1ª ou 2ª século d.C. Mármore e bronze / The Bridgeman Art Library/Keystone

Sempre que fazemos um silogismo, empregamos a conclusão como última etapa do raciocínio. Se o raciocínio é verdadeiramente lógico, é outra questão a ser considerada, mas a conclusão ocorrerá.

### A conclusão em tira de quadrinhos

O cartunista Bill Watterson empregou o raciocínio dedutivo, com conclusão, ao explorar o universo infantil em uma **tira de quadrinhos**.



WATTERSON, Bill. O melhor de Calvin. O Estado de S. Paulo, São Paulo, 13 jan. 2004. Caderno 2, p. D2.

Calvin & Hobbes, Bill Watterson © 1987 Watterson / Dist. by Universal Uclick

Ao apresentar seu boletim com notas baixas, Calvin já havia preparado uma justificativa para atenuar a reação do pai. Ele forjou um raciocínio dedutivo baseado em hipóteses.

FAÇA NO  
CADERNO

1. Ao iniciar seu raciocínio, no segundo quadrinho, Calvin posiciona-se como tendo dado o melhor de si. Levando em conta essa condição, recupere as três etapas do raciocínio do menino: a primeira e a segunda premissa e a conclusão. Considere também o que está subentendido.
2. Diante de uma situação de encrenca, Calvin constrói um falso silogismo.
  - a) Que fato Calvin tomou como base para construir seu raciocínio?
  - b) Qual é o objetivo do menino com essa estratégia?
  - c) Que sentido provoca no leitor a colocação dessa estratégia adulta no universo infantil?
3. Sobre o enunciado de Calvin, no último quadro:
  - a) Qual é o sentido da pergunta?
  - b) Que palavra funciona como marcador de conclusão?
  - c) Que sentido o marcador acrescenta ao argumento de Calvin?
4. A conclusão aparece na tira como o momento final de uma sequência argumentativa.
  - a) Em que ela contribui para a criação do humor?
  - b) Que outras informações não verbais reforçam esse efeito?

Nessa tira de quadrinhos, Calvin mostra-se perito em criar sofismas.

**Sofisma** é uma argumentação baseada em jogo de palavras; o raciocínio parte de premissas verdadeiras, mas chega a conclusões absurdas, embora aparentemente corretas. O objetivo é seduzir o interlocutor induzindo-o ao erro. Esse recurso retórico era empregado na Grécia antiga (no século V a.C.) pelos sofistas, contemporâneos de Sócrates, que o praticavam para obter sucesso honorário e para ganhar dinheiro.

## A conclusão em carta do leitor

Quatro pesquisadores de um laboratório de anatomia e fisiologia animal de Piracicaba (SP) leram uma reportagem na revista especializada **Pesquisa Fapesp** sobre doenças cardiovasculares e suas relações com o entupimento dos vasos sanguíneos e o colesterol. Gostaram do texto, mas encontraram nele algumas propriedades, que resolveram externar na seção Cartas do mesmo periódico. Leia a carta, em que encontramos o emprego da conclusão como recurso argumentativo.

Na edição 109 de **Pesquisa Fapesp** há a excelente reportagem “Além do bom e do mau”, a respeito de doenças cardiovasculares relacionadas com entupimento dos vasos sanguíneos e colesterol. Porém, o que nos preocupou foram as ilustrações. Na maior parte das duas primeiras páginas aparecem fotos com uma legenda “condenando” o consumo de produtos de origem animal. Para leigos, ou para pessoas que simplesmente não leram a matéria na íntegra, dá-se a impressão de que a pesquisa descrita na reportagem trata dos malefícios da ingestão de produtos de origem animal para a saúde cardiovascular. Contudo a matéria não diz nada a respeito da relação da dieta com colesterol e suas implicações para a saúde, e sim discute exclusivamente a respeito da incidência de doenças cardiovasculares e complicações verificadas associadas a baixos níveis de HDL (colesterol bom) e altos de homocisteína (aminoácido, e não uma proteína). Foram apresentados na reportagem alimentos de origem vegetal, como a uva, que possuem fitoquímicos (flavonoides) que, assim como a niacina, podem corrigir a disfunção do endotélio. Vale a pena destacar que apenas alimentos de origem animal são fontes naturais de vitamina do complexo B, principalmente a B12. Uma porção de 100 gramas de carne bovina magra supre 20% do valor diário de riboflavina, 33% de niacina (o que representa 5,3 mg) e 80% de vitamina B12. Outro ponto favorável em relação a produtos de origem animal, principalmente a carne bovina, é que cada 100 gramas desse alimento contêm aproximadamente 53 mg de colesterol. Depois do preparo, o mesmo peso de carne fornece aproximadamente 80 a 90 mg. Recomenda-se que a ingestão diária de colesterol por um adulto seja próxima a 250 ou 300 mg, portanto, o consumo de quantidades moderadas de carne vermelha magra não seria o grande vilão da história.

Eduardo Francisquine Delgado, Eric Franchi Leonardo, Carolina de Castro Santos e Ivan Luís Stella  
Laboratório de Anatomia e Fisiologia Animal — Esalq/USP Piracicaba, SP.

SEÇÃO cartas. **Pesquisa Fapesp**, n. 111. maio 2005. p. 6-7.

Em alguns textos argumentativos, a conclusão é antecipada para ser retomada após a enumeração dos argumentos. Nessa carta, a conclusão se dá apenas no final do texto, mas a sequência de argumentos foi construída em função dela.

1. Essa carta tem por base uma reportagem que trata de doenças cardiovasculares relacionadas com entupimento dos vasos sanguíneos e colesterol.

- Que significa para o leitor ela ter sido escrita por uma equipe de pesquisadores?
- A quem se dirige a crítica?

FAÇA NO  
CADERNO

A argumentação da carta se constrói em duas partes; na primeira, há a apresentação e refutação dos argumentos da reportagem referida; na segunda, há a defesa de posição dos autores. Observe que a coesão ocorre em dois níveis: existem conexões dentro de cada argumento, mas a conclusão recupera a sequência dos argumentos, como uma etapa final de todo o raciocínio.

2. Com relação à primeira parte:

- Quais são os argumentos de refutação?
- Que conexões são estabelecidas no interior de cada argumento? Identifique os marcadores empregados.

3. Em seguida, os autores passam à defesa de sua posição.

- Quais são os argumentos de defesa?
- Que marcadores de coesão são empregados?

## Os marcadores de conclusão e as conjunções coordenativas

A gramática normativa da língua portuguesa aborda a noção de conclusão no capítulo da sintaxe. Embora hoje nem todos os gramáticos estejam de acordo, a conclusão aparece como uma das formas de relação entre orações coordenadas, ou seja, entre orações de mesma função sintática. Identifique as conjunções conclusivas no quadro geral das conjunções coordenativas.

### Conjunções coordenativas

- aditivas:** e, nem (= e não), também.

As doenças cardiovasculares estão relacionadas com o entupimento dos vasos sanguíneos e (as doenças cardiovasculares estão relacionadas) com o colesterol.

- adversativas:** mas, porém, contudo, todavia, no entanto, entretanto.

A reportagem condena o consumo de produtos de origem animal, contudo (a reportagem) não diz nada a respeito da relação da dieta com colesterol e suas implicações para a saúde.

- alternativas:** ou... ou, ora... ora, seja... seja, quer... quer, nem... nem.

Quer para leigos, quer para quem não leu a íntegra da reportagem, fica a impressão de que a ingestão de produtos de origem animal é maléfica.

- conclusivas:** logo, pois (sempre no interior da oração), portanto, assim, por conseguinte.

Recomenda-se que a ingestão diária de colesterol por um adulto seja próxima a 250 ou 300 mg, portanto, o consumo de quantidades moderadas de carne vermelha magra não seria o grande vilão da história.

- explicativas:** que, porque, pois, porquanto.

Alimentos de origem vegetal que possuem flavonoides, como a uva, são benéficos à saúde, pois podem corrigir a disfunção do endotélio.

Tanto na tira de Bill Watterson como na carta argumentativa, a abordagem sintática não é suficiente para que se compreenda a conclusão como etapa final de uma argumentação; é preciso levar em conta o conjunto da argumentação. Isso significa analisar as palavras **então** e **portanto** como marcadores de conclusão, não apenas como conjunções (articuladoras de orações), mas como elementos de coesão que constroem o sentido do texto todo.

1. Na tira de Calvin e na carta dos pesquisadores, a conclusão foi empregada para causar diferentes efeitos no leitor. Que sentido ela cria em cada texto?

No enunciado de Calvin, o marcador **então**, além da ideia conclusiva, carrega uma carga de sentido temporal; **neste momento, nestas condições** são expressões que poderiam ter vindo acompanhando-o. Os marcadores criam sentido em cada texto e não têm sentido puro, por isso nem sempre podem ser substituídos por outros de mesmo tipo.

2. Observe os possíveis contextos sintáticos do marcador de conclusão; depois, tire uma conclusão que contemple os critérios de colocação e de pontuação.

— “Recomenda-se que a ingestão diária de colesterol por um adulto seja próxima a 250 ou 300 mg; **portanto**, o consumo de quantidades moderadas de carne vermelha magra não seria o grande vilão da história.”

— Recomenda-se que a ingestão diária de colesterol por um adulto seja próxima a 250 ou 300 mg; **portanto**, o consumo de quantidades moderadas de carne vermelha magra não seria o grande vilão da história.

— Recomenda-se que a ingestão diária de colesterol por um adulto seja próxima a 250 ou 300 mg; o consumo de quantidades moderadas de carne vermelha magra não seria, **portanto**, o grande vilão da história.

— Recomenda-se que a ingestão diária de colesterol por um adulto seja próxima a 250 ou 300 mg; o consumo de quantidades moderadas de carne vermelha magra não seria o grande vilão da história, **portanto**.

3. Outras expressões podem ser empregadas com função de conclusão. Cite as que você conhece, tomando como base o enunciado da atividade anterior.

## Organizadores textuais, uma estratégia didática

Muitas vezes, em textos argumentativos, como cartas de leitor, artigos, monografias, resenhas, ensaios e editoriais, empregamos palavras e expressões para organizar as ideias expostas de forma a facilitar a compreensão do interlocutor.

Em fragmento de artigo publicado em 1979, no volume **Sobre o discurso**, o linguista Haquira Osakabe trata do conceito de discurso do ponto de vista de sua natureza, depois de ter feito uma série de considerações; nesse ponto, ele chega a algumas conclusões. Verifique como ele organizou essas conclusões no texto para que a exposição ficasse didática.

Fazendo um reexame das considerações feitas até aqui sobre as várias contribuições discutidas, pode-se chegar neste momento às seguintes conclusões:

Do ponto de vista de sua natureza, o discurso caracteriza-se inicialmente por uma maior ou menor participação das relações entre um eu e um tu; em segundo lugar, o discurso caracteriza-se por uma maior ou menor presença de indicadores de situação; em terceiro lugar, tendo em vista sua pragmaticidade, o discurso é necessariamente significativo na medida em que só se pode conceber sua existência enquanto ligada a um processo pelo qual eu e tu se aproximam pelo significado; e, finalmente, o discurso tem sua semânticidade garantida situacionalmente, isto é, no processo de relação que se estabelece entre suas pessoas (eu/tu) e as pessoas da situação, entre seus indicadores de tempo, lugar, etc. e o tempo, lugar, etc. da própria situação. (Osakabe, 1979b, 31)

OSAKABE, Haquira. Sobre o discurso. In: GUIMARÃES, Eduardo. **História da semântica**: sujeito, sentido e gramática no Brasil. Campinas: Pontes, 2004. p. 123.

1. As três primeiras conclusões apresentadas consideram os seguintes aspectos: interação verbal, tempo-espaco e criação de significado. São elas: eu e tu participam do discurso em diferentes graus; no discurso há indicadores de situação (tempo, lugar etc.); do ponto de vista pragmático, o discurso é sempre significativo. A última conclusão funciona como síntese das outras: o discurso tem sempre um componente semântico, estabelecido na interação entre as pessoas em determinada situação.
  - a) Como o autor organiza a seqüência das conclusões?
  - b) Que marcadores de organização textual ele emprega?
2. Que outros organizadores textuais você empregaria para substituir esses? Considere as posições de início, meio e fim da enumeração.

### Marcadores de conclusão

Em textos argumentativos, os articuladores de conclusão marcam o final do processo de raciocínio dedutivo: introduzem enunciados de valor conclusivo em relação aos argumentos anteriores. Como o sentido se faz em cada situação interacional, outros sentidos podem ser acrescentados a eles, e a substituição de um marcador por outro de mesmo tipo nem sempre é possível.

Geralmente, funcionam como marcadores de conclusão: logo, portanto, por isso, por conseguinte, então, assim, pois.

Recomenda-se que a ingestão diária de colesterol por um adulto seja próxima a 250 ou 300 mg; **logo**, o consumo de quantidades moderadas de carne vermelha magra não seria o grande vilão da história. (conclusão)

Recomenda-se que a ingestão diária de colesterol por um adulto seja próxima a 250 ou 300 mg; **portanto**, o consumo de quantidades moderadas de carne vermelha magra não seria o grande vilão da história. (conclusão)

Recomenda-se que a ingestão diária de colesterol por um adulto seja próxima a 250 ou 300 mg; **por isso**, o consumo de quantidades moderadas de carne vermelha magra não seria o grande vilão da história. (conclusão/consequência)

Recomenda-se que a ingestão diária de colesterol por um adulto seja próxima a 250 ou 300 mg; **por conseguinte**, o consumo de quantidades moderadas de carne vermelha magra não seria o grande vilão da história. (conclusão/consequência)

Recomenda-se que a ingestão diária de colesterol por um adulto seja próxima a 250 ou 300 mg; **então**, o consumo de quantidades moderadas de carne vermelha magra não seria o grande vilão da história. (conclusão/tempo)

Recomenda-se que a ingestão diária de colesterol por um adulto seja próxima a 250 ou 300 mg; **assim**, o consumo de quantidades moderadas de carne vermelha magra não seria o grande vilão da história. (conclusão/consequência/modo)

Recomenda-se que a ingestão diária de colesterol por um adulto seja próxima a 250 ou 300 mg; o consumo de quantidades moderadas de carne vermelha magra não seria, **pois**, o grande vilão da história. (conclusão/explicação)

Esses são os marcadores mais comuns, mas outras expressões podem desempenhar a mesma função: daí, conclui-se que, desse modo, conclui-se, então, a conclusão a que se chega, a única conclusão que se pode tirar, e assim, fica como conclusão, o resultado é que etc.

Recomenda-se que a ingestão diária de colesterol por um adulto seja próxima a 250 ou 300 mg. **Conclui-se, então**, que o consumo de quantidades moderadas de carne vermelha magra não seria o grande vilão da história.

Recomenda-se que a ingestão diária de colesterol por um adulto seja próxima a 250 ou 300 mg; **desse modo**, o consumo de quantidades moderadas de carne vermelha magra não seria o grande vilão da história.

### Organizadores textuais

Alguns articuladores textuais têm como função estruturar o texto para facilitar a interpretação do interlocutor; eles organizam os enunciados, marcam sua sequenciação no texto, orientam quanto à localização das etapas do texto. Esses articuladores são:

- de **abertura**: primeiramente, para começar, o primeiro, um fator, por um lado etc.
- de **intermediação**: em segundo lugar, em terceiro lugar, uma outra questão, de maneira secundária, outro fator, depois, em seguida, por outro lado etc.
- de **fechamento**: finalizando, por fim, finalmente, para encerrar, por último, enfim etc.

# Usando os mecanismos linguístico-discursivos

## A conclusão em artigo de opinião

FAÇA NO  
CADERNO

Leia o artigo de opinião de Marcelo Buzaglo Dantas, publicado na edição *on-line* do jornal **Gazeta do Povo** em 16 de janeiro de 2015, e depois responda às questões.

### A crise da água e as perspectivas futuras

Marcelo Buzaglo Dantas

O ano de 2014 no Brasil foi marcado, dentre outras coisas, pela escassez de água. Fenômeno até então pouco conhecido fora dos limites do Norte e do Nordeste do país, a seca chegou ao Sudeste e região. Fruto da ausência de chuvas, possivelmente associada às mudanças climáticas, mas outros fatores também contribuíram para a terrível (e ainda não solucionada) situação a que chegamos. A falta de cuidado com a vegetação ciliar onde ela ainda existe é também apontada por especialistas como uma das causas do problema, na medida em que a devastação das áreas circundantes de rios, cursos d'água, lagos, lagoas, reservatórios e similares contribui para o assoreamento e, portanto, para as perdas qualitativas e quantitativas dos elementos hídricos e de suas funções ecológicas.

Por isso, a contundente crítica dirigida ao Novo Código Florestal quando, no particular, reduz os limites de proteção da mata ciliar, já que a faixa de Área de Preservação Permanente (APP) passa a ter a metragem contada a partir da “borda da calha do leito regular” do rio — e não mais do seu “nível mais alto”, como outrora —, deixando desguarnecidas áreas alagadiças que exercem importantes funções ambientais.

De todo modo, mesmo no regime florestal anterior, as dificuldades de fazer implementar a legislação ambiental no Brasil sempre foram muitas, a ponto de ter se tornado lugar comum afirmar que o país possui um dos mais bem estruturados sistemas legais de proteção ao meio ambiente do mundo, o qual, contudo, carece de efetividade.

A cultura que se desenvolveu no país nunca foi a da preservação. Por aqui, sempre se preferiu investir na reparação dos danos a propriamente prevenir para que aqueles não acontecessem. No caso dos recursos hídricos, jamais fizemos como os nova-iorquinos: preservar os mananciais para não ter de investir em saneamento. O resultado é conhecido: o povo daquele estado americano altamente industrializado possui uma das águas de melhor qualidade do planeta.

No Brasil, contudo, a preocupação com a água nunca foi a tônica dos setores público e privado. Exceção feita a poucas iniciativas aqui e acolá, a regra sempre foi a poluição dos elementos hídricos. Desnecessário citar exemplos, infelizmente.

Por outro lado, é incontestável que os instrumentos de comando e controle, tão enaltecidos por muitos, não tiveram o condão de diminuir os efeitos da degradação do meio ambiente. Não fosse assim, o Código Florestal anterior, aliado a uma série de outras normas legais (Sistema Nacional de Unidades de Conservação, Lei da Mata Atlântica etc.), teria sido responsável pela redução do desmatamento. Não foi, contudo, o que aconteceu.

Logo, torna-se necessário partir-se para uma nova era. Um tempo em que se passe a investir intensamente na valorização e na recompensa daqueles que realizam serviços ambientais.

A lógica é simples: em vez de simplesmente punir aquele que descumpra a legislação — o que, repita-se, revelou-se ineficaz —, remunera-se quem preservava. É uma inversão total daquilo que sempre se praticou no Brasil. Em vez de “poluidor-pagador”, passa-se para a tônica do “protetor-recebedor”.

Iniciativas como essas vão desde a remuneração financeira aos pequenos proprietários rurais que preservam a vegetação que protege as águas, passando por incentivos tributários à preservação ecológica (IPTU verde, ICMS ecológico, redução de IPI para produtos ambientalmente sustentáveis etc.), maior incentivo financeiro à criação de reservas particulares do patrimônio natural (RPPNs), estímulo à comercialização de créditos de logística reversa e de cotas de reserva ambiental, entre outros. Ganham as pessoas, ganha o meio ambiente e ganha a sustentabilidade.

Já está mais do que na hora de se reconhecer que a proteção do meio ambiente não é apenas uma fonte geradora de despesas, mas pode se tornar uma grande oportunidade para se obter recompensas financeiras efetivas, ao mesmo tempo em que se contribui para a melhoria da qualidade ambiental das presentes e futuras gerações.

Marcelo Buzaglo Dantas, advogado e pós-doutor em Direito, é consultor jurídico na área ambiental, membro da Comissão Permanente de Direito Ambiental do Instituto dos Advogados Brasileiros (IAB) e da Rede de Especialistas em Conservação da Natureza e docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Ciência Jurídica da Universidade do Vale do Itajaí.

DANTAS, Marcelo Buzaglo. **Gazeta do Povo**. Curitiba, 16 jan. 2015, Opinião.

Disponível em: <<http://www.gazetadopovo.com.br/opiniao/a-crise-da-agua-e-as-perspectivas-futuras-eixye2vo6q0591gyzjzctcrim>>.

Acesso em: 18 abr. 2016.

a) Que posição toma o articulista sobre o assunto?

FAÇA NO  
CADERNO

b) Para defender sua posição, o autor constrói o texto com três partes: a apresentação do problema e suas possíveis causas, uma crítica ao Novo Código Florestal e à cultura de não preservação do meio ambiente e a defesa propriamente dita, com a citação de exemplos que ilustram as alternativas elencadas por ele em sua proposta de intervenção para resolver o problema.

- Resuma cada parte do texto e indique os mecanismos de coesão empregados pelo autor na construção do artigo.

c) Identifique os marcadores de conclusão empregados no texto.

## Em atividade

### 1. (UERJ)

Havia um muro alto entre nossas casas.  
Difícil de mandar recado para ela.  
Não havia *e-mail*.  
O pai era uma onça.  
A gente amarrava um bilhete numa pedra presa  
por um cordão  
E pichava a pedra no quintal da casa dela.

#### A namorada

Se a namorada respondesse pela mesma pedra  
Era uma glória!  
Mas por vezes o bilhete enganchava nos galhos da  
goiabeira  
E então era agonia.  
No tempo da onça era assim.

Manoel de Barros. **Poesia completa**. São Paulo: Leya, 2010.

Difícil de mandar recado para ela.  
Não havia *e-mail*.  
O pai era uma onça. (v. 2-4)

O primeiro verso estabelece mesma relação de sentido com cada um dos dois outros versos.

Um conectivo que expressa essa relação é:

- a) porém                      b) porque                      c) embora                      d) portanto

### 2. (UERJ)

#### Terrorismo ilógico

O TERRORISMO É DUPLAMENTE OBSCURANTISTA: PRIMEIRO NO ATENTADO, DEPOIS NAS REAÇÕES QUE DESENCADEIA.

Said e Chérif Kouachi eram descendentes de imigrantes. Said e Chérif Kouachi são suspeitos do ataque ao jornal **Charlie Hebdo**, na França. Se não houvesse imigrantes na França, não teria havido ataque ao **Charlie Hebdo**.

Said e Chérif Kouachi, suspeitos do ataque ao jornal **Charlie Hebdo**, eram filhos de argelinos. Zinedine Zidane é filho de argelinos. Zinedine Zidane é terrorista.

Zinedine Zidane é filho de argelinos. Said e Chérif Kouachi, suspeitos do ataque ao jornal **Charlie Hebdo**, eram filhos de argelinos. Said e Chérif Kouachi sabiam jogar futebol.

Muçulmanos são uma minoria na França. Membros de uma minoria são suspeitos do ataque terrorista. Olha aí no que dá defender minoria...

A esquerda francesa defende minorias. Membros de uma minoria são suspeitos pelo ataque terrorista. A esquerda francesa é culpada pelo ataque terrorista.

A extrema direita francesa demoniza os imigrantes. O ataque terrorista fortalece a extrema direita francesa. A extrema direita francesa está por trás do ataque terrorista.

Marine Le Pen é a líder da extrema direita francesa. “Le Pen” é “O Caneta”, se tomarmos o artigo em francês e o substantivo em inglês. Eis aí uma demonstração de apoio da extrema direita francesa à liberdade de expressão — e aos erros de concordância nominal.

Numa democracia, é desejável que as pessoas sejam livres para se expressar. Algumas dessas expressões podem ofender indivíduos ou grupos. Numa democracia, é desejável que indivíduos ou grupos sejam ofendidos.

Os terroristas que atacaram o jornal **Charlie Hebdo** usavam gorros pretos. “Black blocs” usam gorros pretos. “Black blocs” são terroristas.

Todo abacate é verde. O Incrível Hulk é verde. O Incrível Hulk é um abacate.

Antonio Prata

Adaptado de **Folha de S.Paulo**, 11/01/2015

Antonio Prata, ao comentar o ataque ao jornal **Charlie Hebdo**, construiu uma série de variações do argumento típico do método dedutivo, conhecido como “silogismo” e normalmente organizado na forma de três sentenças em sequência.

A organização do silogismo sintetiza a estrutura do próprio método dedutivo, que se encontra mais bem apresentada em:

- a) premissa geral — premissa particular — conclusão  
b) premissa particular — premissa geral — conclusão  
c) premissa geral — segunda premissa geral — conclusão particular  
d) premissa particular — segunda premissa particular — conclusão geral



Guerra.



Paz.

Candido Portinari. 1954. Óleo sobre tela. Organização das Nações Unidas em Nova York, EUA. Reprodução autorizada por João Cândido Portinari

**Guerra e Paz** (1952-1956), de Candido Portinari. Painéis a óleo sobre madeira compensada, 14 m x 10 m (medida aproximada). Salão de acesso à Assembleia Geral da Organização das Nações Unidas (ONU), Nova York, Estados Unidos.

# Entre guerras e mundos: a consciência social e a produção cultural

Ao longo de quatro anos de estudos e trabalho incessante, o artista plástico brasileiro Candido Portinari (1903-1962) dedicou-se à pintura dos painéis-murais **Guerra e Paz**, encomendados pelo governo brasileiro em atendimento ao apelo da Organização das Nações Unidas (ONU) para que os países-membros doassem uma obra de arte à sua nova sede em Nova York. Em 1956, antes de serem entregues à ONU, os painéis foram apresentados em uma exposição no Theatro Municipal do Rio de Janeiro, com a presença do então presidente da República Juscelino Kubitschek. No ano seguinte, foram encaminhados ao seu destino final.

Nos painéis, o artista reflete sobre o contraste entre a vida e a morte. Em **Guerra**, predomina o azul, com seus tons sombrios e profundos. A tela é marcada por contrastes, e uma luz intensa mostra um eremita fazendo um gesto de penitência. As figuras de uma criança inerte nos braços da mãe e de mulheres em pranto deixam transparecer o sofrimento e a dor, como uma condenação da existência diante da guerra. O painel sugere, de modo dramático, as circunstâncias do mundo em que vivemos, e é hoje, do mesmo modo que no momento em que foi concebido, a expressão de uma crise internacional.

No painel **Paz**, o artista traz a concepção desse estado de ausência de violência ao recuperar sua infância inocente em Brodowski, no interior do estado de São Paulo, tempo em que as crianças podiam brincar livremente nas ruas das cidades. Ele mostra, assim, uma visão de uma sociedade pacífica e feliz.

Esta unidade tem como foco o tema integrador “Entre guerras e mundos: a consciência social e a produção cultural”. O recorte apresentado nos faz compreender o contexto em que ocorreu a prosa na década de 1930. Para isso, é preciso recuperar os vários impasses político-sociais, decorrentes da política da Primeira República.

No capítulo de **Leitura e literatura**, estudaremos a produção regionalista do Nordeste, que começa com José Américo de Almeida e ganha seu apogeu com os romances de Graciliano Ramos e de José Lins do Rego. O romance histórico criado no Sul, por Erico Verissimo, também será analisado. Com a prosa dessa geração, vamos aprender como a questão da língua nacional é tratada, como se fala e se escreve nas várias regiões do Brasil, e também como são abordadas as culturas popular e erudita.

No capítulo de **Texto, gênero do discurso e produção**, você trabalhará com um gênero de texto solicitado nas provas de vestibular: a carta argumentativa. Ela traz uma proposta de argumentação, já que tem de persuadir um leitor específico. Você poderá notar que seu uso se estende para além do vestibular, servindo de instrumento de defesa da cidadania.

O capítulo de **Língua e linguagem** trata da regência verbal. O enunciado é visto como um conjunto de relações entre termos que regem e são regidos por outros, criando-se, nessa teia, diferentes efeitos de sentido em suas variações nos diferentes padrões linguísticos.

# Prosadores da segunda fase do Modernismo brasileiro

## Oficina de imagens

### Os brasileiros de Portinari

Iniciaremos este capítulo com uma leitura detalhada de quatro pinturas de Candido Portinari (1903-1962). O artista elegeu a realidade brasileira como tema de suas telas, concentrando-se na representação das figuras dos retirantes nordestinos, dos cangaceiros e dos trabalhadores de várias regiões do país.

Vamos começar com uma pintura em tela, outra em papel e dois afrescos em mural, suporte que representa um importante instrumento da arte social, pois o muro pertence, de modo geral, à comunidade e conta uma história, envolvendo um grande número de pessoas.

Candido Portinari. 1944. Óleo sobre tela. Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand, São Paulo. Reprodução autorizada por João Cândido Portinari



**Retirantes** (1944), óleo sobre tela, 190 cm x 180 cm, Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand. Este painel representa os retirantes da seca, símbolo de uma tragédia nacional. Ao todo, Candido Portinari produziu três séries sobre os retirantes, em que retrata os desventurados, maltrapilhos e flagelados que vinham do Nordeste e viajavam a pé até os estados do Sul em busca de melhores condições de vida nas fazendas de café. Fugiam das secas nordestinas, conhecidas desde os tempos da colonização portuguesa.



**Cangaceiros** (1951), guache sobre papel, 31 cm x 34 cm, feita por Candido Portinari para ilustrar o romance **O cangaceiro**, de José Lins do Rego. Coleção particular.

Observe detalhadamente as duas primeiras pinturas, produzidas sobre diferentes suportes: a primeira, um painel a óleo; a segunda, um guache sobre papel.

1. Compare as duas pinturas.

FAÇA NO  
CADERNO

- Quais são as figuras humanas retratadas? Descreva-as, considerando cores, formas e proporções entre as partes do corpo, expressão dos sentimentos, vestuário e adereços usados.
- Em que medida essas pinturas fazem uma denúncia social?

Agora observe duas obras de Portinari.

Candido Portinari. 1938. Pintura mural afresco. Palácio Gustavo Capanema. Reprodução autorizada por João Cândido Portinari



O afresco **Cacau** (1938), 280 cm x 298 cm, pertence a uma série de 12 temas chamada "Ciclos econômicos", em que Candido Portinari ilustrou as atividades econômicas do Brasil, com muito trabalho — pelos braços de muitos homens e mulheres. Atualmente, decora o salão de audiências do Palácio Gustavo Capanema, no Rio de Janeiro.



Candido Portinari. 1939. Painel a têmpera, 315 cm x 345 cm. Ministério das Relações Exteriores. Reprodução autorizada por João Cândido Portinari

Candido Portinari fez **Cena gaúcha** (1939), painel a têmpera, 315 cm x 345 cm, para decorar o Pavilhão Brasileiro na Feira Mundial de Nova York, em 1939. O pavilhão foi projetado pelos arquitetos Lúcio Costa e Oscar Niemeyer. Composto de outros dois painéis — Nordeste e Centro-Oeste —, parte do tema do trabalho para explorar principalmente o trabalhador. Ministério das Relações Exteriores.

Ao rever as imagens nesses dois painéis para mural, podemos escutar algumas vozes que nos contam uma história. Vamos recuperar os "diálogos" presentes no grandioso painel.

2. Observe as figuras humanas.
 

FAÇA NO CADERNO

  - a) Que papel social elas assumem?
  - b) Como elas estão representadas?
  - c) Há uma desproporção entre as partes do corpo. Explique qual é ela e seu significado.
3. Como o espaço é construído e como a natureza é representada?

### Atividade em grupo

Reúna-se com seus colegas e pesquisem outras obras de Candido Portinari em livros e *sites* (<<http://ftd.li/yc9qud>>; <<http://ftd.li/2xxsv2>>). Acessos em: 2 jun. 2016. Escolham duas telas que contemplem diferentes atividades de trabalho dos brasileiros em regiões diversas do país. Apresentem as pinturas para a turma e expliquem, com a **leitura de imagem**, como o pintor resgata o tema com elementos da composição visual (cor, forma, enquadramento das imagens).

## Astúcias do texto

A prosa modernista da década de 1930 se desenvolveu durante a Primeira República: com conflitos militares (Tenentismo e Coluna Prestes), desgaste da política do café com leite, profunda crise cafeeira, além da "quebra" da Bolsa de Nova York (1929), que atingiu todo o mundo capitalista. Esses fatores ajudaram a deflagrar a Revolução de 1930, dando início ao Estado Novo (1937-1945), com a chamada Era Vargas.

## A prosa moderna do regionalismo

Os escritores da segunda fase modernista concentram-se principalmente na região Nordeste e estão comprometidos com a luta política e com a crítica social. Eles entendem que, por meio da literatura, podem enfrentar os temas de denúncia social, como a miséria da seca, a migração, o cangaço, o coronelismo e a luta pela terra. Entre esses escritores destacam-se José Américo de Almeida, Rachel de Queiroz, Graciliano Ramos, José Lins do Rego e Jorge Amado.

## José Américo de Almeida, prefácio de **A bagaceira**

Vamos começar o estudo da produção literária de 1930 com a leitura do prefácio de **A bagaceira**. Escrito por José Américo de Almeida, o romance foi publicado em 1928, marcando o início da geração regionalista do Nordeste. É um retrato social do nordestino, em que estão postos em confronto o sertanejo, habitante do interior e representante do povo forte, e o brejeiro, habitante do litoral. A narrativa recupera temas como seca × fartura, sertanejo × senhor de engenho, casa-grande × senzala.

### Antes que me falem

Há muitas formas de dizer a verdade. Talvez a mais persuasiva seja a que tem a aparência de mentira.

\*

Se escapar alguma exaltação sentimental, é a tragédia da própria realidade. A paixão só é romântica quando é falsa.

\*

O naturalismo foi uma bisbilhotice de trapeiros. Ver bem não é ver tudo: é ver o que os outros não veem.

\*

A alma semibárbara só é alma pela violência dos instintos. Interpretá-la com uma sobriedade artificial seria tirar-lhe a alma.

\*

Há uma miséria maior do que morrer de fome no deserto: é não ter o que comer na terra de Canaã.

\*

É um livro triste que procura a alegria. A tristeza do povo brasileiro é uma licença poética...

\*

Os grandes abalos morais são como as bexigas: se não matam, imunizam. Mas deixam a marca ostensiva.

\*

O regionalismo é o pé do fogo da literatura... Mas a dor é universal, porque é uma expressão de humanidade. E nossa ficção incipiente não pode competir com os temas cultivados por uma inteligência mais requintada: só interessará por suas revelações, pela originalidade de seus aspectos despercebidos.

\*

O amor aqui é um tudo-nada de concessão lírica ao clima e à raça. É um problema de moralidade com o preconceito da vingança privada.

\*

Um romance brasileiro sem paisagem seria como Eva expulsa do paraíso. O ponto é suprimir os lugares-comuns da natureza.

\*

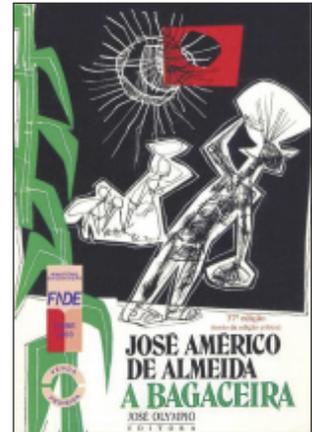
A língua nacional tem rr e ss finais... Deve ser utilizada sem os plebeísmos que lhe afeiam a formação. Brasileirismo não é corruptela nem solecismo. A plebe fala errado; mas escrever é disciplinar e construir...

\*

Valem as reticências e as intenções.

O Romancista

ALMEIDA, José Américo de. **A bagaceira**. 19. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1981. p. 2.



Editora José Olympio

Capa e ilustrações de Poty (1924-1998), um dos maiores ilustradores brasileiros, para o romance **A bagaceira**.

**solecismo**: erro de sintaxe.

O título do romance remete ao local no engenho em que se junta o bagaço de cana. O prefácio, assinado por “O Romancista”, é uma espécie de manifesto, no qual explica sua visão da literatura.

1. Segundo o romancista:

FAÇA NO  
CADERNO

- O que é o regionalismo?
- Como ele considera o romance brasileiro?
- Como entende a língua nacional?

2. O prefácio discute que a arte recria a realidade. Explique a afirmação do autor sobre o livro como um protesto contra o absurdo de “não ter o que comer na terra de Canaã”.

### José Américo de Almeida: um imortal

A obra do paraibano José Américo de Almeida (1887-1980) é, até hoje, um marco na reflexão sobre um Brasil brasileiro. No prefácio lido, está seu estilo conciso, com períodos curtos e frases justapostas, anunciando novas formas narrativas.

O escritor participou do movimento modernista do Nordeste em 1926, com Gilberto Freyre e José Lins do Rego. Atuante na vida política, social e cultural, foi eleito para a Academia Brasileira de Letras, em 1967.

José Américo de Almeida.



Folhapress

### Rachel de Queiroz: uma precursora do ciclo regionalista nordestino

A cearense Rachel de Queiroz (1910-2003) foi pioneira do romance regionalista com a obra **O quinze**, publicado em 1930. O assunto é a grande seca de 1915, que assolou a região nordestina. A personagem principal de sua obra é o sertanejo, com sua capacidade de superar dificuldades e de conservar vivo seu senso de justiça e responsabilidade.

Em 1977, foi eleita para a Academia Brasileira de Letras. Escreveu **Dora, Doralina** (1976), **As meninas e outras crônicas** (1976) e **Memorial de Maria Moura** (1992), livro adaptado para a minissérie de mesmo nome da Rede Globo.

Rachel de Queiroz, em 1982.



Marcos de Oliveira/CB/D.A. Press

## Graciliano Ramos em **Vidas secas**

A leitura dos romances sociais desse período nos convida a percorrer o sertão, a mata, a fazenda, a vila, a cidade, a casa. Encontramos fazendeiros, vaqueiros, empregados, funcionários e políticos para reviver a dura experiência humana da seca. Narrativas cotidianas marcantes ganham cidadania literária e ajudam a conscientizar o leitor acerca dos problemas brasileiros.

Um dos maiores escritores da literatura brasileira é o alagoano Graciliano Ramos. Seu romance regionalista mais importante é **Vidas secas**, publicado em 1938. Inicialmente, circulou em jornais do Rio de Janeiro e da Argentina, como contos que depois formaram os 13 capítulos do livro. Eles mantêm uma estrutura descontínua, reafirmando o isolamento e a instabilidade da família de retirantes composta de Fabiano, sinha Vitória, o menino mais velho, o menino mais novo e a cachorra Baleia.

Leia o penúltimo capítulo da obra.

### O mundo coberto de penas

O mulungu do bebedouro cobria-se de arribações. Mau sinal, provavelmente o sertão ia pegar fogo. Vinham em bandos, arranchavam-se nas árvores da beira do rio, descansavam, bebiam e, como em redor não havia comida, seguiam viagem para o sul. O casal agoniado sonhava desgraças. O sol chupava os poços, e aquelas excomungadas levavam o resto da água, queriam matar o gado.

Sinha Vitória falou assim, mas Fabiano resmungou, franziu a testa, achando a frase extravagante. Aves matarem bois e cabras, que lembrança! Olhou a mulher, desconfiado, julgou que ela estivesse tresvariando. Foi sentar-se no banco do copiar, examinou o céu limpo, cheio de claridade e de mau agouro, que a sombra das arribações cortava. Um bicho de penas matar o gado: Provavelmente sinha Vitória não estava regulando.

Fabiano estirou o beijo e enrugou mais a testa suada: impossível compreender a intenção da mulher. Não atinava. Um bicho tão pequeno! Achou a coisa obscura e desistiu de aprofundá-la. Entrou em casa, trouxe o aió, preparou um cigarro, bateu com o fuzil na pedra, chupou uma tragada longa. Espiou nos quatro cantos, ficou alguns minutos voltado para o norte, coçando o queixo.

— Chi! Que fim de mundo!

Não permaneceria ali muito tempo. No silêncio comprido só se ouvia um rumor de asas.

Como era que sinha Vitória tinha dito? A frase dela tornou ao espírito de Fabiano e logo a significação apareceu. As arribações bebiam a água. Bem. O gado curti sede e morria. Muito bem. As arribações matavam o gado. Estava certo. Matutando, a gente via que era assim, mas sinha Vitória largava tira-

**aió:** bolsa de caça trançada com fibras.

**arranchar-se:** abrigar-se provisoriamente em ranchos.

**arribação:** migração das aves em determinadas estações do ano em busca de condições mais favoráveis a sua condição biológica.

**mulungu:** árvore com madeira branca e flores vermelhas ou alaranjadas.



Capa de **Vidas secas** com ilustração do artista plástico Aldemir Martins (1922-2006).

- aluvião:** terreno em que se acumulam areia, cascalho e lodo por causa da enxurrada.
- garrancheira:** porção de galhos.
- polvarinho:** frasco de levar pólvora para a caça.
- salobra:** gosto ruim, salgado.

das embaraçosas. Agora Fabiano percebia o que ela queria dizer. Esqueceu a infelicidade próxima, riu-se encantado com a esperteza de sinha Vitória. Uma pessoa como aquela valia ouro. Tinha ideias, sim senhor, tinha muita coisa no miolo. Nas situações difíceis encontrava saída. Então! Descobrir que as arribações matavam o gado! E matavam. Àquela hora o mulungu do bebedouro, sem folhas e sem flores, uma garrancharia pelada, enfeitava-se de penas.

Desejou ver aquilo de perto, levantou-se, botou o aió a tiracolo, foi buscar o chapéu de couro e a espingarda de pederneira. Desceu o copiar, atravessou o pátio, avizinhou-se da ladeira pensando na cachorra Baleia. Coitadinha. Tí-nham lhe aparecido aquelas coisas horríveis na boca, o pelo caíra, e ele precisara matá-la. Teria procedido bem? Nunca havia refletido nisso. A cachorra estava doente. Podia consentir que ela mordesse os meninos? Podia consentir? Loucura expor as crianças à hidrofobia. Pobre da Baleia. Sacudiu a cabeça para afastá-la do espírito. Era o diabo daquela espingarda que lhe trazia a imagem da cadelinha. A espingarda, sem dúvida. Virou o rosto defronte das pedras do fim do pátio, onde Baleia aparecera fria, inteiriçada, com os olhos comidos pelos urubus.

Alargou o passo, desceu a ladeira, pisou a terra de aluvião, aproximou-se do bebedouro. Havia um bater doido de asas por cima da poça de água preta, a garrancheira do mulungu estava completamente invisível. Pestes. Quando elas desciam do sertão, acabava-se tudo. O gado ia finir-se, até os espinhos secariam.

Suspirou. Que havia de fazer? Fugir de novo, aboletar-se noutra lugar, recomençar a vida. Levantou a espingarda, puxou o gatilho sem pontaria. Cinco ou seis aves caíram no chão, o resto se espantou, os galhos queimados surgiram nus. Mas pouco a pouco se foram cobrindo, aquilo não tinha fim.

Fabiano sentou-se desanimado na ribanceira do bebedouro, carregou lentamente a espingarda com chumbo miúdo e não socou a bucha, para a carga espalhar-se e alcançar muitos inimigos. Novo tiro, novas quedas, mas isto não deu nenhum prazer a Fabiano. Tinha ali comida para dois ou três dias; se possuísse munição, teria comida para semanas e meses.

Examinou o polvarinho e o chumbeiro, pensou na viagem, estremeceu. Tentou iludir-se, imaginou que ela não se realizaria se ele não a provocasse com ideias ruins. Reacendeu o cigarro, procurou distrair-se falando baixo. Sinhá Terta era pessoa de muito saber naquelas beiradas. Como andariam as contas com o patrão? Estava ali o que ele não conseguiria nunca decifrar. Aquele negócio de juros engolia tudo, e afinal o branco ainda achava que fazia favor. O soldado amarelo...

Fabiano, encaiporado, fechou as mãos e deu murros na coxa. Diabo. Esforçava-se por esquecer uma infelicidade, e vinham outras infelicidades. Não queria lembrar-se do patrão nem do soldado amarelo. Mas lembrava-se, com desespero, enroscando-se como uma cascavel assanhada. Era um infeliz, era a criatura mais infeliz do mundo. Devia ter ferido naquela tarde o soldado amarelo, devia tê-lo cortado a facão. Cabra ordinário, mofino, encolhera-se e ensinou o caminho. Esfregou a testa suada e enrugada. Para que recordar vergonha? Pobre dele. Estava então decidido que viveria sempre assim? Cabra safado, mole. Se não fosse tão fraco, teria entrado no cangaço e feito misérias. Depois levaria um tiro de emboscada ou envelheceria na cadeia, cumprindo sentença, mas isto não era melhor que acabar-se numa beira de caminho, assando no calor, a mulher e os filhos acabando-se também. Devia ter furado o pescoço do amarelo com faca de ponta, devagar. Talvez estivesse preso e respeitado, um homem respeitado, um homem. Assim como estava, ninguém podia respeitá-lo. Não era homem, não era nada. Aguentava zinco no lombo e não se vingava.

— Fabiano, meu filho, tem coragem. Tem vergonha, Fabiano. Mata o soldado amarelo. Os soldados amarelos são uns desgraçados que precisam morrer. Mata o soldado amarelo e os que mandam nele.

Como gesticulava com furor, gastando muita energia, pôs-se a resfolegar e sentiu sede. Pela cara vermelha e queimada o suor corria, tornava mais escura a barba ruiva. Desceu da ribanceira, agachou-se à beira da água salobra, pôs-se a beber ruidosamente nas palmas das mãos. Uma nuvem de arribações voou assustada. Fabiano levantou-se, um brilho de indignação nos olhos.

— Miseráveis.

A cólera dele se voltava de novo contra as aves. Tornou a sentar-se na ribanceira, atirou muitas vezes nos ramos do mulungu, o chão ficou todo coberto de cadáveres. Iam ser salgados, estendidos em cordas. Tencionou aproveitá-los como alimento na viagem próxima. Devia gastar o resto do dinheiro em chumbo e pólvora, passar um dia no bebedouro, depois largar-se pelo mundo. Seria necessário mudar-se? Apesar de saber perfeitamente que era necessário, agarrou-se a esperanças frágeis. Talvez a seca não viesse, talvez

chovesse. Aqueles malditos bichos é que lhe faziam medo. Procurou esquecê-los. Mas como poderia esquecê-los se estavam ali, voando-lhe em torno da cabeça, agitando-se na lama, empoleirados nos galhos, espalhados no chão, mortos? Se não fossem eles, a seca não existiria. Pelo menos não existiria naquele momento: viria depois, seria mais curta. Assim, começava logo — e Fabiano sentia-a de longe. Sentia-a como se ela já tivesse chegado, experimentava adiantadamente a fome, a sede, as fadigas imensas das retiradas. Alguns dias antes estava sossegado, preparando látegos, consertando cercas. De repente, um risco no céu, outros riscos, milhares de riscos juntos, nuvens, o medonho rumor de asas a anunciar destruição. Ele já andava meio desconfiado vendo as fontes minguarem. E olhava com desgosto a brancura das manhãs longas e a vermelhidão sinistra das tardes. Agora confirmavam-se as suspeitas.

— Miseráveis.

As bichas excomungadas eram a causa da seca. Se pudesse matá-las, a seca se extinguiria. Mexeu-se com violência, carregou a espingarda furiosamente. A mão grossa, cabeluda, cheia de manchas e descascada, tremia sacudindo a vareta.

— Pestes.

Impossível dar cabo daquela praga. Estirou os olhos pela campina, achou-se isolado. Sozinho num mundo coberto de penas, de aves que iam comê-lo. Pensou na mulher e suspirou. Coitada de sinha Vitória, novamente nos descampados, transportando o baú de folha. Uma pessoa de tanto juízo marchar na terra queimada, esfolar os pés nos seixos, era duro. As arribações matavam o gado. Como tinha sinha Vitória descoberto aquilo. Difícil. Ele, Fabiano, espremendo os miolos, não diria semelhante frase. Sinha Vitória fazia contas direito: sentava-se na cozinha, consultava montes de sementes de várias espécies, correspondentes a mil-réis, tostões e vinténs. E acertava. As contas do patrão eram diferentes, arrançadas a tinta e contra o vaqueiro, mas Fabiano sabia que elas estavam erradas e o patrão queria enganá-lo. Enganava. Que remédio? Fabiano, um desgraçado, um cabra, dormia na cadeia e aguentava zinco no lombo. Podia reagir? Não podia. Um cabra. Mas as contas de sinha Vitória deviam ser exatas. Pobre de sinha Vitória. Não conseguiria nunca estender os ossos numa cama, o único desejo que tinha. Os outros não se deitavam em camas? Receando magoá-la, Fabiano concordava com ela, embora aquilo fosse um sonho. Não poderiam dormir como gente. E agora iam ser comidos pelas arribações.

Desceu da ribanceira, apanhou lentamente os cadáveres, meteu-os no aió, que ficou cheio, empanzinado. Retirou-se devagar. Ele, sinha Vitória e os dois meninos comeriam as arribações.

Se a cachorra Baleia estivesse viva, iria regalar-se. Por que seria que o coração dele se apertava? Coitadinha da cadela. Matara-a forçado, por causa da moléstia. Depois voltara aos látegos, às cercas, às contas embaraçadas do patrão. Subiu a ladeira, avizinhou-se dos juazeiros. Junto à raiz de um deles a pobrezinha gostava de espojar-se, cobrir-se de garranchos e folhas secas. Fabiano suspirou, sentiu um peso enorme por dentro. Se tivesse cometido um erro? Olhou a planície torrada, o morro onde os preás saltavam, confessou às catingueiras e aos alaistrados que o animal tivera hidrofobia, ameaçara as crianças. Matara-o por isso.

Aqui as ideias de Fabiano atrapalharam-se: a cachorra misturou-se com as arribações, que não se distinguíam da seca. Ele, a mulher e os dois meninos seriam comidos. Sinha Vitória tinha razão: era atilada e percebia as coisas de longe. Fabiano arregalava os olhos e desejava continuar a admirá-la. Mas o coração grosso, como um cururu, enchia-se com a lembrança da cadela. Coitadinha, magra, dura, inteiriçada, os olhos arrancados pelos urubus.

Diante dos juazeiros, Fabiano apressou-se. Sabia lá se a alma de Baleia andava por ali, fazendo visagem?

Chegou-se a casa, com medo. Ia escurecendo, e àquela hora ele sentia sempre uns vagos terrores. Ultimamente vivia esmorecido, mofino, porque as desgraças eram muitas. Precisava consultar sinha Vitória, combinar a viagem, livrar-se das arribações, explicar-se, convencer-se de que não praticara injustiça matando a cachorra. Necessário abandonar aqueles lugares amaldiçoados. Sinha Vitória pensaria como ele.

**atilado:** esperto, sagaz, perspicaz.  
**empanzinado:** abarrotado.  
**látego:** chicote.

RAMOS, Graciliano. **Vidas secas**. 63. ed. Rio de Janeiro: Record, 1992. p. 108-114.

Os capítulos do romance se justapõem sem sequência definida. O primeiro, “Mudança”, mostra a chegada da família de retirantes a uma velha fazenda abandonada; o último, “Fuga”, narra a viagem da família para o Sul do país.

1. Nesse capítulo, vamos recuperar as personagens por meio da memória de Fabiano, apresentada pelo narrador em terceira pessoa.

- a) Quem é esse sertanejo?
- b) Quem é Baleia para ele?
- c) Como Fabiano vê sinha Vitória?
- d) E o soldado amarelo?

FAÇA NO  
CADERNO

2. Graças à metonímia que dá título ao capítulo “O mundo coberto de penas”, o narrador constrói a paisagem em que as ações ocorrem.
- Quais são os dois sentidos que o termo “penas” pode apresentar?
  - A que situação social se refere o título do capítulo?
  - Identifique os sons que marcam esse mundo físico.

FAÇA NO  
CADERNO

Observe que a fala interior de Fabiano é marcada pela dúvida. Há várias passagens em que ele se questiona sobre sua identidade e sua ação no mundo, apresentando uma outra voz bem diferente da que se exterioriza.

3. Um dos traços marcantes do texto é a linguagem empregada, pois o diálogo praticamente inexistente e a voz do narrador se mescla com a de Fabiano. Na maior parte da narrativa, porém, essas diferentes vozes não são marcadas pela pontuação do discurso direto nem pelos verbos de introdução do discurso indireto; para introduzir o discurso do outro, o narrador usa o discurso indireto livre. Esse recurso é usado para dar verossimilhança à narrativa, manifestando pensamentos e desejos.
- Quais são os pensamentos de Fabiano expressos pelo discurso indireto livre?
  - O que eles significam?

#### Graciliano Ramos: homem da terra

Graciliano Ramos (1892-1953) nasceu em Quebrângulo, Alagoas. Foi comerciante em Palmeira dos Índios e, por meio do jornalismo e da administração pública, tornou-se prefeito da cidade. Em 1936, na era Vargas, foi preso por suspeita de comunismo. Um ano depois, libertado, foi trabalhar no Rio de Janeiro. Depois da experiência do cárcere, filiou-se ao Partido Comunista Brasileiro e fez uma longa viagem pelos países socialistas.

Seu primeiro romance foi **Caetés** (1933), seguido de **São Bernardo** (1934), narrativa em primeira pessoa, em que recupera a vida de Paulo Honório e sua brutalidade para emergir da miséria. **Angústia** (1936) desenvolve uma cuidadosa análise interior. O relato de sua vida infantil está em **Infância** (1945) e o de sua prisão encontra-se em **Memórias do cárcere** (1953).



Arquivo/AGE/Estadão Conteúdo

Graciliano Ramos.

#### A VOZ DA CRÍTICA

A respeito de **Vidas secas**, o cronista Rubem Braga fez sua avaliação:

Quem pega no romance logo repara. Cada capítulo desse pequeno livro dispõe de uma certa autonomia, e é capaz de viver por si mesmo. Pode ser lido em separado. É um conto. Esses contos se juntam e fazem um romance. Graciliano não fez assim por recreação literária. Fez por necessidade financeira. Ia escrevendo e vendendo à prestação. Vendeu vários contos. Alguns capítulos ele fez de maneira a poder rachar ao meio. Foi colocando aquilo a varejo, em nosso pobre mercado literário. Depois vendeu tudo por atacado, com o nome de romance. [...]

A ação de seu livro está tão bem, tão cômoda no seu estilo como Fabiano dentro de sua roupa de couro, ou um mecânico dentro de um macacão. Note-se que tanto uma roupa de vaqueiro como um macacão são roupas estéticas. O estilo de Graciliano é, antes de tudo, eficiente. E com esse estilo ele conta sobre Fabiano, a mulher, os filhos, a cachorra e a vida, coisas certas, profundas e belas.

BRAGA, Rubem. **Teresa**: revista de literatura brasileira, São Paulo: Editora 34, n. 2, p. 127-128, 2001.

## José Lins do Rego em Fogo morto

O romance **Fogo morto** (1943), escrito por José Lins do Rego, é considerado uma obra-prima do regionalismo. O autor mostra a decadência dos engenhos de açúcar nordestinos e os problemas posteriores à abolição dos escravos, dentro de um cenário de transição da vida rural do Nordeste.

Composto de 21 capítulos, a narrativa está dividida em três partes: “O mestre José Amaro”, “O engenho de Seu Lula” e “O capitão Vitorino”. Há três personagens que mostram a dimensão do homem nordestino:

- o seleiro José Amaro vive na Zona da Mata, onde as pessoas são necessariamente posse de outras pessoas; ele luta pelo direito à liberdade por meio de seus diálogos com as pessoas que o visitam; sua filha, louca, chora pelos cantos da casa e sua mulher o abandona;

- o coronel Luís César de Holanda Chacon, senhor do engenho Santa Fé, prepotente e mesquinho, trata mal os escravos, que abandonam a propriedade rural depois da abolição; sua péssima administração acabou levando o engenho a “fogo morto” (designação para engenho paralisado);
- o compadre Vitorino Carneiro da Cunha é uma das personagens centrais do romance, uma figura idealista, que luta contra a prepotência dos senhores rurais; é o protetor dos oprimidos.

No texto 1, temos o início do primeiro capítulo do livro, em que o narrador onisciente retrata a presença sofrida de Zé Amaro, um trabalhador artesanal, orgulhoso de sua luta. O texto 2 é o início do primeiro capítulo da terceira e última parte, momento em que aparecem os vários poderes da Vila do Pilar, na Paraíba.

### Texto 1

— Bom dia, mestre Zé — foi dizendo o pintor Laurentino a um velho, de aparência doentia, de olhos amarelos, de barba crescida.

— Está de passagem, Seu Laurentino?

— Vou ao Santa Rosa. O Coronel mandou me chamar para um serviço de pintura na casa-grande. Vai casar filha.

O mestre José Amaro, seleiro dos velhos tempos, trabalhava na porta de casa, com a fresca da manhã de maio agitando as folhas da pitombeira que sombreava a sua casa de taipa, de telheiro sujo. Lá para dentro estava a família. Sentia-se cheiro de panela no fogo, chiado do toicinho no braseiro que enchia a sala de fumaça.

— Vai trabalhar para o velho José Paulino? É bom homem, mas eu lhe digo: estas mãos que o senhor vê nunca cortaram sola para ele. Tem a sua riqueza, e fique com ela. Não sou criado de ninguém. Gritou comigo, não vai.

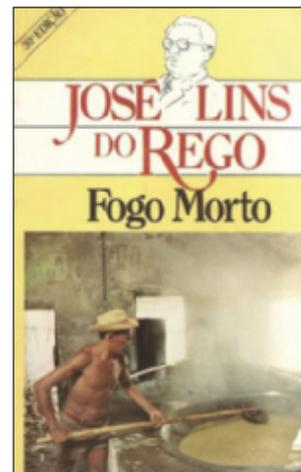
— Grita, mas é bom homem, mestre Zé.

— Eu sei. A bondade dele não me enche a barriga. Trabalho para homem que me respeite. Não sou um traste qualquer. Conheço estes senhores de engenho da Ribeira como a palma da minha mão. Está aí, o Seu Álvaro do Aurora custa a pagar. É duro de roer, mas gosto daquele homem. Não tem este negócio de grito, fala manso. É homem de trato. Isto de não pagar não está na vontade dele. Também aquele Aurora não ajuda a ninguém.

— Muito trabalho, mestre Zé?

— Está vasqueiro. Tenho umas encomendas de Gurinhém. Um tangerino passou por aqui e me encomendou esta sela e uns arreios. Estou perdendo o gosto pelo ofício. Já se foi o tempo em que dava gosto trabalhar numa sela. Hoje estão comprando tudo feito. E que porcaria se vendem por aí! Não é para me gabar. Não troco uma peça minha por muita preciosidade que vejo. Basta lhe dizer que o Seu Augusto do Oiteiro adquiriu na cidade uma sela inglesa, coisa cheia de arrebiques. Pois bem, aqui esteve ela para conserto. Eu fiquei me rindo quando o portador do Oiteiro me chegou com a sela. E disse, lá isto disse: “Por que Seu Augusto não manda consertar esta bicha na cidade?”. E deu pela sela um preço. Se eu fosse pedir o que pagam na cidade, me chamavam de ladrão. E, mestre José Amaro sabe trabalhar, não rouba a ninguém, não faz coisa de carregação. Eles não querem mais os trabalhos dele. Que se danem. Aqui nesta tenda só faço o que quero.

REGO, José Lins do. **Fogo morto**. 9. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1969. p. 3-4.



Editora Nova Fronteira

**Napoleão:** pessoa rica; alusão ao imperador francês Napoleão Bonaparte (1769-1821).  
**tangerino:** condutor de gado.  
**vasqueiro:** escasso, raro.

### Texto 2

Uma noite de escuro, Antônio Silvino atacou o Pilar. Não houve resistência nenhuma. A guarda da cadeia corra aos primeiros tiros, e os poucos soldados do destacamento ganharam o mato às primeiras notícias do assalto. Os cangaceiros soltaram os presos, cortaram os fios do telégrafo da estrada de ferro e foram à casa do prefeito Napoleão para arrasá-lo. O comendador não estava no Pilar. Mas D. Inês, a sua mulher, recebeu-os com uma coragem de espantar. O Capitão Antônio Silvino pediu as chaves do cofre e ela, com o maior sangue-frio, foi-lhe dizendo que tudo que era de chaves de responsabilidade estava com o marido. O cangaceiro ameaçou de botar fogo no estabelecimento e D. Inês não se mostrara atemorizada. Era uma mulher pequena, de cabelos brancos, de olhos vivos. Fizesse ele o que bem quisesse. E ficou na sala de visita, tranquila, muda, enquanto os homens mexiam nos quartos, furavam os colchões, atrás do dinheiro do velho Napoleão. Havia dois caixões cheios de níqueis, de moedas de cruzados, de tostões. O cofre, num canto da casa, enraivecia o Capitão Antônio Silvino. Ameaçou a mulher, mandava-lhe passar o couro, e ela, muito calma, só dizia que nada podia fazer. Era uma mulher fraca, não tinha jeito para se defender. O povo estava à porta da loja, esperando os acontecimentos. As luzes do sobrado do prefeito en-

chiam a casa, como em noite de festa. Depois, o Capitão Antônio Silvino baixou para a casa de comércio, abriu as portas largas, e mandou que todos entrassem. Ia dar tudo que era do comendador aos pobres. Foi uma festa. Peças de fazenda, carretéis de linha, chapéus, mantas de carne, sacos de farinha, latas de querosene, fogos do ar, candeeiros, tudo distribuído como por encanto. Mais para a tarde, o capitão chegou à varanda do sobrado e gritou:

— Podem encher a barriga. Este ladrão que fugiu me mandou denunciar ao governo. Agora estou dando um ensino neste cachorro.

E em seguida mandou sacudir os dois caixões de níqueis no meio da rua. O povo caiu em cima das moedas como galinha em milho de terreiro. O sobrado, todo iluminado, era, na noite escura, como de um conto de fada. Dona Inês lá dentro, sentada num grande sofá, parecia que não era senhora de todos aqueles bens que se consumiam à toa. De madrugada, o cangaceiro saiu com o seu grupo. Então, quando se viu livre da pressão, a velha, como água que rompesse um balde de açude, caiu num pranto desesperado, em soluços que enchiam a rua de pena. O povo ainda catava os níqueis, pela areia. Havia mulheres de peneira, como se estivessem pescando de jereré. Um silêncio de morte caiu sobre a vila. A cadeia de portas escancaradas. O delegado José Medeiros havia sido agredido por um dos cabras; o juiz municipal, Dr. Samuel, se escondera na casa do padre. A madrugada chegou para um Pilar desperto, com os pobres com as mercadorias do rico da terra, como uma fartura que viesse do céu. O Capitão Antônio Silvino sabia agradecer. Todos o tinham na conta de pai dos pobres.

O mestre José Amaro só viera a saber do acontecimento com o sol alto. Passara pela sua porta um cargueiro de S. Miguel que lhe contara tudo. Os cangaceiros tinham arrasado o comércio da vila. Havia gente de barriga cheia no Pilar. O povo tirara o pé da lama.

REGO, José Lins do. **Fogo morto**. 9. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1969. p. 205-206.

**cargueiro:** condutor de boi de carga.  
**jereré:** rede presa em um semicírculo de madeira e com um cabo longo.

FAÇA NO  
CADERNO

- Nos dois trechos, a narrativa gira em torno das relações de trabalho.
  - Identifique as profissões que circulam em torno da casa-grande.
  - Por que Zé Amaro é chamado de mestre?
  - Qual é a posição do mestre frente ao coronel José Paulino, chefe político da região?
  - Qual é a relação do capitão Antônio Silvino com o poder?
- Pilar é uma vila no sertão da Paraíba onde se situam os engenhos Santa Rosa (do coronel José Paulino) e Santa Fé (do coronel Lula de Holanda). Nesse trecho, a hierarquia de poder da cidade organiza-se em dois eixos: o governo e o poder paralelo. Responda.
  - Quem representava o poder oficial?
  - Que outros cargos ficavam hierarquicamente abaixo desse poder?
  - Quem representava o poder paralelo?

A linguagem literária recupera diferentes realidades humanas. No texto, o narrador traz uma sintaxe da norma-padrão ao lado de expressões regionais, marcando a fala popular.

- Identifique a maneira de falar do seleiro, do cangaceiro e do narrador onisciente. Em que eles se distinguem?

A VOZ DA CRÍTICA

O historiador brasileiro Iranilson Buriti de Oliveira dá sua avaliação a respeito dessa obra:

Em **Fogo morto**, o fim chega com a usina. O espaço de engenhos moendo em ritmo lento, de carros de bois cantando com o peso da cana, de negros limpando o eito (a roça onde se estendia a plantação), começa a sair do marasmo com a imagem frenética da usina, suas turbinas importadas da Inglaterra, caldeiras enormes, apitos estridentes, e uma produção bem maior. As famílias tradicionais, acostumadas com o tempo do engenho, pareciam agora sem raízes, objetos móveis sem identidade: “Coitado do Santa Fé! Já o conheci de fogo morto. Uma desolação do fim de vida, de ruína, que dá à paisagem uma melancolia de cemitério abandonado.” José Lins do Rego escreve à sombra dos engenhos, ouvindo a gritaria dos “cabras do eito”, o ruído das mulheres lavando roupa à beira dos rios Paraíba ou Mamanguape, a presença de coronéis berrando para os trabalhadores, dando ordens e recebendo reclamações. [...]

É uma literatura compromissada em representar as angústias da elite do açúcar naquele presente e a sua prosperidade no passado.

OLIVEIRA, Iranilson Buriti de. Memórias de açúcar e crise. **Nossa História**, Rio de Janeiro, n. 11, p. 84-87, set. 2004.

**José Lins do Rego: memórias em torno do engenho**

Escritor, jornalista, diplomata, cronista, José Lins do Rego nasceu no Engenho Corredor, em Pilar (1901-1957), na Paraíba, cenário rural que inspirou suas obras e onde passou parte importante de sua infância. Em 1935, transferiu-se para o Rio de Janeiro, onde passou a defender a região canavieira de Pernambuco e da Paraíba. Pouco antes de morrer, foi eleito para a Academia Brasileira de Letras.

Sua obra foi organizada em três fases:

- a) ciclo da cana-de-açúcar: o próprio autor os classificou de “fragmentos de um discurso amoroso” pelo Nordeste do canavieiro, do senhor de engenho: **Menino de engenho** (1932), **Doidinho** (1933), **Banguê** (1934), **Usina** (1936), **Fogo morto** (1943);
- b) ciclo do cangaço, misticismo e seca: **Pedra bonita** (1938), **Cangaceiros** (1953);
- c) obras independentes: **O moleque Ricardo** (1935), **Pureza** (1937), **Riacho doce** (1939), **Água-mãe** (1941), **Eurídice** (1947).

No fim da década de 1990, o romance **Riacho doce** foi adaptado para a televisão em minissérie da Rede Globo; em 1998, o cineasta Fábio Barreto o transpôs para o cinema com o nome de **Bela donna**.



Arquivo/Estação Conteúdo

José Lins do Rego, em 1957.

**Jorge Amado em mil histórias de Gabriela**

A produção ficcional de Jorge Amado é uma das mais lidas não só no Brasil como no exterior, pois seus romances foram traduzidos em mais de 48 línguas estrangeiras. Os primeiros romances projetam o povo humilde da Bahia; os da segunda fase retratam os costumes e os valores da sociedade baiana, mistura de raças.

Sua obra mais conhecida, publicada em 1958, é **Gabriela, cravo e canela**: crônica de uma cidade do interior. A história se organiza em dois eixos narrativos: o primeiro mostra o conflito entre Ramiro Bastos, antigo coronel da região, e Mundinho Falcão, vindo do Rio de Janeiro, exportador de cacau; o segundo desenvolve-se em torno da história de amor entre Gabriela, retirante encontrada no mercado de escravos, e Nacib, árabe naturalizado brasileiro. O narrador também traz os hábitos da população de Ilhéus, na Bahia, e suas festas em plena década de 1920, período áureo da produção cacauzeira.

Esse livro é considerado um *best-seller*, com 82 edições publicadas, o que revela que a humanidade das personagens continua interessando aos leitores.

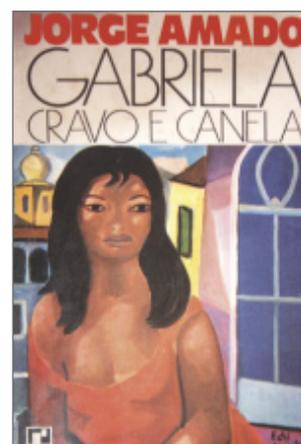
Agora você vai ler um trecho de **Gabriela, cravo e canela**, em que se flagra a chegada de Gabriela à cidade de Ilhéus.

Clemente não tinha ofício. Labutara sempre no campo, plantar, roçar e colher era tudo o que sabia. Ademais viera com a intenção de se meter nas rotas de cacau, tinha ouvido tanta história de gente chegando como ele, batida pela seca, fugindo do sertão, quase morta de fome, e enriquecendo naquelas terras em pouco tempo. Era o que diziam pelo sertão, a fama de Ilhéus corria mundo, os cegos cantavam suas grandezas nas violas, os caixeiros viajantes falavam daquelas terras de fartura e valentia, ali um homem se arranjava num abrir e fechar de olhos, não havia lavoura mais próspera que a do cacau. Os bandos de imigrantes desciam do sertão, a seca nos seus calcanhares, abandonavam a terra árida onde o gado morria e as plantações não vingavam, tomavam as picadas em direção ao sul. Muitos ficavam pelo caminho, não suportavam a travessia de horrores, outros morriam ao entrar na região das chuvas onde o tifo, o impaludismo, a bexiga os esperavam. Chegavam dizimados, restos de famílias, quase mortos de cansaço, mas os corações pulsavam de esperança naquele dia derradeiro de marcha. Um pouco mais de esforço e teriam atingido a cidade rica e fácil. As terras do cacau onde dinheiro era lixo nas ruas.

Clemente ia carregado. Além de seus haveres — a harmônica e um saco de pano cheio pela metade — levava a trouxa de Gabriela. A marcha era lenta, iam velhos entre eles e mesmo os moços estavam no limite da fadiga, não podiam mais. Alguns quase se arrastavam, sustentados apenas pela esperança.

Só Gabriela parecia não sentir a caminhada, seus pés como que deslizando pela picada muitas vezes aberta na hora a golpes de facão, na mata virgem. Como se não existissem as pedras, os tocos, os cipós emaranhados.

A poeira dos caminhos da caatinga a cobria tão por completo que era impossível distinguir seus traços. Nos cabelos já não penetrava o pedaço de pente, tanto pó se acumulava. Parecia uma demente perdida nos caminhos. Mas Clemente sabia como ela era deveras e o sabia em cada partícula do seu ser, na ponta



Editora Record

dos dedos e na pele do peito. Quando os dois grupos se encontraram, no começo da viagem, a cor do rosto de Gabriela e de suas pernas ainda era visível e os cabelos rolavam sobre o cangote, espalhando perfume. Ainda agora, através da sujeira a envolvê-la, ele a enxergava como a vira no primeiro dia, encostada numa árvore, o corpo esguio, o rosto sorridente, mordendo uma goiaba.

— Tu parece que nem veio de longe.

AMADO, Jorge. **Gabriela, cravo e canela**. 82. ed. São Paulo: Record, 2000. p. 77-78.

1. O narrador mostra a mesma problemática social de Graciliano Ramos e José Lins do Rego: as personagens estão fugindo para o Sul em busca de um sonho.
  - a) Para onde vão os sertanejos?
  - b) O que eles procuram?
  - c) Como é o caminho dos retirantes até chegarem à “terra prometida”?
  - d) Por que alguns retirantes morrem?
2. Entre os retirantes, aparece uma personagem com postura diferente.
  - a) Como o narrador descreve a caminhada de Gabriela?
  - b) Como ela reage às dificuldades da viagem?

FAÇA NO  
CADERNO

A VOZ DA CRÍTICA

Fábio Lucas, crítico literário mineiro, em uma cuidadosa análise intitulada “A contribuição amadiana ao romance social brasileiro”, explica a importância do escritor:

Toda a motivação literária de Jorge Amado encaminhou-se para atacar a ética do capital. [...] Ao romance Jorge Amado incorpora com arte os movimentos de migração interna do Brasil, de homens fugidos das condições agrestes do campo ou da inclemência dos proprietários de terra, na busca enganosa de condições de subsistência.

A prosa de Jorge Amado, pontuada de oralidade, constitui um desafio à tradição artística herdada no século passado, de feição lusitanista, propensa ao estilo elevado. [...] Sob esse ponto de vista, Jorge Amado será um marco. A opção por um enunciado simples, de colorido popular, desataviado, indica novo rumo para a narrativa. Fundava-se o romance popular. É bem verdade que tal romance, além de popular, estará carregado de intenção ideológica, proletária. Romance de ideias. [...]

Toda a crítica aponta o romance **Gabriela, cravo e canela** (1958) como o marco de mudança de rumo na temática de Jorge Amado. Digamos que, daí por diante, a força de atração ideativa se deslocou da justiça social para se concentrar na aspiração da liberdade. E o fermento da nova cosmovisão se transpõe do romantismo sentimental e visionário para a exploração do riso e do sonho como atributos dos repressores do ser humano.

LUCAS, Fábio. A contribuição amadiana ao romance social brasileiro. **Cadernos de literatura brasileira**: Jorge Amado, São Paulo, Instituto Moreira Salles, n. 3, p. 98-119, mar. 1997.

### Jorge Amado: as várias faces do Brasil

Jorge Amado (1912-2001) nasceu em Pirangi, na Bahia. Militante de esquerda, participou da frente popular da Aliança Nacional Libertadora, foi preso muitas vezes (1936-1937), exilado na Argentina (1941-1943); deputado pelo PCB em 1946, teve seu mandato político cassado.

A crítica costuma dividir sua obra em duas fases:

- a do engajamento político: **Cacau** (1933), **Suor** (1934), **Jubiabá** (1935), **Mar morto** (1936), **Capitães da areia** (1937), **Terras do sem fim** (1942), **Seara vermelha** (1946), que se encerra com **Os subterrâneos da liberdade** (1952);
- a da narrativa irônica e cotidiana, uma crônica dos costumes: **Gabriela, cravo e canela** (1958), **Os velhos marinheiros** (1962), **Os pastores da noite** (1964), **Dona Flor e seus dois maridos** (1966), **Tenda dos milagres** (1969), **Teresa Batista cansada de guerra** (1972), **Tieta do agreste** (1977). Ainda dessa fase, uma excelente narrativa em que o fantástico coexiste com o real é **A morte e a morte de Quincas Berro D'Água** (1959).

Jorge Amado acompanhou as mudanças do tempo, voltou a denunciar a ditadura do Estado Novo com **Farda, fardão e camisola** (1979). Ainda escreveu sobre o mundo sincrético dos orixás e terminou com um livro de memórias: **A descoberta da América pelos turcos**, em 1992.



Patrícia Santos/Folhapress

Jorge Amado.

## Erico Verissimo em **O tempo e o vento**

Erico Verissimo está entre os escritores modernistas mais conhecidos no cenário mundial. **O tempo e o vento** é considerada sua obra-prima, na qual descreve processos sobre a ocupação e a fixação de partes do sul do território brasileiro de modo épico e lírico. Esse romance histórico está organizado em três volumes: **O continente** (1949), **O retrato** (1951) e **O arquipélago** (1962).

O narrador conta duzentos anos de história política e social do Rio Grande do Sul desde suas origens, de 1745 (quando as missões jesuíticas se espalhavam às margens do Rio Uruguai) até 1945 (ano da queda de Getúlio Vargas e do chamado Estado Novo). A narrativa reúne a história de várias gerações de duas famílias (os Terra e os Cambará), em que se entrelaçam amores e guerras.

O texto a seguir pertence a “Ana Terra”, episódio do primeiro volume da trilogia **O tempo e o vento**. Ana encontrou o mestiço Pedro Missioneiro (filho de um bandeirante e de uma índia) ferido à beira de um córrego, perto da casa do pai dela, Maneco Terra, em 1777. Era o momento em que os portugueses tinham retomado o controle sobre o território do Rio Grande do Sul (1776). Essa nova fase da disputa foi marcada pela presença de caudilhos como Rafael Pinto Bandeira.

O sol já estava a pino quando o homem começou a mexer-se e a resmungar. Os Terras tinham acabado de comer e Ana tirava da mesa os pratos de pó de pedra. O ferido abriu os olhos e por muito tempo ficou a olhar para as pessoas e as coisas do rancho — a olhar dum jeito vago, como quem não compreende ou não se lembra... Depois soergueu-se devagarinho, apoiado nos cotovelos, apertou os olhos, mordeu os lábios e soltou um gemido. Os Terras, sem afastar os olhos dele, mantinham-se imóveis e calados onde estavam, numa espera meio agressiva. O desconhecido então sorriu um sorriso largo e demorado, levantou a mão lentamente num gesto de paz e disse:

— Amigo.

Os Terras continuaram mudos. O índio ainda sorria quando murmurou:

— Louvado seja Nosso Senhor.

Tinha uma voz que não se esperava daquele corpo tão vigoroso: macia e doce.

Os outros não faziam o menor movimento, não pronunciavam a menor palavra. Mas o índio sorria sempre e agora repetia: amigo, amigo, amigo...

Depois inclinou o busto para trás, e recostou-se na parede de barro. De repente seu rosto se contorceu de dor e ele lançou um olhar oblíquo na direção do ombro ferido.

Nesse instante Maneco Terra deu dois passos na direção do catre e perguntou:

— Como é o nome de vosmecê?

O outro pareceu não entender. Maneco repetiu a pergunta e o índio respondeu:

— Meu nombre é Pedro.

— Pedro de quê?

— Me jamam Missioneiro.

Maneco lançou-lhe um olhar desconfiado.

— Castelhana?

— No.

— Continentino?

— No.

— Donde é, então?

— De parte ninguna.

Maneco Terra não gostou da resposta. Foi com voz irritada que insistiu:

— Mas onde foi que nasceu?

— Na mission de San Miguel.

— Qual é o seu ofício?

— Ofício?

— Que é que faz? Em que trabalha?

— Peleio.

— Isso não é ofício.

Pedro sorriu. Tinha dentes fortes e alvos.

— Que anda fazendo por estas bandas? — insistiu.

No seu português misturado com espanhol, Pedro contou que fugira da redução quando ainda muito menino e que depois crescera nos acampamentos militares dum lado e doutro do Rio Uruguai; ultimamente acompanhara os soldados da Coroa de Portugal em suas danças de guerra; também fizera parte das forças de Rafael Pinto Bandeira e fora dos primeiros a escalar o forte castelhano de San Martinho...

Maneco Terra voltou a cabeça na direção dos filhos e olhou-os com ar céptico.

— Tem prova disso? — perguntou, tomando a voltar-se para Pedro.

Este último começou a apalpar a faixa e de repente seu rosto ficou sério, numa expressão de apreensiva surpresa.

— Onde está meu punhal?

— Não se apoquente — retrucou Maneco Terra —, está bem guardado.

Pedro continuou a apalpar a faixa. Finalmente achou o que procurava: um papel dobrado, muito amarelo e sebo. Desdobrou-o com mão trêmula e apresentou-o ao dono da casa. Maneco Terra não moveu sequer um dedo. Encarou Pedro com firmeza e disse:

— Aqui ninguém sabe ler.

Pronunciou estas palavras sem o menor tom de desculpa ou constrangimento: disse-as agressivamente, com uma espécie de feroz orgulho, como se não saber ler fosse uma virtude.

Pedro então leu:

— A quem interessar possa. Declaro que o portador da presente, o tenente Pedro Missioneiro, durante mais de um ano serviu num dos meus esquadrões de cavalaria, tomando parte em vários combates contra os castelhanos e revelando-se um companheiro leal e valeroso. Rafael Pinto Bandeira.

Horácio e Antônio entreolharam-se, ainda incrédulos. Maneco Terra perguntou:

— Com quem vosmecê aprendeu a ler?

Sabia que não existia uma única escola em todo o Continente.

— Com os padres de la mission — respondeu Pedro. E imediatamente pôs-se a recitar: — *Lavabis me et super nivem dealbabor.*

Viu todos aqueles olhos postos nele, as caras sérias e desconfiadas, sorriu largamente e esclareceu:

— É latim. Língua de padre. Quer dizer: A chuva cai do céu. *Lavabis* é chuva. *Dealbabor* é céu.

Ana estava de boca entreaberta, atenta ao que Pedro fazia e dizia.

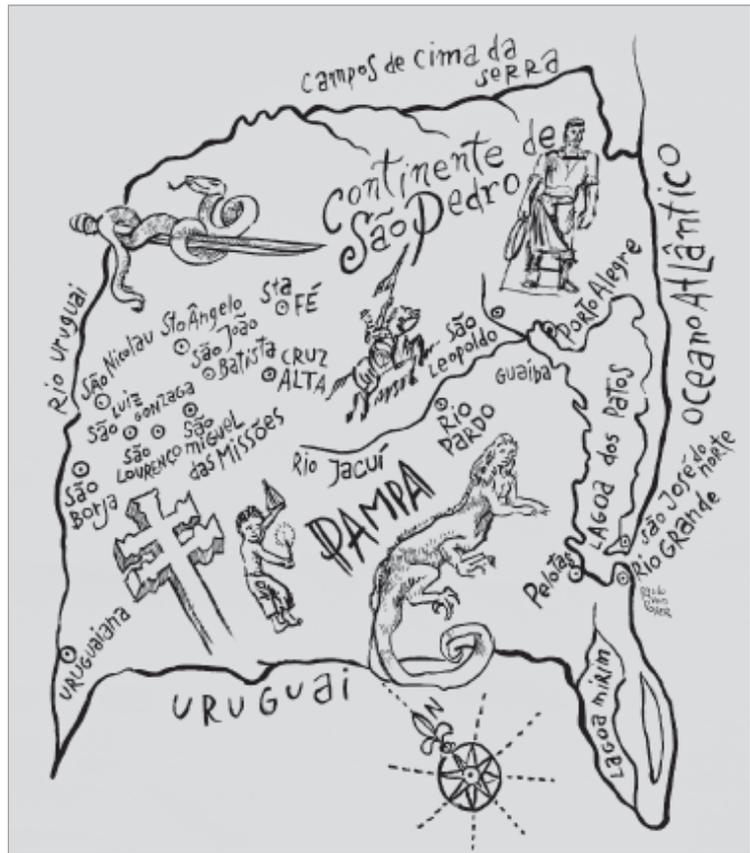
O latim pareceu não impressionar Maneco Terra, que perguntou, brusco:

— Como foi que vosmecê veio parar aqui?

— Fui atacado por uns desertores do presídio, a umas três léguas desta estância. Entences consegui montar a cavalo e vir vindo, perdendo muita sangue no caminho. Depois caí de fraco, o cavalo fugiu, senti odor de água, estava *loco de sed* e vim de rasto até a beira da sanga. Entences todo quedou escuro.

Pedro tornou a deitar-se, como se de repente se sentisse muito fraco e cansado. Maneco Terra ficou por algum tempo a mirá-lo, com ar indeciso, mas acabou dizendo:

— Essa história está mal contada. Mas dê comida pro homem, Henriqueta.



Mapa do continente de São Pedro, feito por Paulo von Poser.

Paulo Von Poser. Foto: Victor Tronconi

FAÇA NO  
CADERNO

VERISSIMO, Erico. **O tempo e o vento**. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. p. 111-114. (O Continente, v. 1).

1. O trecho recupera o tempo das guerras pelas fronteiras empreendidas por portugueses, apoiados pelos nativos brasileiros e castelhanos. Que duas classes sociais aparecem nesse recorte social? O que elas representam?
2. A figura de Pedro nos leva ao encontro da mestiçagem étnica e linguística, ingrediente da formação do Rio Grande do Sul e do Brasil.
  - a) O que cria uma aura de mistério em torno de Pedro?
  - b) O que marca a beleza física do mestiço?
  - c) Que gestos e expressões comprovam essa mestiçagem?
3. Quando Pedro afirma que é “de parte nenhuma”, que discussão o autor introduz na sua narrativa?
4. Combine com seus colegas a leitura em voz alta desse trecho. Em seguida, identifiquem o bilinguismo que aparece. Depois, comentem a mistura de línguas que vocês conhecem atualmente.

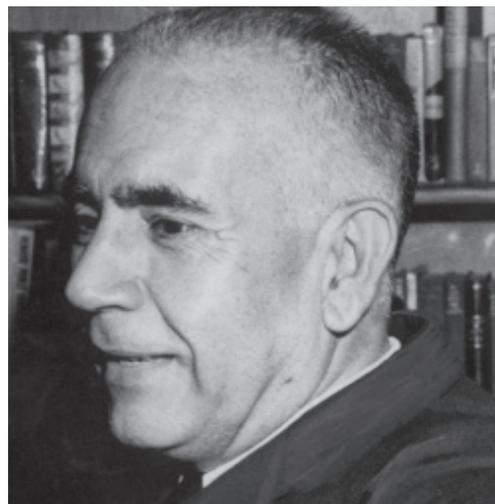
### Erico Verissimo: a saga que se move

Erico Verissimo (1905-1975) nasceu em Cruz Alta, no interior do Rio Grande do Sul, e morreu em Porto Alegre. Sua estreia literária foi com **Fantoches**, em 1932, uma série de histórias curtas sob a forma de pequenos esquetes teatrais. No ano seguinte, escreveu **Clarissa**, em que traça o perfil de uma adolescente, personagem que está presente em **Música ao longe** (1935), **Um lugar ao sol** (1936) e **Saga** (1940).

Tornou-se popular com **Olhai os lírios do campo** (1938), que vendeu um milhão de exemplares.

Durante sua produção literária, o autor fez uma ampla pesquisa histórica, que resultou na trilogia **O tempo e o vento**, com mais de duas mil páginas.

Seus últimos romances destacam-se por fortes conotações políticas, como **O senhor embaixador** (1965) e **O prisioneiro** (1967).



Arquivo UH/Folhapress

Erico Verissimo, em 1963.

Sobre a composição do primeiro volume de **O tempo e o vento**, Regina Zilberman, professora e crítica literária, afirma:

**O continente** sintetiza a história do Rio Grande do Sul, escolhendo um início para ela — a guerra missioneira, com a integração do Continente de São Pedro ao território português depois da destruição dos Sete Povos pelo exército de Gomes Freire de Andrade — e um elemento de agregação — a miscigenação étnica, que une Pedro Missioneiro e Ana Terra, depois Bibiana Terra e Rodrigo Cambará. Concluído o processo de miscigenação, o elemento de agregação passa a ser a própria família, de onde sairão os soldados para as guerras — Rodrigo, Bolívar, Florêncio, Licurgo — e as mulheres para a sustentação do lar. A história narrada por Erico não elege heróis individuais, sejam militares ou civis envolvidos em conflitos bélicos, como o romance histórico do Romantismo, e sim o grupo; também não destaca uma camada social, e sim o núcleo doméstico, responsável pelo aparecimento e manutenção das gerações, num processo sem fim de que depende o funcionamento da sociedade. [...]

O drama doméstico toma a maior parte do texto, para contar a mudança essencial: como o Estado se constitui, desde o mundo familiar até sua substituição por outra entidade, mais distante e anônima, [...] a tirania [...], modelo administrativo personalista, como o Rio Grande do Sul e o Brasil testemunharam por várias décadas no século XX. [...] O Continente elege o modo de narrar do cronista grego, sugerindo que, nos intervalos da História, coloca-se a ficção para enunciar, pela outra mão, o que precisa ser contado.

ZILBERMAN, Regina. Saga familiar e história política. In: BORDINI, Maria da Glória; ZILBERMAN, Regina. **O tempo e o vento**: história, invenção e metamorfose. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004. p. 150-158.

### O romance social na segunda fase do Modernismo

- Na década de 1930, a ficção é marcada pela produção do romance social.
- Os autores empreenderam um reconhecimento do espaço social brasileiro por meio da documentação, incorporação de trabalhadores de engenho, operários de fábrica, aceitação dos falares regionais e denúncia política.
- O moderno regionalismo nordestino começa com **A bagaceira** (1928), de José Américo de Almeida, e **O quinze** (1930), de Rachel de Queiroz.
- Ficção de grande densidade psicológica encontra-se em **Vidas secas**, de Graciliano Ramos, que observou o patriarcado nordestino.
- Na sequência, aparecem obras do ciclo da cana-de-açúcar, de José Lins do Rego.
- Vinculado ao marxismo e às reivindicações do proletariado, está o romance de Jorge Amado, que contou a realidade dos cortiços de Salvador e das fazendas de cacau de Ilhéus.
- Paralelamente à vertente regionalista, circula o romance urbano e histórico de Erico Verissimo, que discutiu temas modernistas, como a identidade nacional e a formação do Estado brasileiro, mas deu características peculiares ao Modernismo gaúcho.

## Na trama dos textos

### Romance brasileiro na tela do cinema: Vidas secas

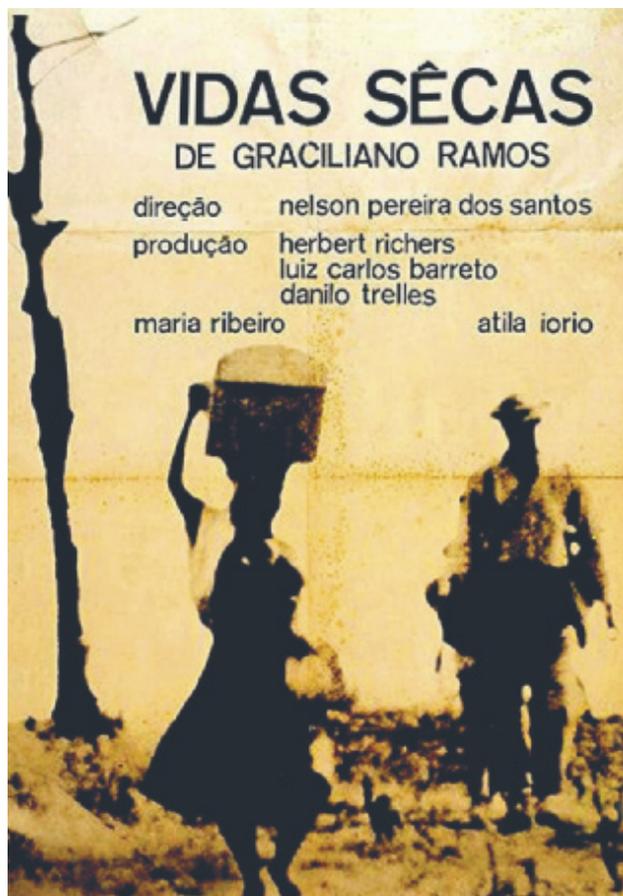
Vamos, agora, comparar o romance e sua adaptação cinematográfica. Para isso, é fundamental a leitura do livro.

Em 1963, o cineasta brasileiro Nelson Pereira dos Santos dirigiu o filme **Vidas secas**. Em preto e branco, o filme é considerado um dos marcos de implantação do Cinema Novo brasileiro. Foi produzido no município de Palmeira dos Índios, Alagoas, na fazenda do irmão de Graciliano Ramos, e mostrou a miséria do sertão e o modo de viver de seu povo.

Antes de assistir ao filme, leia o trecho de uma crítica sobre ele.

A direção de Nelson Pereira dos Santos, empenhada muito mais em expor um problema social do que em apontar uma solução, procurou dar um tratamento de reportagem ao cotidiano dos fabianos, sinhás vitórias e filhos: a câmara se detém a mostrar o vaqueiro cuidando do gado, corando as alpercatas dos filhos, ou a focalizar sinhá Vitória catando piolhos na cabeça do menino mais velho. De acordo com a bela página crítica de Jairo Arco e Flexa, “cada fotograma transborda de emoção e humanidade. Raras vezes o cinema novo conseguiu tão bem a captação da miséria social com seu efeito sobre quem a sofre, quase como uma condição maldita. No rosto vincado do protagonista Átila Iório, séculos de injustiças sociais surgem estratificados e são lidos pelo espectador como velhas árvores, com seus nós, que revelam sua idade biológica. Fala-se pouco em **Vidas secas**: para ressaltar de forma exemplar o drama do retirante nordestino, o diretor recorre não só ao texto de Graciliano, como sobretudo ao seu subtexto, à sua respiração íntima e secreta, a uma carência de articulação que domina as personagens e da qual elas sequer chegam a ter consciência. Mesmo os mais ácidos críticos do cinema novo no Brasil renderam-se, na época, a seu vigor escorado essencialmente na simplicidade.

CASTRO, Dácio Antônio de. **Roteiro de leitura**: Vidas secas. São Paulo: Ática, 1997. p. 96.



Filme de Nelson Pereira dos Santos. Vidas secas. Brasil, 1963

Cartaz do filme **Vidas secas**.

#### Em cena

Depois de ler a obra e assistir ao filme, organizem um **debate** em torno das questões a seguir.

- No filme, a paisagem é monótona e repetitiva. Como o diretor mostrou a morte dos retirantes?
- De que maneira os capítulos se transformaram em cenas cinematográficas?
- Aponte uma grande semelhança e uma grande diferença entre o filme e o romance.
- Que resposta o grupo dá à questão posta na sinopse: “No final do livro e do filme, que o leitor e espectador decida: há uma esperança longínqua de dias melhores?”.

## Em atividade

FAÇA NO  
CADERNO

- (Vunesp-SP) “E estas três partes correspondem ainda ao movimento rítmico da sonata: um alegre inicial que é a zanga destabocada de mestre José Amaro, um andante central que é o mais repousado Lula de Holanda na sua pasmaceira cheia de interioridade não dita, e finalmente o presto brilhante e genial do Capitão Vitorino Carneiro da Cunha.”
  - Fogo morto** e José Lins do Rego.
  - São Bernardo** e Graciliano Ramos.
  - A bagaceira** e José Américo de Almeida.
  - Vidas secas** e Graciliano Ramos.
  - Usina** e José Lins do Rego.
- (Fuvest-SP) Numa espécie de projeção utópica, sua personagem, um tipo de idealista bobo e desacreditado, alude a mudanças na estrutura social do Nordeste, com o advento de outra ordem em que o privilégio ceda ao princípio da justiça. Daí a crítica falar em figura quixotesca. Dentre as personagens de Fogo morto, qual se enquadra nesta definição?
  - Lula de Holanda.
  - Coronel Zé Paulino.
  - Antônio Silvino.
  - Mestre Zé Amaro.
  - Vitorino Carneiro da Cunha.
- (PUCCamp-SP) Guimarães Rosa — numa linguagem em que a palavra é valorizada não só pelo seu significado, como também pelos seus sons e formas — tomou um tipo humano tradicional em nossa ficção, o jagunço, e transportou-o, além do documento, até a esfera onde os tipos literários passam a representar os problemas comuns da nossa humanidade. Exemplifica as palavras acima o trecho de Guimarães Rosa:
  - “O chefe disse: me traga esse homem vivo, seu Getúlio. Quero o bicho vivão aqui, e pulando. O homem era valente, quis combate, mas a subaqueira dele anganchou a arma, de sorte que foi o fim dele. Uma parabelada no focinho, passarinhou aqui e ali e parou.”
  - “À sua audácia e atrocidade deve seu renome este herói legendário para o qual não achamos par nas crônicas provinciais. Durante muitos anos, ouvindo suas mães ou suas aias cantarem as trovas comemorativas da vida e morte desse como Cid, ou Robin Hood pernambucano, os meninos tomados de pavor adormeceram mais depressa do que se lhes contassem as proezas do lobisomem ou a história do negro do surrão muito em voga entre o povo naqueles tempos.”
  - “João Miguel sentiu na mão que empunhava a faca a sensação fofa de quem fura um embrulho. O homem, ferido no ventre, caiu de borco, e de sob ele um sangue grosso começou a escorrer sem parar, num riacho vermelho e morno, formando poças encarnadas nas anfractuosidades do ladrilho.”
  - “Qu’ê que me acuava? Agora, eu velho, vejo: quando cogito, quando relembro, conheço que naquele tempo eu girava leve demais, e assoprado. Deus deixou. Deus é urgente sem pressa. O sertão é dele. Eh! — o que o senhor quer indagar eu sei. Porque o senhor está pensando alto, em quantidades. Eh. Do demo?”
  - “O tiroteio começou. A princípio ralo, depois mais cerrado. O padre olhava para seu velho relógio: uma da madrugada. Apagou a vela e ficou escutando. Havia momentos de trégua, depois de novo recomeçavam os tiros. E assim o combate continuou madrugada adentro. O dia raiava quando lhe vieram bater à porta. Foi abrir. Era um oficial dos farrapos cuja barba negra contrastava com a palidez esverdinhada do rosto.”
- (UFMG) Leia atentamente estes dois trechos, comparando-os:

### Trecho 1

#### A Feira de São Cristóvão

Tudo começou em 1945, quando os caminhões pau de arara, vindos de vários estados do Nordeste, chegavam ao Campo de São Cristóvão trazendo retirantes nordestinos para trabalhar na construção civil,

onde já tinham vaga garantida. O encontro dos recém-chegados com parentes e outros conterrâneos era animado com música e comida nordestinas, dando origem à Feira de São Cristóvão. Durante 58 anos, a tradicional Feira permaneceu no Campo de São Cristóvão, debaixo das árvores. Em 2003, as barracas foram transferidas para dentro do antigo Pavilhão, que foi reformado pela Prefeitura do Rio e transformado no Centro Municipal Luiz Gonzaga de Tradições Nordestinas. Hoje, a Feira de São Cristóvão tem boa infraestrutura de limpeza e segurança, com banheiros públicos e estacionamento.

Disponível em: <www.feiradesaocristovao.org.br/historia/>.

Acesso em: 12 jun. 2010.

## Trecho 2

### Festa

Os dois meninos espiavam os lampiões e adivinhavam casos extraordinários. Não sentiam curiosidade, sentiam medo, e por isso pisavam devagar, receando chamar a atenção das pessoas. Supunham que existiam mundos diferentes da fazenda, mundos maravilhosos na serra azulada. Aquilo, porém, era esquisito. Como podia haver tantas casas e tanta gente? Com certeza os homens iriam brigar. Seria que o povo ali era brabo e não consentia que eles andassem entre barracas? Estavam acostumados a aguentar cascudos e puxões de orelhas. Talvez as criaturas desconhecidas não se comportassem como sinha Vitória, mas os pequenos retraíam-se, encostavam-se às paredes, meio encadeados, os ouvidos cheios de rumores estranhos.

RAMOS, Graciliano. **Vidas secas**. 113. ed.

Rio de Janeiro: Record, 2010, p. 74.

A partir da comparação entre esses dois trechos, é INCORRETO afirmar que:

- a) a linguagem utilizada em ambos é informativa, pois o autor se preocupa em tornar o leitor ciente de atos e situações descritos, dando enfoque, no Trecho 1, à Feira de São Cristóvão e, no Trecho 2, à impressão que os dois meninos têm de uma festa no interior.
- b) o mesmo fato pode gerar diversos tipos de textos: uma matéria jornalística, um estudo histórico ou científico, um texto para um *site*, um poema ou um romance, por isso, os Trechos 1 e 2, sob perspectivas distintas, têm, como base comum, um fato social semelhante.
- c) os retirantes a que o autor faz referência no Trecho 1 são seres reais, que se deslocaram do interior do Nordeste para o Rio de Janeiro, em busca de melhores condições de vida; os dois meninos, presentes no Trecho 2, encontram-se ainda em sua região.
- d) os retirantes nordestinos, ao se deslocarem de seu local de origem, levam consigo hábitos culturais — no Trecho 1, uma reunião de migrantes originou uma famosa feira, em que se recriam aspectos das festas do interior do Nordeste, que se percebem, em parte, no Trecho 2.

## 5. (Unicamp-SP)

### Crianças Ladronas

Já por várias vezes o nosso jornal, que é sem dúvida o órgão das mais legítimas aspirações da população baiana, tem trazido notícias sobre a atividade criminosa dos Capitães da Areia, nome pelo qual é conhecido o grupo de meninos assaltantes e ladrões que infestam a nossa urbe.

(Jorge Amado. **Capitães da Areia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2013, p. 9.)

O Sem-Pernas já tinha mesmo (certo dia em que penetrara num parque de diversões armado no Passeio Público) chegado a comprar entrada para um [carrossel], mas o guarda o expulsou do recinto porque ele estava vestido de farrapos. Depois o bilheteiro não quis lhe devolver o bilhete da entrada, o que fez com que o Sem-Pernas metesse as mãos na gaveta da bilheteria, que estava aberta, abafasse o troco, e tivesse que desaparecer do Passeio Público de uma maneira muito rápida, enquanto em todo o parque se ouviam os gritos de: “Ladrão!, ladrão!”. Houve uma tremenda confusão enquanto o Sem-Pernas descia muito calmamente a Gamboa de Cima, levando nos bolsos pelo menos cinco vezes o que tinha pago pela entrada. Mas o Sem-Pernas preferiria, sem dúvida, ter rodado no carrossel.

[...]

(Idem, p. 63.)

- a) O primeiro excerto é representativo do conjunto de textos jornalísticos que iniciam **Capitães da Areia**. Que voz social eles expressam?
- b) O narrador, no segundo trecho, adere a um ponto de vista social que caracteriza a ficção de Jorge Amado. Que ponto de vista é esse?

# Redação de vestibular: carta argumentativa

Editora Globo

Carta da semana

MAIS COMENTADAS

**A opinião pública e os elefantes**  
(Ruth de Aquino)

30%

**"Fui afastado pela negociação de uma..."**

28%

**Disputa por um pedaço de Goiás**

27%

**Como fazer para...**

9%

**Outras**

6%

MAIS CURTIDAS

**Segunda chance**  
(Ivan Martins)

4.000

**Sapo senta igualzinho a um homem e faz...**

978

**Pai filma filhos por 12 anos e reúne...**

923

**Disputa por um espaço de Goiás**

715

**Cachoeira diz que vai "matar a pau" na...**

540

MAIS TUITADAS

**Pré-candidato, o ator Paulo Cesar Peréio quer proibir carros em SP...**  
(Bruno Astuto)

935

**Suprema humanidade: ...**  
(Eliane Brum)

691

**Sabrina Sato faz homenagem...**  
(Bruno Astuto)

638

**Na Rússia, orca branca adulta é vista...**

466

**Brasileira fica em segundo lugar em...**

417

**MAIS CURTIDAS**

Depois de uma semana de votação, o artigo "Falar sobre aborto é sempre complicado. Mas, em casos de anencefalia, a mulher deve ter o direito de escolher se quer seguir adiante ou não" se tornou o mais curtido no Facebook.

4.000

**MAIS TUITADAS**

Reproduzido, o ator Paulo Cesar Peréio quer proibir carros em SP. Depois de uma semana de votação, o artigo "Falar sobre aborto é sempre complicado. Mas, em casos de anencefalia, a mulher deve ter o direito de escolher se quer seguir adiante ou não" se tornou o mais tuitado no Twitter.

935

Editora Globo

Opinião
CAIXA POSTAL

### O poder da opinião pública

Colocado entre a maioria Federal no sentido de que o STF não deve se abster sobre a opinião pública, há várias razões para isso. A principal delas, a meu ver, é simples: a que é opinião pública? E a de um grupo de senadores que costumam a imprensa nacional? Mas será que os senadores de comunicação realmente refletem a opinião pública? Ou então a opinião pública é aquela que está nos meios sociais? Não acredito. Não é uma pequena parcela da população que tem acesso à internet e se propõe a expressar sua opinião. Não reflete a realidade, o cotidiano. E, além disso, a "opinião pública" é um termo abstrato, cujo sentido é dado à medida que a comunicação da questão se apresenta. Essa mesma opinião pública chega inclusive aos meios publicitários, como Harvey, Rosen, Collins, e por aí vai.

Alexander Henry Ross,  
Brentwood, MD

### O poder da opinião pública

Colocado entre a maioria Federal no sentido de que o STF não deve se abster sobre a opinião pública, há várias razões para isso. A principal delas, a meu ver, é simples: a que é opinião pública? E a de um grupo de senadores que costumam a imprensa nacional? Mas será que os senadores de comunicação realmente refletem a opinião pública? Ou então a opinião pública é aquela que está nos meios sociais? Não acredito. Não é uma pequena parcela da população que tem acesso à internet e se propõe a expressar sua opinião. Não reflete a realidade, o cotidiano. E, além disso, a "opinião pública" é um termo abstrato, cujo sentido é dado à medida que a comunicação da questão se apresenta. Essa mesma opinião pública chega inclusive aos meios publicitários, como Harvey, Rosen, Collins, e por aí vai.

Alexander Henry Ross,  
Brentwood, MD

Carta da semana

MAIS COMENTADAS

**Falar sobre aborto é sempre complicado. Mas, em casos de anencefalia, a mulher deve ter o direito de escolher se quer seguir adiante ou não**

30%

**Como fazer para...**

28%

**Disputa por um pedaço de Goiás**

27%

**Outras**

9%

**Outras**

6%

MAIS CURTIDAS

Depois de uma semana de votação, o artigo "Falar sobre aborto é sempre complicado. Mas, em casos de anencefalia, a mulher deve ter o direito de escolher se quer seguir adiante ou não" se tornou o mais curtido no Facebook.

4.000

MAIS TUITADAS

Reproduzido, o ator Paulo Cesar Peréio quer proibir carros em SP. Depois de uma semana de votação, o artigo "Falar sobre aborto é sempre complicado. Mas, em casos de anencefalia, a mulher deve ter o direito de escolher se quer seguir adiante ou não" se tornou o mais tuitado no Twitter.

935

ÉPOCA. São Paulo: Globo, n. 728, 30 abr. 2012. p. 14.

Nesses gráficos, é possível observar o processo interativo construído entre a revista **Época** e o leitor. Na seção Opinião — Caixa postal, a revista destaca uma das cartas enviadas pelos leitores como “Carta da semana”. Além disso, informa que reportagens foram “mais comentadas” via e-mail, “mais curtidas” e “mais tuitadas” nas redes sociais Facebook e Twitter, respectivamente. Esse percurso explicita o papel ativo dos leitores da revista ao assumirem um posicionamento diante dos textos.

Neste capítulo, estudaremos a produção da **carta argumentativa** solicitada em provas de vestibular. Esse gênero discursivo apresenta uma proposta de argumentação, já que deve persuadir um leitor específico. Você poderá notar que sua importância extrapola — e muito — seu uso no vestibular, já que serve de instrumento de defesa da cidadania.

## (Des)construindo o gênero

Você já notou como, no mundo contemporâneo, as informações circulam rapidamente? Manter-se informado sobre os acontecimentos nacionais e internacionais é uma exigência, principalmente para quem está se preparando para as provas de redação de vestibular ou do Enem. Tais conhecimentos geralmente se transformam em material para a produção de um texto dissertativo-argumentativo.

Algumas provas oferecem, como opção ao candidato, a redação de uma carta argumentativo-persuasiva. Para tanto, o candidato precisa fundamentalmente apresentar um bom repertório cultural e tornar-se autor de seu texto, tomando posição clara e definida diante do tema em pauta e apresentando seu ponto de vista com argumentos convincentes. Além disso, deve demonstrar domínio das estratégias composicionais e linguísticas da carta argumentativa.

### Diferentes estratégias para cada carta

A prova de redação a seguir é da primeira fase do vestibular da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp-SP) de 2013, que ocorreu no final de 2012. Foi selecionada para análise a proposta que oferece o gênero discursivo carta do leitor.

### Proposta da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp-SP)



Vista aérea de rotatória no *campus* da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), em Campinas, estado de São Paulo. Fotografia de 2012.

Imagine que, ao ler a matéria “Cães vão tomar uma ‘gelada’ com cerveja *pet*”, você se sente incomodado por não haver nela nenhuma alusão aos possíveis efeitos que esse tipo de produto pode ter sobre o consumo de álcool, especialmente por adolescentes. Como **leitor assíduo**, você vem acompanhando o debate sobre o **álcool na adolescência** e decide escrever uma **carta** para a seção Leitor do jornal, criticando a matéria por não mencionar o problema do aumento do consumo de álcool.

Nessa carta, dirigida aos redatores do jornal, você deverá:

- fazer menção à matéria publicada, de modo que mesmo quem não a tenha lido entenda a importância da crítica que você faz;
- fundamentar a sua crítica com dados apresentados na matéria “Vergonha nacional”, reproduzidos adiante.

Atenção: ao assinar a carta, use apenas as iniciais do remetente.

## Cães vão tomar uma “gelada” com cerveja pet

Produto feito especialmente para cachorros  
chega ao mercado nacional em agosto

Nada é melhor que uma cervejinha depois de um dia de cão.

Agora eles, os cães, também vão poder fazer jus a essa máxima. No mês de agosto chega ao mercado a *Dog Beer*, cerveja criada especialmente para os amigos de quatro patas. “Quem tem bicho de estimação gosta de dividir o prazer até na hora de comer e beber”, aposta o empresário M. M., 47, dono da marca.

Para comemorar a final da Libertadores, a executiva A. P. C., 40, corintiana roxa, quis inserir Manolito, seu labrador, na festa.

“Ele tomou tudo. A cerveja é docinha, com fundinho de carne”, descreve.

Uniformizado, Manolito não só bebeu a gelada durante o jogo contra o Boca Juniors como latiu sem parar até o fim da partida.

Desenvolvida pelo centro de tecnologia e formação de cervejeiros do Senai, no Rio de Janeiro, a bebida canina é feita à base de malte e extrato de carne; não tem álcool, lúpulo, nem gás carbônico.

O dono da empresa promete uma linha completa de “petiscos líquidos”, que inclui suco, vinho e champanhe.

A lista de produtos humanos em versões animais não para de crescer.

Já existem molhos, tempero para ração e até patê.

O sorvete Ice Pet é uma boa opção para o verão. A sobremesa tem menos lactose, não tem gorduras nem açúcar.

(Adaptado de Ricardo Bunduky, **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 22 jul. 2012, Cotidiano, 3 p.)

## Vergonha nacional

As décadas de descumprimento da lei [...] contribuíram para que os adultos se habituassem a ver o consumo de bebidas entre adolescentes como “mal menor”, comparado aos perigos do mundo. [...] Um estudo publicado pela revista **Drug and Alcohol Dependence** ouviu 15 000 jovens nas 27 capitais brasileiras. O cenário que emerge do estudo é alarmante. Ao longo de um ano, um em cada três jovens brasileiros de 14 a 17 anos se embebedou ao menos uma vez. Em 54% dos casos mais recentes, isso ocorreu na sua casa ou na de amigos ou parentes. Os números confirmam também a leniência com que os adultos encaram a transgressão. Em 17% dos episódios, os menores estavam acompanhados dos próprios pais ou de tios.

Resultados da pesquisa realizada com 15 000 jovens de 14 a 17 anos nas 27 capitais brasileiras

Quantas vezes se embebedou		Onde ficou embriagado (na última vez em que bebeu)		Com quem bebeu (na última vez em que bebeu)	
Nenhuma vez	12%	Bar	35%	Amigos	50%
Uma vez na vida	35%	Casa de amigos	30%	Irmãos e primos	26%
Ao menos uma vez no último ano	32%	Casa de parentes	13%	Pais ou tios	17%
		Própria casa	11%	Namorado	5%
Ao menos uma vez no último mês	21%	Festas ou praia	11%	Sozinho	2%

(Adaptado de Revista **Veja**, Editora Abril, São Paulo, n. 28, 11 jul. 2012, p. 81-82.)

1. A proposta traz quatro informações importantes para a construção da carta.

- De que tipo deve ser o texto?
- A que interlocutor a carta se destina?
- Identifique a finalidade que deve motivar a produção da carta de leitor.
- Em vista disso, que ponto de vista o candidato deverá defender?

FAÇA NO  
CADERNO

2. Retome o capítulo que trata de carta argumentativa e identifique que critérios o candidato deve considerar ao escrever sua carta.
3. Na proposta de redação, são estabelecidos critérios formais e características composicionais do gênero carta de leitor. Identifique:
  - a) critérios formais;
  - b) características composicionais.

A carta argumentativa tem um propósito argumentativo definido, é curta e concisa e não apresenta saudação inicial, data ou despedida. Deve ser estruturada com introdução (apresentação do ponto de vista, fazendo referência ao fato/assunto a ser avaliado); desenvolvimento (estratégias para fundamentar a posição — exemplos, fatos históricos, dados estatísticos, comparações, projeções etc.) e conclusão (síntese crítica dos aspectos discutidos).

Um recurso linguístico importante para a construção da carta de leitor é a retomada — por termos e expressões — do que já foi dito, o que contribui para deixar as ideias do texto interligadas e, conseqüentemente, facilita a leitura. As retomadas recuperam elementos de conhecimento prévio do leitor.

A proposta de redação apresenta as condições de produção da carta de leitor. Leia as expectativas da Unicamp a respeito da carta:

Espera-se que o candidato, assumindo a posição de um leitor assíduo dos órgãos midiáticos, escreva uma carta ao jornal responsável pela publicação da matéria “Cães vão tomar uma ‘gelada’ com cerveja *pet*”, para criticar o fato de não haver referência às implicações que o produto noticiado pode ter sobre o consumo de álcool por adolescentes. A crítica deve estar fundamentada em dados fornecidos pela matéria “Vergonha nacional”, que mostram que o consumo de álcool por adolescentes ocorre frequentemente no próprio ambiente familiar. O gênero em questão, carta para jornal, implica que o texto deve se sustentar pela interlocução construída, fazer referência explícita à matéria que é objeto da crítica e, além disso, ter uma construção argumentativa que permita ao leitor compreender o objetivo da carta. Espera-se que o candidato seja capaz de construir a argumentação necessária para que o texto seja eficaz no seu propósito, seguindo a direção argumentativa fornecida. Dos passos argumentativos necessários, há um que depende da inferência do candidato: a articulação entre as informações presentes na pesquisa reproduzida e a notícia sobre a cerveja para cachorros. Animais domésticos são objeto de afeto no âmbito familiar, e o consumo de álcool por adolescentes se dá com muita frequência nesse mesmo ambiente social. O produto noticiado — uma cerveja para cães —, ainda que sem álcool, pode funcionar como um estímulo subliminar para os adolescentes consumirem bebidas alcoólicas.

VESTIBULAR Nacional Unicamp 2013. **Redação:** expectativas da banca, 2012. Disponível em: <[http://www.comvest.unicamp.br/vest2013/F1/redacao\\_expectativas.pdf](http://www.comvest.unicamp.br/vest2013/F1/redacao_expectativas.pdf)>. Acesso em: 18 maio 2016.

4. Identifique a “direção argumentativa” fornecida ao candidato na prova.
5. Se a prova oferece um encaminhamento argumentativo, o que se espera do candidato na produção de sua carta?
6. Considerando a composição do gênero carta de leitor e as expectativas com relação à produção esperada na prova, planeje uma sequência textual para o texto a ser produzido.

Os textos que compõem a coletânea servem de motivação para estabelecer as finalidades de escrita dadas ao candidato, sendo fundamentais a competência leitora e a capacidade crítica na articulação das informações.

Os elementos organizadores da proposta de produção escrita (finalidade, interlocução e gênero) são os balizadores da correção — eles permitirão avaliar a produção de um texto adequado à situação comunicativa oferecida.

## Defenda-se com uma boa argumentação

Cada prova apresenta elementos organizadores diferentes, o que encaminha a composição do gênero carta de maneiras distintas.

Leia, a seguir, a prova de redação do vestibular 2012 da Universidade Federal do Paraná (UFPR). Essa instituição propõe uma prova composta de cinco questões discursivas de compreensão e produção de textos.

A proposta de produção que analisaremos se refere à questão discursiva 1 do vestibular aplicado em dezembro de 2011, que tomou como referência a questão da meia-entrada em eventos culturais.



Gerson Gerloff/Pulsar Imagens

Fachada do prédio histórico da Universidade Federal do Paraná, em Curitiba (PR). Fotografia de 2012.

## Proposta da Universidade Federal do Paraná (UFPR)

**QUESTÃO DISCURSIVA 01**

**Leia o texto e o infográfico sobre as implicações da meia-entrada.**

**Os ingressos seriam mais baratos se não houvesse meia-entrada?**

Quando a UNE conquistou para os estudantes o direito de pagar metade do preço nos eventos culturais, ainda na década de 1940, foi uma vitória. Mas o benefício acabou se tornando um fardo para quem paga inteira.

A conta é simples: o produtor sabe quanto quer ganhar e estima que 80% vão entrar pagando meia: cabe aos outros 20% cobrir o prejuízo. "Como a maioria paga metade, o preço tem que subir para a conta fechar", diz Adhemar Oliveira, responsável pelos cinemas

Unibanco Arteplex. No teatro não é diferente. "Sempre calculamos antes quantos vão entrar pagando meia para depois definir o preço da inteira", conta o diretor da Associação dos Produtores de Espetáculos Teatrais de São Paulo (Apetesp), Paulo Pélico.

As projeções abaixo mostram que, se a meia-entrada não existisse, o preço do ingresso inteiro cairia para quase metade. Com a diferença de que valeria oficialmente para todo mundo.

**BARATO QUE SAI CARO** Entenda como a meia-entrada torna os ingressos mais caros.

COMO É HOJE	COM DESCONTO DE 30%	SEM DESCONTO
<b>80 x R\$ 10</b> Em uma sala de 100 pessoas, 80 pagam meia	<b>80 x R\$ 11</b> Nessa hipótese os estudantes têm 30% de desconto	<b>100 x R\$ 12</b> Todos pagam o mesmo preço
<b>20 x R\$ 20</b> Os outros 20 são de entradas inteiras	<b>20 x R\$ 16</b> A entrada inteira seria 20% mais barata	<b>= R\$ 1.200</b>
Como fica a divisão do ingresso <b>R\$ 800 + R\$ 400</b>	Como fica a divisão do ingresso <b>R\$ 880 + R\$ 320</b>	
<b>= R\$ 1.200</b>	<b>= R\$ 1.200</b>	

**DESCONTO PARA ESTUDANTES PELO MUNDO**

Brasil	50%
Reino Unido	30%
Chile	30%
EUA	30%

(só para crianças e idosos)

Superinteressante - JUL/2011

Superinteressante julho/2011

Escreva uma carta dirigida à seção Cartas da revista **Superinteressante**, manifestando sua opinião sobre a existência da meia-entrada. O seu texto deve, necessariamente:

- a) manifestar um ponto de vista em relação à questão tratada;
- b) retomar argumentos do infográfico para dar sustentação a sua opinião (você poderá reafirmar esses argumentos ou contrapor-se a eles);
- c) ter de 12 a 15 linhas.

Obs.: A sua carta NÃO deverá ser assinada. Qualquer sinal de identificação invalida sua prova.

Sr(a). Editor(a),  
[...]

O texto que compõe a proposta responde à seguinte questão: "Os ingressos seriam mais baratos se não houvesse meia-entrada?".

1. Analise o ponto de vista defendido no texto da revista **Superinteressante**. Como se posicionou o autor do texto da coletânea?
2. Que argumentos foram utilizados para defender esse posicionamento?
3. Discuta o tema com mais dois ou três colegas. Avaliem a resposta dada na reportagem da **Superinteressante** e levantem argumentos para fundamentar seu posicionamento com relação à existência ou não da meia-entrada.
4. Identifique, na proposta, cinco informações importantes para a construção da carta.
  - a) A que interlocutor a carta se destina? Em que espaço de circulação?
  - b) Que finalidade deve motivar a produção da carta de leitor?
  - c) Em vista disso, que ponto de vista o candidato deverá defender?
  - d) Que limites são impostos ao tamanho da carta?
5. Compare a proposta da Unicamp com a da UFPR e destaque as diferenças e semelhanças quanto à:
  - a) finalidade;
  - b) interlocução;
  - c) composição do gênero.

FAÇA NO  
CADERNO

## Linguagem do gênero

### O interlocutor dá o tom

A linguagem de uma carta argumentativa varia de acordo com o interlocutor, o autor e a esfera de circulação. Para verificar esses aspectos, analisaremos a proposta de carta argumentativa do vestibular de 2012 da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP).

### Proposta da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP)



**Redação**

**"Exma. Senhora PRESIDENTA"**

**BRASIL - CENSO 2010 (IBGE)**

**População:** 190.755.799 de brasileiros

O Brasil possui 6.915.497,27 km<sup>2</sup>, distribuído em um território heterogêneo, com 556 municípios.

O total de **características** do brasileiro passou de 12% em 2000 para 9,6% em 2010.

**Nascimento:** 600.000 é o número de crianças sem condição de nascimento.

**Idade:** Há um aumento constante no número de idosos e uma diminuição significativa da população com até 15 anos. O Censo 2010 registra ainda que existem 23.390 brasileiros com mais de 100 anos.

Buscamos compreender a mensura do método de produção, pelo primeiro vez no Brasil.

**PROPOSTA:**  
Usando um pseudônimo, redija uma carta à presidente Dilma Rousseff, sugerindo-lhe qual deve ser a prioridade de seu governo, para realmente manter seu nome no Brasil de Brasil. Use argumentos necessários para convencer a ela que seu sugestão é realmente relevante.

**IMPORTANTES:**  
• Use um pseudônimo para assinar sua carta.  
• Pense e faça sua carta no espaço e site realístico. O resultado não será considerado. Seu trabalho será avaliado de acordo com os seguintes critérios: espírito crítico, clareza e coerência argumentativa, com o gênero textual solicitado e com a situação comunicativa.

Disponível em: <<http://www.youblisher.com/p/207040-Prova-do-Vestibular-Unificado-PUC-SP-2012-Verao/>>. Acesso em: 22 maio 2013.

“Exma. Senhora President**A**”

Em 2010, final da primeira década do terceiro milênio, o Brasil elege a primeira **mulher** para presidente, pelo voto direto. Em seu pronunciamento, a presidente eleita, Dilma Rousseff, após o anúncio do resultado do segundo turno da eleição, declara:

“Mas eu queria me dirigir a todos os brasileiros e às brasileiras, meus amigos e minhas amigas de todo o Brasil. É uma imensa alegria estar aqui hoje. Eu recebi de milhões de brasileiros e de brasileiras a missão, talvez a missão mais importante da minha vida. E esse fato, para além da minha pessoa, é uma demonstração do avanço democrático do nosso país, porque pela primeira vez uma mulher presidirá o Brasil. Já registro, portanto, o meu primeiro compromisso após a eleição: honrar as mulheres brasileiras para que esse fato até hoje inédito se transforme num evento natural e que ele possa se repetir e se ampliar nas empresas, nas instituições civis e nas entidades representativas de toda a nossa sociedade. A igualdade de oportunidades entre homens e mulheres é um princípio essencial da democracia.”

Disponível em: <<http://g1.globo.com/especiais/eleicoes-2010/noticia/2010/10/leia-integra-do-pronunciamento-da-presidente-eleita-dilma-rousseff.html>>. Acesso em: 10 ago. 2011.

**BRASIL — CENSO 2010 (IBGE)**

**População:** 190 755 799 de brasileiros

O Brasil possui **8 515 692,27 km²**, distribuídos em um território heterogêneo, muitas vezes de difícil acesso, composto por **27** Unidades da Federação e **5 565** municípios.

O nível de **analfabetismo** do brasileiro passou de 12% em 2000 para **9,6%** em 2010.

**Nascimentos:** **600 000** é o número de crianças sem certidão de nascimento.

**Idade:** Houve um aumento constante no número de idosos e uma diminuição significativa da população com até 25 anos. O Censo 2010 apurou ainda que existem **23 760** brasileiros com mais de **100 anos**. Brancos correspondem a menos da metade da população, pela primeira vez no Brasil.

**Domicílios brasileiros:** O Brasil tem 42 851 326 de domicílios.

**74,2%** dos brasileiros moram em casa própria e **81,4%** estão localizados em área urbana.

**Empregos:** A população economicamente ativa do Brasil é de **79 315 287** de pessoas.

A população urbana também cresceu. Em 2000, representava 81,25% dos brasileiros. E agora, soma **84,35%**.

51%   Mulheres	49%   Homens
97 342 162 pessoas	93 390 532 pessoas

Fonte: IBGE, disponível em: <<http://noticias.uol.com.br/cotidiano/2011/04/29/brasileiro-ficou-mais-velho-e-menos-branco-populacao-teve-menor-crescimento-da-serie-historica.jhtm>>. Acesso em: agosto 2011.

**PROPOSTA:**

Usando um pseudônimo, redija uma carta à presidente Dilma Rousseff, sugerindo-lhe qual deve ser a prioridade de seu governo, para realmente marcar seu nome na história do Brasil. Use argumentos necessários para convencê-la de que sua sugestão é realmente relevante.

**IMPORTANTE:**

- Use um pseudônimo para assinar sua carta.
- Passe a limpo sua carta no espaço a ela reservado. O rascunho não será considerado. Seu trabalho será avaliado de acordo com os seguintes critérios: espírito crítico, clareza e coerência compatíveis com o gênero textual solicitado e com a situação comunicativa.

**Presidente ou presidenta?**

O uso do termo **presidenta** gerou muita polêmica entre gramáticos e linguistas, já que os substantivos terminados em **-nte** são comuns de dois gêneros, invariáveis — **agente, dirigente, paciente, gerente**. Há pouquíssimas exceções, como a palavra **parenta**. Polêmicas à parte, o fato é que a forma **presidenta** tem, inclusive, um verbete específico no **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**:

**presidenta** s.f. **1** mulher que se elege para a presidência de um país **2** mulher que exerce o cargo de presidente de uma instituição <a p. da Academia de Letras> **3** mulher que preside (algo) <a p. da sessão do congresso> **4** p. us. esposa do presidente.

INSTITUTO ANTÔNIO HOUAISS. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009. p. 1546.

1. A que interlocutor a carta deverá ser destinada? FAÇA NO CADERNO
2. Que finalidade deve motivar a produção da carta de leitor?
3. A proposta não determina o tipo de tratamento a ser dado, mas traz no início a expressão “Exma. Senhora Presidenta”. Em que essa informação interfere na carta?
4. A banca ofereceu ao candidato alguns resultados do censo realizado em 2010 pelo IBGE.
  - a) Com que finalidade esses dados são apresentados?
  - b) Exemplifique dois aspectos que poderiam ser defendidos na carta.
5. Explícite duas articulações argumentativas que poderiam ser exploradas. Para isso, considere os eixos temáticos:
  - a) Erradicação do analfabetismo.
  - b) Igualdade entre mulheres e homens.

Pela composição da proposta e pelas possibilidades argumentativas a serem desenvolvidas, nota-se a necessidade de um candidato bem informado com relação às questões mais atuais que definem o país.

Assim, torna-se imperativo tanto ser um leitor assíduo de jornais e revistas como saber relacionar informações para construir argumentação consistente, com domínio da norma-padrão da língua portuguesa.

## Praticando o gênero

### Não perca o interlocutor de vista!

Faça uma redação baseada em uma das propostas analisadas neste capítulo.  
Em qualquer dos casos:

1. Considere o interlocutor. A partir dele, defina seus argumentos e o grau de formalidade da linguagem a ser empregada no texto.
2. Estabeleça claramente a esfera de circulação de sua carta.
3. Determine sua posição sobre o tema em questão — dela partirá seu plano de argumentação.
4. Sem perder de vista os dois itens anteriores, faça um levantamento de seus argumentos e organize-os com coerência. Lembre-se dos marcadores de coesão referencial e sequencial.
5. Considere as informações da coletânea, mas apenas como citação para enriquecer seus argumentos. Deixe as marcas de sua autoria.
6. Faça um rascunho e submeta-o à apreciação de um ou mais colegas. Peça-lhes principalmente que verifiquem a utilização dos aspectos listados e o desenvolvimento de uma argumentação persuasiva.
7. Refaça sua redação e passe-a a limpo.

## Em atividade

FAÇA NO CADERNO

1. (Vunesp-SP) Leia os textos abaixo e, a seguir, elabore uma CARTA ARGUMENTATIVA para o Ministro da Educação em que você explicita sua opinião sobre a necessidade da realização do concurso vestibular para ter acesso à universidade, desenvolvendo argumentos adequados para defender seu ponto de vista. Dê-lhe um título. É necessário assinar a carta com as suas iniciais. Não ultrapasse 30 linhas.

### Texto 1

“A faculdade, hoje, é tábua de salvação das famílias de classe média, que não conseguem acumular bens e precisam recompor seu patrimônio a cada geração”, explica a socióloga Gisela Taschener, da Fundação Getúlio Vargas, de São Paulo. Atualmente, 8% dos brasileiros possuem diploma universitário. “A universidade é valorizada porque, no mundo de hoje, o capital do cidadão médio é sua escolaridade”, completa Gisela. Para as famílias que se equilibram com dificuldade entre a prestação da casa e a possibilidade de trocar o carro no final do ano, a faculdade dos filhos é o único patrimônio que se pode deixar. Para os filhos das famílias humildes, o diploma é uma das poucas esperanças de ascensão social.

(Veja, Escravos da Angústia, 12/11/1997)

### Texto 2

O vestibular, embora considerado injusto por muitos, especialmente aqueles indolentes e incapazes de superá-los, é um instrumento democrático, que proporciona aos concorrentes igualdade de condições.

(Vladimir Antonini, Curitiba, PR, **Veja**, Cartas, 19/11/97)

### Texto 3

Considero o vestibular a maior prova de ineficácia do sistema educacional brasileiro. Não se pode analisar um nível de conhecimento em apenas “uma tarde de domingo”. Principalmente porque estão presentes aspectos emocionais que podem ser decisivos.

(Rodrigo Frank de Souza Gomes, Fortaleza, CE, **Veja**, Cartas, 19/11/97)

### Texto 4

Nos Estados Unidos e na Inglaterra, há um teste depois do 2º grau, mas a avaliação depende de várias outras coisas, entre elas o histórico escolar, cartas de recomendação e o resultado de entrevistas na universidade. [...] Na França, quem conclui o 2º grau tem direito à faculdade desde que seja capaz de aguentar o ritmo puxado dos estudos superiores, responsável pelo abandono do curso por mais da metade dos matriculados.

(**Veja**, Escravos da Angústia, 12/11/97)

2. (Vunesp-SP) Há alguns anos, quando os acidentes de trânsito começaram a aumentar assustadoramente, começou-se a pensar seriamente na educação para o trânsito. A tentativa de conscientização da necessidade de obedecer à sinalização, ao limite de velocidade, enfim de usar o veículo como um meio de ida e não como uma possibilidade de morte ganhou dimensão nacional, incluindo a orientação nas escolas. No entanto, as estatísticas mostravam que a violência no trânsito crescia cada vez mais. Agora, com a implantação da nova lei, a imprensa noticia a diminuição do número de acidentes, de mortes e de multas, em até 40%. Mera coincidência?

A partir das considerações dadas, faça uma carta argumentativa para alguma publicação jornalística ou responsáveis pelo setor no país, emitindo a sua opinião sobre o fato e, principalmente, sobre a nova lei do trânsito recentemente implantada no Brasil. É necessário assinar a carta com o pseudônimo “Brasileiro Consciente”.

3. (Unicamp-SP)

Durante o ano de 1995, intensificou-se no Rio de Janeiro a onda de violência e sequestros. Uma das respostas a essa onda de violência foi a Manifestação Reage Rio, realizada no dia 28 de novembro como um grande ato público a favor da paz. Na semana seguinte, em artigo publicado na página 2 da **Folha de S.Paulo**, o jornalista Josias de Souza escreveu a esse propósito:

“O Rio que paga a carreirinha de coca é o mesmo Rio que foge do sequestro, eis a verdade. Diz-se que a violência vem do morro. Bobagem, tolice. Como a passeata do Reage Rio, a violência também é obra do carioca bem-posto. [...] Dois dos objetivos palpáveis do Reage Rio são o reaparelhamento da polícia e a urbanização das favelas. Erraram de alvo. Estão mirando na direção errada. [...] Pouco adianta dar novos 38 à polícia se não for interrompido o fluxo de dinheiro que garante os AR-15 do tráfico.”

(“O Rio cheira e berra”, 5/12/95)

Essa análise é polêmica e você deverá levá-la em consideração ao optar por uma das duas tarefas a seguir:

- concordando com a opinião do jornalista, escreva-lhe uma carta, apresentando argumentos que o apoiem;

- ou se você acha que o ato público cumpriu seus objetivos, escreva uma carta aos organizadores, elogiando a iniciativa, defendendo sua validade e rebatendo os argumentos do jornalista.

Todos os textos transcritos a seguir foram publicados na imprensa, alguns dias depois da Manifestação Reage Rio, e são relevantes para que você possa formar uma opinião. Ao escrever sua carta, considere os argumentos expostos nessa coletânea e outros que você achar pertinentes.

1. Cerca de 70 mil pessoas participaram da manifestação Reage Rio, um apelo para que acabem a violência e os sequestros no Rio de Janeiro. Os organizadores, entre eles o Movimento Viva Rio, esperavam 1 milhão de pessoas. Mas a chuva atrapalhou. A caminhada, na Avenida Rio Branco, reuniu representantes de toda a sociedade civil. “Foi um sucesso”, disse o sociólogo Herbert de Souza, o “Betinho”. O governador Marcello Alencar e o prefeito César Maia não participaram. Nos últimos nove meses, a polícia registrou 6 664 assassinatos no Rio. (Clipping do **Estadão**, Destaques de Novembro/95)

2. “Foi um extraordinário marco a marcha no Rio, onde, pela primeira vez, a politização da violência ganhou ares populares. Mesquinho e subdesenvolvido restringir o debate ao número de participantes. Mais importante, muito mais, foi o debate que suscitou e a sensação de que o combate ao crime não é apenas um problema oficial.” (Gilberto Dimenstein, “Chute no Saco”, **Folha de S.Paulo**, 10/12/95)

3. “Houve uma grande ausência na passeata de terça-feira passada no Rio de Janeiro. Faltou uma palavra mágica, aquela que daria sentido a toda aquela movimentação. [...] A palavra que faltou é: DROGAS. A passeata era contra a violência. Ora, qual a causa magna da violência no Rio, a causa das causas? Resposta: drogas. [...] A originalidade do Rio está em ter realizado uma passeata contra a escalada do crime, a incrível escalada que, sob o impulso e o império da droga, ocorre em várias partes, sem dar nome ao problema. E não se deu o nome porque, se se desse, não haveria passeata. [...] O que aconteceria se se anunciasse uma passeata contra as drogas? Muitos não iriam. No mínimo para não parecer careta, ou seja, ridículo. Mas também porque muita gente não é contra — é a favor das drogas. [...] Sendo assim, como fazer uma passeata contra a droga? Melhor é fazê-la contra a ‘violência’ e pela ‘paz’. Quem pode ser contra a paz?” (Roberto Pompeu de Toledo, “Faltou dizer por que não se tem paz”, **Veja**, 6/12/95)

4. “O lado bom do Rio é a natureza fantástica, o povo que é alegre e descontraído, aceita e vive a vida como ela é. O lado ruim é a miséria que se alastra por toda a cidade, exigindo uma solução, com nossos irmãos trepados em barracos pobres, olhando a cidade dos ricos como uma miragem a seus pés. E a solução não está nas brigas políticas de superfície, mas na revolução; a revolução que não pode ser feita agora. [...]

Fui à passeata Reage Rio porque me convidaram. Queriam que fosse num carro, mas preferi andar no meio das pessoas. A caminhada não foi propriamente um protesto mas uma advertência sobre o que está acontecendo, sem solução. Enfim, o problema da miséria é grave e uma pessoa com um pouco de sensibilidade não pode se sentir feliz diante disto.” (Silvio Cioffi, “Só revolução resolve a miséria, diz Niemeyer”, **Folha de S.Paulo**, 21/12/1995)

5. “Quem não acredita na força do pensamento positivo ganhou na quinta-feira, 30, um bom motivo para mudar de ideia. Menos de 48 horas depois da Caminhada pela Paz, que parou a cidade e mobilizou milhares de pessoas contra a violência — 60 mil, segundo a polícia, e 150, segundo os organizadores —, foi resgatado o estudante Eduardo Eugênio Gouvêa Vieira Filho, sequestrado trinta e seis dias antes. [...] A mãe de Eduardo Eugênio elogiou a atuação da polícia, mas dedicou especial gratidão aos participantes da caminhada.” (Eliane Lobato, “Guerrinha pela paz”, **Isto É**, 6/12/95)

**ATENÇÃO: AO ASSINAR A CARTA, USE APENAS AS INICIAIS DE SEU NOME.**

# Regência verbal

## Explorando os mecanismos linguísticos

### O conceito de regência

Falar em regência é sintonizar com a área musical; podemos lembrar algumas orquestras sinfônicas nacionais que celebrizaram seus regentes, como Roberto Minczuk, da Orquestra Sinfônica Brasileira (OSB). O trabalho de um regente ou maestro é orientar os músicos da orquestra para a leitura exata das notas e de outros sinais de uma partitura musical.



Ale Silva/Futura Press

O maestro Roberto Minczuk rege a Orquestra Sinfônica Brasileira (OSB) em um concerto especial em comemoração aos 20 anos do Grupo Cultural AfroReggae, no Theatro Municipal do Rio de Janeiro (RJ), em 2013.

### Enunciado: uma teia de regências

O enunciado verbal é uma orquestração sintática de elementos linguísticos em coesão, com uma dinâmica própria e visando a um sentido único.

Onde está, contudo, a regência do enunciado?  
Vamos observá-la no anúncio publicitário a seguir.



**A GENTE ACREDITA NAS GERAÇÕES FUTURAS E TAMBÉM NA PRESERVAÇÃO DE CULTURAS PASSADAS.**

**Ações no campo da arqueologia. Quando se faz, todo mundo sente.**

FURNAS é uma empresa que busca seu crescimento dentro dos princípios do desenvolvimento sustentável. Todo riqueza que geramos próximo dos insetos que retiramos da natureza. Por isso, temos políticas públicas de devolução destes valores ao meio ambiente. O investimento da empresa em pesquisas arqueológicas, do processo de colonização do Brasil e da pré-história do nosso país, está ajudando a preservar o patrimônio arqueológico nacional, com o auxílio de diversas universidades brasileiras. Os artefatos e utensílios de cerâmica, de pedra, e todas as informações recuperadas sobre o nosso passado, em cerca de 400 sítios arqueológicos situados em áreas sob influência de empreendimentos da empresa, depois de analisados e classificados, são encaminhados a museus para a divulgação da nossa história e pré-história. Mais informações [www.furnas.com.br](http://www.furnas.com.br)

**FURNAS. ENERGIA PARA O DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL.**



FOLHA DE S.PAULO, São Paulo, 12 jun. 2003. p. A11.

1. Sendo institucional, esse anúncio destaca a atuação da empresa.

FAÇA NO CADERNO

- a) Que informações verbais e visuais se prestam a isso?
- b) Como elas caracterizam a atuação da empresa?

Observe agora como as palavras do primeiro enunciado funcionam sintaticamente como regentes e/ou regidas.  
A gente acredita nas gerações futuras e também na preservação de culturas passadas.

- “A gente” (sujeito) rege “acredita nas gerações futuras e também na preservação de culturas passadas” (predicado); a terceira pessoa do singular da forma verbal “acredita” obedece ao comando do sujeito;
- “acredita” (forma verbal) rege um duplo complemento (objeto indireto): “nas gerações futuras e também na preservação de culturas passadas”; o verbo exige esse tipo de complemento introduzido pela preposição “em”;
- o substantivo “gerações”, um dos núcleos do objeto indireto, rege “as” e “futuras”; por esse motivo, essas palavras estão no feminino e no plural, mesmo não sendo complementos do regente, isto é, não completando seu sentido, mas apenas acompanhando-o;
- o outro núcleo do objeto indireto, o substantivo “preservação”, rege “a” e o complemento que exige para si, “de culturas passadas”;
- o substantivo “culturas” rege “passadas”.

Toda vez que um elemento do enunciado exige outro, estabelece-se uma relação de regência, que implica, pois, um termo regente (subordinante) e outro regido (subordinado); um termo que tenha funcionado como regido em um momento pode se tornar regente em outro.

FAÇA NO  
CADERNO

2. A gramática normativa costuma tratar dos casos de regência apenas quando o regido é um **complemento** exigido pelo regente. Identifique, no enunciado anterior, casos em que os regentes sejam ou não complementos.
3. A gramática normativa estabelece duas classificações para as regências da língua portuguesa, conforme o regente seja verbo ou nome (substantivo, adjetivo, advérbio). No primeiro caso, a regência será verbal; no segundo, nominal. Identifique no enunciado um caso de regência verbal e outro de nominal, considerando que os regidos sejam complementos.

O estudo da regência nos permite verificar que cada falante adota os mecanismos de língua falada do seu grupo social. Ao interagir com outros grupos, que põem em jogo outros papéis sociais, aparecem diferentes hábitos linguísticos de fala, marcas do grupo, aos quais cada falante precisa se adaptar.

É no confronto entre **fala** e **escrita**, porém, que a questão da regência aparece. Na língua falada, não temos problemas com verbos como **gostar** ou **escrever**, que apresentam regências coincidentes com as da língua escrita, mas, ao escrever um texto formal, ficamos em dúvida em relação a verbos que usamos na fala de maneira diferente da que encontramos na escrita formal. Mostra-se, aí, o confronto entre a **norma** e o **uso**.

A escrita formal segue as prescrições da **norma** gramatical. Ela toma como referência os textos escritos adotados na escola, os que estão nos dicionários e nas gramáticas, resultado de muitos anos de consolidação do **uso** linguístico.

Diferente do uso, dinâmico por natureza e propenso a variações, a norma da gramática tradicional sofre alterações muito vagarosas e é tomada como referência para os critérios de “certo” e “errado” quando se busca o “escrever bem”.

Compare a posição de alguns gramáticos quanto à questão do “certo” e do “errado” na língua portuguesa.

[...]

É justamente para chegarem a um conceito mais preciso de “correção” em cada idioma que os linguistas atuais vêm tentando estabelecer métodos que possibilitem a descrição minuciosa de suas variedades cultas, seja na forma falada, seja na escrita. Sem investigações pacientes, sem métodos descritivos aperfeiçoados nunca alcançaremos determinar o que, no domínio da nossa língua ou de uma área dela, é de emprego obrigatório, o que é facultativo, o que é tolerável, o que é grosseiro, o que é inadmissível; ou, em termos radicais, o que é e o que não é correto.

CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. **Nova gramática do português contemporâneo**. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001. p. 8.

[...] acredita-se que é exatamente o CONHECIMENTO DAS REGRAS, CONFRONTADAS COM A SITUAÇÃO REAL DE USO, QUE PERMITIRÁ QUE O USUÁRIO FAÇA SUAS ESCOLHAS PARA MELHOR DESEMPENHO LINGUÍSTICO, o qual, se tem de ser eficiente, então tem também de ser socialmente adequado. O que ocorre é que uma proposição de “certo” e de “errado”, decidida por palavra de autoridade e perpetuada por inércia, alijada de uma reflexão que tenha base na própria linguagem, não pode ser aceita como determinante das decisões de uso.

Na grande maioria dos casos, porém, o que existe é a possibilidade de escolha, por parte do falante, de um ou de outro uso, cada qual com suas implicações socioculturais, com sua posição na hierarquia de valoração, e com seus efeitos especiais de sentido, resultando dessa escolha a submissão do falante ao julgamento de adequação de seu enunciado à situação de uso. Nesse terreno, que é o da grande tensão entre uso e norma prescritiva, o falante é inteiramente responsável por sua ação linguística, e assim ele deve sentir-se, e assim ele deve ser visto na sua comunidade linguística.

NEVES, Maria Helena de Moura. **Guia de uso do português**: confrontando regras e usos. São Paulo: Unesp, 2003. p. 14-15.

FAÇA NO  
CADERNO

4. A partir das posições apresentadas pelos gramáticos na página anterior, procurem organizar um debate sobre o que é “certo” e “errado” no uso da língua. Lembrem-se de que a língua é viva! Como vocês se posicionam diante disso?

A seguir, analisaremos algumas regências verbais levando em conta aspectos como: o que se prescreve e o que se usa; usos adequados a diferentes padrões; as variações de sentido e o emprego de preposições. Dispondo dessa gama de possibilidades de uso e refletindo sobre os mecanismos linguísticos, você optará pelo padrão adequado à situação concreta.

## Algumas regências

### Assistir

Observe a regência do verbo **assistir** neste anúncio publicitário.



O ESTADO DE S. PAULO,  
São Paulo, 30 maio  
2005. p. A12.

FAÇA NO  
CADERNO

1. Responda sobre o enunciado “Você só assiste a Gilda na Eletromídia.”.
- Que regente é exigido pelo verbo “assiste”? De que tipo é?
  - A presença do marcador de exclusão “só” interfere na regência do verbo, que passa a exigir um segundo complemento. Qual é ele?
  - Qual é o sentido do verbo nesse caso?
  - Que função tem essa regência no anúncio?

Verifique agora a regência do mesmo verbo neste título de reportagem.



2. O sentido do verbo **assistir** nesse título também é o de “ver”, “observar”, “presenciar”. A regência, no entanto, é outra. Explique-a.
3. A regência de **assistir**, nos dois casos das questões anteriores, é diferente, embora o sentido seja o mesmo. Qual é a relação desse emprego com o padrão de linguagem em cada caso?

## Chegar

O verbo **chegar** apresenta várias regências possíveis: com ou sem complemento, com diferentes preposições e sentidos. Destacaremos apenas as que oferecem motivo para reflexão. Comece lendo o início de uma crônica de Luis Fernando Verissimo.

### A fidelidade

Ele chegou na praia numa terça-feira, que é um dia esquisito. Vieram do banho de mar e deram com o pai na varanda. “Ué”, observaram. Pouco depois chegou a mulher e também estranhou ele ali, numa terça e com aquela cara. [...]

FAÇA NO  
CADERNO

VERISSIMO, Luis Fernando. **As mentiras que os homens contam**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001. p. 131.

#### 1. Observe estas duas regências do verbo **chegar**.

Ele chegou na praia numa terça-feira [...]  
Pouco depois chegou a mulher [...]

Gostou do início da crônica e quer saber o que aconteceu depois? Leia o livro. Nele, você encontrará um uso bastante coloquial da língua.

a) Descreva-as.

b) Explique a diferença de sentido criada por elas.

#### 2. Que padrão linguístico o escritor utiliza nesse fragmento da crônica? Com que finalidade?

Observe agora como fica a regência desse verbo no padrão de prestígio da língua.

D 4 quinta-feira, 9 de junho de 2005 ESPORTE FOLHA DE S. PAULO

FUTEBOL *Ex-atleta se antecipa a Parreira e Scolari e dá ao Japão a primazia entre os times que disputam vaga para o Mundial*

# Zico chega primeiro à Copa da Alemanha

FOLHA DE S. PAULO. São Paulo, 9 jun. 2005. Esporte, p. D4.

#### 3. Analise o título “Zico chega primeiro à Copa da Alemanha”.

a) Qual é a regência de “chega”?

b) Além da variação da regência em vista do padrão linguístico, o emprego da preposição “em” ou “a” para introduzir o complemento do verbo **chegar** confere ao enunciado uma distinção de sentido. Pense na diferença entre “chegar a algum lugar” e “chegar em algum lugar” e explique os sentidos criados.

O verbo **ir**, na acepção de “movimentar-se de um lugar para outro”, apresenta regência semelhante. Em padrão culto, “vou **a** ou **para** algum lugar”; em padrão coloquial, “vou **em** algum lugar”.

## Lembrar/esquecer

Os verbos **lembrar** e **esquecer** apresentam algumas formas de regência bastante semelhantes, que destacaremos neste item.

No dia 12 de janeiro de 2010, um forte terremoto no Haiti devastou o país e matou muita gente, inclusive a médica brasileira Zilda Arns, fundadora da Pastoral da Criança. Leia o título da reportagem do jornal **Folha de S. Paulo** sobre essa ocorrência.

# Missa de 7º dia lembra trabalho de Zilda Arns

FOLHA DE S. PAULO. São Paulo, 19 jan. 2010. Brasil, p. A9.

1. Observe a regência do verbo **lembrar** no texto. Que sentido tem o verbo nesse enunciado?

Essa regência aparece no padrão formal, mas é frequente na informalidade da língua portuguesa, incluindo-se aí a literatura contemporânea. Hoje é possível encontrarmos em convivência:

Missa lembra trabalho

Missa lembra do trabalho

Missa não esquece o trabalho

Missa não esquece do trabalho

2. Que diferença de sentido o uso da preposição traz para o enunciado?

Uma variação dos verbos **lembrar** e **esquecer** é sua forma pronominalizada **lembrar-se** e **esquecer-se**. Em uma resenha do filme **Remember**, publicada no caderno Ilustrada do jornal **Folha de S.Paulo**, o repórter Guilherme Genestreti nos dá um exemplo desse emprego na norma-padrão.

## “Thriller geriátrico” é aplaudido na mostra

“Remember” tem protagonista octogenário que quer se vingar de oficial nazista, mas às vezes se esquece da missão

GENESTRETI, Guilherme. “Thriller geriátrico” é aplaudido na mostra. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 11 set. 2015. Ilustrada, p. C4.

3. Como é a regência do verbo **esquecer-se** nesse enunciado?

4. Leia um trecho da obra **Quincas Borba**, de Machado de Assis.

[...]

Ao entrar no Banco esbarrou com o sócio, que saiu.

— Creio que vi agora D. Sofia, disse-lhe Rubião.

— Onde?

— Na Rua dos Ourives; ia de carro, com outra senhora, que não conheço. Como tem você passado?

— Viu-a, e não se lembrou de nada, observou Palha, sem responder à pergunta. Não se lembrou que ela faz anos, quarta-feira, depois de amanhã. Não lhe peço que vá jantar, não ouse tanto, seria convidá-lo a aborrecer-se; mas uma xícara de chá bebe-se depressa. Faz-me esse favor?

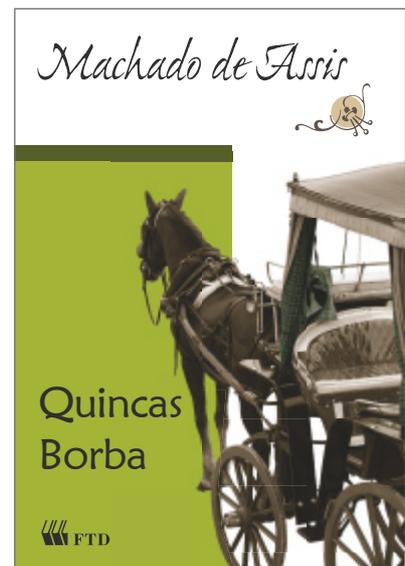
Rubião não respondeu logo.

— Vou até jantar, disse finalmente. Quarta-feira? Conte comigo. Tinha-me esquecido, confesso; mas ando com tanta coisa na cabeça... Espere por mim daqui a meia hora, no armazém.

ASSIS, Machado de. **Quincas Borba**. São Paulo: FTD, 2011. p. 217.

a) Nesse trecho de **Quincas Borba**, há duas ocorrências do verbo **lembrar** na sua forma pronominalizada. Como é a regência em cada uma delas?

b) Em qual dessas ocorrências do verbo **lembrar** a regência está na norma-padrão?



5. Compare a regência do verbo **lembrar-se** na segunda ocorrência no trecho de **Quincas Borba** com a do verbo **esquecer-se** no subtítulo da resenha.

Não se lembrou que ela faz anos [...].  
[...] mas às vezes se esquece da missão

- a) Que diferença há entre elas?  
b) Observando o padrão linguístico adotado e a composição sintática dos complementos, aponte os fatores que determinam essa diferença de regência.

## Pagar/perdoar

Também os verbos **pagar** e **perdoar** apresentam formas de regência semelhantes, de que trataremos em conjunto neste item.

Comece observando duas ocorrências com esses verbos em língua de prestígio.

### Doméstico registrado permite deduzir até R\$ 732 do Imposto de Renda

O contribuinte que faz declaração pela internet e usa todas as deduções legais permitidas, ainda tem imposto a pagar após a entrega e tem empregado doméstico com registro em carteira pode gozar de um benefício adicional proporcionado pelo fisco: o abatimento da contribuição paga ao INSS (12%) pelo empregador. [...]

Se o empregador **pagou** um salário mínimo mensal ao doméstico e recolheu as contribuições durante os 12 meses de 2009, bastará lançar no campo “Valor pago” um dos três valores já citados. Nesse caso, não será preciso preencher o campo “Parcela não dedutível”.

CEZARI, Marcos. Doméstico registrado permite deduzir até R\$ 732 do Imposto de Renda. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 17 mar. 2010. Mercado. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/mercado/2010/03/707730-domestico-registrado-permite-deduzir-ate-r-732-do-imposto-de-renda.shtml>>. Acesso em: 3 maio 2016.

## EUA estudam perdoar dívida de miseráveis

FOLHA DE S.PAULO. São Paulo, 8 jun. 2005. p. A18.

Folhapress

Em “Se o empregador pagou um salário mínimo mensal ao doméstico [...]”, temos um exemplo da regência do verbo **pagar** conforme os manuais normativos: dois complementos, sendo o direto para a “coisa” e o indireto para a **pessoa**, venham eles expressos ou não.

1. Qual é o sentido do verbo **pagar** no primeiro enunciado?
2. O que acontece com a regência de “perdoar” em “EUA estudam perdoar dívida de miseráveis”? Que sentido tem o verbo “perdoar” nesse enunciado?
3. Relembre enunciados cotidianos com os verbos **pagar** e **perdoar**. Anote as regências possíveis e compare-as com a norma-padrão.

FAÇA NO  
CADERNO

## O pronome relativo regido pelo verbo

Os pronomes relativos desempenham sempre uma função sintática nas orações que introduzem. Citamos dois exemplos que os gramáticos Celso Cunha e Lindley Cintra colheram da literatura nacional:

- função de objeto indireto:

Eu aguardava com uma ansiedade medonha esta cheia **de que** tanto se falava. (J. Lins do Rego)  
[“de que” = objeto indireto de “se falava”]

- função de agente da passiva:

— Sim, sua adorável pupila, a quem amo, a quem idolatro e **por quem** sou correspondido com igual ardor! (A. Azevedo)

[“por quem” = agente da passiva do verbo “corresponder”]

CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. **Nova gramática do português contemporâneo**. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001. p. 344-345.

1. Reflita. FAÇA NO CADERNO
- O que os pronomes relativos têm a ver com a regência?
  - Ao escrever um texto em padrão formal, que cuidado você deve ter com os pronomes relativos?
2. Leia a tira a seguir, em que aparecem dois exemplos de pronomes relativos regidos por verbos.



GONSALES, Fernando. Níquel Náusea. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 30 jun. 2005. Ilustrada, p. E11.

- Identifique os dois empregos de pronomes relativos na tira e explique sua regência.
- Por que motivo o autor da tira teve dois procedimentos distintos em relação ao modo de registro das regências?

Muitas são as dúvidas suscitadas pelas regências verbais e suas variações sintáticas e semânticas. Para resolvê-las, é fundamental consultar dicionários, que trazem informações sobre os padrões cultos das regências. Habitue-se a localizá-las identificando a classificação do verbo quanto aos complementos que o acompanham pelas abreviaturas VTD (verbo transitivo direto), VTI (verbo transitivo indireto), VBIT (bitransitivo ou transitivo direto e indireto).

Observe dois verbetes retirados de dicionários.

**preferir** (lat \**preaferere*, por *praeferre*) vtd **1** Dar primazia a; determinar-se por, ou em favor de: “Prefiro a desgraça; não aceito a desonra” (Rebello da Silva). *Prefiro-o entre todos*. Vtd e vti **2** Querer antes; escolher: *Prefiramos os prazeres da alma...* “... *prefiro deter-me no limiar da casa de Deus, a morar nas tendas dos pecadores*” (Salmo, 84, 11 — tradução do Padre Matos Soares). vtd **3** Ter preferência por; querer ou gostar mais: *Ele prefere o esporte da natação*.

MICHAELIS: moderno dicionário da língua portuguesa. Preferir. In: \_\_\_\_\_. São Paulo: Companhia Melhoramentos, 1998. p. 1 685.

**preferir** v. (sXVI cf. DNLeC) **1** t.d.bit. escolher uma pessoa ou coisa entre outras; decidir-se por <ele preferiu ficar solteiro> <preferiu pintar a ser médico> **2** t.d.bit. gostar mais de (algo ou alguém) [do que de outro ou outrem] <ela prefere ficar em casa (a ir a um show)> <ele prefere vinho à cerveja> **3** t.i. p.us. ter preferência; ser preferido <o balé moderno prefere ao clássico> [...]

INSTITUTO ANTÔNIO HOUAISS. Preferir. In: \_\_\_\_\_. **Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa**. [Rio de Janeiro]: Objetiva, 2001. Não paginado.

### Sistematizando a prática linguística

Regência verbal é a relação sintática entre um verbo regente e os complementos regidos por ele, o que acarreta alterações de sentido e variações conforme o padrão linguístico.

A regência verbal, isto é, aquela em que o verbo é o regente, nos permite verificar de perto que:

- fala e escrita são sistemas diferentes;
- a norma-padrão se aplica apenas à língua escrita;
- o uso apresenta múltiplas variações; a norma tem transformações lentas;
- os critérios de “certo” e “errado” podem ser substituídos pelos de “adequado” e “inadequado”.

## Algumas regências verbais e suas variações de emprego e de sentido

VTD — verbo transitivo direto, que pede objeto direto.

VTI — verbo transitivo indireto, que pede objeto indireto.

VTDI — verbo transitivo direto e indireto, que pede os dois complementos.

VI — verbo intransitivo, que não pede complementos objetos (coisa ou pessoa), mas pode pedir complementos adverbiais (lugar, tempo etc.).

### acreditar

VTD (julgar, supor): ... acredita que estamos sozinhos...?

VTI (ter fé ou crença): ... acredito **em** ET.

### assistir

VTI (presenciar, observar): "Rio assiste à morte de três lagoas." → padrão formal

VTD (presenciar, observar): "Você só assiste a Gilda na Eletromidia." → padrão coloquial

**chegar** (atingir o lugar pretendido; concluir o movimento de ida ou vinda)

VI + complemento de lugar:

Ele chegou **à** praia... (**ir** ou **vir**) → norma-padrão (destaque para o movimento)

Ele chegou **na** (em a) praia... → padrão coloquial (destaque para a permanência ou o repouso)

"Zico chegou **à** copa da Alemanha." ("atingir um ponto")

### lembrar/esquecer

VTD: "Missa [...] lembra trabalho de Zilda Arns" → norma-padrão ("evocar")

VTI: Missa lembra do trabalho de Zilda Arns → padrão coloquial; presente na literatura contemporânea ("trazer à memória")

### lembrar-se/esquecer-se

VTI: "às vezes se esquece da missão". → norma-padrão ("perder a lembrança")

VTI: "não se lembrou de nada". → norma-padrão

VTD: "não se lembrou que ela faz anos." → padrão coloquial

### pagar/perdoar

VTD de coisa e VTI de pessoa: "o empregador pagou um salário mínimo mensal ao [empregado] doméstico". → padrão culto ("responsabilizar-se pelo pagamento")

VTD (preferencialmente): Ele pagou o empregado. → padrão coloquial; presente na literatura contemporânea ("saldar dívida", "remunerar")

## Usando os mecanismos linguístico-discursivos

### Um caso de regência verbal

FAÇA NO  
CADERNO

- Na seção "Contraponto" do jornal **Folha de S.Paulo**, foi publicado um texto cujo humor gira em torno de uma diferença de regência. Descubra-a e explique-a quanto à sintaxe e ao sentido criado.

#### Nossa língua portuguesa

O deputado Henrique Fontana (PT-RS) esteve no mês passado em Portugal, onde representou o partido no encontro do Partido Socialista Português, em um hotel de Lisboa. Voltou de lá contando aos colegas uma história que jura ser verdadeira.

Após dois dias de discussões, os participantes do encontro foram a uma festa de confraternização. O encontro era tipicamente português.

Ao som de fado, os políticos podiam provar pratos da culinária local, como bacalhau, alheira e pastéis de Santa Clara. Fontana serviu-se no bufê, mas não sabia onde deveria sentar-se para comer. Num português coloquial, perguntou à garçonete:

— Posso sentar aqui no balcão ou tenho que sentar na mesa?

A funcionária respondeu:

— Aqui em Portugal a gente costuma sentar na cadeira. Se, no Brasil, você senta em mesa, ou em balcão, o problema é seu.

FOLHA DE S.PAULO. São Paulo, 30 set. 2003. Caderno Brasil, p. A4. Folhapress.

## Em atividade

FAÇA NO  
CADERNO

- (FGV-SP) Assinale a alternativa em que há erro de regência verbal.
  - Os padres das capelas que mais dependiam do dinheiro desfizeram-se em elogios à garota.
  - As admoestações que insisti em fazer ao rábula acabaram por não produzir efeito algum.
  - Nem sempre o migrante, em cujas faces se refletia a angústia que lhe ia na alma, tinha como resolver a situação.
  - Era uma noite calma que as pessoas gostavam, nem fria nem quente demais.
  - Nem sempre o migrante, cujas faces refletiam a angústia que lhe ia na alma, tinha como resolver a situação.
- (Fuvest-SP) Indique a alternativa correta:
  - Preferia brincar do que trabalhar.
  - Preferia mais brincar a trabalhar.
  - Preferia brincar a trabalhar.
  - Preferia brincar à trabalhar.
  - Preferia mais brincar que trabalhar.
- (Fuvest-SP) Assinale a alternativa que preencha corretamente os espaços.

Posso informar  senhores  ninguém, na reunião, ousou aludir  tão delicado assunto.

  - aos — de que — o
  - aos — de que — ao
  - aos — que — à
  - os — que — à
  - os — de que — a
- (Unifesp-SP)

Andar! Pero Marques seja!  
Quero tomar por esposo  
quem se tenha por ditoso  
de cada vez que me veja.  
Meu desejo eu retempero:  
**asno que me leve quero,  
não cavalo valentão:**  
antes lebre que leão,  
antes lavrador que Nero.

Os versos em destaque no texto, observadas as ideias e a regência, equivalem a

  - Convém asno a que me leve de que cavalo valentão.
  - Prefiro mais asno que me leve a cavalo valentão.
  - É preferível asno que me leve do que cavalo valentão.
  - Prefiro asno que me leve a cavalo valentão.
  - É melhor asno que me leve ante cavalo valentão.
- (ITA-SP)

O Programa Mulheres está mudando. Novo cenário, novos apresentadores, muito charme, mais informação, moda, comportamento e prestação de serviços. Assista, amanhã, a revista eletrônica feminina que é a referência do gênero na TV.

O verbo “assistir”, empregado em linguagem coloquial, está em desacordo com a norma gramatical.

  - Reescreva o último período de acordo com a norma.
  - Justifique a correção.

## Unidade 8

MATERIAL PARA DIVULGAÇÃO DA EDITORA FTD  
REPRODUÇÃO PROIBIDA



Daniel Marengo/Folhapress

# A cidade e o mundo: solidariedade e ética

A estátua em bronze de Carlos Drummond de Andrade, sentado em um banco na praia de Copacabana — um momento rotineiro da sua vida — foi criada pelo artista plástico mineiro Leo Santana em 2002, uma homenagem da cidade do Rio de Janeiro ao centenário do poeta. Na pedra do banco, o escultor gravou o verso “No mar estava escrita uma cidade”, retirado do livro de poemas **Rosa do povo** (1945).

O poeta mineiro, quase unanimidade nacional, representa a relação entre o escritor e o povo, entre o profissional que escreve sobre a cidade, mas também a habita e busca transformá-la com o seu trabalho, como um cidadão comum. Sua postura ética de convivência no mundo deixa de ser local para se tornar universal.

Nesta unidade, a imagem apresentada constitui a porta de entrada para o tema integrador “A cidade e o mundo: solidariedade e ética”. A poesia da segunda geração modernista, surgida no contexto de instabilidade social e política decorrente da tragédia gerada pela Segunda Guerra Mundial (1939-1945), traz uma indagação das grandes questões humanas: a reflexão sobre a existência e a angústia da guerra.

Vamos compreender o contexto brasileiro das grandes mudanças sociais, econômicas e políticas advindas do início da guerra. Viveu-se então uma fase de grande desenvolvimento cultural em razão do estabelecimento de universidades, pois até o momento só havia escolas superiores isoladas e de natureza profissionalizante. Em 1934, em São Paulo, foi criada a primeira universidade que concebia o ensino e a pesquisa de forma orgânica, a Universidade de São Paulo.

Simultaneamente, o país assistia ao desenvolvimento da indústria do livro, com a criação de importantes editoras, que ajudaram a divulgar a produção literária dos jovens escritores. Monteiro Lobato foi o primeiro editor a publicar as novidades literárias brasileiras.

No capítulo de **Leitura e literatura**, estudaremos a poesia dessa nova fase, cujos poetas permanecem conhecidos do público. Carlos Drummond de Andrade entrou na polêmica social das contradições humanas e revelou uma profunda expressão política; rumo diferente tomaram Murilo Mendes e Jorge de Lima, com poemas voltados para a fé católica e para o mistério da existência; Cecília Meireles mostrou a dimensão histórica do povo por meio de versos; Vinícius de Moraes, conhecido compositor musical, até hoje tem seus poemas cantados e declamados.

Em **Texto, gênero do discurso e produção**, continuaremos o estudo de propostas de produção de textos dissertativo-argumentativos solicitadas nas redações de vestibular, aprimorando as habilidades de leitura crítica das coletâneas apresentadas. Nesse novo estudo, visaremos à construção de um juízo de valor por meio do uso de diferentes estratégias argumentativas.

O capítulo de **Língua e linguagem** trata da regência nominal. Também traz à tona o emprego da crase, de ocorrência obrigatória na língua escrita.

Estátua em bronze, em tamanho natural, do poeta Carlos Drummond de Andrade. Obra do artista Leo Santana, 2002. Praia de Copacabana, Rio de Janeiro (RJ).

# Poetas da segunda fase do Modernismo brasileiro

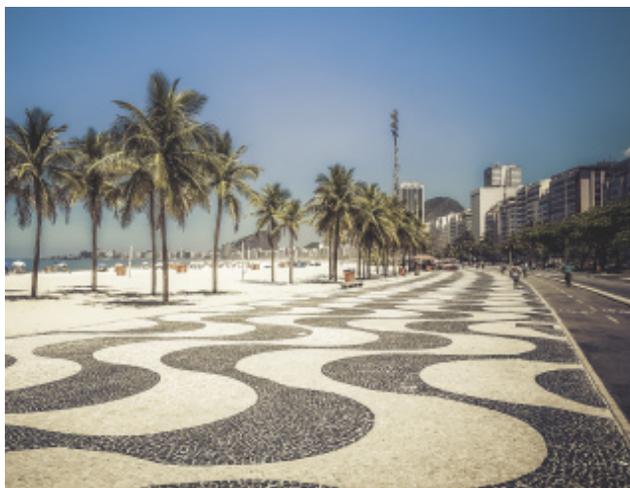
## Oficina de imagens

### Rio de Janeiro — alguns marcos da cidadania brasileira

No início da década de 1930, o Rio de Janeiro, então capital federal, foi um importante espaço de circulação de um grupo de poetas ligados a causas sociais, políticas e religiosas, tanto da cidade quanto do país: Carlos Drummond de Andrade, Murilo Mendes, Jorge de Lima, Cecília Meireles e Vinicius de Moraes.

Acidentes geográficos e arquitetônicos do Rio de Janeiro serviram de inspiração para poetas dessa fase. Cada marco descreve a cidade, narra acontecimentos históricos e constrói o sentido de uma realidade tanto local quanto nacional.

Selecionamos quatro desses marcos para você interpretar como materialidade física, histórica e temática: o calçadão de Copacabana, o Cristo Redentor, o Pão de Açúcar e o Sambódromo da Marquês de Sapucaí.



Calçadão de Copacabana, no Rio de Janeiro, uma referência turística nacional. Em uma de suas pontas fica o Forte de Copacabana, marco de um levante militar ocorrido em 1922 que iniciou o tenentismo e culminou com a Revolução de 1930. Teve sua época áurea nas décadas de 1930, 1940 e 1950, dando origem a muitos livros, pinturas, fotografias e músicas.



No morro do Corcovado, o Cristo Redentor, do alto de seus 38 metros, abre os braços para o mundo. Esse monumento foi inaugurado por Getúlio Vargas e pelo cardeal dom Sebastião Leme em 12 de outubro de 1931, dia de Nossa Senhora Aparecida. Tem à sua frente o morro da Urca e o Pão de Açúcar, outro conhecido complexo turístico do Rio de Janeiro.



Vista do Pão de Açúcar, no Rio de Janeiro. O morro do Pão de Açúcar é um bloco único de rocha proveniente de granito e tem cerca de 600 milhões de anos. O complexo turístico do Pão de Açúcar conta com o primeiro teleférico instalado no Brasil, em 1912 — à época, o terceiro no mundo todo.



O Sambódromo, projeto do arquiteto Oscar Niemeyer, foi inaugurado em 1984. Localizado na avenida Marquês de Sapucaí, zona central do Rio de Janeiro, é um espaço para espetáculos. No Carnaval, mais de 80 mil foliões assistem aos desfiles oficiais das escolas de samba.

**Atividade em grupo**

Em grupo, façam uma leitura das fotos e legendas que tratam de pontos turísticos do Rio de Janeiro.

- Retomem cada ponto turístico.
  - Pesquise a origem das palavras **Maracanã**, **Copacabana**, **Corcovado** e **Sambódromo**.
  - Esses pontos turísticos representam atividades de trabalho popular. Identifiquem-nas.
  - A partir da simbologia dos ícones do Rio de Janeiro, levantem hipóteses sobre os temas desenvolvidos pela poesia dessa segunda fase modernista.
- Organizem com seus colegas e o professor uma **apresentação oral** das respostas e a ampliação das discussões sobre o assunto da oficina: “Rio de Janeiro — alguns marcos da cidadania brasileira”.

**Astúcias do texto**

A poesia da segunda geração do Modernismo brasileiro, surgida no mesmo contexto de instabilidade social e política decorrente da tragédia gerada pela Segunda Guerra Mundial (1939-1945), traz uma indagação sobre as grandes questões humanas: a reflexão sobre a existência e a angústia da guerra.

Entre os poetas desse período, destacamos Carlos Drummond de Andrade, Murilo Mendes, Jorge de Lima, Cecília Meireles e Vinícius de Moraes.

**Drummond: o sentimento do mundo**

A seguir, você lerá um poema de Carlos Drummond de Andrade publicado no seu livro de estreia, **Alguma poesia**, em 1930. Ele representa o conflito que define a poesia reflexiva do autor.

**Poema de sete faces**

Quando nasci, um anjo torto  
desses que vivem na sombra  
disse: Vai, Carlos! ser *gauche* na vida.

As casas espiam os homens  
que correm atrás de mulheres.  
À tarde talvez fosse azul,  
não houvesse tantos desejos.

O bonde passa cheio de pernas:  
pernas brancas pretas amarelas.  
Para que tanta perna, meu Deus, pergunta meu  
[coração.

Porém meus olhos  
não perguntam nada.

O homem atrás do bigode  
é sério, simples e forte.  
Quase não conversa.  
Tem poucos, raros amigos  
o homem atrás dos óculos e do bigode.

Meus Deus, por que me abandonaste  
se sabias que eu não era Deus  
se sabias que eu era fraco.

Mundo mundo vasto mundo,  
se eu me chamasse Raimundo  
seria uma rima, não seria uma solução.  
Mundo mundo vasto mundo,  
mais vasto é meu coração.

Eu não devia te dizer  
mas essa lua  
mas esse conhaque  
botam a gente comovido como o diabo.

POEMA DE SETE FACES – In: **Alguma poesia**, de Carlos Drummond de Andrade, Companhia das Letras, São Paulo. Carlos Drummond de Andrade © Graña Drummond. [www.carlosdrummond.com.br](http://www.carlosdrummond.com.br)

**FAÇA NO CADERNO**

- Observe a estrutura do poema com o uso de versos livres. Em cada estrofe, o eu poético recupera a experiência de mundo, revelando diferentes faces da vida. Identifique cada uma delas.
- O vocábulo **face** remete à noção de rosto com cortes lapidares, à expressão humana e à angulação geométrica. Com isso, o autor recupera o estilo de uma vanguarda europeia.
  - Qual é ela?
  - Que efeito de sentido a sequência de temas variados constrói?
- Em duas estrofes, o eu poético enfatiza a gravidade da vida com imagens desconcertantes: “Vai, Carlos! ser *gauche* na vida”; “Se eu me chamasse Raimundo seria uma rima, não seria uma solução”.
  - Que situações existenciais são recuperadas nesses versos?
  - De que maneira o eu poético as trata?

**gauche**: em francês, esquerdo; no contexto do poema, indivíduo canhestro, inseguro, sem determinação.

No ensaio “Drummond: primeira poesia”, o professor de Literatura Brasileira da Universidade de São Paulo (USP), Davi Arrigucci Jr., explica a sedução desse poema:

O “Poema de sete faces” é a meditação do poeta sobre seu sentimento de estar no mundo.

A reflexão é que torna possível este reconhecimento do próprio sentimento; este depende do movimento reflexivo do pensamento para que aflore à consciência e, a uma só vez, para que possa exprimir-se. [...]

Drummond parece empenhado num esforço conceitual de dizer com precisão o que vai no coração, buscando reconhecer os próprios sentimentos. E desde o começo o desafio do difícil está lançado, pois o poeta encontra no coração o caminho da dificuldade [...]. É que persegue com palavras precisas até os movimentos imperceptíveis do coração, arriscando-se a procurar pela reflexão o que não se pode dizer, aquilo a que falta nome.

ARRIGUCCI JR., Davi. Drummond: primeira poesia. In: \_\_\_\_\_. **Coração partido**. Uma análise da poesia reflexiva de Drummond. São Paulo: Cosac & Naify, 2002. p. 40-41.

O poema a seguir também pertence ao primeiro livro de Drummond, **Alguma poesia**.

### Também já fui brasileiro

Eu também já fui brasileiro  
moreno como vocês.  
Ponteei viola, guiei forde  
e aprendi na mesa dos bares  
que o nacionalismo é uma virtude.  
Mas há uma hora em que os bares se fecham  
e todas as virtudes se negam.

Eu também já fui poeta.  
Bastava olhar para mulher,  
pensava logo nas estrelas  
e outros substantivos celestes.  
Mas eram tantas, o céu tamanho,  
minha poesia perturbou-se.

Eu também já tive meu ritmo.  
Fazia isto, dizia aquilo.  
E meus amigos me queriam,  
meus inimigos me odiavam.  
Eu irônico deslizava  
satisfeito de ter meu ritmo.  
Mas acabei confundindo tudo.  
Hoje não deslizo mais não,  
não sou irônico mais não,  
não tenho ritmo mais não.

TAMBÉM JÁ FUI BRASILEIRO – In: **Alguma poesia**, de Carlos Drummond de Andrade, Companhia das Letras, São Paulo. Carlos Drummond de Andrade © Graña Drummond. [www.carlosdrummond.com.br](http://www.carlosdrummond.com.br)

FAÇA NO  
CADERNO

- O poema é marcado por uma oposição entre dois tempos: passado e presente.
  - Como o eu poético se entendia como brasileiro?
  - No presente, como ele avalia sua identidade brasileira?
- Explique o título do poema, “Também já fui brasileiro”, considerando os elementos gramaticais usados: marcador de inclusão, advérbio e verbo.
- Na última estrofe, quais são as duas vozes em confronto?

Leia agora um poema que pertence ao terceiro livro de Drummond, **Sentimento do mundo** (1940). A partir dessa obra, as lembranças da terra e da família estão presentes com mais força e densidade.

### Confidência do itabirano

Alguns anos vivi em Itabira.  
Principalmente nasci em Itabira.  
Por isso sou triste, orgulhoso: de ferro.  
Noventa por cento de ferro nas calçadas.  
Oitenta por cento de ferro nas almas.  
E esse alheamento do que na vida é porosidade e comunicação.

A vontade de amar, que me paralisa o trabalho,  
vem de Itabira, de suas noites brancas, sem mulheres e sem horizontes.  
E o hábito de sofrer, que tanto me diverte,  
é doce herança itabirana.

**Itabira:** cidade famosa pelas minas de ouro e, mais tarde, pelo minério de ferro.

De Itabira trouxe prendas diversas que ora te ofereço:  
Esta pedra de ferro, futuro aço do Brasil;  
este São Benedito do velho santeiro Alfredo Duval;  
este couro de anta, estendido no sofá da sala de visitas;  
este orgulho, esta cabeça baixa...

Tive ouro, tive gado, tive fazendas.  
Hoje sou funcionário público.  
Itabira é apenas uma fotografia na parede.  
Mas como dói!

**Alfredo Duval:** fez a fachada do Teatro Itabira e confeccionou santos e animais para presépios.

FAÇA NO  
CADERNO

1. O título do poema é “Confidência do itabirano”. Que elementos do gênero confissão estão presentes?
2. A menção a Itabira marca o quanto Minas Gerais vem entranhada na obra de Drummond.
  - a) Que marcas concretas o eu poético recupera de sua terra natal?
  - b) De Itabira, que herança pessoal foi incorporada?
3. Quanto ao estilo do autor, nota-se que ele incorporou conquistas formais dos primeiros modernistas. Quais estão presentes no poema?
4. Identifique as antíteses empregadas pelo eu poético. Que sentido elas criam no poema?

João Prudente/Pulsar Imagens



Vista do município de Itabira, em Minas Gerais, 2014.

## Uma nova fase

O poema que segue é um dos doze que compõem o quarto livro de Drummond, **José** (1942), que marca uma ruptura com **Sentimento do mundo**. Escrito durante a Segunda Guerra Mundial e a ditadura de Vargas, o poema versa sobre as angústias e as frustrações de seu tempo, o questionamento do mundo e o sentido da existência humana.

### José

E agora, José?  
A festa acabou,  
a luz apagou,  
o povo sumiu,  
a noite esfriou,  
e agora, José?  
e agora, você?  
você que é sem nome,  
que zomba dos outros,  
você que faz versos,  
que ama, protesta?  
e agora, José?

Está sem mulher,  
está sem discurso,  
está sem carinho,  
já não pode beber,  
já não pode fumar,  
cuspir já não pode,  
a noite esfriou,  
o dia não veio,  
o bonde não veio,  
o riso não veio,

não veio a utopia  
e tudo acabou  
e tudo fugiu  
e tudo mofou,  
e agora, José?

E agora, José?  
Sua doce palavra,  
seu instante de febre,  
sua gula e jejum,  
sua biblioteca,  
sua lavra de ouro,  
seu terno de vidro,  
sua incoerência,  
seu ódio, — e agora?

Com a chave na mão  
quer abrir a porta,  
não existe porta;  
quer morrer no mar,  
mas o mar secou;  
quer ir para Minas,  
Minas não há mais.  
José, e agora?

Se você gritasse,  
se você gemesse,  
se você tocasse  
a valsa vienense,  
se você dormisse,  
se você cansasse,  
se você morresse...  
Mas você não morre,  
você é duro, José!

Sozinho no escuro  
qual bicho do mato,  
sem teogonia,  
sem parede nua  
para se encostar,  
sem cavalo preto  
que fuja a galope,  
você marcha, José!  
José, para onde?

JOSÉ – In: **José**, de Carlos Drummond de Andrade, Companhia das Letras, São Paulo. Carlos Drummond de Andrade © Graña Drummond. [www.carlosdrummond.com.br](http://www.carlosdrummond.com.br)

**teogonia:** doutrina mística, relacionada ao nascimento dos deuses e à formação do mundo.

- O eu poético se desdobra em José e toda a humanidade, mostrando uma angústia metafísica.
  - Como é José?
  - O que ele faz diante do beco sem saída da solidão?
  - Que sentido ele encontra para a vida humana e seu estar no mundo?
  - Que recurso linguístico o eu poético utiliza para incluir toda a humanidade no poema?
- Observe como o eu poético emprega o refrão: no início, no meio e no fim das estrofes, com inversões e modificações.
  - Que função tem o refrão ao longo do poema?
  - Como você interpreta o último verso?
- O estilo de “José” é uma marcha a ré em relação às características românticas. Uma das marcas pode ser identificada na repetição da mesma palavra em versos seguidos. Esse recurso linguístico é chamado de **anáfora**.
  - Que padrão linguístico ele recupera com tantas repetições?
  - Explique o sentido desse recurso.

### Carlos Drummond de Andrade: entre o ser e as coisas

O poeta e cronista mineiro é um vasto mundo poético. Nasceu em Itabira, em 1902, e morreu no Rio de Janeiro, em 1987, aos 85 anos. Formado em Farmácia, começou a participar das atividades culturais modernistas em Belo Horizonte. Ainda em Minas, colaborou em vários jornais e fundou com seus companheiros **A Revista**, para divulgar o Modernismo mineiro. Em 1934, foi morar no Rio de Janeiro, trabalhando com o ministro da Educação e Saúde, Gustavo Capanema. A partir de 1952, tornou-se funcionário público e escreveu diariamente para jornais.

Sua produção poética é extensa: **Alguma poesia** (1930), **Poesias** (1942), **A rosa do povo** (1945), **Poesia até agora** (1948), **Claro enigma** (1951), **Fazendeiro do ar** (1953), **As impurezas do branco** (1973), **Discurso da primavera e algumas sombras** (1977), **A paixão medida** (1980), **Amar se aprende amando** (1985). **Contos de aprendiz**, seu primeiro livro de contos, foi publicado em 1950.



Carlos Drummond de Andrade.

Arquivo EM/D-A Press

## Cecília Meireles: história e poesia

A experiência poética mais significativa de Cecília Meireles é o **Romanceiro da Inconfidência** (1953), uma das obras-primas de toda a literatura brasileira. O romanceiro é formado por um conjunto de romances, termo de origem medieval que significa poemas narrativos de tons líricos. Ao todo, são 85 poemas narrativos desenvolvidos em cinco partes bem definidas: cinco falas e quatro cenários. A estrutura poética é formada por métricas variadas, em que predominam versos curtos, sem rimas constantes.

Durante quatro anos, a autora pesquisou os elementos históricos referentes à Inconfidência Mineira, ocorrida em Vila Rica (atual Ouro Preto) no ano de 1789, e os recriou de modo lírico em seu poema. O eu poético narra toda a história da Inconfidência Mineira por meio de descrições da sociedade da época. Sem apresentar os fatos ou seus protagonistas, ele dá sua interpretação pessoal e emocionada do evento histórico. Também há registro de toda a civilização do ouro, no século XVIII, em núcleos temáticos. A mistura dos gêneros histórico (épico), lírico e dramático caracteriza a modernidade da poesia de Cecília Meireles.

- Em grupos de três ou quatro colegas, pesquisem na biblioteca da escola o poema “Romance XXI ou Das Ideias”, de Cecília Meireles, publicado na obra **Romanceiro da Inconfidência** (MEIRELES, Cecília. **Romanceiro da Inconfidência**. São Paulo: Global, 2012. p. 72-75). Leiam o poema e respondam às questões.
- Enquanto o eu poético descreve a paisagem natural de Vila Rica, aparece a situação histórica, social, religiosa e econômica da época.
  - Que classes sociais aparecem?
  - Quais são seus hábitos e atividades?

Todos os participantes do romance são originários da história brasileira, mas, como estão justapostos ao poema, tornam-se simultaneamente presentes, marcados de um sentimento de esperança desconsolada, que já conhece de antemão o fim fraudado da história.

3. A autora religa o presente de 1953 ao passado de maio de 1789, fazendo os campos, as serras e os rios falarem. Que vozes políticas e culturais são retomadas?
4. O eu poético compõe o painel histórico do século XVIII, empregando frases nominais. Releia a sexta estrofe, que tomaremos como exemplo para analisar os recursos linguísticos empregados no “Romanceiro XXI”.
  - a) Os três primeiros versos recuperam uma enumeração de eventos simultâneos; os dois versos seguintes apresentam um paralelismo sintático. Qual é a finalidade desses recursos linguísticos?
  - b) A **metonímia** é outro recurso de linguagem que aparece no poema. Nos três primeiros versos da terceira estrofe, os substantivos justapostos representam situações sociais, políticas e culturais mais amplas. Identifique-as e explique o efeito de sentido criado.
5. Os **parênteses** são um recurso de pontuação empregado no poema. Retomando a leitura global desse poema, responda:
  - a) Que mudança de plano eles operam?
  - b) Com que finalidade o eu poético os emprega?
6. O poema é marcado por sons, ritmos e imagens fragmentárias, que compõem um mosaico de eventos. Como se cria a musicalidade no romanceiro? Dê exemplos.

A VOZ DA CRÍTICA

A respeito do livro, o crítico literário Ítalo Moriconi afirma:

Com o **Romanceiro**, a poeta busca instilar na cultura brasileira não apenas um sentimento, mas sobretudo uma inteligência de pátria, algo praticamente inexistente entre nós no nível das pessoas comuns, da gente como a gente, por causa da distância atávica entre valores das elites e valores do povo. [...] o **Romanceiro da Inconfidência** é poema movido a vontade forte de remar contra a corrente. Vontade férrea de nossa poeta maior de legar para gerações futuras um modelo cívico e oficial de poesia. Cívico e oficial, porém não bobalhão nem grandiloquente, pois no poema Cecília consegue fazer alquimia sutil entre o mero nativismo sentimental [...] e o patriotismo.

MORICONI, Ítalo. **Como e por que ler a poesia brasileira do século XX**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002. p. 74-75.

**Cecília Meireles: “A poesia é grito, mas transfigurado.”**

Carioca, Cecília Meireles (1901-1964) cursou a Escola Normal e lecionou no magistério primário nas escolas públicas do Rio de Janeiro. Ao mesmo tempo, exerceu intensa atividade jornalística, colaborando na imprensa carioca com textos sobre literatura, educação e folclore. Influenciada pela filosofia oriental, procurou combinar o efêmero com o eterno, o que está expresso em sua poesia com versos curtos e musicais. Também cultivou a poesia reflexiva, com temas como a transitoriedade da vida e a fugacidade do tempo.

Em 1919, publicou seu primeiro livro de poesias, **Espectro**. Seguiram-se **Nunca mais... e poema dos poemas**, em 1923, e **Baladas para El-Rei**, em 1925, publicações com tendências simbolistas. É consagrada grande poeta lírica da língua portuguesa com **Viagem** (1939). Seus livros posteriores, **Vaga música** (1944) e **Mar absoluto e outros poemas** (1945), recuperam a sua experiência em diferentes países, como Estados Unidos, México, Goa e Índia. Em suas obras poéticas, em 1958, inclui **Doze noturnos de Holanda**, **O aeronauta**, **Solombra** e **Cânticos**. Sua poesia foi traduzida para o espanhol, francês, italiano, inglês, alemão, húngaro e hindí.



Cecília Meireles.

Arquivo EM/D.A. Press

## Jorge de Lima: a tradição e a transgressão

O poeta Jorge de Lima é um dos principais representantes da poesia espiritualista, mas cultivou também a poesia social, modernista e surrealista, influenciado pelos pintores surrealistas De Chirico e Max Ernst.

Um de seus poemas modernistas mais marcantes é “Essa negra Fulô”, publicado em Maceió (1928) com tiragem limitada. Posteriormente, foi publicado em **Novos poemas** (1932), no Rio de Janeiro, com treze ilustrações de Lasar Segall.

O negro é retratado pelo olhar do branco, recuperando as condições de vida, sua fala, sua cultura e a violência racial, sexual e social, herança da tradição colonial brasileira.

**Essa negra Fulô**

Ora, se deu que chegou  
(isso já faz muito tempo)  
no banguê dum meu avô  
uma negra bonitinha,  
chamada negra Fulô.

Essa negra Fulô!  
Essa negra Fulô!  
  
Ó Fulô! Ó Fulô!  
(Era a fala da Sinhá)

— Vai forrar a minha cama  
pentear os meus cabelos,  
vem ajudar a tirar  
a minha roupa, Fulô!

**banguê:** casa de moer a cana.

Essa negra Fulô!  
Essa negrinha Fulô!  
ficou logo pra mucama  
pra vigiar a Sinhá,  
pra engomar pro Sinhô!

Essa negra Fulô!  
Essa negra Fulô!

Ó Fulô! Ó Fulô!  
(Era a fala da Sinhá)  
vem me ajudar, ó Fulô,  
vem abanar o meu corpo  
que eu estou suada, Fulô!  
vem coçar minha coceira,  
vem me catar cafuné,  
vem balançar minha rede,  
vem me contar uma história,  
que eu estou com sono, Fulô!

Essa negra Fulô!

“Era um dia uma princesa  
que vivia num castelo  
que possuía um vestido  
com os peixinhos do mar.  
Entrou na perna dum pato  
saiu na perna dum pinto  
o Rei-Sinhô me mandou  
que vos contasse mais cinco”.

Essa negra Fulô!  
Essa negra Fulô!

Ó Fulô? Ó Fulô?  
Vai botar para dormir  
esses meninos, Fulô!  
“minha mãe me penteou  
minha madraستا me enterrou  
pelos figos da figueira  
que o Sabiá beliscou”.

Essa negra Fulô!  
Essa negra Fulô!

Fulô? Ó Fulô?  
(Era a fala da Sinhá  
Chamando a negra Fulô!)  
Cadê meu frasco de cheiro  
Que teu Sinhô me mandou?

— Ah! Foi você que roubou!  
Ah! Foi você que roubou!

O Sinhô foi ver a negra  
levar couro do feitor.  
A negra tirou a roupa,  
o Sinhô disse: Fulô!  
(A vista se escureceu  
que nem a negra Fulô).

Essa negra Fulô!  
Essa negra Fulô!

Ó Fulô? Ó Fulô?  
cadê meu lenço de rendas,  
cadê meu cinto, meu broche,  
Cadê o meu terço de ouro  
que teu Sinhô me mandou?  
Ah! foi você que roubou!  
Ah! foi você que roubou!

Essa negra Fulô!  
Essa negra Fulô!

O Sinhô foi açoitar  
sozinho a negra Fulô.  
A negra tirou a saia  
e tirou o cabeção,  
de dentro dele pulou  
ninha a negra Fulô.

Essa negra Fulô!  
Essa negra Fulô!

Ó Fulô! Ó Fulô!  
Cadê, cadê teu Sinhô  
que Nosso Senhor me mandou?  
Ah! Foi você que roubou,  
foi você, negra Fulô?

Essa negra Fulô!

ESSA NEGRA FULÔ – In: **Poemas negros**, de Jorge de Lima, CosacNaify, São Paulo;  
© by Maria Thereza Jorge de Lima e Lia Corrêa Lima Alves de Lima.

FAÇA NO  
CADERNO

- Os versos iniciais do poema são um modo folclórico de iniciar a narrativa, um registro da oralidade. Quatro vezes desenvolvem a narrativa.
  - Qual é a contribuição de cada voz para esse poema narrativo?
  - Como elas estão linguisticamente marcadas?
- Ao longo do poema, o eu poético compõe as relações de trabalho entre os senhores e a escrava. Explique como elas se davam.
- “Fulô” é corruptela de flor. A negra não tem nome, o que revela seu desprestígio naquela hierarquia social. O eu poético emprega muitos pronomes possessivos “meu”, “teu” e “nosso”. Qual é a relação desse emprego linguístico com a hierarquia social?
- As imagens construídas ganham força com os recursos sonoros. Identifique-os.

### Jorge de Lima: o regional e o universal

Poeta, prosador, pintor, escultor, médico e homem político, o alagoano Jorge de Lima (1893-1953) tem uma produção poética marcada por um longo itinerário desde seu primeiro livro, **XIV alexandrinos** (1914), do qual faz parte o soneto “O acendedor de lampiões”.

Depois do Modernismo, rejeitou a poética tradicional e incorporou os ritmos e os aspectos da vida do negro, praticando o verso livre e o emprego da linguagem coloquial. Em 1930, fez uma poesia católica em que misturava a transcendência com toques surrealistas. Em parceria com o poeta mineiro Murilo Mendes, escreveu **Tempo e eternidade**, com o subtítulo “Restauramos a poesia em Cristo” (1935), e depois **A túnica inconsútil** (1938), dando caráter universal à sua poética.

Na fase final de sua produção poética, a obra **Invenção de Orfeu** (1952), poema em dez cantos, é uma tentativa de modernizar a epopeia.



Acervo Iconographia

Jorge de Lima.

## Murilo Mendes: conciliador dos contrários

A produção poética de Murilo Mendes é vasta, compreendendo poesia humorística, religiosa e surrealista. Ele aproxima a poesia da pintura e da música, procurando combinar elementos díspares para gerar outra realidade, que une o eterno e o efêmero.

Em sua obra de estreia, **Poemas**, publicada em 1930, recupera os acontecimentos cotidianos e os interpreta pela linguagem, buscando conciliar o cósmico e o social.

Leia a seguir o poema “Canção do exílio”, que pertence a esse primeiro livro e assume a perspectiva do nacionalismo crítico de 1922.

### Canção do exílio

Minha terra tem macieiras da Califórnia  
onde cantam gaturamos de Veneza.  
Os poetas da minha terra  
são pretos que vivem em torres de ametista,  
os sargentos do exército são monistas, cubistas,  
os filósofos são polacos vendendo a prestações.  
A gente não pode dormir  
com os oradores e os pernalongos  
Os sururus em família têm por testemunha a Gioconda.  
Eu morro sufocado  
em terra estrangeira.  
Nossas flores são mais bonitas  
nossas frutas são mais gostosas  
mas custam cem mil réis a dúzia.

Ai quem me dera chupar uma carambola de verdade  
e ouvir um sabiá com certidão de idade!

**ametista:** pedra semipreciosa, de cor violeta.

**gaturamo:** ave.

**monismo:** teoria que acredita numa origem única para todos os seres.

CANÇÃO DO EXÍLIO – In: **Poemas**, de Murilo Mendes, Cosac Naify, São Paulo; © by herdeiros de Murilo Mendes.

1. O poema cita o conhecido texto de Gonçalves Dias, “Canção do exílio”. Compare os dois primeiros versos do poema homônimo:

Minha terra tem palmeiras, / onde canta o Sabiá

- a) Que alterações foram feitas a partir do poema romântico?
- b) Com que propósito o autor romântico criou seu poema? E o autor modernista?

2. A partir do 3º verso, quais são as contradições sociais expostas?

3. No 9º verso, há uma referência à **Gioconda**, famosa pintura renascentista de Leonardo da Vinci, exposta no Museu do Louvre, em Paris.

- a) Em que contexto do poema aparece essa referência?
- b) Para o autor, a cópia da **Gioconda** (como é conhecida a obra **Monalisa**) é *kitsch*, isto é, uma manifestação artística de uso exclusivamente decorativo. Que crítica está subentendida nessa inversão do uso da obra de arte?

FAÇA NO  
CADERNO

### A VOZ DA CRÍTICA

Vamos ler um trecho da crítica sobre a poesia de Murilo Mendes escrita por Mário de Andrade.

Murilo Mendes são dois poetas. É mesmo extraordinário como ele é um dois. Tem nele um observador satírico e um Ariel maluco. O que apenas une os dois poetas em Murilo Mendes é o carioquismo irreduzível do homem. Murilo Mendes é mineiro de origem. Mas ninguém mais “carioca” do que ele. É que “carioca” não esclarece a origem de ninguém, é uma determinação psicológica. Nem são mesmo as pessoas nascidas no Rio de Janeiro que são cariocas. No geral “carioca” é muito mais o estaduano que vai pra cidade do emprego. Aquele ar de farra sentimental que o Rio de Janeiro tem, faz o emigrante um “carioca”. O que é o carioca? Leiam Murilo Mendes.

ANDRADE, Mário de. **Táxi e crônicas no Diário Nacional**. São Paulo: Duas Cidades, 1976. p. 294.

**Ariel:** fogo de Deus.

Em 1935, Murilo Mendes e Jorge de Lima escreveram em parceria uma obra intitulada **Tempo e eternidade**, incorporando as conquistas modernistas à produção religiosa.

O poema a seguir retoma os salmos, gênero bíblico, mostrando que a força do Cristo se encontra em sua fragilidade.

**Salmo nº 3**

Eu te proclamo grande, admirável,  
 Não porque fizeste o sol para presidir o dia  
 E as estrelas para presidirem a noite;  
 Não porque fizeste a terra e tudo que se contém nela,  
 Frutos do campo, flores, cinemas e locomotivas;  
 Não porque fizeste o mar e tudo que se contém nele,  
 Seus animais, suas plantas, seus submarinos, suas sereias:  
 Eu te proclamo grande e admirável eternamente  
 Porque te fazes minúsculo na eucaristia,  
 Tanto assim que qualquer um, mesmo frágil, te contém.

SALMO Nº 3 – In: **Poesia completa e prosa**, de Murilo Mendes, Nova Aguilar, Rio de Janeiro;  
 © by herdeiros de Murilo Mendes.

**Murilo Mendes (1901-1975): poesia liberdade**

O escritor, crítico e poeta mineiro converteu-se radicalmente ao catolicismo em 1934, por ocasião da morte de seu grande amigo, o pintor Ismael Nery. Sua vertente mística revelou-se por toda sua vida, em poemas e em prosa. Seu primeiro livro, **Poemas**, foi publicado em 1930. Em 1932, publicou **História do Brasil**, com influência do Modernismo da primeira fase, em que há o predomínio da linguagem coloquial, do humor e da irreverência.

Do eu individual passa a explorar o eu coletivo, e surge **Tempo e eternidade** (1935), messianicamente católico. **A poesia em pânico** (1938), **O visionário** (1941) e **As metamorfoses** (1944), em que se manifestam as imagens surrealistas, pertencem à fase de compromisso com a realidade política e humana do mundo inteiro. **Poesia liberdade** (1947) foi ilustrado pelo pintor cubista Francis Picabia na edição francesa e traz o novo estilo com invenção verbal e uma oferta saudosista.

No exílio, sua obra foi marcada pelo sincretismo entre a poesia, a música e as artes plásticas. A visita a diferentes países é registrada em **Siciliana** (1959) e **Tempo espanhol** (1959). Suas últimas obras foram **Convergência** (1970) e **Poliedro** (1972), que aparecem com experimentos realizados pela poesia concreta.



Acervo Iconographia

Murilo Mendes, em 1972.

**Em cena**

Em 2001, foi comemorado o centenário de Cecília Meireles e de Murilo Mendes; em 2002, o do escritor Carlos Drummond de Andrade. Vamos concluir o estudo da produção poética dessa geração de 1930 organizando uma homenagem a esses poetas.

Cada grupo escolhe um poeta a ser homenageado, apresentando uma seleção de poemas dele com comentários de críticos literários. Para isso, pesquisem nos *sites* de poesia na internet e nas obras completas desses autores, em uma biblioteca.

Para a **exposição**, preparem painéis ou pendurem os poemas em barbantes, formando varais de poesia.

Escolham alguns poemas para declamar em voz alta durante o **sarau**. Preparem-se para uma leitura expressiva, pois o ritmo dos versos e o tom são marcados pela cadência da voz.

## Na trama dos textos

### Drummond revisitado por José Saramago

Em 1986, o escritor português José Saramago escreveu uma crônica a partir dos versos de Carlos Drummond de Andrade. Anos mais tarde, o texto foi publicado no seu livro **A bagagem do viajante** (1973). Com diferença de 20 anos de idade, Drummond (31 de outubro de 1902) e Saramago (16 de novembro de 1922) dialogam no espaço ficcional.

Leia o trecho da crônica “E agora, José?”.

Há versos célebres que se transmitem através das idades do homem, como roteiros, bandeiras, cartas de marear, sinais de trânsito, bússolas — ou segredos. Este, que veio ao mundo depois de mim, pelas mãos de Carlos Drummond de Andrade, acompanha-me desde que nasci, por um desses misteriosos acasos que fazem do que viveu já, do que vive e do que ainda não vive, um mesmo nó apertado e vertiginoso de tempo sem medida. Considero um privilégio meu dispor deste verso, porque me chamo José e muitas vezes na vida me tenho interrogado: “E agora, José?”. Foram aquelas horas em que o mundo escureceu, em que o desânimo se fez muralha, fosso de víboras, em que as mãos ficaram vazias e atônitas.

SARAMAGO, José. **A bagagem do viajante**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002. p. 33.

- Como o autor se reconhece no poema “José”, de Drummond?

FAÇA NO  
CADERNO



Companhia das Letras

### Parceria da literatura com a MPB

Um dos poetas mais famosos dessa fase modernista é o carioca Vinicius de Moraes (1913-1980), que resgatou a relação entre a canção e a poesia.

Leia o poema “A rosa de Hiroxima”, publicado na **Antologia poética** organizada pelo autor em 1954 e que foi musicado posteriormente por Gerson Conrad.

#### A rosa de Hiroxima

Pensem nas crianças  
Mudas telepáticas  
Pensem nas meninas  
Cegas inexatas  
Pensem nas mulheres  
Rotas alteradas  
Pensem nas feridas  
Como rosas cálidas  
Mas oh não se esqueçam  
Da rosa da rosa  
A rosa de Hiroxima  
A rosa hereditária  
A rosa radioativa  
Estúpida e inválida  
A rosa com cirrose  
A anti-rosa atômica  
Sem cor sem perfume  
Sem rosa sem nada.

A rosa de Hiroxima. Vinicius de Moraes. In: **Nova antologia poética de Vinicius de Moraes**, seleção e organização de Antonio Cícero e Eucanaã Ferraz. São Paulo: Cia. das Letras, Editora Schwarcz Ltda., 2003. p. 150.

#### Em cena

Vinicius de Moraes compôs em parceria com Baden Powell, Carlos Lyra, Toquinho, Edu Lobo e Chico Buarque de Hollanda, entre tantos outros.

Escolha com os colegas algumas canções de Vinicius em parceria com algum outro compositor.

Para isso, combinem com o professor um momento da aula em que sejam apresentadas algumas das melhores **canções** selecionadas pelos grupos.

(IBMEC) Textos para as questões 1 e 2.

I

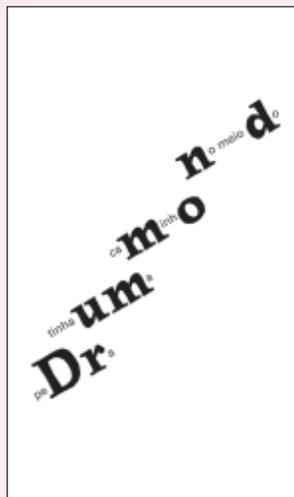
### No meio do caminho

No meio do caminho tinha uma pedra  
tinha uma pedra no meio do caminho  
tinha uma pedra  
no meio do caminho tinha uma pedra.

Nunca me esquecerei desse acontecimento  
na vida de minhas retinas tão fatigadas.  
Nunca me esquecerei que no meio do caminho  
tinha uma pedra  
tinha uma pedra no meio do caminho  
no meio do caminho tinha uma pedra.

Carlos Drummond de Andrade. Alguma poesia (1930).

II



Extraído do livro "eraOdito", de Marcelino Freire,  
Ateliê Editorial, 1998

FREIRE, Marcelino. **EraOdito**. 2. ed.  
São Paulo: Ateliê Editorial, 2002.

Comemorou-se no último dia 31 de outubro o centenário de nascimento de Carlos Drummond de Andrade (1902-1987), o mais importante poeta brasileiro do século XX. “No meio do caminho” (texto I) é provavelmente o poema mais polêmico de Drummond e do Modernismo: provocou um verdadeiro escândalo entre os espíritos conservadores! Foi essa avalanche de opiniões que levou Drummond a publicar **Uma pedra no meio do caminho — biografia de um poema** (Rio de Janeiro: Editora do Autor, 1967), um documento exemplar da sociologia do gosto literário. São 194 páginas que reúnem críticas contundentes e ridicularizadoras, caricaturas, traduções e alguns elogios ao poema.

1. Aponte, dentre as alternativas seguintes, a que caracteriza o aspecto mais surpreendente do poema drummondiano e é capaz de explicar o impacto produzido na época de sua publicação.
  - a) Trata-se da forma profundamente desrespeitosa com que Drummond se refere ao verso “Nel mezzo del camin di nostra vita”, de Dante Alighieri, retomado por Olavo Bilac num de seus mais famosos sonetos.
  - b) As demasiadas repetições do verso “No meio do caminho tinha uma pedra” são extremamente redutoras e empobrecedoras, do ponto de vista semântico.
  - c) De acordo com a norma culta, o poema apresenta incorreções inadmissíveis, tais como a regência exótica do verbo “esquecer”.
  - d) O poema não passa de uma baboseira futurista, marca indelével da fase de loucura que acometeu Drummond, na época em que o escreveu.
  - e) O poema caracteriza a época contemporânea, prosaica e muito agitada, em que poucos param para refletir sobre a existência. A mensagem, de tão simples, inquieta o leitor pelo modo redundante com que se estrutura.
2. No último terceto de “Legado”, de Claro Enigma (1950), Carlos Drummond de Andrade faz alusão ao seu verso mais polêmico:

De tudo quanto foi meu passo caprichoso  
Na vida, restará, pois o resto se esfuma,  
Uma pedra que havia no meio do caminho.

O texto II, em forma de homenagem, combina o nome do poeta Drummond com seu verso mais famoso. Marcelino Freire utiliza a linguagem de novas mídias na construção de um poema, simultaneamente verbal e visual.

Entre todos esses poemas estabelece-se uma relação de:

- a) plágio.
- b) desmistificação.
- c) reprodução.
- d) intertextualidade.
- e) usurpação.

3. (Enem/MEC) Oxímoro (ou paradoxo) é uma construção textual que agrupa significados que se excluem mutuamente. Para Garfield, a frase de saudação de Jon (tirinha abaixo) expressa o maior de todos os oxímoros.



Folha de S. Paulo, 31 de julho de 2000.

Nas alternativas abaixo, estão transcritos versos retirados do poema “O operário em construção”. Pode-se afirmar que ocorre um oxímoro em

- a) “Era ele que erguia casas  
Onde antes só havia chão.”
- b) “... a casa que ele fazia  
Sendo a sua liberdade  
Era a sua escravidão.”
- c) “Naquela casa vazia  
Que ele mesmo levantara  
Um mundo novo nascia  
De que sequer suspeitava.”
- d) “... o operário faz a coisa  
E a coisa faz o operário.”
- e) “Ele, um humilde operário  
Um operário que sabia  
Exercer a profissão.”

MORAES, Vinicius de. **Antologia poética**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

4. (Enem/MEC)

#### Confidência do itabirano

Alguns anos vivi em Itabira.  
Principalmente nasci em Itabira.  
Por isso sou triste, orgulhoso: de ferro.

Noventa por cento de ferro nas calçadas.  
Oitenta por cento de ferro nas almas.  
E esse alheamento do que na vida é porosidade e comunicação.  
A vontade de amar, que me paralisa o trabalho,  
vem de Itabira, de suas noites brancas, sem mulheres e sem horizontes.  
E o hábito de sofrer, que tanto me diverte,  
é doce herança itabirana.

De Itabira trouxe prendas diversas que ora te ofereço:  
esta pedra de ferro, futuro aço do Brasil,  
este São Benedito do velho santeiro Alfredo Duval;

este couro de anta, estendido no sofá da sala de visitas;  
este orgulho, esta cabeça baixa...

Tive ouro, tive gado, tive fazendas.  
Hoje sou funcionário público.  
Itabira é apenas uma fotografia na parede.  
Mas como dói!

ANDRADE, C. D. **Poesia completa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2003.

Carlos Drummond de Andrade é um dos expoentes do movimento modernista brasileiro. Com seus poemas, penetrou fundo na alma do Brasil e trabalhou poeticamente as inquietudes e os dilemas humanos. Sua poesia é feita de uma relação tensa entre o universal e o particular, como se percebe claramente na construção do poema “Confidência do itabirano”. Tendo em vista os procedimentos de construção do texto literário e as concepções artísticas modernistas, conclui-se que o poema acima

- representa a fase heroica do modernismo, devido ao tom contestatório e à utilização de expressões e usos linguísticos típicos da oralidade.
- apresenta uma característica importante do gênero lírico, que é a apresentação objetiva de fatos e dados históricos.
- evidencia uma tensão histórica entre o “eu” e a sua comunidade, por intermédio de imagens que representam a forma como a sociedade e o mundo colaboram para a constituição do indivíduo.
- critica, por meio de um discurso irônico, a posição de inutilidade do poeta e da poesia em comparação com as prendas resgatadas de Itabira.
- apresenta influências românticas, uma vez que trata da individualidade, da saudade da infância e do amor pela terra natal, por meio de recursos retóricos pomposos.

(PUCCamp-SP) Atenção: As questões de números 5 e 6 referem-se ao texto abaixo.

As ordens já são mandadas,  
já se apressam os meirinhos.  
Entram por salas e alcovas, relatam roupas e livros:  
[...]  
Compêndios e dicionários,  
e tratados eruditos  
sobre povos, sobre reinos,  
sobre invenções e Concílios...  
E as sugestões perigosas  
da França e Estados Unidos,  
Mably, Voltaire e outros tantos,  
que são todos libertinos...

MEIRELES, Cecília. Romance XLVII ou Dos sequestros. **Romanceiro da Inconfidência**.

- No **Romanceiro da Inconfidência**, Cecília Meireles vale-se de uma grande variação quanto ao tipo de estrofes, de versos e de rimas. É correto afirmar que no trecho apresentado ela se valeu
  - da redondilha menor, com rimas consoantes.
  - do decassílabo, com versos brancos.
  - de versos, livres e brancos.
  - da redondilha maior, com rimas toantes.
  - de alexandrinos, com versos brancos.
- É sabido que Cecília Meireles, para escrever o seu **Romanceiro**, fez ampla e profunda pesquisa sobre personagens direta ou indiretamente envolvidas nos fatos centrais desse poema. Não causará surpresa, pois, que encontremos entre as suas personagens os:
  - principais poetas brasileiros do Arcadismo.
  - principais poetas do barroco brasileiro.
  - artistas envolvidos com a propagação do movimento abolicionista.
  - padres jesuítas em missão da Contrarreforma.
  - primeiros grandes escritores do nosso Romantismo.

# Redação de vestibular: texto dissertativo-argumentativo I



ÉPOCA. São Paulo: Globo, n. 736, 18 jun. 2012. Capa.



VEJA. São Paulo: Abril, ed. 2274, ano 45, n. 25, 20 jun. 2012. Capa.

As capas das revistas estão utilizando estratégias discursivas específicas na construção de sentidos para apresentar o mesmo acontecimento — a conferência Rio+20 — sob pontos de vista distintos. A revista **Época**, por exemplo, enfoca o “desafio” de preservar o meio ambiente para as futuras gerações, ressaltando que isso depende de todos. A **Veja**, por sua vez, destaca que a Rio+20 não discutiu os principais problemas relacionados ao meio ambiente.

No vestibular, para a produção de um texto dissertativo-argumentativo, a leitura e a análise de diferentes fontes de informação podem auxiliá-lo na construção de um posicionamento fundamentado e coerente em relação às discussões da atualidade.

Neste capítulo, analisaremos as propostas de produção de textos dissertativo-argumentativos solicitadas nas redações de vestibular e as exigências que esse tipo de texto apresenta aos candidatos. Vamos aprimorar as habilidades de leitura na análise crítica das coletâneas propostas, visando à construção de um juízo de valor por meio do uso de diferentes estratégias argumentativas.

## (Des)construindo o gênero

Nos vestibulares, a prova de redação tem quase sempre caráter eliminatório.

Como produzir um bom texto?

Ao escrevermos um texto, fazemos três movimentos simultâneos: a criação, a mobilização de muitas informações recuperadas de diferentes fontes e o convencimento do leitor.

Com frequência, há uma coletânea de textos que auxilia nas informações, mas a persuasão do leitor virá por meio do trabalho com a linguagem. Por isso, a redação de vestibular, com características especiais, se define como um gênero próprio e impõe suas normas.

### Primeira condição: ser bom leitor

Para começar, analisaremos uma prova de redação do vestibular de 2012 da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

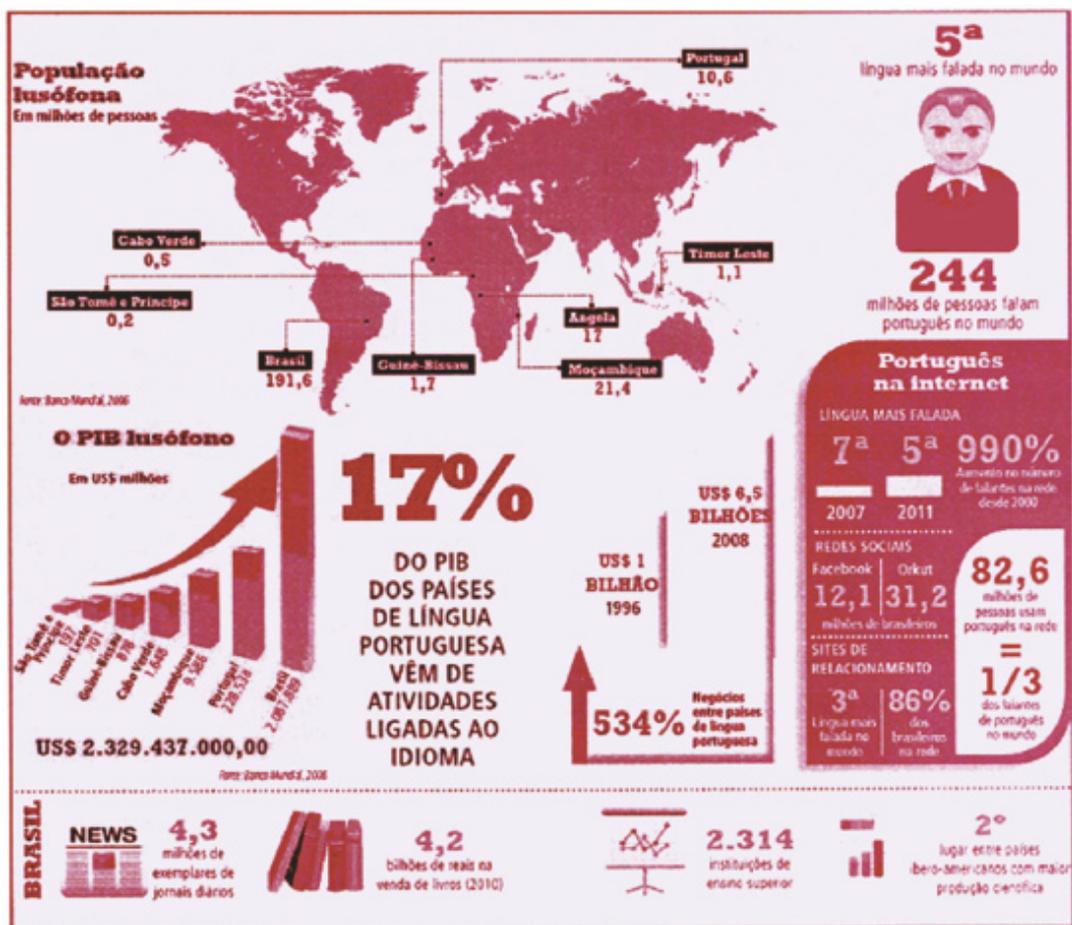
Flávio Dutra/UFRGS



Vista aérea da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

## Proposta da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS-RS)

Observe a figura abaixo.



Editoria de arte

Disponível em: <<http://revistalingua.uol.com.br/textos.asp?codigo=12426>>. Acesso em: 21 nov. 2011.

Os dados da figura mostram que a língua portuguesa no mundo está em evidência; assim, as comunidades dos países lusófonos, em especial o Brasil, vêm se destacando no cenário econômico mundial, como se observa na linha ascendente do gráfico da figura.

À medida que aumenta o número de pessoas que falam a língua portuguesa no mundo, especialistas em língua e literatura portuguesas lançam instigantes reflexões acerca do nosso idioma em fóruns de discussão. Com base nessa informação, leia o texto a seguir.

Neste Fórum em que a Língua Portuguesa é [...] objecto das nossas preocupações; começo por citar a frase de um escritor moçambicano — Mia Couto — que usa a língua portuguesa como o veículo transmissor da sua cultura e da sua criatividade. A frase é simples, mas de um grande alcance universal — “o mar foi ontem o que o idioma pode ser hoje, falta vencer alguns Adamastores”. Parafraseava o autor uma forte e bela imagem literária, criada por Luís de Camões, querendo significar as grandes dificuldades que as naus portuguesas sofreram na descoberta desse mar que “naufrágios e perdições de toda a sorte” causavam a quem se aventurava na sua conquista. A figura do Adamastor chegou até aos nossos dias como o símbolo mítico e utópico dos obstáculos que é preciso vencer quando desejamos algo de muito importante [...].

[...] expansão, a adaptação e o enriquecimento que [a Língua Portuguesa] foi sofrendo ao longo do tempo valorizou-a, tornando-a veiculadora de múltiplas culturas. Sendo, ainda, língua comum de uma grande comunidade de países dispersos pelos quatro continentes, a Língua Portuguesa poderá reforçar a cooperação entre os povos e assumir um papel preponderante no diálogo entre as nações. Isso implica um conjunto de **desafios** que é tarefa de todos nós assumir através da adopção e execução de políticas, estratégias e acções verdadeiramente mobilizadoras.

Adaptado de: BOAL, Maria Eduarda. **Os Adamastores da Língua Portuguesa**.

Disponível em: <[observalinguaportuguesa.org/desafios-da-lp/](http://observalinguaportuguesa.org/desafios-da-lp/)>.

Acesso em: 19 maio 2016.

Este texto revela que a última “Flor do Lácio” criou raízes e gerou frutos; ao cruzar mares e atravessar fronteiras, acabou por construir uma comunidade que compartilha a mesma herança linguística, mas não a mesma identidade. Cada uma dessas comunidades construiu suas memórias com base na história que edificou. Ademais, em alguns desses territórios, a língua portuguesa também acabou por se renovar, por apresentar uma feição singular, pois objeto de criação dos falantes de cada comunidade lusófona. Nessa perspectiva, o nosso idioma é, antes de tudo, uma entidade social que, como tal, se movimenta através do tempo e adquire novas configurações, edificando sua história. Assim, é certo que os países lusófonos, em alguma medida, revelam determinada identidade no cenário econômico mundial, mas, ao mesmo tempo, é da manifestação particular dessa língua, em cada país lusófono, que a noção de pertencimento a uma Nação se constrói tanto em territórios da Europa quanto da África, da Ásia e da América.

### Considerando

- que é por intermédio do nosso idioma que nossa identidade enquanto Nação se configura,
- que essa identidade se revela na percepção da língua portuguesa como **herança**, como **memória** e como **criação** e que cada um desses aspectos pode ser observado não só dentro de nós próprios como no âmbito coletivo, nacional e global,
- **escolha** um ou mais desses três aspectos que você julgue importantes acerca da língua portuguesa;
- **determine** como e por que eles representam, para essa língua, algum tipo de “Adamastor”; e
- **redija** uma redação, de **caráter dissertativo**, justificando sua escolha e defendendo seu ponto de vista.

### Instruções

1. Crie um título para seu texto e escreva-o na linha destinada a esse fim.
2. Redija uma redação com extensão **mínima de 30 linhas**, excluído o título — aquém disso, seu texto não será avaliado —, e **máxima de 50 linhas**, considerando-se letra de tamanho regular.
3. As redações que apresentarem segmentos emendados, ou rasurados, ou repetidos, ou linhas em branco, terão esses espaços descontados do cômputo total de linhas.
4. Lápis poderá ser usado apenas no rascunho; ao passar sua redação para a folha definitiva, faça-o com letra legível e utilize caneta.

1. As instruções quanto à coletânea e à estruturação da argumentação exigem que o candidato assuma uma atitude de leitor.
  - a) Que instruções práticas precisam ser seguidas rigorosamente?
  - b) Que tipo de leitor se espera dele?
2. Pela leitura da coletânea e das orientações para a prova, há um encaminhamento temático para a produção do texto dissertativo.
  - a) Identifique o eixo temático que pode ser depreendido da proposta.
  - b) Enumere as características formais do tipo de texto solicitado.
  - c) Localize três elementos que devem compor a sequência argumentativa esperada pela proposta.

### Tipologia textual e tipologia discursiva

As redações de vestibular são baseadas em tipos de textos, não em gêneros do discurso.

É necessário [...] distinguir tipologias textuais de tipologias discursivas. As primeiras, *grosso modo*, classificam os textos a partir de sua forma, estrutura ou função. Assim, você pode ouvir falar, por exemplo, em textos instrucionais — cuja finalidade é instruir — ou em textos humorísticos ou comerciais — cujas funções seriam fazer rir ou vender/comprar.

Provavelmente, a tipologia textual que você conhece melhor é a que se baseia na análise das formas e das estruturas, aquela que divide os textos em narrativos, descritivos e dissertativos (ou dissertativo-argumentativos). [...]

Por exemplo, essa abordagem diz que a narrativa é um tipo de texto que organiza formalmente as ações no tempo e no espaço, construindo, primeiro, um cenário (que abrange o tempo e o lugar da ação, seus personagens ou atores; e uma situação inicial a partir da qual a ação se desenvolverá). Em seguida, há uma ou mais complicações ou problemas na ação, seguidos de uma ou mais resoluções desses problemas, que vão desembocar em um desfecho — que pode ser uma avaliação dos resultados, uma fórmula ou moral da história. [...]

Já as tipologias discursivas são mais ligadas à situação social de produção e circulação dos discursos e, conseqüentemente, dos textos que se agregam a esses discursos. Muitas delas os dividem por esferas de produção e circulação, fazendo menção a discursos (ou textos) jornalísticos, científicos, literários, políticos, pedagógicos etc. Outras focalizam a maneira de transmissão dos discursos e vão falar de discursos autoritários, lúdicos, plásticos, persuasivos, polêmicos, polifônicos etc. Outras, ainda, vão classificar os discursos por seus temas, criando tipos tais como: o discurso econômico, policial, médico, psicanalítico etc.

BRAIT, Beth; ROJO, Roxane. **Gêneros**: artimanhas do texto e do discurso. São Paulo: Escolas Associadas. p. 30-31.

A principal finalidade do texto dissertativo é a defesa da posição do autor sobre o tema, de maneira que o leitor possa dialogar com as ideias expostas. O candidato precisa mostrar sua habilidade em argumentar.

Que é argumentar? [...]

Argumentar, em sentido lato, é fornecer razões em favor de determinada tese. [...] Isso significa que a adesão não se faz somente a teses verdadeiras, mas também a teses que parecem oportunas, socialmente justas, úteis, equilibradas etc. Assim, a argumentação opera não só com o necessário, mas também com o preferível, isto é, com juízos de valor, em que alguma coisa é considerada superior a outra, melhor do que outra, etc.

FIORIN, José Luiz. Notas para uma didática do português. In: BASTOS, Neusa Barbosa (Org.). **Língua portuguesa**: história, perspectivas, ensino. São Paulo: Educ, 1998. p. 126-127.

Uma boa argumentação requer que o autor acredite no que escreve e tenha disposição firme de agir sobre outro; que os argumentos sejam coerentes entre si e com a realidade.

Como construir uma postura crítica de autor?

O primeiro passo é a exigência de uma leitura crítica constante de textos argumentativos que circulam na esfera jornalística: resenhas, artigos e editoriais. Também a coletânea pode colaborar muito, desde que se faça dela uma leitura atenta, procurando os argumentos-chave contidos em cada fragmento.

3. Faça uma leitura dos textos apresentados na coletânea e procure extrair deles argumentos que se articulem ao eixo temático proposto. Identifique, a partir deles, que outros argumentos poderiam ser utilizados.

## Linguagem do gênero

### Como construir um juízo de valor

Vamos analisar agora a prova de redação do vestibular de 2003 da Universidade Federal da Bahia (UFBA). Ela propõe um texto dissertativo também com base em uma coletânea, exigindo um estudo do problema e seu posicionamento a respeito dele. Nesta seção, o enfoque será sobre a linguagem da prova e as diferentes estratégias argumentativas para construir um juízo de valor.

### Proposta da Universidade Federal da Bahia (UFBA)

#### Instruções

- Escreva sua redação com caneta de tinta AZUL ou PRETA, de forma clara e legível.
- Caso utilize letra de imprensa, destaque as iniciais maiúsculas.
- O rascunho deve ser feito no local apropriado do Caderno de Questões.
- Na Folha de Respostas, utilize apenas o espaço a ela destinado.
- Será atribuída pontuação ZERO à redação que
  - não se atenha ao tema proposto;
  - esteja escrita a lápis, ainda que parcialmente;
  - apresente texto incompreensível ou letra ilegível;
  - esteja escrita em verso.
- Será ANULADA a prova que
  - não seja respondida na respectiva Folha de Respostas;
  - esteja assinada fora do local apropriado;
  - possibilite a identificação do candidato.



Campus da Universidade Federal da Bahia.

Leia os textos a seguir e, a partir dos fatos, opiniões, dados, reflexões e juízos de valor neles contidos, **escreva uma dissertação que discuta criticamente as relações do homem brasileiro com as realidades urbana e rural**, podendo apresentar outras informações que julgue necessárias para apoiar o seu texto. Exponha suas ideias de forma clara, coerente e em conformidade com o registro padrão da língua escrita.

Nos últimos dez anos, a população de oito regiões metropolitanas (Rio de Janeiro, São Paulo, Belo Horizonte, Vitória, Porto Alegre, Curitiba, Recife e Salvador) saltou de 37 milhões para 42 milhões de habitantes. Agora, o mais surpreendente: nesse período, a taxa de crescimento das periferias dessas cidades foi de 30% contra 5% das regiões mais ricas.

O surgimento da periferia é decorrente de uma transformação profunda ocorrida no Brasil nas últimas décadas, que é a urbanização. Quando o campo entrou em colapso por excesso de gente e falta de oportunidades, começou uma intensa migração rumo às capitais industrializadas. Em apenas duas décadas, 20 milhões de pessoas se mudaram em busca dos confortos e das oportunidades que imaginavam desfrutar nas grandes cidades. Foi um dos processos de urbanização mais acelerados e caóticos já vistos no mundo. Em 1970, pela primeira vez, a população urbana superou a rural. A migração não produziria grandes problemas se as cidades às quais as periferias estão ligadas pudessem gerar riqueza suficiente para oferecer condições de vida satisfatórias aos que chegam. O Brasil não conseguiu fazer isso.

SECCO, Alexandre; SQUEFF, Larissa. A explosão da periferia. **Veja**, São Paulo, ed. 1 684, ano 34, n. 3, p. 86-90, 24 jan. 2001.

Nas últimas décadas, o grau de urbanização no Brasil tem continuado a crescer, embora com novas características espaciais, questões que também devem ser consideradas ao se discutirem as perspectivas da moradia na atualidade.

Segundo os estudos recentes sobre padrões de urbanização e demografia, com base no Censo de 1991, os anos oitenta representam um momento de inflexão, detectando-se, em algumas das grandes cidades brasileiras, indicações do que se denominou “desconcentração metropolitana”, caracterizada pelo crescimento de população em cidades médias, o que implica novas relações entre cidades de determinadas regiões. Assim, visualiza-se, cada vez mais, um mercado urbano unificado e, ao mesmo tempo, segmentado, com as cidades médias se qualificando como polos de serviços especializados, turísticos ou tecnológicos, e, portanto, locais preferenciais de classes médias, enquanto que as grandes metrópoles continuariam atraindo um fluxo crescente de pobres, com taxas de crescimento econômico menores do que as de suas regiões. Para Milton Santos, essas novas relações detectadas no território brasileiro indicam que o processo de metropolização deve prosseguir paralelamente ao de desmetropolização. [...].

GORDILHO-SOUZA, Angela. **Limites do habitar**: segregação e exclusão na configuração urbana contemporânea de Salvador e perspectivas no final do século XX. Salvador: EDUFBA, 2000. p. 66.



## Estrada

Esta estrada onde moro, entre duas voltas do caminho,  
Interessa mais que uma avenida urbana.  
Nas cidades todas as pessoas se parecem.  
Todo o mundo é igual. Todo o mundo é toda a gente.  
Aqui, não: sente-se bem que cada um traz a sua alma.  
Cada criatura é única.  
Até os cães.  
Estes cães da roça parecem homens de negócios:  
Andam sempre preocupados.  
E quanta gente vem e vai!  
E tudo tem aquele caráter impressionante que faz meditar:  
Enterro a pé ou a carrocinha de leite puxada por um bodezinho manhoso.  
Nem falta o murmúrio da água, para sugerir, pela voz dos símbolos,  
Que a vida passa! que a vida passa!  
E que a mocidade vai acabar.

Petrópolis, 1921

© do poema A estrada, de autoria de Manuel Bandeira, do Condomínio dos Proprietários dos Direitos Intelectuais de Manuel Bandeira (in: **O ritmo dissoluto** - Global Editora). Direitos cedidos por Solombra – Agência Literária (solombra@solombra.org).

## Lamento sertanejo

Por ser de lá  
Do sertão, lá do cerrado  
Lá do interior, do mato  
Da caatinga, do roçado  
Eu quase não saio  
Eu quase não tenho amigo  
Eu quase que não consigo  
Ficar na cidade  
Sem viver contrariado

Por ser de lá  
Na certa, por isso mesmo  
Não gosto de cama mole  
Não sei comer sem torresmo  
Eu quase não falo  
Eu quase não sei de nada  
Sou como rês desgarrada  
Nessa multidão boiada  
Caminhando a esmo

GIL, Gilberto; DOMINGUINHOS. **Gilberto Gil e as canções de Eu Tu Eles**. Salvador: WR; Rio de Janeiro: Nas Nuvens, s.d. 1 compact disc. Gege Edições (Brasil e América do Sul)/Preta Music (resto do mundo).

### 1. Nessa prova, as instruções definem critérios de avaliação.

- Quais são eles?
- Como eles estão dirigidos ao candidato?

FAÇA NO  
CADERNO

A coletânea traz textos de diferentes gêneros, verbais e verbo-visual, contendo argumentação. Giram em torno de uma ideia central, mas cada um desenvolve seus argumentos de acordo com a finalidade do gênero: um artigo jornalístico, um fragmento de livro, um quadro ilustrado, um poema e uma letra de canção.

### 2. Identifique as estratégias argumentativas empregadas em cada texto da coletânea. Cite um exemplo de cada uma.

Os textos selecionados oferecem informações e opiniões sobre o tema a ser abordado pelo candidato. Mas atenção: eles não são modelos sintáticos de dissertação — servem para ampliar seu repertório cultural e o ajudam a construir a redação. Cada texto da coletânea tem suas estratégias textuais argumentativas organizadas de forma diferente da que o candidato deverá empregar em sua redação.

### 3. O tema das “relações do homem brasileiro com as realidades urbana e rural” aparece nos textos da coletânea. Extraia o argumento principal de cada um.

O padrão linguístico que se espera do candidato é o da norma-padrão. Na prática da linguagem, isso significa que alguns aspectos linguísticos devem ser cuidados:

- tempos verbais (preferência pelo modo indicativo, adequado para emitir posicionamento pessoal);
- emprego dos pronomes pessoais;
- concordância;
- regência;
- colocação dos termos;
- acentuação;
- ortografia;
- ausência de clichês;
- escolha de vocabulário adequado.

### A escrita como questão cultural

Carlos Alberto Faraco, professor de Linguística da Universidade Federal do Paraná (UFPR), concedeu uma entrevista ao jornalista Pedro Carrano, da **Gazeta do Povo**, sobre o ato de escrever. Conheça algumas de suas opiniões.

[...]

— Quais são os “erros” mais recorrentes em redações de vestibular?

— Tenho a impressão de que o problema maior está mesmo na pouca familiaridade com a dinâmica do ato de escrever. De um lado, parece faltar a percepção de que escrevemos para alguém ler. Em consequência, os textos têm problemas de clareza. De outro, parece faltar uma compreensão do texto como uma totalidade, e não como um amontoado de sentenças. Por conta disso, os textos acabam ficando desintegrados, falta uma adequada amarração do conjunto. Por fim, talvez esteja o problema maior: as práticas pedagógicas induzem os alunos a construir uma relação dogmatizada com a escrita. Constrói-se a imagem de que redigir para fins escolares é reiterar generalidades vazias, é reproduzir um modo maniqueísta e moralista de falar sobre o mundo. A consequência é que os textos são insuportavelmente iguais.

— “Erros” gramaticais podem ser assim classificados ou serão modificações a partir da dinâmica da língua?

— Há, no Brasil, infelizmente, uma cultura do “erro gramatical”. É tão arraigada essa cultura que as pessoas costumam dizer que ninguém no Brasil fala “certo”. Nossa cultura, portanto, menospreza-se em termos linguísticos — talvez uma herança ainda de seu passado colonial. E faz isso com base num pressuposto de que existe, em alguma estratosfera, uma língua “pura”, “perfeita”. Estamos, então, sempre à caça de “erros” e essa atitude acaba sendo um poderoso fator de inibição do desenvolvimento do domínio da língua, em especial da língua escrita.

[...]

FARACO, Carlos Alberto. Um mergulho na escrita. **Gazeta do Povo**, Curitiba, 15 mar. 2004. Caderno do Estudante, p. 5. Entrevista a Pedro Carrano.

## Praticando o gênero

### Vamos ao texto!

Após ter analisado duas propostas de redação de vestibular, você está a meio caminho da elaboração de um texto. Vá em frente e termine o trabalho!

FAÇA NO  
CADERNO

1. Escolha uma das propostas analisadas para construir um texto dissertativo.
2. Defina seu ponto de vista sobre o tema. É muito importante que você se coloque como autor, defendendo suas opiniões com argumentos. Lembre-se: não basta citar palavras alheias. Faça um levantamento das ideias a serem desenvolvidas.
3. Faça um planejamento do texto. Para garantir sua coerência, isto é, uma unidade de sentido, os argumentos devem ser compatíveis com a realidade, estar adequados ao objetivo do texto e organizados em sequência, de forma a compor um raciocínio linear que faça sentido para o leitor. Veja os quadros:

#### Modos de organização das ideias:

- por progressão temática
- por organização temporal/espacial
- por enumeração
- por refutação e/ou defesa de posição

#### Alguns tipos de argumentos:

- provas concretas: dados estatísticos, fatos, experimentos
- credenciamento do autor
- citações de autoridades no assunto (argumento de autoridade)
- deduções silogísticas
- generalizações
- exemplificações
- analogias pertinentes
- crenças e valores legitimados socialmente
- definições



#### Redações exemplares

Para conhecer textos considerados bons na última prova de dois grandes vestibulares do país, consulte estes *sites*:

- <<http://ftd.li/4ed7b8>> (na área do vestibular do ano anterior, clicar em “Algumas das melhores redações”);
- <<http://ftd.li/5yhyme>>. Acessos em: 29 jul. 2016.

4. Faça um rascunho da redação. Para facilitar seu trabalho de coesão, consulte os quadros a seguir.

### Marcadores de coesão sequencial

1. Entre **orações de um argumento** (conectivos/conjunções):

- temporais:** quando, assim que, depois que, antes que, enquanto, logo que, desde que, até que;
- causais e consecutivos:** porque, pois, como, já que, uma vez que, visto que, por isso, então;
- condicionais:** se, caso;
- proporcionais:** à proporção que, à medida que;
- conformativos:** conforme, segundo, como;
- finais:** a fim de que, para que, para.

Obs.: As conjunções integrantes, basicamente **que** e **se**, fazem articulação sintática, não semântica, entre as orações conectadas; o sentido é dado pelo conjunto do enunciado. Os pronomes relativos funcionam como elementos de coesão referencial por retomada (anáfora), pois substituem elementos anteriormente citados.

2. Entre **argumentos** (articuladores discursivo-argumentativos):

- de inclusão/exclusão:** até, até mesmo, inclusive;
- de adição:** até, até mesmo, além de, não só... mas também, além disso;
- de conclusão:** logo, portanto, por isso, por conseguinte, então, assim, pois;
- de comparação:** de igualdade: como, do mesmo modo que, tanto como, assim como, tanto quanto, tal qual, tal como, tão... como, tão... quanto, que nem (coloquial), não só... como também, assim também; de superioridade: mais... que, mais... do que; de inferioridade: menos... que, menos... do que;
- de explicação/justificativa:** isto é, quer dizer, pois, pois que, ou seja;
- de contraposição/contraste:** conjunções adversativas: mas, porém, todavia, contudo, no entanto, entretanto; advérbios: diversamente, inversamente; locuções prepositivas: diversamente de, inversamente a, ao contrário de; conjunções e locuções concessivas: embora, ainda que, mesmo que, apesar de que, conquanto, se bem que, por muito que, nem que; preposições e locuções prepositivas: apesar de, não obstante; outras partículas ou expressões: ainda assim, malgrado, [para] uns, [para] outros, por outro lado;
- de especificação/exemplificação:** por exemplo, como;
- outros tipos não estudados:** de alternância: ou... ou, seja... seja, quer... quer; de retificação: isto é, ou melhor; de generalização/amplificação: aliás, também, realmente.

### Organizadores textuais

- de abertura:** primeiro, para começar, o primeiro, um fator, por um lado;
- de intermediação:** em segundo lugar, em terceiro lugar, uma outra questão, de maneira secundária, outro fator, depois, em seguida, por outro lado;
- de fechamento:** finalizando, por fim, finalmente, para encerrar, por último, enfim.

### Marcadores da posição do autor (modalizadores)

- possibilidade de existência:** é possível, é provável;
- grau de certeza:** evidentemente, não há como negar, é certo, obviamente, talvez, parece razoável; emprego do futuro do pretérito;
- grau de imperatividade:** é indispensável, opcionalmente, é preciso, é obrigatório;
- avaliação:** curiosamente, inexplicavelmente, brilhantemente;
- afetividade:** lamentavelmente, infelizmente;
- atenuação:** talvez fosse melhor, ao que parece, creio, no meu modo de ver.

5. Troque o rascunho com um colega para verificar se:

- o tema e o tipo de texto propostos foram respeitados;
- a coletânea foi aproveitada;
- o colega criou uma imagem autoral confiável;
- os argumentos são coerentes, as conclusões decorrem deles e as ideias estão encadeadas;
- a coesão linguística está presente entre orações, parágrafos e períodos;
- o vocabulário empregado é adequado;
- o padrão formal da língua foi respeitado.

6. Reveja, corrija, aperfeiçoe seu texto e passe-o a limpo, conforme as instruções. Atente para que a letra esteja legível.

### Não à letra ilegível

Maria Thereza Fraga Rocco, vice-diretora executiva da Fuvest, declarou que “em geral, os vestibulandos procuram fazer uma boa letra. A Fuvest não leva em consideração a qualidade da letra, mas deseja algo legível”.

Já Leandro Tessler, coordenador-executivo do vestibular da Unicamp, disse que “se der para ler, tudo bem. Faremos um esforço hercúleo para entender o que está escrito. Se um corretor não entende, passa para outro ou acaba circulando na banca. Só se ninguém entender acaba zerando”.

Depoimentos retirados de: NICOLETTI, André. Letra feia pode eliminar candidato. **Folha de S. Paulo**, 11 nov. 2004. Fovest, p. 3.

## Em atividade

FAÇA NO  
CADERNO

### 1. (ESPM-SP)

#### Tema 1

#### Loucos pela fama

Apareço, logo existo. Tornar-se uma celebridade é um dos maiores objetos de desejo desses novos (estranhos) tempos.

É cultural e histórica a mitificação de pessoas que conseguem fazer de suas vidas um exemplo para muitos.

Pensadores, artistas, mecenas, benfeitores de toda a espécie, empreendedores, radicais, grandes esportistas, estudiosos, adoráveis malucos.

As celebridades que hoje nos seduzem deixam um pouco a desejar; basta um namoro, uma aparição em *reality show*, uma gorda conta bancária, um histórico de peripécias sexuais para serem consideradas a melhor estratégia de *marketing* para todo e qualquer segmento. É como uma eleição, e estamos votando em picaretas.

Revista **GNT Para Ler** – Outubro de 2004.  
Autor: Jett Ares, publicitário e jornalista.

**PROPOSTA:** Elabore uma **dissertação argumentativa** que apresente as razões pelas quais pessoas com pouca ou nenhuma expressão social tornam-se celebridades, mesmo que com tempo de destaque tão curto.

#### Tema 2

A tendência é inexorável. Em todo mundo, principalmente nos países desenvolvidos, a legislação contra a emissão de poluentes é cada vez mais rigorosa. As leis ambientais não darão trégua e vão apertar as montadoras, forçando-as a criar produtos adequados para não poluir o meio ambiente. Por outro lado, pelo menos US\$ 16 bilhões em novos investimentos estrangeiros no País estão parados por causa da burocracia

e da lentidão da máquina governamental. As licenças ambientais aparecem como maior freio à entrada desse capital.

Jornal **O Estado de S. Paulo** – 18/10/04.

**PROPOSTA:** Elabore uma **dissertação argumentativa** que apresente considerações acerca da dificuldade de expansão de novos investimentos em função de leis ambientais.

- Escolha um dos temas apresentados e desenvolva uma dissertação com no mínimo 20 linhas e máximo de 30 linhas, considerando-se letra de tamanho regular.
  - Dê um título sugestivo e criativo à sua redação.
  - Defenda ou refute as ideias apresentadas através de uma dissertação integrada, coerente, organizada e estruturada. Fundamente suas ideias com argumentos, sem sair do tema. Aderência ao tema é um dos itens de avaliação.
  - Importante: Não há uma resposta ou alternativa certa ou errada a ser encontrada. Não vamos julgar suas opiniões, mas sua capacidade de análise e argumentação.
2. (Enem/MEC) Leia com atenção os seguintes textos:



Caco Galhardo. 2001.

Os programas sensacionalistas do rádio e os programas policiais de final da tarde em televisão saciam curiosidades perversas e até mórbidas tirando sua matéria-prima do drama de cidadãos humildes que aparecem nas delegacias como suspeitos de pequenos crimes. Ali, são entrevistados por intimidação. As câmeras invadem barracos e cortiços, e gravam sem pedir licença a estupefação de famílias de baixíssima renda que não sa-

bem direito o que se passa: um parente é suspeito de estupro, ou o vizinho acaba de ser preso por tráfico, ou o primo morreu no massacre de fim de semana no bar da esquina. A polícia chega atirando; a mídia chega filmando.

Eugênio Bucci. **Sobre ética e imprensa**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

Quem fiscaliza [a imprensa]? Trata-se de tema complexo porque remete para a questão da responsabilidade não só das empresas de comunicação como também dos jornalistas. Alguns países, como a Suécia e a Grã-Bretanha, vêm há anos tentando resolver o problema da responsabilidade do jornalismo por meio de mecanismos que incentivam a autorregulação da mídia.

<http://www.eticanatv.org.br>. Acesso em 30/05/2004.

No Brasil, entre outras organizações, existe o **Observatório da Imprensa** — entidade civil, não governamental e não partidária —, que pretende acompanhar o desempenho da mídia brasileira. Em sua página eletrônica, lê-se:

Os meios de comunicação de massa são majoritariamente produzidos por empresas privadas cujas decisões atendem legitimamente aos desígnios de seus acionistas ou representantes. Mas o produto jornalístico é, inquestionavelmente, um serviço público, com garantias e privilégios específicos previstos na Constituição Federal, o que pressupõe contrapartidas em deveres e responsabilidades sociais.

<http://www.observatorio.ultimosegundo.ig.com.br>  
(adaptado). Acesso em 30/05/2004.

Incisos do Artigo 5º da Constituição Federal de 1988:

IX – é livre a expressão da atividade intelectual, artística, científica e de comunicação, independentemente de censura ou licença;

X – são invioláveis a intimidade, a vida privada, a honra e a imagem das pessoas, assegurado o direito a indenização pelo dano material ou moral decorrente de sua violação.

Com base nas ideias presentes nos textos acima, redija uma dissertação em prosa sobre o seguinte tema:

Como garantir a liberdade de informação e evitar abusos nos meios de comunicação?

Ao desenvolver o tema proposto, procure utilizar os conhecimentos adquiridos e as reflexões feitas ao longo de sua formação. Selecione, organize e relacione argumentos, fatos e opiniões para defender seu ponto de vista e suas propostas.

#### Observações:

- Seu texto deve ser escrito na modalidade culta da língua portuguesa.
- O texto **não** deve ser escrito em forma de poema (versos) ou narração.
- O texto deverá ter no mínimo 15 (quinze) linhas escritas.

- A redação deverá ser apresentada a tinta e desenvolvida na folha própria.

- O rascunho poderá ser feito na última folha deste Caderno.

### 3. (Unifenas-MG)

O escritor uruguaio Eduardo Galeano, autor, entre outros livros, do clássico **As veias abertas da América Latina**, no estádio Gigantinho, em Porto Alegre, no dia 26 de janeiro de 2003, durante o Fórum Social Mundial, fez uma palestra para uma plateia de mais de 15 [mil] pessoas em que analisa a conjuntura mundial. Entre suas considerações, que comoveram seus ouvintes, está a de que as organizações que governam o mundo (Fundo Monetário Internacional, Banco Mundial e Organização Mundial do Comércio) “afogam os países, mas depois nos vendem salva-vidas de chumbo”.

Galeano considera que a mentira é a identidade perfeita do poder universal. Afirma que, onde se diz “trabalho livre”, deve-se ler: direitos dos empresários a jogar no lixo séculos de conquistas trabalhistas. “Trabalha-se o dobro em troca da metade: horários elásticos, salários anãos, demissões livres, e que Deus se ocupe dos acidentes, das doenças e da velhice”. Para o escritor, “no mundo de hoje, que castiga a honestidade e recompensa a falta de escrúpulos, o trabalho é objeto de desprezo. O poder se disfarça de destino, se diz eterno, e muita gente abre mão da esperança como se desmontasse um cavalo cansado”.

Nas palavras de Galeano “o poder identifica valor e preço. Diga-me quanto pagam por ti, e te direi quanto vales. Mas há valores que estão além de qualquer cotização. Não há quem os compre, porque não estão à venda. Estão fora do mercado e por isso sobrevivem”.

Continua o escritor:

“Teimosamente vivos, estes valores são a energia que move os músculos secretos da sociedade civil. Provêm da memória mais antiga e do mais antigo sentido comum. Este mundo de hoje, esta civilização do salve-se quem puder, sofre de amnésia e perdeu o sentido comunitário, que é o pai do sentido comum. Em épocas remotas, quando éramos os bichos mais vulneráveis da zoologia terrestre, quando não passávamos da categoria de almoço fácil na mesa de nossos vizinhos vorazes, fomos capazes de sobreviver porque soubemos nos defender juntos e compartilhar a comida. Hoje em dia, é mais do que nunca necessário lembrar estas velhas lições de sentido comum”.

**Cadernos do Terceiro Mundo**, n. 245, março de 2003.

Escreva um texto dissertativo (introdução, desenvolvimento e conclusão) em que fique clara uma resposta para a seguinte pergunta: Que valores a sociedade civil deve resgatar para, assim, fazer frente à conjuntura mundial?

Use, no mínimo, quatro parágrafos.

# Regência nominal e crase

## Explorando os mecanismos linguísticos

### A concordância nominal no cotidiano

A regência é um relacionamento sintático-semântico entre um nome regente (substantivo, adjetivo, advérbio) e um regido. Assim como a regência verbal, que vimos no capítulo 21, a regência nominal apresenta variações e permite criar diferentes sentidos.

Na tira de quadrinhos a seguir, Jerry Scott & Rick Kirkman nos mostram a importância da regência nominal na vida familiar. Confira.



SCOTT, Jerry; KIRKMAN, Rick. Zoé & Zezé. **O Globo**, Rio de Janeiro, 14 fev. 2004. Segundo Caderno, p. 9.

O assunto da conversa entre marido e mulher aparece na fala dos dois logo no primeiro quadrinho, por meio de uma locução nominal: “férias familiares”, isto é, “férias da família”, em que “férias” é o regente (substantivo) e “da família”, o regido. Essa expressão, no entanto, é compreendida diferentemente pelas personagens.

1. Explique como cada personagem compreende a expressão “férias familiares”.
2. Quando percebe o mal-entendido, a mulher trata logo de esclarecer o sentido da expressão.
  - a) Qual é o sentido da expressão “férias familiares”?
  - b) O que a esposa esclarece no último quadrinho com as expressões “férias com a família” e “não longe da família” e que estratégia linguística ela usa?

FAÇA NO  
CADERNO

Como você pôde observar, a preposição é fundamental para criar o sentido pretendido numa regência nominal. Nas expressões: “férias **com** a família” (férias na companhia dos familiares) e “férias **longe** da família” (férias sem a companhia dos familiares), temos dois diferentes regidos para o mesmo regente. Também a função sintática dos regidos é a mesma: todos caracterizam o substantivo “férias”. O sentido em cada caso, porém, é bem distinto.

### Os traços semânticos do regente

Um regente como “férias” pode receber os mais variados tipos de regidos, que o caracterizarão. Às vezes, contudo, o regente condiciona sintática e semanticamente o regido.

Em “Não ficaremos **distantes** da família”, o regente “distantes” não permite qualquer tipo de regido; ele pede uma complementação, introduzida pela preposição “de”, que explicita lugar, pessoa ou coisa.

Para isso, as preposições são fundamentais, pois ajudam a compor o sentido do enunciado. Afirma o gramático Celso Luft:

A variabilidade no uso das preposições, portanto, não é caprichosa, aleatória, mas semanticamente governada: são os traços semânticos da palavra regente, primários ou secundários, que comandam a ocorrência desta ou daquela preposição. Ou seja: a preposição é efeito da palavra-núcleo da estrutura, via semântica.

[...]

Enfim, as preposições contêm traços semânticos que se relacionam com os traços das palavras que as regem.

LUFT, Celso Pedro. **Dicionário prático de regência nominal**. 4. ed. São Paulo: Ática, 2003. p. 11.

## A regência nominal padrão

Assim como na regência verbal, no capítulo referente à regência nominal, a gramática normativa se ocupa dos casos em que o regente condiciona o regido, isto é, em que o regido é complemento do regente e a preposição exerce um papel importante:

Observe alguns exemplos em títulos de reportagem.

### Excursão a uma Pompeia moderna

O ESTADO DE S. PAULO. São Paulo, 31 maio 2005. Viagem&Aventura, p. V6.

### Procurador faz denúncia contra Renan no STF

O ESTADO DE S. PAULO. São Paulo, 27 jan. 2013. p. A1.

### Temor de ingerência derruba ações da Petrobras

O ESTADO DE S. PAULO. São Paulo, 4 jan. 2016. p. A1.

As palavras “excursão”, “denúncia” e “temor”, quando ocorrem em um enunciado, necessitam de alguma complementação.

Diante de um enunciado como “turistas fazem uma excursão”, imediatamente sentimos falta de informações sobre o substantivo “excursão”: excursão **a** qual lugar? **Para** qual finalidade?

Da mesma forma, o enunciado “procurador faz denúncia” carece de complementação: denúncia **contra** ou **a** quem? Denúncia **de** quê?

Em “temor derruba ações da Petrobras”, sentimos falta de informações: temor **de, por** ou **a** que ou quem?

FAÇA NO  
CADERNO

1. Nos títulos destacados, as palavras “excursão”, “denúncia” e “temor” estão acompanhadas de regidos que as complementam sintática e semanticamente. Identifique-os e registre as regências.
2. Em cada uma dessas regências, que complementação de sentido é feita pelo regido, principalmente pela preposição?
3. Como esses substantivos nomeiam ações, as regências nominais desse tipo equivalem a regências verbais (regentes verbos com regidos complementos), mesmo que os complementos não venham introduzidos por preposições. Confira, transformando os substantivos regentes em verbos e fazendo as devidas adaptações.

Na regência nominal, nem sempre o regente é um substantivo. Verifique no título de duas reportagens a seguir: uma sobre a aliança entre partidos políticos no segundo mandato da presidente Dilma Rousseff e outra sobre o pequeno aumento na velocidade dos ônibus na capital paulista, longe do patamar desejado.

### 2º mandato será o mais dependente do PMDB

O ESTADO DE S. PAULO. São Paulo, 21 dez. 2014. p. 6.

### Velocidade dos ônibus fica longe da meta de Haddad

FOLHA DE S.PAULO. São Paulo, 3 abr. 2016. p. A4.

4. Os enunciados:

“2º mandato será o mais dependente”

“Velocidade dos ônibus fica longe”

não poderiam terminar assim, o que significa que “dependente” e “longe” são palavras que pedem complemento.

a) Quais são seus regidos?

b) De que classe gramatical são esses regentes?

## A regência nominal informal

Até agora tratamos de regências nominais de acordo com a norma-padrão da língua. Na língua falada ou no padrão informal, nem sempre é assim. Leia a tira a seguir.



LAERTE. Piratas do Tietê. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 18 nov. 2004. Especial, p. 10.

Essa tira dialoga com a conhecida história narrada no livro **As viagens de Gulliver** (1725-1726), do escritor irlandês Jonathan Swift (1667-1745). Ao fazer a travessia para as Índias Orientais, Gulliver é surpreendido por uma tempestade, o navio afunda e ele chega a uma praia: era Lilliput, o país dos pigmeus. Inicialmente preso, acaba por se tornar amigo dos habitantes.

- As personagens representadas na tira são nobres do século XVIII.
  - Que informações visuais marcam a época e a classe social delas?
  - Que marca linguística reforça isso?
- Apesar de ter conservado um traço linguístico da nobreza, o autor também marcou a coloquialidade do diálogo. Uma dessas formas é um caso atual de regência nominal.
  - Identifique-o.
  - Explique seu caráter coloquial.
- Como foi criado o humor dessa tira?

FAÇA NO CADERNO

Neste capítulo, analisamos alguns casos de regência nominal de forma a permitir uma reflexão sobre seu uso. As gramáticas costumam trazer listas de regências nominais e verbais em que aparecem os regentes seguidos de suas respectivas preposições.

### Exemplos de regência nominal

- |                   |                   |                    |                               |
|-------------------|-------------------|--------------------|-------------------------------|
| • acessível a     | • compatível com  | • entendido em     | • interesse em, por           |
| • agradável a     | • conforme com, a | • essencial para   | • orgulhoso com, para com, de |
| • amante de       | • cuidadoso com   | • favorável a      | • responsável por             |
| • ansioso de, por | • desagradável a  | • hábil em         | • útil a, para                |
| • atento a, em    | • digno de        | • incapaz de, para |                               |

Para uma consulta mais precisa, no entanto, é recomendável recorrer a dicionários de regência que assinalam também as alterações de sentido provocadas pelas diferentes regências nominais e verbais.

## A crase na escrita

A regência nos ajuda a compreender e a empregar melhor o **acento grave**, indicativo de um fenômeno linguístico chamado **crase**. A palavra vem do grego *krâsis* e significa “fusão”, mistura de sons.

Ela ocorreu na evolução da língua portuguesa, a partir da fala, na passagem do penúltimo para o último estágio de palavras como estas:

- |                               |                   |
|-------------------------------|-------------------|
| • colore > color > coor > cor | • pede > pee > pé |
| • legere > leger > leer > ler | • mala > maa > má |

- A análise linguística diacrônica considera os fenômenos da língua em sua evolução no tempo. Como você define diacronicamente a crase?

FAÇA NO CADERNO

Ainda hoje a crase é uma fusão de duas vogais iguais, sempre dois “as”. Para nós, falantes do português nacional, não há diferença entre um artigo feminino “a”, uma preposição “a” ou um “à”, fusão entre os dois. Se quisermos escrever corretamente, porém, temos obrigação de dominar o emprego do acento grave para indicar a crase, que é obrigatória na língua portuguesa escrita do Brasil.

Comece observando o título desta reportagem jornalística sobre a proibição da caça à raposa na Inglaterra e no País de Gales.

## Caça à raposa com cães termina

FOLHA DE S.PAULO. São Paulo, 18 fev. 2005. Mundo, p. A16.

Analisemos a regência nominal do título “Caça à raposa”:

- o substantivo “caça” exige um complemento iniciado pela **preposição a**;
- o substantivo regido “raposa” vem antecedido do **artigo feminino a**;
- “caça a” + “a raposa” = “caça **a a** raposa” = “caça à raposa”

Considere agora estas alterações no regido:

- caça **a** + **a**quela(s) raposa(s) = caça **à**quela(s) raposa(s)
- caça **a** + **a**quele(s) animal(ais) = caça **à**quele(s) animal(ais)
- caça **a** + **a**quilo = caça **à**quilo

FAÇA NO  
CADERNO

2. Com base nas reflexões acima, aponte as condições linguísticas para a ocorrência da crase e consequente emprego do acento grave.

### Regra prática

Se na crase é preciso que haja preposição **a** + artigo feminino **a**, isso significa que, trocando o regido por palavra masculina, teremos **a + o = ao** (combinação de vogais sem crase).

Exemplo: caça **ao** animal.

Em caso de dúvida, faça a troca; se o resultado for “ao”, significa que no feminino será “à”.

A crase ocorre também nos casos de regência verbal. Retomemos dois casos de regência padrão com o verbo **ir**.

## Austríacos vão às urnas neste domingo em eleição presidencial

FOLHA DE S.PAULO. São Paulo, 24 abr. 2016. p. A10. Folhapress.

## O teatro já foi a você?

O ESTADO DE S. PAULO. São Paulo, 23 maio 2005. Vida&, p. A22.

- Temos, nos dois enunciados, o verbo **ir** seguido de **a**. Mas por que só foi empregado o acento grave em um deles? Reflita sobre os dois componentes que condicionam a ocorrência da crase.
3. Conforme a regência culta do verbo **ir**, seu complemento regido deve ser introduzido pela preposição **a** (quem vai vai a algum lugar). Verifique se ela ocorre em cada enunciado e, para comprovar, tente substituí-la por outra preposição.
  4. Verifique agora se os regidos desse verbo vêm antecidos do artigo feminino definido **a**. Depois tire uma conclusão sobre a ocorrência de crase em apenas um dos enunciados.

### Mais regras práticas

Uma forma de verificar a ocorrência da crase é confirmar a presença de preposição e artigo; uma boa maneira é substituir a preposição por outra, já que a presença do artigo é facilmente detectável.

- ir à TV = ir até a TV = ir para a TV

Outro indicador está no regido: se ele for uma palavra masculina ou palavra que não admite artigo, como é o caso dos pronomes pessoais e de palavras indefinidas, não haverá crase, pois o **a** será apenas preposição.

- ir a você; ir a ela; ir a 80 km/h; ir a João; ir a qualquer praça

Se o verbo indicar movimento, faça o teste da inversão de sentido: ir ↔ vir. Se a contração entre preposição e artigo se mantiver, haverá crase no outro sentido:

- ir à TV ↔ vir da (de + a) TV; ir a você ↔ vir de (de) você

Segundo a gramática normativa, também recebem acento indicativo de crase as locuções adverbiais, conjuntivas ou prepositivas formadas a partir de substantivos femininos: às pressas, às claras, às duas da tarde, às cinco horas, à uma hora, à medida que, à beira de, à tarde, à toa, à vontade etc.

### Sistematizando a prática linguística

Regências nominais são construções sintáticas em que o regente é um nome (substantivo, adjetivo e advérbio). Quando o regido complementa o regente, geralmente constitui o que a gramática normativa chama de **complemento nominal** e vem iniciado por uma preposição.

O emprego da preposição, fundamental no padrão culto da língua, costuma ser esquecido no padrão coloquial.

Nas regências nominais e verbais, quando o regente exige a preposição **a** e o regido se inicia por **a** (artigo feminino ou primeira letra do pronome **aquela** e suas flexões), ocorre uma fusão de vogais idênticas a que chamamos **crase**:

- caça à raposa
- caça àquela raposa

Na língua portuguesa nacional, a crase é um fenômeno restrito à escrita, em que é obrigatória. Ela não ocorre:

- diante de palavra masculina (inclusive verbos);
- diante de pronome pessoal;
- diante de palavra indefinida.

## Usando os mecanismos linguístico-discursivos

### A regência nominal na esfera jornalística

FAÇA NO  
CADERNO

- Nos seguintes títulos colhidos da esfera jornalística, importantes informações são prestadas pela regência nominal. Identifique em cada um deles o conjunto regente **nome + complemento** (regido) introduzido por **preposição**.

a)

#### Padre é simpático aos utopistas

O ESTADO DE S. PAULO. São Paulo, 6 abr. 2014. p. E10.

b)

#### O Ministério da Fazenda defendeu o veto ao projeto

O ESTADO DE S. PAULO. São Paulo, 14 abr. 2014. p. A8.

c)

#### No México, papa pede perdão a indígenas

O ESTADO DE S. PAULO. São Paulo, 16 fev. 2016. p. A10.

d)

#### Lan houses e bares vizinhos às escolas são notificados

DÍARIO DO NORDESTE. Fortaleza, 7 out. 2015. Disponível em: <<http://diariodonordeste.verdesmares.com.br/cadernos/cidade/lan-houses-e-bares-vizinhos-as-escolas-sao-notificados-1.285265>>. Acesso em: 30 abr. 2016.

## A crase como estratégia de leitura

Na primeira página do jornal **Folha de S.Paulo**, de 15 de janeiro de 2005, foi publicada uma manchete sobre Titã, uma das luas de Saturno, onde os cientistas tinham esperanças de encontrar algum sinal de vida:

Nave viaja sete anos e chega a lua de Saturno.

1. Justifique o não emprego de acento grave no “ã” que antecede “lua”. FAÇA NO CADERNO
2. Que diferença de sentido faria se o acento ocorresse? Explique comparando os dois casos.

### Em atividade

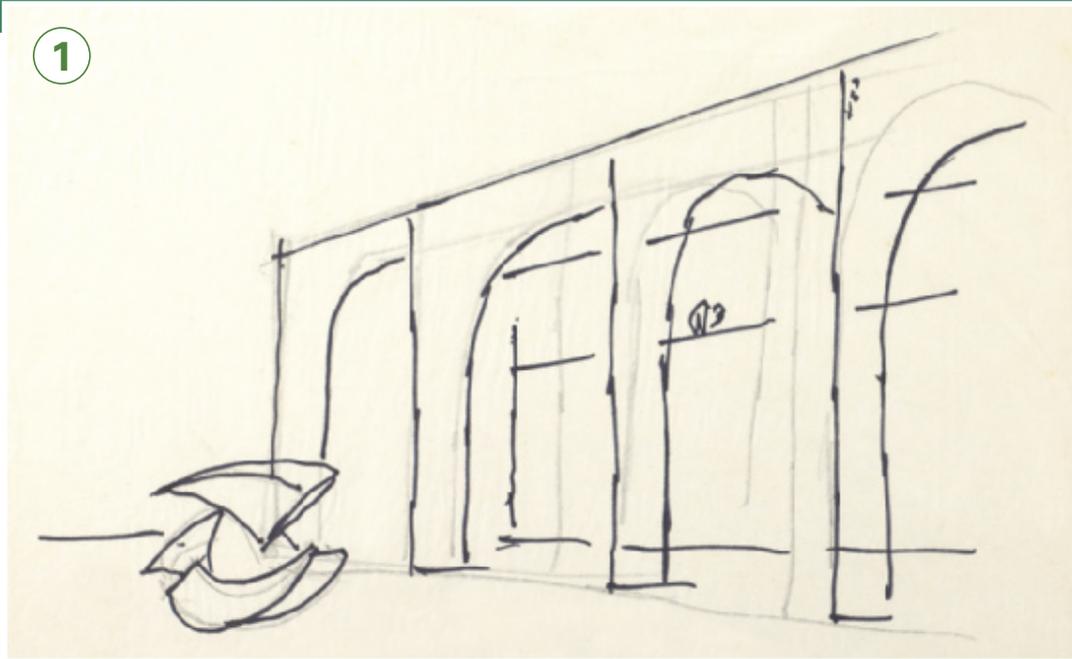
FAÇA NO CADERNO

1. (Fuvest-SP) Indique a forma que não será utilizada para completar a frase seguinte:  
“Maria pediu ..... psicóloga que ..... ajudasse ..... resolver o problema que ..... muito ..... afligia.”
  - a) pronome pessoal feminino (a)
  - b) contração da preposição a e do artigo feminino a (à)
  - c) artigo feminino (a)
  - d) preposição (a)
  - e) verbo haver indicando tempo (há)
2. (ITA-SP) Analisando as sentenças:
  - I. A vista disso, devemos tomar sérias medidas.
  - II. Não fale tal coisa as outras.
  - III. Dia a dia a empresa foi crescendo.
  - IV. Não ligo aquilo que me disse.Podemos deduzir que:
  - a) As sentenças III e IV não têm crase
  - b) Todas as sentenças têm crase
  - c) Apenas a sentença IV não tem crase
  - d) Apenas a sentença III não tem crase
  - e) Nenhuma sentença tem crase
3. (Fuvest-SP) Indique a alternativa que preenche corretamente as lacunas correspondentes.

A arma \_\_\_ se feriu desapareceu.  
Estas são as pessoas \_\_\_ lhe falei.  
Aqui está a foto \_\_\_ me referi.  
Encontrei um amigo de infância \_\_\_ nome não me lembrava.  
Passamos por uma fazenda \_\_\_ se criam búfalos.

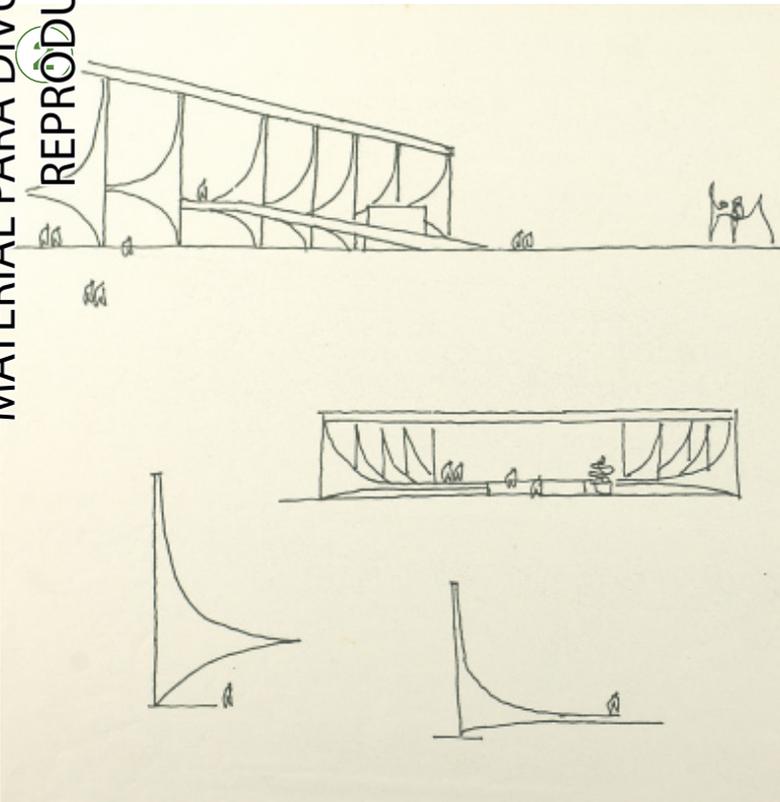
  - a) que, de que, à que, cujo, que.
  - b) com que, que, a que, cujo qual, onde.
  - c) com que, das quais, a que, de cujo, onde.
  - d) com a qual, de que, que, do qual, onde.
  - e) que, cujas, as quais, do cujo, na cuja.
4. (PUCCamp-SP) A frase em que a concordância nominal está correta é:
  - a) A vasta plantação e a casa grande caiados há pouco tempo era o melhor sinal de prosperidade da família.
  - b) Eles, com ar entristecidos, dirigiram-se ao salão onde se encontravam as vítimas do acidente.
  - c) Não lhe pareciam útil aquelas plantas esquisitas que ele cultivava na sua pacata e linda chácara do interior.
  - d) Quando foi encontrado, ele apresentava feridos a perna e o braço direitos, mas estava totalmente lúcido.
  - e) Esses livro e caderno não são meus, mas poderão ser importante para a pesquisa que estou fazendo.

1



Croqui do Palácio do Itamaraty.

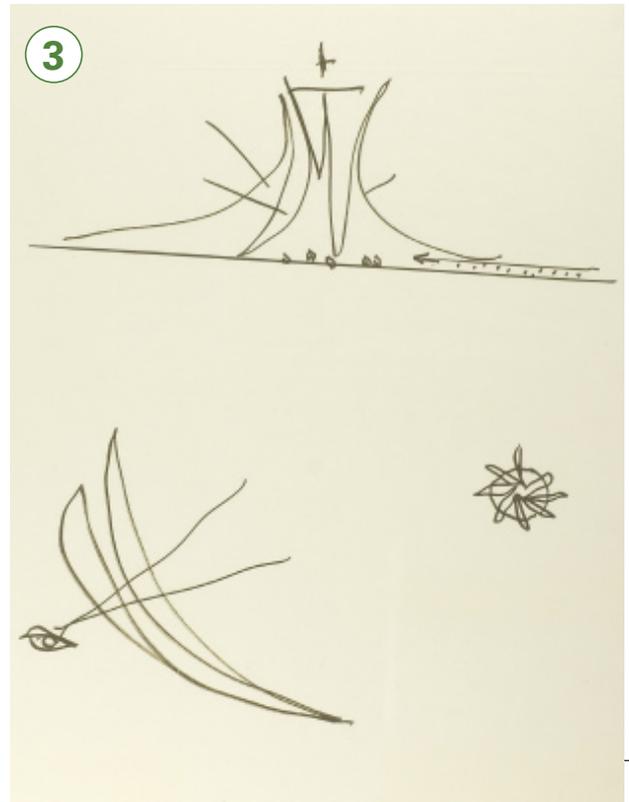
Fundação Oscar Niemeyer, Rio de Janeiro. © Niemeyer, Oscar/AUTVIS, Brasil, 2016.



Croqui do Palácio do Planalto.

Fundação Oscar Niemeyer, Rio de Janeiro. © Niemeyer, Oscar/AUTVIS, Brasil, 2016.

3



Croqui da Catedral de Brasília.

Fundação Oscar Niemeyer, Rio de Janeiro. © Niemeyer, Oscar/AUTVIS, Brasil, 2016.

# O singular e o universal: contextos e anseios

Croquis são esboços à mão de projetos arquitetônicos, desenhos, pinturas. Têm como objetivo registrar as ideias iniciais de um projeto futuro, mas esclarecem também ideias de um projeto passado.

Os croquis do arquiteto brasileiro Oscar Niemeyer (1907-2012) apresentados nas imagens ao lado, por exemplo, fazem parte do projeto de alguns dos principais edifícios para a construção de Brasília. 1) O croqui do Palácio do Itamaraty, sede do Ministério das Relações Exteriores, mostra uma concepção moderna de palácio. 2) O croqui do Palácio do Planalto, sede do Poder Executivo do governo federal, foi traçado com poucas linhas, indicando o desejo do arquiteto: “as colunas deveriam parecer leves como penas pousando no chão”. 3) No esboço da Catedral de Brasília, construída entre 1958 e 1960, as formas circulares refletem sua proposta de criar um espaço interior de serenidade.

A construção da nova capital federal, Brasília, no Planalto Central, ocorreu no governo Juscelino Kubitschek (1956-1961), marcado pela ideia de “Brasil grande”.

Nesta unidade, o tema integrador é “O singular e o universal: contextos e anseios”. Os croquis apresentados constituem uma metonímia dos espaços que constroem a singularidade (Catedral, Planalto) e a universalidade (Itamaraty), despertando nossa atenção para um olhar moderno da literatura, produção e língua.

No capítulo de **Leitura e literatura**, vamos ler e analisar trechos de contos e de romances de Clarice Lispector e Guimarães Rosa, principais responsáveis pela transformação da prosa brasileira. Que modificações são registradas na linguagem? Como elas ocorrem? Como se dá a construção narrativa? Observaremos um novo modo de narrar, que não se enquadra mais na forma tradicional de organizar a história. Verificaremos, enfim, os processos de experimentação narrativa que caracterizam a terceira geração da prosa modernista.

Em **Texto, gênero do discurso e produção**, continuaremos trabalhando com o texto dissertativo-argumentativo solicitado nas provas de vestibular. Você aprofundará, assim, as estratégias para a construção de uma boa argumentação.

No capítulo de **Língua e linguagem**, abordaremos a polêmica questão do sujeito. É um elemento gramatical? É uma pessoa? De que forma essa noção interfere na compreensão e na produção de textos?

• Croquis de Oscar Niemeyer, elaborados entre 1958 e 1962, para alguns dos principais edifícios de Brasília.

# Prosadores da terceira geração do Modernismo brasileiro

## Oficina de imagens

### Retratos em branco e preto

Na metade da década de 1940, dois escritores puseram em xeque as narrativas tradicionais, construindo uma nova e maravilhosa prosa narrativa: Clarice Lispector e Guimarães Rosa. Antes de irmos ao encontro dessa invenção literária, o convite é para que você viaje nos espaços que eles criaram em seus contos e romances e respire sons e sinais da vida interior e do sertão para encontrar o universo misterioso das relações humanas que cada um deles, a seu modo, retratou em palavras.

Clarice Lispector em foto do acervo de Paulo Gurgel Valente. Para ela, a escrita é delicadeza: “Nem tudo o que escrevo resulta numa realização, resulta mais numa tentativa. O que também é um prazer. Pois nem tudo que escrevo eu quero pegar. Às vezes quero apenas tocar. Depois o que toco às vezes floresce e os outros podem pegar com as duas mãos”. (LISPECTOR, Clarice. **Descoberta do mundo**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1992. p. 145.)

Álbum de Família — Coleção Paulo Gurgel Valente



MATERIAL PARA DIVULGAÇÃO DA EDITORA FTD  
REPRODUÇÃO PROIBIDA

Eugênio Silva/O Cruzeiro/FM/D.A. Press



Foto que compôs uma reportagem da revista **O Cruzeiro**, de 1952, em que Guimarães Rosa (óculos) viaja pelo sertão. “Novidade nenhuma, o senhor sabe — em roda de fogueira, toda conversa é miudinhos tempos.” (Trecho do romance **Grande sertão: veredas**.)

Maureen Bisilliat/Acervo Instituto Moreira Salles



Boiada em Curvela, 1966. A fotógrafa inglesa Maureen Bisilliat capturou a imagem a partir de fragmento de **Grande sertão: veredas**: “Viemos pelo Urucuia. Rio meu de amor é o Urucuia. As chuvas já estavam esquecidas, e o miolo mal do sertão residia ali, a calamidade quente!”.

- Analise as fotos, com auxílio das legendas, para enveredar pelo universo dos autores. O que as imagens contam sobre eles? Como você conseguiu perceber esses aspectos?

FAÇA NO CADERNO

## Atividade em grupo

### Retrato pessoal em branco e preto

Chegou o momento de traçar sua geografia pessoal. Quantas vezes você já se fez as perguntas “Quem sou eu?”, “Onde estou?”. Nossa proposta é que, agora, você responda a elas por meio de fotografias pessoais.

### Preparando a atividade

1. Selecione duas fotos de seu arquivo pessoal que mostrem o espaço com o qual você mais se identifica.
2. Tire uma cópia de cada foto em preto e branco.
3. Fixe as fotos em folha sulfite; escreva nome, data e uma legenda para cada uma, recuperando a situação retratada e o sentimento despertado pela lembrança.

### Em grupo

1. Apresentem as reproduções aos colegas, deixando que eles as entendam somente por meio das legendas. Se perceberem que o texto não ficou claro, refaçam as legendas.
2. Com o auxílio do professor, reúnam todas as produções e organizem um **álbum de fotografias** da turma.

## Astúcias do texto

Na prosa da terceira geração modernista, muitas das transformações artísticas e literárias estão vinculadas ao doloroso processo de reconstrução da sociedade com o fim da Segunda Guerra Mundial, em 1945. Era o começo da Guerra Fria e o mundo estava dividido entre duas potências, Estados Unidos e União Soviética; vivia-se a ameaça de uma guerra nuclear.

No Brasil, o fim da ditadura de Getúlio Vargas mudara o cenário político; em 1954, o país levou Juscelino Kubitschek à presidência da República por meio de eleições diretas. Seu governo foi marcado pela ideia de “Brasil grande”, e o melhor exemplo foi a construção da nova capital, Brasília, no Planalto Central.

Os escritores desse período representam um momento de expansão e consolidação da cultura brasileira, que passa a contar com vários centros de atividade literária e cultural. Além do Rio de Janeiro e de São Paulo, a vida cultural tornou-se importante em outras cidades, como Porto Alegre, Curitiba e Belo Horizonte.

Essa expansão da literatura se evidencia com o aparecimento da obra do escritor mineiro **João Guimarães Rosa** e da prosa narrativa da escritora **Clarice Lispector**.

### Clarice Lispector: entre o eu e o outro

Uma das autoras brasileiras mais consagradas, tanto pela crítica quanto pelo público, é Clarice Lispector (1920-1977). Em 2005, ela foi a grande homenageada da Festa Literária Internacional de Paraty (Flip).

Entre 24 de abril e 2 de setembro de 2007, o Museu da Língua Portuguesa, em São Paulo, organizou uma mostra que recuperou os 30 anos de lançamento do romance **A hora da estrela**. Esse evento teve a curadoria de Júlia Peregrino e a seleção de textos do poeta Ferreira Gullar, e mostrou as diversas facetas da escritora.

Os contos de Clarice Lispector são considerados a melhor parte de sua obra; em razão de sua expressão enxuta, os textos são densos e instigantes.

Os trechos a seguir foram retirados de um dos 13 contos reunidos no volume **Laços de família**, publicado em 1960. Alguns fragmentos do conto tratam dos sentimentos contraditórios que tomam conta do comportamento feminino.

#### O búfalo

Mas era primavera. Até o leão lambeu a testa glabra da leoa. Os dois animais louros. A mulher desviou os olhos da jaula, onde só o cheiro quente lembrava a carnificina que ela viera buscar no Jardim Zoológico. Depois o leão passeou enjulado e tranquilo, e a leoa lentamente reconstituiu sobre as patas estendidas a cabeça de uma esfinge. “Mas isso é amor, amor de novo”, revoltou-se a mulher tentando encontrar-se com o próprio ódio mas era primavera e dois leões se tinham amado. Com os punhos nos bolsos do casaco, olhou em torno de si, rodeada pelas jaulas, enjaulada pelas jaulas fechadas. Continuou a andar. Os olhos estavam tão concentrados na procura que sua vista às vezes se escurecia num sono, e então ela se refazia como na frescura de uma cova.

Mas a girafa era uma virgem de tranças recém-cortadas. Com a tola inocência do que é grande e leve e sem culpa. A mulher do casaco marrom desviou os olhos, doente, doente. Sem conseguir — diante da aérea girafa pousada, diante daquele silencioso pássaro sem asas —, sem conseguir encontrar dentro de si o ponto

pior de sua doença, o ponto mais doente, o ponto de ódio, ela que fora ao Jardim Zoológico para adoecer. Mas não diante da girafa que mais era paisagem que um ente. Não diante daquela carne que se distraía em altura e distância, a girafa quase verde. Procurou outros animais, tentava aprender com eles a odiar. O hipopótamo, o hipopótamo tímido. O rolo roliço de carne, carne redonda e muda esperando outra carne roliça e muda. Não. Pois havia tal amor humilde em se manter apenas carne, tal doce martírio em não saber pensar.

Mas era primavera, e, apertando o punho no bolso do casaco, ela mataria aqueles macacos em levitação pela jaula, macacos felizes como ervas, macacos se entrepulando suaves, a macaca com olhar resignado de amor, e a outra macaca dando de mamar. Ela os mataria com quinze secas balas: os dentes da mulher se apertaram até o maxilar doer. A nudez dos macacos. O mundo que não via perigo em ser nu. Ela mataria a nudez dos macacos. Um macaco também a olhou segurando as grades, os braços descarnados abertos em crucifixo, o peito pelado exposto sem orgulho. Mas não era no peito que ela mataria, era entre os olhos do macaco que ela mataria, era entre aqueles olhos que a olhavam sem pestanejar. De repente a mulher desviou o rosto: é que os olhos do macaco tinham um véu branco gelatinoso cobrindo a pupila, nos olhos a doçura da doença, era um macaco velho — a mulher desviou o rosto, trancando entre os dentes um sentimento que ela não viera buscar, apressou os passos, ainda voltou a cabeça espantada para o macaco de braços abertos: ele continuava a olhar para a frente: “Oh não, não isso”, pensou. E enquanto fugia, disse: “Deus, me ensine somente a odiar”.

“Eu te odeio”, disse ela para um homem cujo crime único era o de não amá-la. “Eu te odeio”, disse muito apressada. Mas não sabia sequer como se fazia. Como cavar na terra até encontrar a água negra, como abrir passagem na terra dura e chegar jamais a si mesma? Andou pelo Jardim Zoológico entre mães e crianças. [...]

Então foi sozinha ter a sua violência. No pequeno parque de diversões do Jardim Zoológico esperou meditativa na fila de namorados pela sua vez de se sentar no carro da montanha-russa.

E ali estava agora sentada, quieta no casaco marrom. O banco ainda parado, a maquinaria da montanha-russa ainda parada. Separada de todos no seu banco parecia estar sentada numa igreja. Os olhos baixos viam o chão entre os trilhos. O chão onde simplesmente por amor — amor, amor, não o amor! —, onde por puro amor nasciam entre os trilhos ervas de um verde leve tão tonto que a fez desviar os olhos em suplício de tentação. A brisa arrepiou-lhe os cabelos da nuca, ela estremeceu recusando, em tentação recusando, sempre tão mais fácil amar.

Mas de repente foi aquele voo de vísceras, aquela parada de um coração que se surpreende no ar, aquele espanto, a fúria vitoriosa com que o banco a precipitava no nada — e imediatamente a soerguia como uma boneca de saia levantada, o profundo ressentimento com que ela se tornou mecânica, o corpo automaticamente alegre — o grito das namoradas! —, seu olhar ferido pela grande surpresa, a ofensa, “faziam dela o que queriam”, a grande ofensa — o grito das namoradas! —, a enorme perplexidade de estar espasmodicamente brincando faziam dela o que queriam, de repente sua candura exposta. Quantos minutos? Os minutos a um grito prolongado de trem na curva, e a alegria de um novo mergulho no ar insultando-a com um pontapé, ela dançando descompassada ao vento, dançando apressada, quisesse ou não quisesse o corpo sacudia-se como o de quem ri, aquela sensação de morte às gargalhadas, morte sem aviso de quem não rasgou antes os papéis da gaveta, não a morte dos outros, a sua, sempre a sua. Ela que poderia ter aproveitado o grito dos outros para dar seu urro de lamento, ela se esqueceu, ela só teve espanto.

E agora este silêncio também súbito. Estavam de volta a terra, a maquinaria de novo inteiramente parada.

Pálida, jogada fora de uma igreja, olhou a terra imóvel de onde partira e onde de novo fora entregue. Ajeitou as saias com recato. Não olhava para ninguém. Contrita como no dia em que no meio de todo o mundo tudo o que tinha na bolsa caíra no chão e tudo o que tivera valor enquanto secreto na bolsa, ao ser exposto na poeira da rua, revelara a mesquinhez de uma vida íntima de precauções: pó de arroz, recibo, caneta-tinteiro, ela recolhendo do meio-fio os andaimes de sua vida. Levantou-se do banco estonteada como se estivesse se sacudindo de um atropelamento.

[...]

A mulher aprumou um pouco a cabeça, recuou-a ligeiramente em desconfiança. Mantendo o corpo imóvel, a cabeça recuada, ela esperou.

E mais uma vez o búfalo pareceu notá-la.

Como se ela não tivesse suportado sentir o que sentira, desviou subitamente o rosto e olhou uma árvore. Seu coração não bateu no peito, o coração batia oco entre o estômago e os intestinos.

O búfalo deu outra volta lenta. A poeira. A mulher apertou os dentes, o rosto todo doeu um pouco.

O búfalo com o dorso preto. No entardecer luminoso era um corpo enegrecido de tranquila raiva, a mulher suspirou devagar. Uma coisa branca espalhara-se dentro dela, branca como papel, fraca como papel, intensa como uma brancura. A morte zumbia nos seus ouvidos. Novos passos do búfalo trouxeram-na a si mesma e, em novo longo suspiro, ela voltou à tona. Não sabia onde estivera. Estava de pé, muito débil, emergida daquela coisa branca e remota onde estivera.

E de onde olhou de novo o búfalo.

O búfalo agora maior. O búfalo negro. Ah, disse de repente com uma dor. O búfalo de costas para ela, imóvel. O rosto esbranquiçado da mulher não sabia como chamá-lo. Ah!, disse provocando-o. Ah!, disse ela.

Seu rosto estava coberto de mortal brancura, o rosto subitamente emagrecido era de pureza e veneração. Ah!, instigou-o com os dentes apertados. Mas de costas para ela, o búfalo inteiramente imóvel.

Apanhou uma pedra no chão e jogou para dentro do cercado. A imobilidade do dorso mais negro ainda se aquietou: a pedra rolou inútil.

Ah!, disse sacudindo as barras. Aquela coisa branca se espalhava dentro dela, viscosa como uma saliva. O búfalo de costas.

Ah, disse. Mas dessa vez porque dentro dela escorria enfim um primeiro fio de sangue negro.

O primeiro instante foi de dor. Como se para que escorresse este sangue se tivesse contraído o mundo. Ficou parada, ouvindo pingar como numa gruta aquele primeiro óleo amargo, a fêmea desprezada. Sua força ainda estava presa entre barras, mas uma coisa incompreensível e quente, enfim incompreensível, acontecia, uma coisa como uma alegria sentida na boca. Então o búfalo voltou-se para ela.

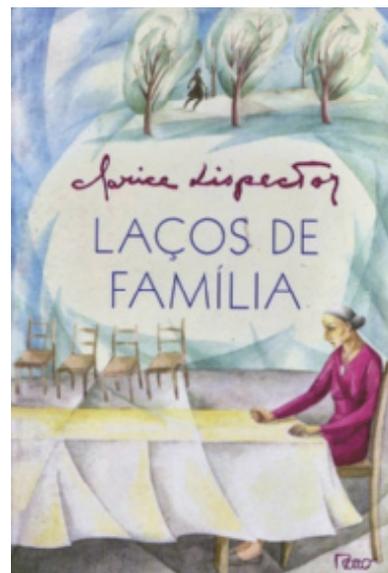
O búfalo voltou-se, imobilizou-se, e, à distância, encarou-a.

Eu te amo, disse ela então com ódio para o homem cujo grande crime impunível era o de não querê-la. Eu te odeio, disse implorando amor ao búfalo.

Enfim provocado, o grande búfalo aproximou-se sem pressa.

Ele se aproximava, a poeira erguia-se. A mulher esperou de braços pendidos ao longo do casaco. Devagar ele se aproximava. Ela não recuou um só passo. Até que ele chegou às grades e ali parou. Lá estavam o búfalo e a mulher, frente a frente. Ela não olhou a cara, nem a boca, nem os cornos. Olhou seus olhos.

E os olhos do búfalo, os olhos olharam seus olhos. E uma palidez tão funda foi trocada que a mulher se entorpeceu dormente. De pé, em sono profundo. Olhos pequenos e vermelhos a olhavam. Os olhos do búfalo. A mulher tonteou surpreendida, lentamente meneava a cabeça. O búfalo calmo. Lentamente a mulher meneava a cabeça, espantada com o ódio com que o búfalo, tranquilo de ódio, a olhava. Quase inocentada, meneando uma cabeça incrédula, a boca entreaberta. Inocente, curiosa, entrando cada vez mais fundo dentro daqueles olhos que sem pressa a fitavam, ingênua, num suspiro de sono, sem querer nem poder fugir, presa ao mútuo assassinato. Presa como se sua mão se tivesse grudado para sempre ao punhal que ela mesma cravara. Presa, enquanto escorregava enfeitada ao longo das grades. Em tão lenta vertigem que antes do corpo baquear macio a mulher viu o céu inteiro e um búfalo.



Editora Rocco

LISPECTOR, Clarice. O búfalo. In: \_\_\_\_\_. **Laços de família**. 5. ed. Rio de Janeiro: Sabiá, 1973. p. 149-160.

Sobre esse conto, Clarice Lispector escreveu uma carta a Fernando Sabino, quando estava em Washington (EUA), nos anos 1950:

Estou muito interessada num conto que fiz chamado “O búfalo” que tem dentro dele uma violência que me faz tremer.

CASTELO, José. Os segredos de Clarice. **Bravo!**, São Paulo, Ed. Abril, jul. 2005. p. 34.

Para descobrir o tipo de violência que acontece nesse conto, vamos analisá-lo com atenção.

1. A narrativa acontece na primavera dentro de um jardim zoológico. Que expectativa cria no leitor esse tempo e espaço?
2. O narrador onisciente centraliza o conto na figura feminina. Como a personagem vem identificada pelo narrador?
3. Alguns recursos de linguagem marcam o estilo da narrativa da autora.
  - a) O primeiro enunciado do conto é “Mas era primavera.”. O **mas**, em situação catafórica, remete para algo que ainda vai acontecer. Qual é a função desse recurso linguístico?
  - b) No fim do conto, a mulher implora ao animal: “Eu te amo, disse ela então com ódio para o homem cujo grande crime impunível era o de não querê-la. Eu te odeio, disse implorando amor ao búfalo”. Com que elementos ambivalentes ela joga?
  - c) Observe a sintaxe entrecortada do último parágrafo. Que efeito de sentido ela provoca no leitor?

FAÇA NO  
CADERNO

A sugestão para você conhecer melhor a obra de Clarice Lispector é ler outros contos de **Laços de família**, procurando descobrir os vários sentidos contidos nas narrativas.

## A hora da estrela: nova narrativa, novo leitor

O romance **A hora da estrela** (1977) é uma narrativa contemporânea que problematiza a própria linguagem. Composta de 12 segmentos irregulares, sem divisão de capítulos, a autora procura compreender a vida das pessoas que passam fome. Antes de o leitor iniciar a leitura da narrativa propriamente dita, depara com duas paródias. A primeira delas é uma “Dedicatória do autor (na verdade, Clarice Lispector)” endereçada a si mesmo; a outra é uma página com 13 títulos entrecortados pela assinatura da autora e dentre os quais ela selecionou o definitivo.

Foi o último livro de Clarice Lispector publicado em vida, na virada dos anos 1970-1980, momento em que se iniciava uma profunda transformação na vida política e cultural brasileira. Em 1979, começou o retorno dos exilados políticos brasileiros; em 1984, deu-se o início do movimento Diretas Já, em que o povo exigia eleições diretas para presidente da República. Também a indústria cultural mostrava um enorme avanço, modificando as relações público × obra de arte.

O texto a seguir é um trecho da obra que retrata o drama do narrador, que luta com os fatos e com as palavras, e o drama de Macabéa, moça pobre de Alagoas. A jovem tinha decidido faltar ao emprego para ter uma tarde de folga e descansar da fadiga excessiva. No passeio, no fim da tarde, conhece Olímpico.

### A hora da estrela

Desconfio um pouco de sua facilidade inesperada de pedir favor. Então precisava ela de condições especiais para ter encanto? Por que não agia sempre assim na vida? E até ver-se no espelho não foi tão assustador: estava contente mas como doía.

— Ah mês de maio, não me largues nunca mais! (Explosão) foi a sua íntima exclamação no dia seguinte, 7 de maio, ela que nunca exclamava. Provavelmente porque alguma coisa finalmente lhe era dada. Dada por si mesma, mas dada.

Nesta manhã de dia 7, o êxtase inesperado para o seu tamanho pequeno corpo. A luz aberta e rebrilhante das ruas atravessava a sua opacidade. Maio, mês dos véus de noiva flutuando em branco.

O que se segue é apenas uma tentativa de reproduzir três páginas que escrevi e que minha cozinheira, vendo-as soltas, jogou no lixo para o meu desespero — que os mortos me ajudem a suportar o quase insuportável, já que de nada me valem os vivos. Nem de longe consegui igualar a tentativa de repetição artificial do que originalmente eu escrevi sobre o encontro com o seu futuro namorado. É com humildade que contarei agora a história da história. Portanto se me perguntarem como foi direi: não sei, perdi o encontro.

Maio, mês das borboletas noivas flutuando em brancos véus. Sua exclamação talvez tivesse sido um prenúncio do que ia acontecer no final da tarde desse mesmo dia: no meio da chuva abundante encontrou (explosão) a primeira espécie de namorado de sua vida, o coração batendo como se ela estivesse englutido um passarinho esvoaçante e preso. O rapaz e ela se olharam como dois nordestinos, bichos da mesma espécie que se farejam. Ele a olhara enxugando o rosto molhado com as mãos. E a moça, bastou-lhe vê-lo para torná-lo imediatamente sua goiabada com queijo.

Ele...

Ele se aproximou e com voz cantante de nordestino que a emocionou, perguntou-lhe:

— E se me desculpe, senhorinha, posso convidar a passear?

— Sim, respondeu atabalhoadamente com pressa antes que ele mudasse de ideia.

— E, se permite, qual é mesmo a sua graça?

— Macabéa.

— Maca — o quê?

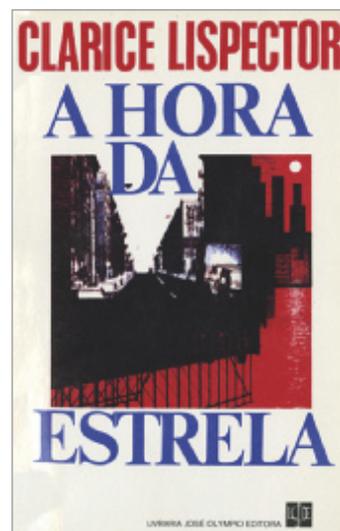
— Béa, foi ela obrigada a completar.

— Me desculpe mas até parece doença, doença de pele.

— Eu também acho esquisito mas minha mãe botou ele por promessa a Nossa Senhora da Boa Morte se eu vingasse, até um ano de idade eu não era chamada porque não tinha nome, eu preferia continuar a nunca ser chamada em vez de ter um nome que ninguém tem mas parece que deu certo — parou um instante retomando o fôlego perdido e acrescentou desanimada e com pudor — pois como o senhor vê eu vinguei... pois é...

— Também no sertão da Paraíba promessa é questão de grande dívida de honra.

Eles não sabiam como se passeia. Andaram sob a chuva grossa e pararam diante da vitrine de uma loja de ferragem onde estavam expostos atrás do vidro canos, latas, parafusos grandes e pregos. E Macabéa, com medo de que o silêncio já significasse uma ruptura, disse ao recém-namorado:



Editora José Olympio

**doença de pele:** refere-se à “morfeia”, nome atribuído à hanseníase no Norte e no Nordeste, entre as classes populares.

— Eu gosto tanto de parafuso e prego, e o senhor?

Da segunda vez em que se encontraram caía uma chuva fininha que ensopava os ossos. Sem nem ao menos se darem as mãos caminhavam na chuva que na cara de Macabéa parecia lágrimas escorrendo.

Da terceira vez em que se encontraram — pois não é que estava chovendo? — o rapaz, irritado e perdendo o leve verniz de finura que o padrasto a custo lhe ensinara, disse-lhe:

— Você também só sabe é mesmo chover!

— Desculpe.

Mas ela já o amava tanto que não sabia mais como se livrar dele, estava em desespero de amor.

Numa das vezes em que se encontraram ela afinal perguntou-lhe o nome.

— Olímpico de Jesus Moreira Chaves — mentiu ele porque tinha como sobrenome apenas o de Jesus, sobrenome dos que não têm pai. Fora criado por um padrasto que lhe ensinara o modo fino de tratar pessoas para se aproveitar delas e lhe ensinara como pegar mulher.

— Eu não entendo o seu nome — disse ela.

— Olímpico?

Macabéa fingia enorme curiosidade escondendo dele que ela nunca entendia tudo muito bem e que isso era assim mesmo. Mas ele, galinho de briga que era, arrepiou-se todo com a pergunta tola e que ele não sabia responder. Disse aborrecido:

— Eu sei mas não quero dizer!

— Não faz mal, não faz mal, não faz mal... a gente não precisa entender o nome.

Ela sabia o que era o desejo — embora não soubesse que sabia. Era assim: ficava faminta mas não de comida, era um gosto meio doloroso que subia do baixo-ventre e arrepiava o bico dos seios e os braços vazios sem abraço. Tornava-se toda dramática e viver doía. Ficava então meio nervosa e Glória lhe dava água com açúcar.

Olímpico de Jesus trabalhava de operário numa metalúrgica e ela nem notou que ele não se chamava de “operário” e sim de “metalúrgico”. Macabéa ficava contente com a posição social dele porque também tinha orgulho de ser datilógrafa, embora ganhasse menos que o salário mínimo. Mas ela e Olímpico eram alguém no mundo. “Metalúrgico e datilógrafa” formavam um casal de classe. A tarefa de Olímpico tinha o gosto que se sente quando se fuma um cigarro acendendo-o do lado errado, na ponta da cortiça. O trabalho consistia em pegar barras de metal que vinham deslizando de cima da máquina para colocá-las embaixo, sobre uma placa deslizante. Nunca se perguntara por que colocava a barra embaixo. A vida não lhe era má e ele até economizava um pouco de dinheiro: dormia de graça numa guarita em obras de demolição por camaradagem do vigia.

LISPECTOR, Clarice. **A hora da estrela**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1979. p. 52-56.

FAÇA NO  
CADERNO

1. Em **A hora da estrela**, a autora introduz dois modos de narrar. Um autor-narrador, identificado em primeira pessoa do singular, tem nome e sobrenome, Rodrigo S.M.
  - a) Que histórias o autor-narrador conta?
  - b) O que ele relata sobre o seu processo de escrita?
  - c) Como aparece o segundo narrador e qual é o seu papel?
  - d) Qual é a relação do narrador com o leitor?

Macabéa, 19 anos, raquítica na infância, ficou órfã aos dois anos e foi criada pela tia beata, com quem se mudou para o Rio de Janeiro. Quando a tia morreu, deixou-a empregada como datilógrafa, morando com mais quatro colegas em um cortiço da rua Acre, zona portuária do Rio. Ela ocupava uma vaga, isto é, uma cama com direito a um cabide.

#### Origem do nome “Macabéa”

O nome da protagonista remete ao **Livro dos macabeus**, dois volumes que não fazem parte do cânone dos livros do Antigo Testamento. É considerado apócrifo pelos judeus. O tema dos dois volumes é a resistência; representa todas as descendências dos hebraicos macabeus, oprimidos pelos gregos, quando estes dominaram Jerusalém em 175 a.C. Eles forçaram a helenização dos judeus, proibindo a Torá e os ritos religiosos monoteístas. A história dos macabeus conta como eles resistiram e não cederam à cultura dos deuses olímpicos do paganismo grego, continuando fiéis à lei de Moisés.

2. O narrador retrata uma nordestina já urbanizada, não flagrada em seu sertão original nem se deslocando pelo país como retirante da pobreza de sua região. Macabéa é uma caricatura de nordestino, o que significa ser pobre, excluída, periférica, ser proveniente de um Brasil arcaico em relação ao poderoso Sudeste.
  - a) Qual é seu ofício? Compare-o com o ofício do autor-narrador.
  - b) Compare autor-narrador e personagem do ponto de vista social.
  - c) Como a personagem explica seu nome?
3. Nesse primeiro encontro, Olímpico confunde o nome “Macabéa” com “morfeia”.
  - a) A pergunta do rapaz é feita em tom irônico e humorístico, mas esconde uma dura realidade. O que está em jogo?
  - b) Na linguagem, o narrador mistura o registro coloquial com o culto. Que sentido ele cria com essa alternância?

**Em cena**

A proposta agora é que você faça a leitura do texto integral para, em seguida, organizar um **debate** que contemple três aspectos:

- o caráter inovador da obra;
- a narrativa introspectiva;
- a abordagem do tema social.

A VOZ DA CRÍTICA

Vilma Arêas, crítica literária e estudiosa de Clarice Lispector, esclarece o projeto do livro:

**A hora da estrela** significa o final de uma trajetória. Narrativa do limiar, escrita à beira da morte, configura-se como o salto mortal de Clarice, até pelo título. [...] Nesse pequeno e dilacerante livro é possível discernir os sinais mais explícitos de uma maneira de ser, de uma voz que os vários narradores, “na verdade Clarice Lispector”, tateiam nas cartas, nos apontamentos e nos textos literários. [...]

Esse autorretrato feito aos pedaços funciona como uma espécie de tecido conjuntivo da obra, pois serve de sustentação aos vários núcleos do livro, promovendo a quebra de toda ilusão e conduzindo a atenção do leitor à materialidade da escrita, ao modo como ela foi feita.

ARÊAS, Vilma. **Clarice Lispector**: com a ponta dos dedos. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. p. 74-78.

**A literatura na tela**

Em 1985, o romance **A hora da estrela** foi adaptado para o cinema, no premiado filme de mesmo nome, dirigido por Suzana Amaral.

Combine com o professor e seus colegas para assistirem ao filme. Façam uma comparação entre o romance e o filme, destacando as semelhanças e as diferenças.

Vocês poderão observar que a cineasta recupera a personagem central e altera outras passagens, sem, contudo, se afastar do livro. Ela privilegia o retrato da pobreza e realça o sonho, mas omite o narrador. Há ainda outras alterações a serem conferidas, mas isso só assistindo ao filme.



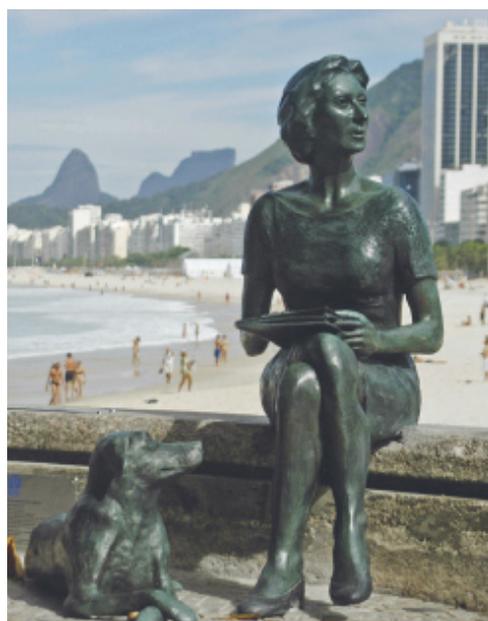
Filme de Suzana Amaral. A Hora da Estrela. Brasil, 1986

**Laços de família**

Clarice Lispector nasceu em 1920, em Chechelnyk (Ucrânia), e morreu em 1977, no Rio de Janeiro. Brasileira naturalizada, seu romance de estreia é **Perto do coração selvagem** (1944), que causou estranheza à crítica pela força de sondar o mundo interior e por relativizar a narrativa. A prosa de Clarice Lispector busca compreender a consciência individual, sem se preocupar com o enredo tradicional de começo, meio e fim. Seus temas são universais como as relações interpessoais, a condição social da mulher e a própria linguagem. Sua escritura marca a ficção introspectiva e intimista.

Entre seus romances destacam-se **O lustre** (1946), **A cidade sitiada** (1949), **A maçã no escuro** (1961), **A paixão segundo G. H.** (1964), **Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres** (1969), **Água viva** (1973) e **A hora da estrela** (1977). Entre os contos, destacamos **Laços de família** (1960) e **Felicidade clandestina** (1971). **A descoberta do mundo**, publicado postumamente, em 1984, reúne crônicas que confirmam a singularidade da escritora.

Escultura de Edgar Duvivier (com a colaboração de Gregorio Duvivier) em homenagem a Clarice Lispector. Instalada na praia do Leme, no Rio de Janeiro (RJ), a escritora foi representada ao lado de seu cão, Ulisses.



Alessandro Buzas/Futura Press

## João Guimarães Rosa: sua hora e sua vez

O conto a seguir é uma das nove histórias que compõem o livro **Sagarana**, publicado em 1946 e considerado o ponto de partida de João Guimarães Rosa.

A palavra **sagarana** é um neologismo: junta o radical germânico **saga**, conjunto de histórias orais, termo derivado do verbo **dizer**, com o sufixo tupi **rana**, que significa “à maneira de”.

A leitura integral dessa obra nos leva a descobrir a vida do sertão de Minas Gerais e dos vaqueiros, com suas alegrias e tristezas. O autor constrói uma linguagem baseada na oralidade, aproveitando os regionalismos e os arcaísmos preservados no sertão.

Os trechos selecionados a seguir pertencem à parte inicial do conto, momento em que aparece a vida de pecados do fazendeiro Matraga, sua morte aparente e, em seguida, sua ressurreição para uma vida de penitências.

### A hora e a vez de Augusto Matraga

“Eu sou pobre, pobre, pobre,  
vou-me embora, vou-me embora...”

Eu sou rica, rica, rica,  
vou-me embora, daqui!...”  
(Cantiga antiga)

“Sapo não pula por boniteza, mas porém por percisão.”  
(Provérbio Capiáu)

Matraga não é Matraga, não é nada. Matraga é Esteves. Augusto Esteves, filho do Coronel Afonso Esteves, das Pindaibas e do Saco da Embira. Ou Nhô Augusto — o homem — nessa noitinha de novena, num leilão de atrás de igreja, no arraial da Virgem Nossa Senhora das Dores do Córrego do Murici.

— Mal em mim não veja, meu patrão Nhô Augusto, mas todos no lugar estão falando que o senhor não possui mais nada, que perdeu suas fazendas e riquezas, e que vai ficar pobre, no já-já... E estão conversando, o Major mais outros grandes, querendo pegar o senhor a traição. Estão espalhando... — o senhor dê o perdão p’ra minha boca que eu só falo o que é preciso — estão dizendo que o senhor nunca respeitou filha dos outros nem mulher casada, e mais que é que nem cobra má, que quem vê tem de matar por obrigação... Estou lhe contando p’ra modo de o senhor não querer facilitar. Carece de achar outros companheiros bons, p’ra o senhor não ir sozinho... Eu, não, porque sou medroso. Eu cá pouco presto... Mas, se o senhor mandar, também vou junto.

Mas Nhô Augusto se mordida, já no meio da sua missa, vermelho e feroz. Montou e galopou, tesou para trás, rei na sela, enquanto o Quim Recadeiro ia lá dentro, caçar um gole d’água para beber. Assim.

Assim, quase qualquer um capiáu outro, sem ser Augusto Esteves, naqueles dois contratempores teria percebido a chegada do azar, da unhaca, e passaria umas rodadas sem jogar, fazendo umas férias na vida: viagem, mudança, ou qualquer coisa insossa, para esperar o cumprimento do ditado: “Cada um tem seus seis meses...”.

Mas Nhô Augusto era couro ainda por curtir, e para quem não sai, em tempo, de cima da linha, até apito de trem é mau agouro. Demais, quando um tem que pagar o gasto, desembesta até ao fim. E, desse jeito, achou que não era hora para ponderados pensamentos.

Nele, mal-a-mal, por debaixo da raiva, uma ideia resolveu por si: que antes de ir a Mombuca, para matar o Ovídio e a Dionóra, precisava de cair com o Major Consilva e os capangas. Se não, se deixasse rasto por acertar, perdia a força. E foi.

Cresceu poeira, de peneira. A estrada ficou reta, cheia de gente com cautela. Chegou à chácara do Major.

Mas nem descavalgou, sem tempo. Do tope da escada, o dono da casa foi falando alto, risonho de ruim:

— Tempo do bem-bom se acabou, cachorro de Esteves!...

O cavalo de Nhô Augusto obedeceu para diante; as ferraduras tiniram e deram fogo no lajedo; e o cavaleiro, em pé nos estribos, trouxe a taca no ar, querendo a figura do velho.

Mas o Major piscou, apenas, e encolheu a cabeça, porque mais não era preciso, e os capangas pulavam de cada beirada, e eram só pernas e bravos.

— Frecha, povo! Desmancha!



Fundação Poty Lazzarotto

Ilustração de Poty para o conto “A hora e a vez de Augusto Matraga”, da obra **Sagarana**, em edição da editora José Olympio.

**insossa:** sem graça, sem tempero.  
**unhaca:** de má sorte.

Já os porretes caíam em cima do cavaleiro, que nem pinotes de matrinxãs na rede. Pauladas na cabeça, nos ombros, nas coxas. Nhô Augusto desceu o corpo e caiu. Ainda se ajoelhou em terra, querendo firmar-se nas mãos, mas isso se lhe serviu para poder ver as caras horríveis dos seus próprios bate-paus, e, no meio deles, o capiauzinho monga que amava a mulher a-toa Sariema.

E Nhô Augusto fechou os olhos, de gastura, porque ele sabia que capiau de testa peluda, com o cabelo quase nos olhos, é uma raça de homem capaz de guardar o passado em casa, em lugar fresco perto do pote, e ir buscar da rua outras raivas pequenas, tudo para ajuntar a massa-mãe do ódio grande, até chegar o dia de tirar vingança.

Mas, aí, pachorrenta e cuspidá, ressoou a voz do Major:

— Arrastem p'ra longe, para fora das minhas terras... Marquem a ferro, depois matem.

E, aí, quando tudo esteve a ponto, abrasaram o ferro com a marca do gado do Major — que soía ser um triângulo inscrito numa circunferência —, e imprimiram-na, com chiado, chamusco e fumaça, na polpa glútea direita de Nhô Augusto. Mas recuaram todos, num susto, porque Nhô Augusto viveu-se, com um berro e um salto, medonhos.

— Segura!

Mas já ele alcançara a borda do barranco, e pulara no espaço. Era uma altura. O corpo rolou, lá em baixo, nas moitas, se sumindo.

— Por onde é que a gente passa, p'ra poder ir ver se ele morreu? Mas um dos capangas mais velhos disse melhor:

— Arma uma cruz aqui mesmo, Orósio, para de noite ele não vir puxar teus pés...

E deram as costas, regressando, sob um sol mais próximo e maior.

Mas o preto que morava na boca do brejo, quando calculou que os outros já teriam ido embora, saiu do seu esconso, entre as taboas, e subiu aos degraus de mato do pé do barranco. Chegou-se. Encontrou vida funda no corpo tão maltratado do homem branco; chamou a preta, mulher do preto que morava na boca do brejo, e juntos carregaram Nhô Augusto para o casebre dos dois, que era um cofe de barro seco, sob um tufo de capim podre, mal erguido e mal avistado, no meio das árvores, como um ninho de maranhões.

— Se eu pudesse ao menos ter absolvição dos meus pecados!...

Então eles trouxeram, uma noite, muito a escondida, o padre, que o confessou e conversou com ele, muito tempo, dando-lhe conselhos que o faziam chorar.

— Mas, será que Deus vai ter pena de mim, com tanta ruindade que fiz, e tendo nas costas tanto pecado mortal?!

— Tem, meu filho. Deus mede a espora pela rédea, e não tira o estribo do pé de arrependido nenhum...

E por aí a fora foi, com um sermão comprido, que acabou depondo o doente num desvendido torpor.

— Eu acho boa essa ideia de se mudar para longe, meu filho. Você não deve pensar mais na mulher, nem em vinganças. Entregue para Deus, e faça penitência. Sua vida foi entortada no verde, mas não fique triste, de modo nenhum, porque a tristeza é aboio de chamar o demônio, e o Reino do Céu, que é o que vale, ninguém tira de sua algibeira, desde que você esteja com a graça de Deus, que ele não regateia a nenhum coração contrito!

— Fé eu tenho, fé eu peço, Padre...

— Você nunca trabalhou, não é? Pois, agora, por diante, cada dia de Deus você deve trabalhar por três, e ajudar os outros, sempre que puder. Modere esse mau gênio: faça de conta que ele é um poldro bravo, e que você é mais mandante do que ele... Peça a Deus assim, com esta jaculatória: "Jesus, manso e humilde de coração, fazei meu coração semelhante ao vosso..."



Fundação Poty Lazzarotto

Ilustração de Poty para o conto "A hora e a vez de Augusto Matraga", da obra **Sagarana**, em edição da editora José Olympio.

E, páginas adiante, o padre se portou ainda mais excelentemente, porque era mesmo uma brava criatura. Tanto assim, que, na despedida, insistiu:

— Reze e trabalhe, fazendo de conta que esta vida é um dia de capina com sol quente, que às vezes custa muito a passar, mas sempre passa. E você ainda pode ter muito pedaço bom de alegria... Cada um tem a sua hora e a sua vez: você há de ter a sua.

E, lá fora, ainda achou de ensinar a preta um enxofre e tal para o gôgo dos frangos, e aconselhou o preto a pincelar água de cal no limoeiro, e a plantar tomateiros e pés de mamão.

Meses não são dias, e a vida era aquela, no chão da choupana. Nhô Augusto comia, fumava, pensava e dormia. E tinha pequenas esperanças: de amanhã em diante, o lado de cá vai doer menos, se Deus quiser... — E voltou a recordar todas as rezas aprendidas na meninice, com a avó. Todas e muitas mais, mesmo as mais bobas de tanta deformação e mistura: as que o preto engrolava, ao lavar-lhe com creolina a ferida da perna, e as que a preta murmurava, benzendo a cuia-d'água, ao lhe dar de beber.

E somente essas coisas o ocupavam, porque para ele, féria feita, a vida já se acabara, e só esperava era a salvação da sua alma e a misericórdia de Deus Nosso Senhor. Nunca mais seria gente! O corpo estava estragado, por dentro, e mais ainda a ideia. E tomara um tão grande horror às suas maldades e aos seus malfeitos passados, que nem podia se lembrar; e só mesmo rezando.

Espantava as ideias tristes, e, com o passar do tempo, tudo isso lhe foi dando uma espécie nova e mui serena de alegria. Esteve resignado, e fazia compridos progressos na senda da conversão.

Quando ficou bom para andar, escorando-se nas muletas que o preto fabricara, já tinha os seus planos, menos maus, cujo ponto de início consistia em ir para longe, para o sitiozinho perdido no sertão mais longínquo — uma data de dez alqueires, que ele não conhecia nem pensara jamais que teria de ver, mas que era agora a única coisa que possuía de seu. Antes de partir, teve com o padre uma derradeira conversa, muito edificante e vasta. E, junto com o casal de pretos samaritanos, que, ao hábito de se desvelarem, agora não o podiam deixar nem por nada, pegou chão, sem paixão.

Largaram à noite, porque o começo da viagem teria de ser uma verdadeira escapada. E, ao sair, Nhô Augusto se ajoelhou, no meio da estrada, abriu os braços em cruz, e jurou:

— Eu vou p'ra o céu, e vou mesmo, por bem ou por mal... E a minha vez há de chegar... P'ra o céu eu vou, nem que seja a porrete!... E os negros aplaudiram, e a turminha pegou o passo, a caminho do sertão.

ROSA, João Guimarães. A hora e a vez de Augusto Matraga. In: \_\_\_\_\_. **Sagarana**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1974. p. 324, 333-341.

O conto começa no arraial da Virgem Nossa Senhora das Dores do córrego do Murici e se desenrola nas proximidades do norte de Minas. O narrador onisciente recupera o percurso de um homem que aparece com três nomes correspondentes a três momentos diferentes de sua vida: na etapa do pecado, vivendo com mulheres, jogo de truque e caçadas, é conhecido como **Nhô Augusto**; na penitência, com reza, trabalho e auxílio dos outros, como **Augusto Esteves**; e, na redenção, como **Augusto Matraga**. Nesse último momento, a personagem enfrenta o chefe Joãozinho Bem-Bem e seus jagunços. No duelo, que ocorre no arraial do Rala-Coco, ambos morrem e Matraga, reconhecido por um parente, recupera a identidade de Nhô Augusto.

1. Vingança e redenção: a luta entre o mal e o bem está explorada nesse conto.

FAÇA NO  
CADERNO

a) Nhô Augusto era um fazendeiro valentão que gostava de brigar, debochar dos outros e não se importava nem com a mulher Dionóra nem com a filha. Pela conversa entre o patrão e Quim Recadeiro, o único capanga que lhe era fiel, explique outros motivos da vingança de seu inimigo Major Consilva.

b) Espancado, marcado a ferro e dado por morto, Nhô Augusto é salvo por um casal de velhos e busca a salvação da alma. Pelo diálogo entre o padre e Augusto Esteves, você fica sabendo que penitências eram necessárias para alcançar a redenção. Quais eram?

c) Na etapa de Augusto Esteves, aflorou o lado “bom” da personagem. Como você interpreta sua fala na hora de ir embora: “P'ra o céu eu vou, nem que seja a porrete!”?

2. Numa primeira leitura desse trecho, a linguagem de Guimarães Rosa nos causa estranheza.

a) Note, por exemplo, as seguintes expressões do matuto: “vai ficar pobre, no já-já”; “p'ra modo de o senhor não querer facilitar”; “carece de achar”; “qualquer um capiaiu outro”; “cresceu poeira, de peneira”. Que universo linguístico elas descrevem?

b) A construção sintática “Mal em mim não veja” e as palavras “Frecha” e “Orósio” são arcaísmos: saíram de uso da comunidade linguística no Brasil. O que o autor mostra sobre os hábitos linguísticos do sertanejo?

c) Mesmo com tantas expressões regionalistas, o tema não é só regional. Explique essa dupla concepção rosiana.

3. Releia o “Provérbio do Capiiau” citado como epígrafe. Em que medida ele dialoga com a temática do conto?

4. Associando as ideias de jagunço, de sertão e de luta pela vida, explique o caráter universal do trecho lido de “A hora e a vez de Augusto Matraga”.

O crítico literário Antonio Candido explica o regionalismo de Guimarães Rosa:

Ser jagunço torna-se, além de uma condição normal no mundo-sertão, uma opção de comportamento, definindo um certo modo de ser naquele espaço. Daí a violência produzir resultados diferentes dos que esperamos na dimensão documentária e sociológica — tornando-se, por exemplo, instrumento da redenção. “Prá o céu eu vou, nem que seja a porrete!” —, dizia Nhô Augusto Matraga; e acabou indo a tiro e a faca, num paradoxo que o faz parecer triunfante, com o corpo furado de bala. [...]

Guimarães Rosa parece ter querido mostrar que o ato decorre, antes de mais nada, de um modo peculiar de ser e se torna uma construção da personalidade no mundo-sertão. Daí a universalidade que assume; e daí, abalando por indução a personalidade do leitor, tocar profundamente a todos nós.

CANDIDO, Antonio. Jagunços mineiros de Cláudio a Guimarães Rosa. In: \_\_\_\_\_. **Vários escritos**. São Paulo: Duas Cidades, 1970. p. 152-153.

## Grande sertão: veredas — o sertão e o mundo

Em **Grande sertão: veredas**, publicado em 1956, o longo monólogo do velho jagunço Riobaldo, fazendeiro, vem emoldurado por diálogo com um jovem doutor da cidade, que passa três dias na fazenda dele no sertão de Minas Gerais. O protagonista-narrador conta a esse ouvinte mudo sua vida e sua trajetória em permanente risco e o estranho amor por um companheiro de armas, Reinaldo — na verdade, uma mulher travestida (Diadorim), como fica evidente depois da morte dela. É uma viagem fascinante para o leitor, que se transporta para o sertão brasileiro, lugar de seca, de aridez e, ao mesmo tempo, seguido pelas margens dos rios e das veredas.

O livro abre com o sinal de travessão para instaurar o monólogo: “— Nonada. Tiros que o senhor ouviu foram briga de homem não, Deus esteja.”. Esse sinal de pontuação marca um suposto diálogo; no entanto, o narrador não interrompe seu monólogo por quase 600 páginas. Envolvido na diversidade das linguagens, cria uma autobiografia em que recupera na escrita o discurso oral.

Você vai ler um trecho do final do romance, em que o narrador alerta seu leitor/ouvinte para o fim trágico.

[...] Eu estou depois das tempestades.

O senhor nonada conhece de mim; sabe o muito ou o pouco? O Urucua é ázigo... Vida vencida de um, caminhos todos para trás, é história que instrui vida do senhor, algum? O senhor enche uma caderneta... O senhor vê aonde é o sertão? Beira dele, meio dele?... Tudo sai é mesmo de escuros buracos, tirante o que vem do Céu. Eu sei.

Conforme conto. Como retornei, tarde depois, mal sabendo de mim, e querendo emendar nó no tempo, tateando com meus olhos, que ainda restavam fechados. Ouvi os rogos do menino Guirigó e do cego Borromeu, esfregando meu peito e meus braços, reconstituindo, no dizer, que eu tinha estado sem acordo, dado ataque, mas que não tivesse espumado nem babado. Sobrenadei. E, daí, não sei bem, eu estava recebendo socorro de outros — o Jacaré, Pacamã-de-Presas, João Curiol e o Acauã —: que molhavam minhas faces e minha boca, lambi a água. Eu despertei de todo — como no instante em que o trovão não acabou de rolar até o fundo, e se sabe que caiu o raio...

Diadorim tinha morrido — mil-vezes-mente — para sempre de mim; e eu sabia, e não queria saber, meus olhos marejavam.

— “E a guerra?!” — eu disse.

— “Chefe, Chefe, ganhamos, que acabamos com eles!... João Goanhá e o Fafafa, com uns dos nossos, ainda seguiram perseguindo os restos, derradeira demão...” — João Concliz deu resposta. — “O Hermógenes está morto, remorto matado...” — quem falou foi o João Curiol. Morto... Remorto... O do Demo... Havia nenhum Hermógenes mais. Assim de certo resumido — do jeito de quem cravado com um rombo esfaqueante se sangra todo, no vão-do-pescoço: já ficou amarelo completo, oca de terra, semblante puxado escarnecente, como quem da gente se quer rir — cara sepultada... Um Hermógenes.

Nas vozes, nos fatos, que agora todos estavam explicando: por tanto que, assim tristonhamente, a gente vencia. Sobresseguida à doideira de mão-de-guerra na rua, João Goanhá tinha carregado em cima dos bandidos deles que estavam dando retaguarda, e com eles rebentado... Aquilo não fazia razão. Suspendi minhas mãos. Vi que podia. Só o corpo me estivesse meio duro, as pernas teimando em se entesar, num emperro, que às vezes me empalhava. Sendo que me levantei, sustentando, e caminhei os passos; as costas para a janela eu dava.

Nesse ponto, foi que o Alaripe e o Quipes vinham chegando. Notícia de Otacília me dessem; eu custava a me lembrar de tantas coisas. Aqueles dois vinham alheios, do que vinham, desiludidos da viagem deles:

— “Era a vossa noiva não, Chefe...” — o que Alaripe relatava. — “O homem se chamava só Adão Lemes, indo conduzindo a irmã dele, fazendeira, cujo nome é Aesmeralda... Iam de volta para suas casas... Os que, então, no Porto-do-Ci deixamos, na barra do Caatinga...”

Tanta gente tinha o mundo... — eu pensei. Tanta vida para a discórdia. Agradei ao Alaripe, mas virei para os outros nossos; perguntei:

— “Mortos, muitos?”

— “Demais...”

Isto o João Curiol me respondeu, prestativamente, sistema de amigo. Solucei em seco, debaixo de nada. Agora um me dizendo: que, com as ferramentas, uns estavam trabalhando de abrir covas para enterro, revezados. Alaripe fez um cigarro, queria dar para mim; que rejeitei. — “E o Hermógenes?” — aí foi o que o Alaripe perguntou.

Como estavam indo abrir aquele quarto, trazendo do corredor a mulher do Hermógenes. Ela visse. — *A senhora chegue na janela, dona, espia para a rua...* — o que João Concliz falou. Aquela Mulher não era malina. — *A senhora conheça, dona, um homem demoiado, que foi: mas que já começou a feder, retalhado na virtude do ferro...* Aquela Mulher ia sofrer? Mas ela disse que não, sacudindo só de leve a cabeça, com respeito de seriedade. — *Eu tinha ódio dele...* — ela disse; me estremecendo. Ou eu ainda não estava bem de mim, da dor que me nublou, tive de sentar no banco da parede. Como no perdido mal ouvi partes do vozeio de todos, eu em malmolência. — *Tomaram as roupas da mulher nua?* Era a Mulher, que falava. Ah, e a Mulher rogava: — *Que trouxessem o corpo daquele rapaz moço, vistoso, o dos olhos muito verdes...* Eu desguisei. Eu deixei minhas lágrimas virem, e ordenando: — “Traz Diadorim!” — conforme era. — “Gente, vamos trazer. Esse é o Reinaldo...” — o que o Alaripe disse. E eu parava ali, permeio o menino Guirigó e o cego Borromeu. — *Ai, Jesus!* — foi o que eu ouvi, dessas vozes deles.

Aquela mulher não era má, de todo. Pelas lágrimas fortes que esquentavam meu rosto e salgavam minha boca, mas que já frias já rolavam. Diadorim, Diadorim, oh, ah, meus buritizais levados de verdes... Buriti, do ouro da flor... E subiram as escadas com ele, em cima de mesa foi posto. Diadorim, Diadorim — será que amerci só por metade? Com meus molhados olhos não olhei bem — como que garças voavam... E que fossem campear velas ou tocha de cera, e acender altas fogueiras de boa lenha, em volta do escuro do arraial...

Sufoquei, numa estrangulação de dó. Constante o que a Mulher disse: carecia de se lavar e vestir o corpo. Piedade, como que ela mesma, embebendo toalha, limpou as faces de Diadorim, casca de tão grosso sangue, repisado. E a beleza dele permanecia, só permanecia, mais impossivelmente. Mesmo como jazendo assim, nesse pó de palidez, feito a coisa e máscara, sem gota nenhuma. Os olhos dele ficados para a gente ver. A cara economizada, a boca secada. Os cabelos com marca de duráveis... Não escrevo, não falo! — para assim não ser: não foi, não é, não fica sendo! Diadorim...

Eu dizendo que a Mulher ia lavar o corpo dele. Ela rezava rezas da Bahia. Mandou todo o mundo sair. Eu fiquei. E a Mulher abanou brandamente a cabeça, consoante deu um suspiro simples. Ela me mal-entendia. Não me mostrou de propósito o corpo. E disse...

Diadorim — nu de tudo. E ela disse:

— “A Deus dada. Pobrezinha...”

E disse. Eu conheci! Como em todo o tempo antes eu não contei ao senhor — e mercê peço: — mas para o senhor divulgar comigo, a par, justo o travo de tanto segredo, sabendo somente no átimo em que eu também só soube... Que Diadorim era o corpo de uma mulher, moça perfeita... Estarreci. A dor não pode mais do que a surpresa. A coice d’arma, de coronha...

Ela era. Tal que assim se desencantava, num encanto tão terrível; e levantei mão para me benzer — mas com ela tapei foi um soluçar, e enxuguei as lágrimas maiores. Uivei. Diadorim! Diadorim era uma mulher. Diadorim era mulher como o sol não acende a água do rio Urucuia, como eu solucei meu desespero.

O senhor não repare. Demore, que eu conto. A vida da gente nunca tem termo real.

Eu estendi as mãos para tocar naquele corpo, e estremeci, retirando as mãos para trás, incendiável: abaixei meus olhos. E a Mulher estendeu a toalha, recobrando as partes. Mas aqueles olhos eu beijei, e as faces, a boca. Adivinhava os cabelos. Cabelos que cortou com tesoura de prata... Cabelos que, no só ser, haviam de dar para baixo da cintura... E eu não sabia por que nome chamar; eu exclamei me doendo:

— “Meu amor!...”

Foi assim. Eu tinha me debruçado na janela, para poder não presenciar o mundo.

A Mulher lavou o corpo, que revestiu com a melhor peça de roupa que ela tirou da trouxa dela mesma. No peito, entre as mãos postas, ainda depositou o cordão com o escapulário que tinha sido meu, e um rosário, de coquinhos de ouricuri e contas de lágrimas-de-nossa-senhora. Só faltou — ah! — a pedra-de-ametista, tanto trazida... O Quipes veio, com as velas, que acendemos em quadral. Essas coisas se passavam perto de mim. Como tinham ido abrir a cova, cristãmente. Pelo repugnar e revoltar, primeiro eu quis: — “Enterrem separado dos outros, num aliso de vereda, adonde ninguém ache, nunca se saiba...” Tal que disse, doidava. Recai no marcar do sofrer. Em real me vi, que com a Mulher junto abraçado, nós dois chorávamos extenso. E todos meus jagunços decididos choravam. Daí, fomos, e em sepultura deixamos, no cemitério do Paredão enterrada, em campo do sertão.

Ela tinha amor em mim.

E aquela era a hora do mais tarde. O céu vem abaixando. Narrei ao senhor. No que narrei, o senhor talvez até ache mais do que eu, a minha verdade. Fim que foi.

Aqui a estória se acabou.

Aqui, a estória acabada.

Aqui a estória acaba.

[...]

ázigo: único, sem par

- O narrador-personagem conta para o leitor sua história, que se refere a dois lugares: o rio Urucuia e o sertão.
  - O que se passa às margens do Urucuia?
  - No romance, Riobaldo busca definir o sertão. Explique a pergunta: “O senhor vê aonde é o sertão?”
  - Que relação o jagunço estabelece entre o rio e o sertão?
- Nas primeiras linhas, o narrador faz um jogo entre perguntas e respostas, apelando para o saber do doutor.
  - Identifique as perguntas e explique o significado que adquirem no texto.
  - Quem aprende com quem?
- Diante da morte de Diadorim, Riobaldo chama seu leitor/ouvinte para sentir na pele a dor do golpe: “Eu conheci!  
Como em todo o tempo antes eu não contei ao senhor”.  
Explique como o narrador revive o vivido trágico.
- Releia o parágrafo final e explique as palavras do narrador, embora a narrativa ainda se prolongue por seis páginas: “Aqui a estória se acabou. Aqui a estória acabada. Aqui a estória acaba.”

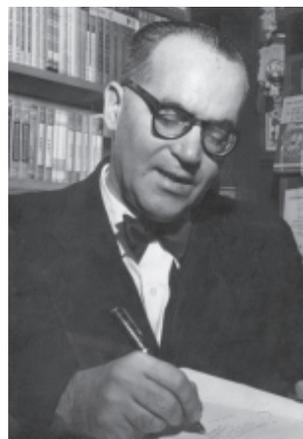
### “O sertão está dentro da gente”

Considerado um dos maiores prosadores do século XX, Guimarães Rosa (1908-1967) nasceu em Cordisburgo (MG). Sempre foi um apaixonado pela palavra, pelas línguas. Recolheu a fala dos vaqueiros, dos jagunços, em suas viagens pelo interior de Minas Gerais. Conhecia mais de dez idiomas, tornou-se diplomata e viajou pelo mundo. Com **Sagarana**, em 1946, foi consagrado pela crítica, ganhou prêmios. Dez anos depois, surge **Corpo de baile** (1956), dividido em três volumes depois da 3ª edição — **Manuelzão e Miguilim** (1964), **No Urubuquaquá, no Pinhém** (1965), **Noites no sertão** (1965) — e seu único e famoso romance: **Grande sertão: veredas**.

Em **Primeiras estórias**, reunião de 21 contos, publicada em 1962, encontram-se narrativas curtas que têm como eixo central um único acontecimento. Ao ler as estórias, familiarizamo-nos com a linguagem de Guimarães Rosa que mistura vocabulário erudito e popular, faz associações raras e busca sempre o falar sertanejo.

O cenário das histórias de Guimarães Rosa é o sertão de Minas: pasto e pedreira misturadas às palmeiras gigantes (o buriti), o percurso no emaranhado das veredas de beatos e bandidos. Esses homens contam as narrativas quase sempre na forma da oralidade.

Esse grande escritor, médico e diplomata foi eleito para a Academia Brasileira de Letras e, em seu discurso de posse, em 1967, afirmou “a gente morre é para provar que viveu. [...] O mundo é mágico”.



Guimarães Rosa.

Folhapress

### A literatura no cinema e na televisão

A prosa literária de Guimarães Rosa ganha as telas do cinema e da televisão.

Entre a vasta produção do escritor mineiro, o cineasta Nelson Pereira dos Santos recriou, em 1994, “A terceira margem do rio” e outros contos retirados de **Primeiras estórias**. Em 1998, o jornalista Pedro Bial produziu o filme **Outras estórias**.

Em 1985, a obra-prima do autor, **Grande sertão: veredas**, foi adaptada para a televisão, sendo dirigida por Valter Avancini, com Bruna Lombardi, Tony Ramos e Tarcísio Meira nos papéis principais.

Tony Ramos, como Riobaldo, e Bruna Lombardi, como Diadorim, em cena da minissérie **Grande sertão: veredas**.



CEDOC/TV Globo

## Na trama dos textos

### África e Brasil: verdades tropicais

Nesta seção, você poderá observar o diálogo entre dois autores que não foram contemporâneos: a brasileira Clarice Lispector e o angolano José Eduardo Agualusa (1960), que a conheceu pela prosa literária. A autora, muito admirada pelos leitores de Angola, exerceu forte influência em escritores africanos de língua portuguesa, como Agualusa, nascido em Huambo, Angola, descendente de brasileiros e portugueses. Escritor e colaborador de jornais em Lisboa e Luanda, Agualusa se autodenomina afro-luso-brasileiro.

### José Eduardo Agualusa e Clarice Lispector

#### Se nada mais der certo leia Clarice

Tenho medo de ligar a televisão, como quem entra no metrô à hora de ponta, e de que por descuido ou por maldade alguém me pise a inteligência: “desculpe, sim?!, foi sem querer”. Ligo o aparelho, encolhido no meu canto, fingindo que nem estou ali, mas se por acaso os meus olhos tropeçam nalgum sujeito com aspecto de bárbaro, saio logo. A seguir fecho os olhos e sonho um peixe.

Foi um velho pescador pernambucano quem me ensinou isto. Eu estava sentado nas areias de Itamaracá, com um bloco de papel nos joelhos, concluindo uma aquarela. Ele veio por trás e ficou um momento observando:

— Por que faz isso? — perguntou. — O mar não cabe aí! Sentou-se ao meu lado. Disse-me que às vezes, ao acordar, lhe doía, do lado esquerdo do peito, a humanidade. Caminhava então até à praia, estendia-se de costas na areia, e sonhava um peixe.

— Foi Clarice, sabe? Ela me iniciou.

Na altura não compreendi a quem o velho se referia. Começou por sonhar peixes pequenos, muito rudimentares, só um veloz traço de prata, só uma ligeira vírgula refulgindo no ar, mas com o tempo, à medida que desenvolvia a técnica, passou a sonhar garoupas, meros, inclusive espadartes. A ambição dele era sonhar uma baleia. Uma baleia azul.

— Esteja atento à cor das águas — preveniu-me. — Por exemplo, de manhã, bem cedinho, se o mar estiver liso e prateado, é bom para sonhar savelhas. O camarupim, que é um peixe nosso, grande, se sonha muito bem depois que chove, e os rios anoitecem o mar. Já os xaréus são melhor sonhados quando o mar azul.

E as sereias? Ele olhou-me atônito:

— Sereias?! Servem para quê, as sereias? Sereias são bichos mal sonhados, como os ornitorrincos ou os generais. Você há de conseguir fazer melhor.

Venho tentando. Nunca soube o nome do pescador. Era um sujeito alto, apumado como um poste, de olhos acesos e uma pele sadia, bem esticada sobre os ossos. Tinha uma voz tão clara e calorosa que, à noite, enquanto falava, era como se cuspiasse pirilampos. Uma voz daquelas devia poder transmitir-se em testamento. A mim fazia-me lembrar a do Fernando Alves. Contava-se na ilha que o velho estivera três semanas perdido no mar. Salvava-se por milagre, porque ao décimo terceiro dia Nossa Senhora Aparecida lhe apareceu no saveiro, trazendo nas mãos um pernil de porco e uma garrafa de litro de Coca-Cola. Ele próprio me desmentiu o milagre, até um pouco irritado:

— Nossa Senhora Aparecida?! Qual Nossa Senhora, rapaz?! Quem me apareceu foi Clarice Lispector!...

Em todas as estórias de pescadores há sempre exageros, por vezes até mentiras descaradas, ou não seriam estórias de pescadores. Neste ponto, porém, sou peremptório — uso esta palavra pela primeira vez na vida; não veem que reluz? — ele lia! Era um grande devoto de Clarice Lispector e Alberto Caeiro. Contou-me que Clarice lhe apareceu de madrugada, trazendo nas mãos **Uma maçã no escuro**, e lhe leu o romance inteiro. A seguir, depois que o achou mais recomposto, ensinou-o a sonhar peixes.

— Sonhar peixes faz bem à alma. Lembre-se que por cada homem mau no mundo há no mar mil peixes bons.

O meu pescador não tinha televisão. Às vezes acontecia demorar-se num bar, ou na praça (havia uma televisão na praça), e o fragor das guerras alheias roubava-lhe o sono. Ele sofria com os erros dos outros. Andava pela ilha com **A hora da estrela** debaixo do braço, tentando, sem sucesso, converter os demais. Só eu lhe dava atenção:

— Se nada mais der certo leia Clarice.

Uma tarde vi-o sonhar um golfinho.

— Foi o meu primeiro mamífero — disse-me depois, exausto pelo esforço —, para a semana vou tentar uma orca.

Nunca mais voltei a Itamaracá, nunca mais o vi, mas calculo que por esta altura ele já tenha conseguido sonhar a sua baleia azul. Já a deve ter lançado ao mar, cento e trinta toneladas de puro sonho, e o canto dela há de estar agora ressoando nas águas. Um dia as baleias virão para salvar os homens.

AGUALUSA, José Eduardo. Se nada mais der certo leia Clarice. In: \_\_\_\_\_. **Manual prático de levitação**: contos. Rio de Janeiro: Gryphus, 2005. p. 63-67.



Editora Gryphus

1. Observe o diálogo que se estabeleceu entre esse conto e o surgimento da figura de Clarice com a indicação do caminho para que o pescador possa salvar-se. Qual é a justificativa da presença da autora na vida do pescador?
2. Explique a presença da **intertextualidade**, um texto que recupera outro por meio de citação ou alusão, na temática do conto de Agualusa.

## Uma ponte entre Angola e o mundo

José Eduardo Agualusa é um importante divulgador da cultura africana e um defensor da interligação entre os espaços geográficos da África, do Brasil e da Europa.

ILUSTRADA
FOLHA DE S. PAULO

# LIVROS

**CONTOS** “Manual Prático de Levitação” reúne 20 textos do escritor angolano

## Agualusa destila magia em seus relatos de “lugares de errância”

**MARCELO COELHO**  
COLUNISTA DA FOLHA

**J**osé Eduardo Agualusa é uma estrela em ascensão na literatura de língua portuguesa. Nascido em 1960 em Huambo, Angola, é descendente de brasileiros e portugueses. Com cinco romances lançados no Brasil, pela Gryphus, Agualusa fez muito sucesso na Flip (Festa Literária de Parati) de 2004, ao participar de mesa-redonda com Caetano Veloso.

“Manual Prático de Levitação” reúne 20 contos, na maioria tirados de coletâneas anteriormente publicadas em Portugal. Os seis primeiros relatos, tendo Angola como cenário, são memoráveis.

“A Noite em que Prenderam Papai Noel” conta a história de um velho albino encarregado de cuidar da piscina de um clube, nos tempos do domínio português sobre Angola. Com a independência, diz Agualusa, “uma espécie de cansaço desceu por sobre as casas e a cidade começou a morrer. África — vamos chamar-lhe assim — voltou a apoderar-se do que fora seu. Abriram-se cacimbas nos quintais. Acenderam-se fogueiras nos jardins. O capim rompeu o asfalto, invadiu os passeios, os muros, os pátios. Mulheres pilavam milho nos salões”.

Há um pouco de Rimbaud na precisão mágica das observações, que logo cedem lugar a um retrato bem mais doloroso da violência e da guerra civil. Em “Eles Não São como Nós”, uma rotina de estudos e assassinatos é tratada por meio de uma conversa surpreendente, ao mesmo tempo objetiva e sutil, entre os personagens.



Ana Ottorri - 7.mai.2004/Folha Imagem

**O autor angolano José Eduardo Agualusa, que lança a coletânea “Manual Prático de Levitação”**

Claro que situações sociais extremas impõem um tom realista, ainda que não no registro puramente documental ou na mistura de indignação e regozijo sádico que se tornou comum no Brasil pós-Rubem Fonseca. Mas a literatura de Agualusa não se resume a ser — o que já é muito — um exercício mais sutil, ou menos brutal, do realismo em voga atualmente.

Vários contos se iluminam de percepções intensamente poéticas, e os próprios sonhos dos personagens abrem dimensões imprevistas e irrealis ao desenvolvimento de cada história. Em “Se Nada Mais Der Certo Leia Clarice”, um personagem admirador de Clarice Lispector começa “por

sonhar peixes pequenos, muito rudimentares, só um veloz traço de prata, só uma ligeira vírgula refulgindo no ar, mas com o tempo, à medida que desenvolvia a técnica, passou a sonhar garoupas, meros, inclusive espadartes...”.

Outra iluminação: “Havia uma desordem de roupas sobre a cama. A mulher deixou que o vestido lhe deslizesse até os pés e ficou nua diante dele, bela como um abismo, a pele negra reluzindo na sombra”.

Nas duas últimas seções do livro, que têm como cenário o Brasil e “outros lugares de errância”, o leitor se ressent de uma certa falta de homogeneidade. Surgem textos que mais parecem crônicas

ou páginas ocasionais do que contos plenamente realizados. Referências livrescas e jogos de espelhos envolvendo Jorge Luis Borges e Fernando Pessoa também diminuem, em alguns contos, a impressão de originalidade e poder literário que a primeira parte deste “Manual Prático de Levitação” é capaz de suscitar.

**Manual Prático de Levitação**  
★★★★

**Autor:** José Eduardo Agualusa  
**Editora:** Gryphus  
**Quanto:** R\$ 29 (161 págs.)  
**Na Bienal do Rio:** Agualusa participa de café literário, no dia 15/5, às 13h, no Pavilhão Verde

## Em cena

### Roteiro de discussão em grupo

Reúna-se com os colegas de seu grupo e, juntos, leiam a resenha do escritor Marcelo Coelho para o livro

### Manual prático de levitação.

Preparem-se para um **debate** sobre os sentidos possíveis em torno do título do livro: lendo a palavra **levitação**, isto é, “sensação subjetiva de elevar-se e flutuar no espaço, experimentada por vezes em sonhos”, como a resenha discute essa levitação?

Debata com os colegas: o conto de Agualusa leva a uma levitação?

## Luuanda: paixão e arte de escrever histórias

A linguagem inventada de Guimarães Rosa dialoga com o excelente escritor angolano José Luandino Vieira (1935), que revela extraordinário talento para inventar linguagens.

Em **Luuanda**, livro de contos com três histórias escritas na prisão durante o ano de 1963, a linguagem de Luandino Vieira mistura provérbios populares, ditos, latinismo, neologismos e hibridismos, o que o põe em diálogo com as vozes do contista brasileiro.

No segundo conto, “Do ladrão e do papagaio”, o narrador enumera várias situações que levaram três africanos à prisão: Xico Futa, homem sábio e revolucionário; Lomelino dos Reis, Dosreis para os amigos, homem de moral duvidosa; e Garrido Fernandes, um aleijado, portador de muitos sonhos.

O trecho a seguir é o final desse conto, em que o narrador se apresenta como fiador da verdade de suas personagens e as defende dos julgamentos.

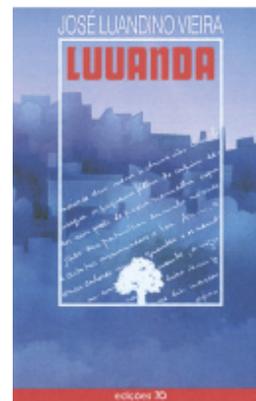
Minha estória. Se é bonita, se é feia, os que sabem ler é que dizem. Mas juro me contaram assim e não admito ninguém que duvide de Dosreis, que tem mulher e dois filhos e rouba patos, não lhe autorizam trabalho honrado; de Garrido Kam'tuta, aleijado de paralisia, feito pouco até por papagaio; de Inácia Domingas, pequena saliente, que está a pensar criado de branco é branco — “m'bika a mundele, mundele uê” —, de Zuzé, auxiliar, que não tem ordem de ser bom; de João Via-Rápida, fumador de diamba para esquecer o que sempre está lembrar; de Jacó coitado papagaio de musseque, só lhe ensinam as asneiras e nem tem poleiro nem nada...

E isto é verdade, mesmo que os casos nunca tenham passado.

VIEIRA, José Luandino. Do ladrão e do papagaio. In: \_\_\_\_\_. **Luuanda**. 11. ed. Lisboa: Edições 70, 2000. p. 121-122.

- Compare a linguagem de José Luandino Vieira com a de Guimarães Rosa, observando as semelhanças e as diferenças entre elas.

**diamba:** erva que se fuma, marijuana.  
**musseque:** bairro popular periférico, bairro de latas (favela).



Edições 70

## Em atividade

FAÇA NO  
CADERNO

### 1. (Enem/MEC)

Tudo no mundo começou com um sim. Uma molécula disse sim a outra molécula e nasceu a vida. Mas antes da pré-história havia a pré-história da pré-história e havia o nunca e havia o sim. Sempre houve. Não sei o quê, mas sei que o universo jamais começou. [...]

Enquanto eu tiver perguntas e não houver resposta continuarei a escrever. Como começar pelo início, se as coisas acontecem antes de acontecer? Se antes da pré-pré-história já havia os monstros apocalípticos? Se esta história não existe, passará a existir. Pensar é um ato. Sentir é um fato. Os dois juntos — sou eu que escrevo o que estou escrevendo. [...] Felicidade? Nunca vi

palavra mais doida, inventada pelas nordestinas que andam por aí aos montes.

Como eu irei dizer agora, esta história será o resultado de uma visão gradual — há dois anos e meio venho aos poucos descobrindo os porquês. É visão da iminência de. De quê? Quem sabe se mais tarde saberei. Como que estou escrevendo na hora mesma em que sou lido. Só não inicio pelo fim que justificaria o começo — como a morte parece dizer sobre a vida — porque preciso registrar os fatos antecedentes.

LISPECTOR, C. **A hora da estrela**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998 (fragmento).

A elaboração de uma voz narrativa peculiar acompanha a trajetória literária de Clarice Lispector, culminada com a obra **A hora da estrela**, de 1977, ano

da morte da escritora. Nesse fragmento, nota-se essa peculiaridade porque o narrador:

- a) observa os acontecimentos que narra sob uma ótica distante, sendo indiferente aos fatos e às personagens.
- b) relata a história sem ter tido a preocupação de investigar os motivos que levaram aos eventos que a compõem.
- c) revela-se um sujeito que reflete sobre questões existenciais e sobre a construção do discurso.
- d) admite a dificuldade de escrever uma história em razão da complexidade para escolher as palavras exatas.
- e) propõe-se a discutir questões de natureza filosófica e metafísica, incomuns na narrativa de ficção.

2. (PUCCamp-SP) Guimarães Rosa — numa linguagem em que a palavra é valorizada não só pelo seu significado, como também pelos seus sons e formas — tomou um tipo humano tradicional em nossa ficção, o jagunço, e transportou-o, além do documento, até a esfera onde os tipos literários passam a representar os problemas comuns da nossa humanidade. Exemplifica as palavras acima o trecho de Guimarães Rosa:

- a) “O chefe disse: me traga esse homem vivo, seu Getúlio. Quero o bicho vivão aqui e, pulando. O homem era valente, quis combater, mas a subaqueira dele anganchou a arma, de sorte que foi o fim dele. Uma parabelada no focinho, passarinhou aqui e ali e parou.”
- b) “À sua audácia e atrocidade deve seu renome este herói legendário para o qual não achamos par nas crônicas provinciais. Durante muitos anos, ouvindo suas mães ou aias cantarem as trovas comemorativas da vida e morte desse como Cid, ou Robin Hood pernambucano, os meninos tomados de pavor adormeceram mais depressa do que se lhes contassem as proezas do lobisomem ou a história do negro do surrão muito em voga entre o povo naqueles tempos.”
- c) “João Miguel sentiu na mão que empunhava a faca a sensação fofa de quem fura um embrulho. O homem, ferido no ventre, caiu de borco, e de sob ele um sangue grosso começou a escorrer sem parar, num riacho vermelho e morno, formando poças encarnadas nas anfractuosidades do ladrilho.”
- d) “Quê que me acuava? Agora, eu velho, vejo: quando cogito, quando relembro, conheço que naquele tempo eu girava leve demais, e assoprado. Deus deixou. Deus é urgente sem pressa. O sertão é dele. Eh! — o que o senhor quer indagar, eu sei. Porque o senhor está pensando alto, em quantidades. Eh. Do demo?”
- e) “O tiroteio começou. A princípio ralo, depois mais cerrado. O padre olhava para seu velho relógio:

uma da madrugada. Apagou a vela e ficou escutando. Havia momentos de trégua, depois de novo começavam os tiros. E assim o combate continuou madrugada adentro. O dia raiava quando lhe vieram bater à porta. Foi abrir. Era um oficial dos farrapos cuja barba negra contrastava com a palidez esverdeada do rosto.”

3. (Fuvest-SP)

Ele se aproximou e com voz cantante de nordestino que a emocionou, perguntou-lhe:

— E se me desculpe, senhorinha, posso convidar a passear?

— Sim, respondeu atabalhoadamente com pressa antes que ele mudasse de ideia.

— E, se me permite, qual é mesmo a sua graça?

— Macabéa.

— Maca — o quê?

— Béa, foi ela obrigada a completar.

— Me desculpe mas até parece doença, doença de pele.

— Eu também acho esquisito mas minha mãe botou ele por promessa a Nossa Senhora da Boa Morte se eu vingasse, até um ano de idade eu não era chamada porque não tinha nome, eu preferia continuar a nunca ser chamada em vez de ter um nome que ninguém tem mas parece que deu certo — parou um instante retomando o fôlego perdido e acrescentou desanimada e com pudor — pois como o senhor vê eu vinguei... pois é...

— Também no sertão da Paraíba promessa é questão de grande dívida de honra.

Eles não sabiam como se passeia. Andaram sob a chuva grossa e pararam diante da vitrine de uma loja de ferragem onde estavam expostos atrás do vidro canos, latas, parafusos grandes e pregos. E Macabéa, com medo de que o silêncio já significasse uma ruptura, disse ao recém-namorado:

— Eu gosto tanto de parafuso e prego, e o senhor?

Da segunda vez em que se encontraram caía uma chuva fininha que ensopava os ossos. Sem nem ao menos se darem as mãos caminhavam na chuva que na cara de Macabéa parecia lágrimas escorrendo.

(Clarice Lispector, **A hora da estrela**)

Ao dizer: “[...] promessa é questão de grande dívida de honra”, Olímpico junta, em uma só afirmação, a obrigação religiosa e o dever de honra. A personagem de **Sagarana** que, em suas ações finais, opera uma junção semelhante é:

- a) Major Saulo, de “O burrinho pedrês”.
- b) Lalino, de “Traços biográficos de Lalino Saláthiel ou A volta do marido pródigo”.
- c) Primo Ribeiro, de “Sarapalha”.
- d) João Mangolô, de “São Marcos”.
- e) Augusto Matraga, de “A hora e vez de Augusto Matraga”.

# Redação de vestibular: texto dissertativo-argumentativo II



Arquivo/CB/D.A. Press

CORREIO BRAZILIENSE. Brasília, DF, 18 jun. 2013. Primeira página.

Você está por dentro dos fatos que marcam presença na mídia e que podem se transformar em temas de redação nos vestibulares e no Enem?

A fotografia acima recupera as manifestações que ocorreram no Brasil em 2013, quando milhares de brasileiros, sem vínculo político-partidário, saíram às ruas em prol de diferentes reivindicações, como a reforma política, melhorias na educação, saúde e transporte público, entre outros.

As propostas de redação de vestibulares são muito específicas com relação às habilidades de escrita e argumentação a serem demonstradas pelos candidatos. Nesses exames, exigem-se prontidão de raciocínio e capacidade de organização lógica para responder criticamente ao tema em discussão, já que, por mais que o candidato se prepare, o tema é sempre uma surpresa. Para os mais informados e atualizados, contudo, fica mais fácil criar um raciocínio argumentativo com boa sustentação lógica.

Para isso, é necessário planejamento, de modo a estabelecer uma relação coerente entre as partes do texto. É primordial conhecer aspectos da progressão temática, ou seja, como ocorre a coesão entre parágrafos, a fim de organizar o texto com clareza.

Neste capítulo, vamos dar continuidade à análise de propostas de produção de **texto dissertativo-argumentativo** solicitadas em vestibulares. Vamos explorar aspectos relacionados à clareza e à concisão e aprofundar a análise de estratégias para a construção da boa argumentação, considerando cada etapa do texto — da introdução à conclusão.

## (Des)construindo o gênero

As atividades de linguagem relacionadas à produção de redação de vestibular são muito variadas, sem regras predeterminadas e sem um modelo. A construção do texto se organiza a partir de diversos planos de expressão: o primeiro, e mais importante, é a voz do autor, que assume uma posição e a defende; em seguida, vem a gramática da língua, com suas palavras e sintaxe.

## A escrita argumentativa no vestibular

Vamos analisar a prova de redação do vestibular de 2012 da Universidade de São Paulo (USP), organizado pela Fundação Universitária para o Vestibular (Fuvest). Nela, propõe-se a produção de um texto dissertativo com base em uma coletânea, exigindo um estudo do problema e o posicionamento do candidato a esse respeito.

### Proposta da Universidade de São Paulo (USP) – Fuvest

#### Texto 1

A ciência mais imperativa e predominante sobre tudo é a ciência política, pois esta determina quais são as demais ciências que devem ser estudadas na pólis. Nessa medida, a ciência política inclui a finalidade das demais, e, então, essa finalidade deve ser o bem do homem.

Aristóteles. Adaptado.

#### Texto 2

O termo “idiota” aparece em comentários indignados, cada vez mais frequentes no Brasil, como “política é coisa de idiota”. O que podemos constatar é que acabou se invertendo o conceito original de idiota, pois a palavra *idiótes*, em grego, significa aquele que só vive a vida privada, que recusa a política, que diz não à política.

Talvez devêssemos retomar esse conceito de idiota como aquele que vive fechado dentro de si e só se interessa pela vida no âmbito pessoal. Sua expressão generalizada é: “Não me meto em política”.

M. S. Cortella e R. J. Ribeiro, **Política – para não ser idiota**. Adaptado.

#### Texto 3

##### Filhos da época

Somos filhos da época  
e a época é política.  
Todas as tuas, nossas, vossas coisas  
diurnas e noturnas,  
são coisas políticas.  
Querendo ou não querendo,  
teus genes têm um passado político,  
tua pele, um matiz político,  
teus olhos, um aspecto político.  
O que você diz tem ressonância,  
o que silencia tem um eco  
de um jeito ou de outro, político.  
[...]

Wisława Szymborska, **Poemas**.

#### Texto 4

As instituições políticas vigentes (por exemplo, partidos políticos, parlamentos, governos) vivem hoje um processo de abandono ou diminuição do seu papel de criadoras de agenda de questões e opções relevantes e, também, do seu papel de propositoras de doutrinas. O que não significa que se amplia a liberdade de opção individual. Significa apenas que essas funções estão sendo decididamente transferidas das instituições políticas (isto é, eleitas e, em princípio, controladas) para forças essencialmente não políticas — primordialmente as do mercado financeiro e do consumo. A agenda de opções mais importantes dificilmente pode ser construída politicamente nas atuais condições. Assim esvaziada, a política perde interesse.

Zygmunt Bauman. **Em busca da política**. Adaptado.

#### Texto 5

##### MUNDO MONSTRO ADÃO



Folha de S.Paulo, 05 out. 2011.

Os textos aqui reproduzidos falam de política, seja para enfatizar sua necessidade, seja para indicar suas limitações e impasses no mundo atual. Reflita sobre esses textos e redija uma dissertação em prosa, na qual você discuta as ideias neles apresentadas, argumentando de modo a deixar claro o seu ponto de vista sobre o tema **Participação política: indispensável ou superada?**

### Instruções:

- A redação deve obedecer à norma-padrão da língua portuguesa.
- Escreva, no mínimo, 20 e, no máximo, 30 linhas, com letra legível.
- Dê um título a sua redação.

Pela leitura da coletânea e das orientações para a prova, há um encaminhamento temático para a produção do texto dissertativo. Espera-se que o candidato seja um leitor crítico de jornais, revistas e romances, capaz de interpretar o que lê e argumentar em defesa de seu ponto de vista como autor, podendo, de modo coerente, concordar com os posicionamentos apresentados ou refutá-los.

1. Relacione os textos à pergunta que encaminha o tema: “Participação política: indispensável ou superada?”.

FAÇA NO  
CADERNO

a) Sintetize cada texto que compõe a coletânea.

b) Que resposta à questão-tema é sugerida na articulação dos textos da coletânea?

2. Especifique um encaminhamento argumentativo possível para a proposta.

3. Que instruções práticas precisam ser seguidas rigorosamente?

A seguir, leia uma das melhores redações produzidas no vestibular da Fuvest 2012. As redações divulgadas pela instituição apresentam bom nível, segundo a Banca Corretora, por terem atendido, total ou parcialmente, os critérios de avaliação: tipo de texto e abordagem do tema, estrutura e expressão.

### A política está morta?

A organização de um Estado está atrelada a sua estrutura política. No entanto, ao observar o mundo de hoje, é claro o movimento de despolitização em detrimento da lógica do consumo e do mercado financeiro. Tal processo é negativo para a sociedade, uma vez que a maneira mais eficaz de promover mudanças efetivas é o engajamento político por parte dos habitantes de um país.

Gilles Lipovetsky, no texto “Narciso sob medida”, de seu livro “A Era do Vazio”, discute as causas desse processo de despolitização. De acordo com o filósofo, um conjunto de acontecimentos históricos como a Guerra do Vietnã, o terrorismo, a disputa nuclear e crises econômicas teriam levado a uma descrença nas figuras políticas. Dessa forma, o desejo de alcançar um mundo melhor de maneira coletiva, tão presente na década de 1960, é deixado para trás e as pessoas mergulham em um processo de individualização narcisista. O “eu” é colocado em primeiro plano e a política é deixada de lado, levando à alienação.

A partir das ideias de Gilles conclui-se que a situação de indiferença das pessoas quando se trata de política não é um fato recente. Além disso, essa atitude é extremamente prejudicial pois uma vez alheio o indivíduo nem sequer reflete sobre a responsabilidade do voto. Consequentemente, elege representantes corruptos que o deixam mais insatisfeito e frustrado com o universo da política, como em um ciclo vicioso. A má atuação dos representantes torna-se argumento para não se envolver em temas políticos.

No entanto, não é correto afirmar que a participação política foi superada. No ano de 2011, uma série de revoltas eclodiram ao redor do planeta. Iniciadas por um comerciante que ateou fogo no próprio corpo como forma de protesto com suas condições de vida na Tunísia, os movimentos se disseminaram e levaram à queda de governos autocráticos, tanto no Egito quanto na Líbia.

Dessa forma, apesar do distanciamento da sociedade em relação a política, sua importância continua sendo inegável e fundamental para o funcionamento de um país (como já era evidente na Grécia Antiga). Não se pode afirmar que a participação política foi superada, pois é ela a responsável por promover mudanças efetivas nas estruturas sociais, como ocorreu no ano de 2011 no mundo árabe. É necessário resgatar a tradição política que foi se perdendo a partir do final da década de 1960 pois ela faz parte da história da humanidade e ecoa até hoje.

Exemplo 26. Melhores redações Fuvest 2012. Disponível em: <<http://www.fuvest.br/vest2012/bestred/103913.html>>. Acesso em: 30 jul. 2013.

4. Analise a articulação temática construída na redação.

a) Identifique a estrutura composicional do texto (tese, tipos de argumentos e conclusão).

b) Identifique e explique um problema na sequência argumentativa construída.

c) Cite expressões e frases que marcam o diálogo do candidato com a coletânea.

5. Avalie a redação produzida quanto à expressão.

a) Explícite dois ou três mecanismos de coesão sequencial e referencial utilizados.

b) Avalie o uso do vocabulário e a adequação à norma-padrão.

Na redação analisada, nota-se o diálogo estabelecido entre o candidato e a proposta de produção textual, marcado na orientação lógica do texto produzido.

O texto dissertativo-argumentativo solicitado em provas de vestibular tem como objetivo analisar e interpretar temas da realidade. O candidato deve expressar um ponto de vista e defendê-lo, por meio do progresso dos períodos e parágrafos, estabelecendo uma relação lógica.

# Linguagem do gênero

## Diálogo com a mídia impressa

O texto argumentativo na mídia impressa pode contribuir para a construção de estratégias adequadas a situações formais de debate e à discussão de temas da atualidade. Isso se articula muito bem às finalidades da redação em propostas de vestibular.

A leitura de textos da mídia impressa, além de oferecer informações, pode contribuir com diferentes encaminhamentos argumentativos, por progressão temática, organização temporal-espacial, enumeração de ideias-definições e refutação e/ou defesa de posicionamento, entre outros.

O editorial, por exemplo, é um gênero opinativo construído com base na avaliação de fatos recentes, sobre os quais o autor toma uma posição de defesa ou de refutação, para apresentar interpretações de uma instituição jornalística.

De modo geral, o editorial é composto de três partes: apresentação dos acontecimentos e do posicionamento a ser defendido, desenvolvimento da argumentação e conclusão. Em jornais, geralmente o editorial não é assinado; em revistas, costuma ser assinado pelo editor-chefe.

O editorial a seguir, "A reapropriação da cidade", foi extraído do jornal **Le Monde Diplomatique Brasil**, edição de novembro de 2012. Tal veículo de comunicação tem um perfil editorial diferenciado dos demais jornais impressos, por ter periodicidade mensal e não diária. O texto é assinado pelo diretor e editor-chefe Silvio Caccia Bava, representante, portanto, da empresa jornalística.

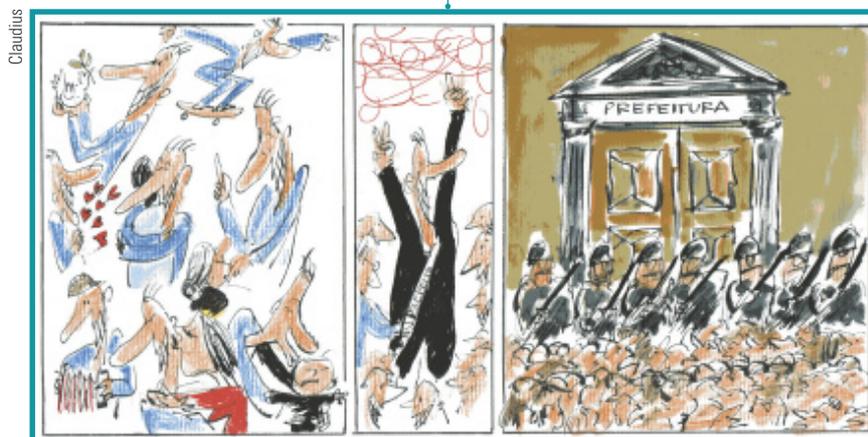
A edição foi destinada a discutir a participação política da juventude na atualidade. Na mesma página, publicou-se uma charge do cartunista Claudius.



LE MONDE DIPLOMATIQUE BRASIL, São Paulo, ano 6, n. 64, nov. 2012.



LE MONDE DIPLOMATIQUE BRASIL, São Paulo, ano 6, n. 64, nov. 2012. p. 3.



Claudius

## A reapropriação da cidade

O resultado das eleições abre um novo período de gestão municipal que começa em janeiro. A sensação que dá, tendo acompanhado as campanhas eleitorais, é de que a questão da democracia foi deixada de lado; ninguém colocou o tema da democratização da gestão, da descentralização da gestão, da participação cidadã como eixo fundamental de sua campanha. É como se as soluções tecnocráticas prevalecessem e os “bons” governantes fossem a solução. Chegamos mesmo a assistir nesta gestão que termina nas principais cidades do país — São Paulo e Rio de Janeiro — a iniciativas que apontam para a militarização da gestão pública. No Rio de Janeiro, a “pacificação” dos morros pela ocupação militar, o modelo UPPs. Em São Paulo, a escolha de coronéis aposentados da PM para atuarem como subprefeitos. É impressionante como os temas da democracia e da participação cidadã sumiram da agenda pública.

Está colocado um desafio para a sociedade e para os próximos governantes. Democracia e participação cidadã são a única via para lutar por cidades justas, democráticas e sustentáveis, para enfrentar as desigualdades sociais gritantes, reorientar as políticas públicas e melhorar a vida de todos, garantindo o direito à cidade. Ou a gestão se democratiza, ou é capturada pelos interesses corporativos.

E há toda uma história de lutas sociais, de mobilizações, que trouxeram grandes ganhos para a administração pública e para a população. Basta dizer que o SUS, nosso Sistema Único de Saúde, considerado referência mundial por seu trabalho, é fruto do movimento de saúde nascido na zona leste de São Paulo. Sua qualidade e sua eficiência são fiscalizadas pelos Conselhos de Saúde, e a política é avaliada por conferências municipais, estaduais e nacional a cada dois anos. Dezenas de milhares de pessoas participam desses processos.

Mas há toda uma política tradicional a enfrentar. Como promover um projeto de democratização e participação se a lógica da política é lotear entre os aliados as subprefeituras e secretarias para que eles, em cada uma dessas instâncias, possam tirar proveito político do cargo que ocupam? A agenda da reforma política não pode se limitar à luta pelo financiamento público das campanhas eleitorais, ainda que isso seja essencial.

Descentralizar o governo das cidades e criar mecanismos inovadores de gestão e participação cidadã é um projeto político de socialização do poder, de inclusão social e de aumento da eficiência na prestação dos serviços públicos. Significa romper com o controle político das elites locais e com as formas burocráticas, corruptas e clientelistas de governar; significa mudar o desenho das instituições e seu funcionamento, para impulsionar um processo de mudanças sociais e atender às múltiplas dinâmicas da sociedade.

A descentralização e a democratização da gestão municipal inauguram uma aproximação do governo com a sociedade, um novo olhar dos gestores para reconhecer as particularidades das relações da cidadania com seus territórios, a configuração dos espaços urbanos, suas tendências econômicas, suas novas centralidades regionais, suas dinâmicas sociais e culturais. Mais do que tudo, permitem recuperar a capacidade de intervenção dos cidadãos enquanto atores coletivos e do poder público como regulador da vida social, capaz de impulsionar processos de negociação entre os distintos atores e forças sociais presentes nas cidades.

O significado do projeto de descentralização e participação é garantir a reapropriação da cidade por seus cidadãos; criar novos territórios públicos de construção da cidadania; impulsionar novas formas de sociabilidade e uma nova cultura política assentada em solidariedade, justiça social, equidade, fortalecimento da sociedade civil, participação, autonomia, respeito e garantia dos direitos pessoais.

Em São Paulo, depois de longos anos de lutas e de pressão social, foi incluída, em 2004, na Lei Orgânica do Município, a criação de Conselhos de Representantes junto a cada uma das subprefeituras, nos quais representantes dos moradores, eleitos pela população local, exerceriam o papel de fiscalização e propositivo na relação com a subprefeitura. Em 2005, quando se organizavam as primeiras eleições para os Conselhos, e o prefeito era José Serra, o Ministério Público Estadual ajuizou uma ação de inconstitucionalidade (Adin) contra a criação dos Conselhos. Uma liminar suspensiva até o julgamento da matéria, que perdura até hoje, abortou a criação dos Conselhos. O julgamento é político, é contra a participação, e o argumento é que os representantes não poderiam receber como funcionários públicos, uma total inverdade ou desconhecimento de causa.

Todos os novos prefeitos têm o desafio de garantir o apoio da sociedade à sua gestão. Descentralizar e abrir o governo à participação cidadã é um meio de garantir mais acertos e dividir os erros. O povo quer mudanças, quer sentir que este novo governo é seu.

Silvio Caccia Bava é diretor e editor-chefe do **Le Monde Diplomatique Brasil**.  
BAVA, Silvio Caccia. A reapropriação da cidade. **Le Monde Diplomatique Brasil**, ano 6, n. 64, p. 3, nov. 2012.

- No primeiro parágrafo, o autor faz uma contextualização e, a partir dela, uma breve avaliação.
  - Identifique a contextualização apresentada.
  - Explique a avaliação feita e especifique três expressões-chave que introduzem os temas a serem discutidos pelo autor.
  - Justifique a relação entre a charge que antecede o editorial e a contextualização construída.
- Após essa referência externa e a inserção do assunto a ser discutido, o autor se posiciona em relação a ele. Identifique e explique a tese defendida no editorial.
- No quarto parágrafo, o autor insere uma pergunta: “Como promover um projeto de democratização e participação se a lógica da política é lotear entre os aliados as subprefeituras e secretarias para que eles, em cada uma dessas instâncias, possam tirar proveito político do cargo que ocupam?”. Explique que função essa pergunta exerce no texto e que sentidos ela explora.

O autor utiliza recursos linguístico-discursivos específicos na construção de cada argumento. Na totalidade do texto, as expressões nominais e marcas apreciativas são recursos importantes para levar o leitor a compreender a **orientação argumentativa do texto**. Vamos selecionar algumas dessas marcas para revelar o projeto de sentido construído no editorial.

- No parágrafo a seguir, o autor começa a responder à pergunta inserida por meio da construção de uma **definição**. Destacamos, em **azul**, as expressões nominais utilizadas (substantivos, nominalizações) e, em **verde**, as marcas apreciativas inseridas pelo autor (adjetivos, locuções adjetivas, advérbios e locuções adverbiais). Essas marcas permitem compreender a definição construída pelo autor.

Descentralizar o governo das cidades e criar **mecanismos inovadores** de **gestão** e **participação cidadã** é um **projeto político de socialização do poder**, de **inclusão social** e de **aumento da eficiência** na **prestação** dos serviços públicos. Significa romper com o **controle político das elites locais** e com as **formas burocráticas, corruptas** e **clientelistas** de governar; significa mudar o **desenho das instituições** e seu funcionamento, para impulsionar um **processo de mudanças sociais** e atender às **múltiplas dinâmicas da sociedade**.

- Identifique o que é definido no parágrafo.
  - Explicitite que posicionamento o autor marca nesse argumento.
  - Explique a função dos verbos e locuções verbais sublinhados na construção dessa definição.
  - O autor utiliza a preposição “para” como mecanismo coesivo. Explique que função ela exerce.
- Observe os parágrafos 6 e 7. Identifique as expressões nominais, marcas apreciativas e mecanismos coesivos, explicitando os sentidos construídos.
  - No editorial, além desses recursos argumentativos, há três exemplos. Identifique-os e explique, de acordo com a orientação argumentativa analisada, que função eles exercem na defesa do ponto de vista proposto.
  - Releia o último parágrafo. Explicitite que recurso argumentativo foi utilizado para finalizar o texto.
  - No texto, há outros recursos linguísticos importantes, como o uso da terceira pessoa do singular e de verbos no presente, em sua maioria. Explique o sentido criado pelo emprego de tais elementos e anote marcadores (pronomes ou verbos) que comprovem sua resposta.

O autor constrói uma orientação argumentativa que interliga estrutura composicional, tema e recursos linguísticos. Na introdução, a partir de três nominalizações (“democratização da gestão”, “descentralização da gestão” e “participação cidadã”), ele elabora sua argumentação definindo cada uma delas para embasar a tese: construir um novo modelo de gestão política que interliga “democracia e participação”. A esse vínculo se associa o título, como síntese da tese e da argumentação propostas.

Assim como o editorial analisado, a construção da orientação argumentativa do texto a ser produzido no vestibular deve estar articulada a um planejamento analítico prévio, que considera a estrutura composicional do texto dissertativo-argumentativo, o tema a ser discutido e os recursos linguístico-discursivos utilizados.

## Praticando o gênero

### Outros diálogos, novos textos

Coloque em diálogo a proposta da Fuvest 2012 e o editorial analisado e amplie a discussão temática sobre participação cidadã.

Observe, ao lado, a capa da cartilha da 5ª Conferência Nacional das Cidades, promovida pelo Ministério das Cidades. Esse evento visa constituir um espaço de debate e promover a participação da sociedade nas políticas públicas relacionadas ao desenvolvimento urbano, com foco em quatro prioridades: habitação, saneamento, mobilidade urbana e planejamento urbano.

A Constituição Federal brasileira, em seu artigo 1º, parágrafo único, afirma: “Todo o poder emana do povo, que o exerce por meio de representantes eleitos ou diretamente”. Pensando nisso, responda ao apelo proposto na capa da cartilha e elabore um texto dissertativo-argumentativo que discuta o seguinte recorte temático:

**Participação cidadã na política de desenvolvimento urbano: como compartilhar competências e responsabilidades na construção de cidades mais democráticas e inclusivas?**

A proposta da Fuvest 2012 discutiu a necessidade de participação política; o editorial, a emergência de um novo modelo de gestão pública e democrática. Você deverá, em seu texto, apresentar espaços e formas de participação para a construção de cidades mais justas, democráticas e sustentáveis. Para isso, organize sua produção em dois momentos.

#### 1) Grupo de discussão

Em grupos, pesquisem textos sobre o tema e criem um círculo para debate. O objetivo é montar uma rede de informações atuais sobre o assunto a ser discutido, estabelecendo diálogo com diferentes textos.

Enumerem pontos de vista defendidos, fatos, exemplos, dados estatísticos, definições etc. Sejam leitores críticos, discutam e analisem tais informações e selecionem aspectos com os quais concordem e outros que refutem.

#### 2) Produção do texto

Agora, individualmente, crie um encaminhamento analítico, explorando os recursos necessários para a construção da **orientação argumentativa do texto**. Para isso, considere os aspectos a seguir.

- Estabeleça a introdução: qual será a tese? Que estratégias argumentativas serão usadas?
- Especifique que tipos de argumentos podem ser articulados ao posicionamento a ser defendido.
- Articule a sequência argumentativa proposta à conclusão: crie uma síntese da argumentação construída, retome a tese e faça uma avaliação crítica.
- Elabore uma primeira versão do texto e verifique se os recursos linguístico-discursivos mantêm uma orientação argumentativa com progressão lógica entre tese, argumentos e conclusão.
- Dê um título que sintetize a abordagem temática construída.
- Analise a adequação dos recursos formais relacionados à norma-padrão.
- Troque o rascunho com um(a) colega e peça a ele(a) que verifique os aspectos expostos nessas orientações.
- Reveja, corrija, aperfeiçoe seu texto e passe-o a limpo, com letra legível, conforme as instruções formais da proposta da Fuvest 2012.



Ministério das Cidades. Governo Federal

BRASIL. Ministério das Cidades. **5ª Conferência Nacional das Cidades**. Brasília, DF, [2013]. Disponível em: <<http://www.cidades.gov.br/5conferencia/images/arquivos/cartilha.pdf>>. Acesso em: 31 maio 2016.

## Em atividade

FAÇA NO  
CADERNO

### 1. (Fuvest-SP)

Observe esta imagem e leia com atenção os textos a seguir.

#### Texto 1

Um grandioso e raro espetáculo da natureza está em cena no Rio de Janeiro. Trata-se da floração de palmeiras *Corypha umbraculifera*, ou palma talipot, no Aterro do Flamengo.

Trazidas do Sri Lanka pelo paisagista Roberto Burle Marx, elas florescem uma única vez na vida, cerca de cinquenta anos depois de plantadas. Em seguida, iniciam um longo processo de morte, período em que produzem cerca de uma tonelada de sementes.

<http://veja.abril.com.br>, 09/12/2009. Adaptado.

#### Texto 2

Quando Roberto Burle Marx plantou a palma talipot, um visitante teria comentado: “Como elas levam tanto tempo para florir, o senhor não estará mais aqui para ver”. O paisagista, então com mais de 50 anos, teria dito: “Assim como alguém plantou para que eu pudesse ver, estou plantando para que outros também possam contemplar”.

<http://www.abap.org.br>. **Paisagem Escrita**. n. 131, 10/11/2009. Adaptado.

#### Texto 3

Onde não há pensamento a longo prazo, dificilmente pode haver um senso de destino compartilhado, um sentimento de irmandade, um impulso de cerrar fileiras, ficar ombro a ombro ou marchar no mesmo passo. A solidariedade tem pouca chance de brotar e fincar raízes. Os relacionamentos destacam-se sobretudo pela fragilidade e pela superficialidade.

Z. Bauman. **Vidas desperdiçadas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005. Adaptado.

#### Texto 4

A cultura do sacrifício está morta. Deixamos de nos reconhecer na obrigação de viver em nome de qualquer coisa que não nós mesmos.

G. Lipovetsky, cit. por Z. Bauman, em **A arte da vida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

Como mostram os textos 1 e 2, a imagem de abnegação fornecida pela **palma talipot**, que, de certo modo, “sacrifica” a própria vida para criar novas vidas, é reforçada pelo altruísmo de Roberto Burle Marx, que a plantou não para seu próprio proveito, mas para o dos outros. Em contraposição, o mundo atual teria escolhido o caminho oposto.

**Altruísmo** = s.m. Tendência ou inclinação de natureza instintiva que incita o ser humano à preocupação com o outro. (**Dicionário Houaiss da língua portuguesa**, 2009.)

Com base nas ideias e sugestões presentes na imagem e nos textos aqui reunidos, redija uma dissertação argumentativa, em prosa, sobre o seguinte tema:

**O altruísmo e o pensamento a longo prazo ainda têm lugar no mundo contemporâneo?**

#### Instruções:

- Lembre-se de que a situação de produção de seu texto requer o uso da norma-padrão da língua portuguesa.
- A redação deverá ter entre 20 e 30 linhas.
- Dê um título a sua redação.



Floração da palma talipot, *Corypha umbraculifera*, no Aterro do Flamengo, Rio de Janeiro. Disponível em: Revista **Veja**, ed. 2 142, 9 dez. 2009, p. 178.

Selmy Yassuda/Abriil Comunicações S/A

## 2. (Fuvest-SP)

Na verdade, durante a maior parte do século XX, os estádios eram lugares onde os executivos empresariais sentavam-se lado a lado com os operários, todo mundo entrava nas mesmas filas para comprar sanduíches e cerveja, e ricos e pobres igualmente se molhavam se chovesse. Nas últimas décadas, contudo, isso está mudando. O advento de camarotes especiais, em geral, acima do campo, separam os abastados e privilegiados das pessoas comuns nas arquibancadas mais embaixo. [...] O desaparecimento do convívio entre classes sociais diferentes, outrora vivenciado nos estádios, representa uma perda não só para os que olham de baixo para cima, mas também para os que olham de cima para baixo.

Os estádios são um caso exemplar, mas não único. Algo semelhante vem acontecendo na sociedade americana como um todo, assim como em outros países. Numa época de crescente desigualdade, a “camarotização” de tudo significa que as pessoas abastadas e as de poucos recursos levam vidas cada vez mais separadas. Vivemos, trabalhamos, compramos e nos distraímos em lugares diferentes. Nossos filhos vão a escolas diferentes. Estamos falando de uma espécie de “camarotização” da vida social. Não é bom para a democracia nem sequer é uma maneira satisfatória de levar a vida.

Democracia não quer dizer igualdade perfeita, mas de fato exige que os cidadãos compartilhem uma vida comum. O importante é que pessoas de contextos e posições sociais diferentes encontrem-se e convivam na vida cotidiana, pois é assim que aprendemos a negociar e a respeitar as diferenças ao cuidar do bem comum.

Michael J. Sandel. Professor da Universidade Harvard. **O que o dinheiro não compra.** Adaptado.

### **Comentário do Prof. Michael J. Sandel referente à afirmação de que, no Brasil, se teria produzido uma sociedade ainda mais segregada do que a norte-americana.**

O maior erro é pensar que serviços públicos são apenas para quem não pode pagar por coisa melhor. Esse é o início da destruição da ideia do bem comum. Parques, praças e transporte público precisam ser tão bons a ponto de que todos queiram usá-los, até os mais ricos. Se a escola pública é boa, quem pode pagar uma particular vai preferir que seu filho fique na pública, e assim teremos uma base política para defender a qualidade da escola pública. Seria uma tragédia se nossos espaços públicos fossem *shopping centers*, algo que acontece em vários países, não só no Brasil. Nossa identidade ali é de consumidor, não de cidadão.

Entrevista. **Folha de S.Paulo**, 28/04/2014. Adaptado.

[No Brasil, com o aumento da presença de classes populares em centros de compras, aeroportos, lugares turísticos etc., é crescente a tendência dos mais ricos a segregar-se em espaços exclusivos, que marquem sua distinção e superioridade.] [...] Pode ser que o fenômeno “camarotização”, isto é, a separação física entre classes sociais, prospere para muitos outros setores. De repente, os supermercados poderão ter ala VIP, com entrada independente, cuja acessibilidade, tacitamente, seja decidida pelo limite do cartão de crédito.

Renato de P. Pereira. [www.gazetadigital.com.br](http://www.gazetadigital.com.br), 06/05/2014. [Resumido] e adaptado.

Até os anos de 1960, a escola pública que eu conheci, embora existisse em menor número, tinha boa qualidade e era um espaço animado de convívio de classes sociais diferentes. Aprendíamos muito, uns com os outros, sobre nossas diferentes experiências de vida, mas, em geral, nos sentíamos pertencentes a uma só sociedade, a um mesmo país e a uma mesma cultura, que era de todos. Por isso, acreditávamos que teríamos, também, um futuro em comum. Vejo com tristeza que hoje se estabeleceu o contrário: as escolas passaram a segregar os diferentes estratos sociais. Acho que a perda cultural foi imensa e as consequências, para a vida social, desastrosas.

Trecho do testemunho de um professor universitário sobre a Escola Fundamental e Média em que estudou.

Os três primeiros textos aqui reproduzidos referem-se à “camarotização” da sociedade, nome dado à tendência a manter segregados os diferentes estratos sociais. Em contraponto, encontra-se também reproduzido um testemunho, no qual se recupera a experiência de um período em que, no Brasil, a tendência era outra.

Tendo em conta as sugestões desses textos, além de outras informações que julgue relevantes, redija uma dissertação em prosa, na qual você exponha seu ponto de vista sobre o tema **“Camarotização” da sociedade brasileira: a segregação das classes sociais e a democracia.**

#### **Instruções:**

- A redação deve ser uma dissertação, escrita de acordo com a norma-padrão da língua portuguesa.
- Escreva, no mínimo, 20 linhas, com letra legível. Não ultrapasse o espaço de 30 linhas da folha de redação.
- Dê um título a sua redação.

# Sujeito gramatical e sujeito discursivo: agente da passiva e oração sem sujeito

O que você entende por **sujeito**? Uma categoria gramatical? Uma pessoa?

Nas gramáticas de língua portuguesa, encontramos essa definição no capítulo de **sintaxe**, isto é, a parte da gramática que trata das relações entre as palavras. O sujeito é considerado um dos constituintes essenciais da oração. Vejamos como ele é definido por duas gramáticas.

O sujeito é o ser sobre o qual se faz uma declaração; o predicado é tudo aquilo que se diz do sujeito.

CUNHA, Celso; CINTRA, Luís F. Lindley. **Nova gramática do português contemporâneo**. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001. p. 122.

Chama-se sujeito à unidade ou sintagma nominal que estabelece uma relação predicativa com o núcleo verbal para constituir uma oração.

BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa**. 37. ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004. p. 409.

**Sintagma nominal** é a unidade de análise sintática constituída por um núcleo substantivo e por outros termos que o acompanham, formando uma locução que vale por um substantivo naquela função sintática.

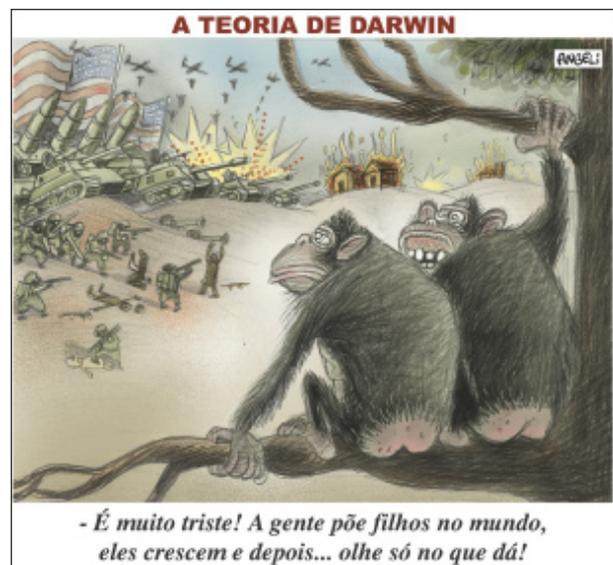
## Explorando os mecanismos linguísticos

### Duas concepções de sujeito

Essas definições normalmente são aceitas sem questionamento; no entanto, nem sempre esclarecem esse elemento da oração. Como fica o sujeito quando utilizado numa situação de comunicação? Tomemos como exemplos duas charges.



ANGELI. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 19 nov. 2002. Opinião, p. A2.



ANGELI. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 17 fev. 2003. Opinião, p. A2.

Antes de analisar os sujeitos, é preciso compreender as charges. Lembre-se de que a charge é um texto opinativo, tanto que está publicada na seção Opinião do jornal. Além disso, considere que a crítica do chargista tem origem num acontecimento social daquele momento.

1. Qual é o fato social de referência (circunstância histórica do momento de sua criação) de cada charge?
2. O que as charges permitem depreender da posição do autor sobre os acontecimentos? Utilize o título delas para enriquecer sua resposta.

FAÇA NO  
CADERNO

Observe estas duas orações extraídas das charges:

A gente **põe** filhos no mundo...

Onde a gente **esconde** os corpos?

- Identifique os sujeitos gramaticais dessas duas orações.

Para responder a essa pergunta, você não precisou levar em consideração a charge; bastou observar a oração. Mas apenas identificar o sujeito da oração não é suficiente para compreender o sentido do texto.

3. Analise os detalhes do desenho e explique o sentido que os sujeitos gramaticais já identificados adquirem nas charges.
4. Relacione o sujeito concebido pela gramática e o sujeito em uso nas charges; explique suas diferentes funções.

Tomemos dois exemplos de sujeito extraídos respectivamente das duas gramáticas citadas:

**O dia** decorreu sem sobressalto.

**O Sol** é um astro luminoso.

“Dia” e “Sol” não são o que normalmente compreendemos como “seres”, se tomarmos como critério a definição de Celso Cunha e Lindley Cintra. Além disso, os predicados dessas orações não estabelecem propriamente relações com os sujeitos. Convenhamos: o dia não pode decorrer sem sobressaltos. Pela noção gramatical, o sujeito é vazio de sentido, tomado independentemente da situação de comunicação.

A palavra “sujeito” tem, pois, duas acepções: a de sujeito gramatical (componente sintático) e a de sujeito do discurso (empregado em um gênero do discurso).

O sujeito gramatical pode ser humano ou não; o sujeito do discurso é necessariamente uma pessoa constituída socialmente; portanto, um agente em interação com outro, exercendo um papel social, conforme vimos nas charges.

O sujeito gramatical é uma materialidade linguística que dá suporte ao sujeito do discurso, mas só os dois juntos nos habilitam a construir e compreender sentidos.

5. Na imagem da charge “Kings of Money”, de Angeli, quem é o sujeito? Para quem ele fala?

#### O “eu” e o “tu”

É preciso considerar que o sujeito de uma interação está sempre diante de um outro sujeito. Mesmo quando você fala sozinho, institui um “eu” que fala para um “tu” ausente.

A linguagem só é possível porque cada locutor se apresenta como sujeito, remetendo a ele mesmo como eu em seu discurso. Por isso, eu propõe outra pessoa, aquela que, sendo embora exterior a “mim”, torna-se o meu eco — ao qual digo tu e que me diz tu.

BENVENISTE, Émile. **Problemas de linguística geral I**. Tradução de Maria da Glória Novak e Maria Luisa Neri; revisão de Isaac Nicolau Salum. 4. ed. Campinas: Pontes, 1965. p. 286.

## Formas de ocorrência do sujeito gramatical

### Orações com sujeito

Considere os sujeitos gramaticais do enunciado verbal da charge “Kings of Money”:

- Chega! Não **podemos** mais protelar! **Vamos sair** agora e eliminar a fome, a pobreza e a desnutrição!
- Mas e depois? Onde a gente **esconde** os corpos?

1. Temos aí três formas verbais a que se associam sujeitos gramaticais. Identifique-os e explique como eles estão marcados.
2. Os sujeitos gramaticais indicam o sujeito do discurso. Que sentido eles criam na charge?

FAÇA NO  
CADERNO

O sujeito gramatical pode ser marcado pela desinência verbal ou pode estar explicitado em forma de palavras; nesse diálogo, o sujeito explícito é uma expressão pronominal equivalente à primeira pessoa do plural.

Desinências e palavras explícitas marcam sujeitos gramaticais determinados, mas nem sempre os sujeitos gramaticais são determinados.

Leia esta crônica de Lourenço Diaféria.

### Histórico escolar

No começo me chamavam Juquinha e tinha um seio redondo e cheio que me matava a fome. Depois o seio secou. Ganhei uma chupeta.

Depois me levaram a chupeta. Fiquei com o dedo na boca. Até que um dia meu irmão, diz que sem querer, prensou meu dedo no berço. E eu fiquei sem a unha.

Depois levaram meu pai. Eu não estranhei. Nunca via meu pai a não ser quando ele chegava daquele jeito. Ele não fez falta a não ser à minha mãe.

Depois levaram um tio meu que ajudava minha mãe — ela dizia sempre: “Pede a bênção pro tio, filho, ele é que ajuda a gente” —, mas um dia o tio deve ter-se aborrecido e voltou para a terra dele. Deixou uma foto e a carta que minha mãe não mostrava a ninguém.

Depois levaram o pé de caqui e um caramanchão de chuchu que havia no fundo do quintal, onde meu irmão, minhas irmãs e eu brincávamos o tempo todo.

Depois levaram o quintal. Acharam que quintal não servia para nada a não ser para juntar com outros quintais e construir uma fileira de sobradinhos.

Depois levaram a mesa de fórmica, e o rádio, e as quatro cadeiras.

Depois levaram a gente para o outro lado do rio. Depois me levaram para vender amendoim nos trens da Rede Ferroviária e observar quem tinha correntinha no pescoço, ou relógio no pulso e voltar para avisar o moço que ficava encostado na porta do terceiro carro.

Depois me mandaram ficar encostado na porta do terceiro carro e ficar olhando bem como é que se faz.

Depois levaram minha mãe. Nem quis ver. Tenho nojo de defunto.

Depois levaram os campos da várzea onde a molecada batia bola.

Depois levaram meu pente e meu cinto.

Depois me levaram para a escola. Fiz até o segundo ano. Não fui além por falta de lápis de cor; e porque a escola tinha uns caras que ficavam gozando da minha cara, até que eu esquentei.

Depois levaram uma caixa de papelão cheia de coisas que eu estava juntando fazia tempo.

Depois eu levei a caixa de engraxate dum pivete e ele disse que ia me acertar. Mas eu acertei primeiro.

Depois eu levei um tempo não indo mais pro centro da cidade pra não dar bandeira.

Depois eu levei carrinhos de freguesas em supermercado e levava minhas gorjetas.

Depois eu levei uma fechada de um bacana no volante e o fulano olhou pra mim com cara de quem está desconfiado de que o carro não é meu e de que eu não tenho carta.

Depois eu levei um tiro, que passou longe.

Depois eu levei uma Máuser enrustida na bolsa de plástico.

Depois levaram o Circo Garcia.

Mas antes eu levei o dinheiro da bilheteria.

Depois eu levei um susto. Eles chegaram e foram pedindo documento.

Depois é o depois.

Depois tem gente que fala que não existe o destino. Se eu tivesse lápis de cor. Se não tivessem acabado os campos da várzea e as traves. Se eu não tivesse que vender flor de noite em restaurante, hoje bem que eu podia ter tirado curso no Senai, ou ter barraquinha de fruta, ou jogar no time do Santo André. O problema é que eu fui obrigado a parar no segundo ano. Naquele tempo todo mundo me chamava de Juquinha, vê se pode.

DIAFÉRIA, Lourenço. Histórico escolar. In: \_\_\_\_\_. **O invisível cavalo voador**. São Paulo: FTD, 1990. p. 43-44.

3. Entre os recursos empregados pelo autor na crônica, destaca-se a repetição do verbo “levar”. Com dois ou três colegas, releia a crônica para identificar os sentidos criados por esse verbo em cada parágrafo.
4. Até o 15º parágrafo, o verbo “levar” apresenta-se na forma “levaram”, sem sujeito explícito. Depois, o verbo assume a forma “levei”, acompanhada do sujeito explícito “eu”. Considerando o sentido do texto — história de vida tendo como narrador a principal personagem, Juquinha —, explique:
  - a) Existem sujeitos (agentes) para “levaram”?
  - b) É possível determinar precisamente quem “levou”?
  - c) Que sentido cria no texto a forma verbal “levaram” sem sujeito explícito?
  - d) Por que, a partir do 16º parágrafo, o sujeito passou a ser explicitado?

FAÇA NO  
CADERNO

#### Lourenço Diaféria

O contista e cronista nasceu no bairro do Brás, na cidade de São Paulo, em 1933. Como jornalista, trabalhou na **Folha de S. Paulo** e, como colaborador, no **Jornal da Tarde**, no **Diário Popular** e no **Diário do Grande ABC**. Escreveu para algumas rádios e para a Rede Globo.

Algumas obras mais recentes: **Brás: sotaques e desmemórias** (2002), **O imitador de gato** (2000), **Papéis íntimos de um ex-boy assumido** (1994). Seu tema preferido era a vida urbana.



Lourenço Diaféria, em 1989.

Sergio Amaral/Estadão Conteúdo

Na reportagem de Peri Pane com o documentarista Caio Silva Ferraz, 28 anos, tratou-se do tema da água. O diretor da *webserie* “Volume vivo” quis mostrar os processos de gestão da água e abrir espaço para que a sociedade discuta e se aproprie desse valioso recurso. Na manchete do texto, o jornalista retoma o discurso de Ferraz, marcado com as aspas, e mostra que ele emprega o pronome “se” junto do verbo, criando assim o mesmo efeito de indeterminação e generalização do sujeito:

“Finge-se que a crise da água acabou, mas é só o começo.”

FOLHA DE S.PAULO. São Paulo, 31 maio 2015. Revista São Paulo, p. 22.

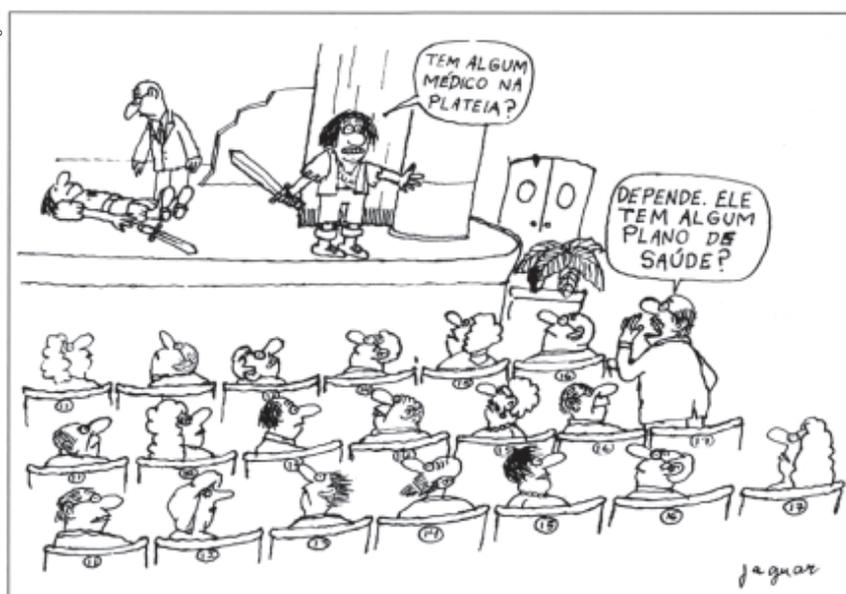
A gramática considera que, nesse caso, o pronome “se” é um índice de indeterminação do sujeito, ou seja, ele indica que o sujeito terá no texto um sentido indeterminado.

As duas formas gramaticais de indeterminação do sujeito têm marcas bastante específicas: sujeito não explícito e verbo na terceira pessoa do plural ou na terceira pessoa do singular acompanhado do pronome “se”.

## Orações sem sujeito

Até aqui vimos marcadores gramaticais para sujeitos existentes. É possível, porém, que o sujeito não exista.

Observe esta charge de Jaguar, publicada em uma coletânea de charges bem-humoradas sobre temáticas da saúde pública no Brasil.



FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. **Só rindo da saúde.** Catálogo da Exposição Itinerante Só rindo da saúde. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1995. p. 52.

### Sérgio de Magalhães Gomes Jaguaribe (Jaguar)

O humorista gráfico carioca conhecido como “Jaguar” nasceu em 1932. Começou a trabalhar como cartunista na revista **Manchete**, foi editor de humor da revista **Senhor** e fundador do jornal **O Pasquim**. Colaborou em quase todos os jornais e revistas brasileiros, tendo recebido prêmios internacionais. É considerado um dos grandes nomes do humor gráfico nacional.



Flávio Moraes/Fotoarena/Folhapress

Jaguar, em 2014.

1. Se uma charge está publicada numa coletânea sobre saúde pública, o que podemos esperar do texto?
2. Explique a situação retratada na charge até o momento imediatamente anterior ao da interação verbal.
3. Identifique a função social dos interlocutores no momento da fala.

Retomemos as falas:

- **Tem** algum médico na plateia?
- Depende. Ele **tem** algum plano de saúde?

4. O verbo **ter** foi empregado nas falas do ator e do espectador com diferentes sentidos.
  - a) Identifique-os.
  - b) Explique sua função na charge.
5. Na fala do ator, o verbo foi empregado no padrão coloquial. Qual é a norma-padrão correspondente?

FAÇA NO  
CADERNO

### Verbos impessoais

Segundo a gramática normativa, quando o verbo **haver** significa “existir”, “acontecer”, “ocorrer” ou indica tempo, é impessoal, isto é, a oração não tem sujeito:

— **Há** algum médico na plateia?

— **Houve** surpresa na plateia.

— **Houve** conversas na plateia.

— **Há** um minuto a peça foi interrompida. (Na linguagem coloquial: **Faz** um minuto...)

“Algum médico”, “surpresa” e “conversas” funcionam nesses casos como complementos (objetos diretos) do verbo.

Se na oração não há sujeito, o verbo fica invariável, mesmo que o complemento esteja no plural:

— **Há** médicos na plateia?

— **Houve** conversas na plateia?

— **Há** dois minutos a peça foi interrompida. (Faz dois minutos...)

Também são impessoais os verbos que indicam fenômenos naturais:

— **Choveu** ontem.

— **Nevou** nos estados do Sul do Brasil.

— **Venta** muito.

## Vozes verbais: o sujeito e o agente

O modo como o sujeito gramatical se relaciona com o verbo na oração caracteriza o que a gramática normativa chama de **voz**. As **vozes verbais** também marcam o sentido do texto.

O livro que conta a história do Jornal Nacional, programa da Rede Globo de Televisão, traz um capítulo chamado “A cobertura nacional em anos de chumbo”. Relembra os acontecimentos posteriores à decretação do Ato Institucional n. 5, de dezembro de 1968, quando o país vivia sob pressão do regime militar. Um dos episódios destacados no capítulo é o da censura à divulgação de notícias sobre a morte do guerrilheiro Carlos Lamarca. Leia-o.

### A morte de Lamarca

Em 17 de setembro de 1971, o líder revolucionário Carlos Lamarca foi morto na Bahia, e os militares proibiram a divulgação da notícia — só liberada depois de muita negociação com o I Exército, intermediada pelo chefe de reportagem Aníbal Ribeiro. Mas no JN daquele dia não foi possível dar detalhes sobre a morte do guerrilheiro.

Na manhã seguinte, Armando Nogueira e Alice-Maria decidiram que a Globo cobriria o assunto e enviaram para Salvador o repórter Amaury Monteiro e o cinegrafista Sabá. Como Lamarca fora morto no interior do estado, seu cadáver só chegaria ao Instituto Médico Legal da capital baiana naquele dia.

Sabá conseguiu registrar com sua câmera muda, uma Bell & Howell, toda a autópsia de Carlos Lamarca. Mas o filme não pôde ser exibido. Enviado para o Rio por avião, por intermédio de um comissário de bordo, o material foi confiscado pela censura na sala de montagem da TV Globo.

O repórter e o cinegrafista não desistiram. Na casa do legista responsável pela autópsia, conseguiram que o médico, a partir de um mapa do corpo de Lamarca, descrevesse em detalhes o laudo cadavérico. As explicações foram registradas com uma câmera sonora. Resultado do exame: o guerrilheiro tinha sido executado, levado vários tiros, em sua maioria pelas costas. Não fora uma morte em combate, como dizia a versão oficial. Como a informação comprometia o Exército, mais uma vez as imagens não puderam ser exibidas.

O Jornal Nacional não deixou de divulgar, porém, as informações obtidas com o médico legista, o que irritou os militares. No dia 21 de setembro, Roberto Marinho recebeu um ofício da Central de Inteligência do Exército advertindo que a notícia tinha sido transmitida de uma forma que contrariava os objetivos pretendidos pelos órgãos de segurança. Cid Moreira, segundo o documento, teria lido as informações com ar de deboche, apresentando Lamarca como “um mártir, vítima da brutalidade de seus algozes do Exército”.

GLOBO. A cobertura nacional em anos de chumbo. In: \_\_\_\_\_. **Jornal Nacional**: a notícia faz história. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004. p. 38. (Memória Globo).

1. No primeiro parágrafo do texto, encontramos:

FAÇA NO  
CADERNO

[...] o líder revolucionário Carlos Lamarca **foi morto** na Bahia, e os militares **proibiram** a divulgação da notícia [...]

- Verifique a relação entre os verbos destacados e seus respectivos sujeitos gramaticais: os sujeitos são agentes das ações verbais?

2. Explique que diferença faz para o sentido do texto o emprego das duas diferentes vozes verbais nesse enunciado.

3. No texto em análise, “Lamarca” vem sempre marcado como sujeito gramatical paciente:

“Lamarca **fora morto** no interior do estado [...]”  
“[...] o guerrilheiro **tinha sido** executado [...]”

- a) Que sentido o sujeito paciente cria no texto?
- b) Que diferença de sentido ocorreria se o sujeito gramatical fosse agente: “Carlos Lamarca morreu”?

A gramática normativa estabelece que, quando o sujeito é **agente**, o verbo está na **voz ativa**; quando é **paciente**, o verbo está na **voz passiva**. Quando o sujeito gramatical não é agente, o agente pode aparecer como outro constituinte da oração: o **agente da passiva**, sempre preposicionado.

4. Identifique no texto:

- a) outros exemplos de sujeito gramatical paciente e o sentido criado por eles;
- b) uma oração em que o sujeito gramatical seja paciente e, após o verbo, venha explicitado o agente da passiva.

Existe outro recurso gramatical para deixar o sujeito marcado como paciente, sem revelar explicitamente o agente. Ele foi empregado na placa ao lado, encontrada na Ilha do Cardoso, em São Paulo, e registrada em foto do jornalista José Eduardo Camargo.



CAMARGO, José Eduardo; SOARES, L. **O Brasil das placas**: viagem por um país ao pé da letra. São Paulo: Panda Books, 2007. p. 75.

## O ponto de vista gramatical

Do ponto de vista gramatical, são equivalentes as orações:

Procura-se **o animal que deixou essas pegadas**.

**O animal que deixou essas pegadas** é procurado.

1. Considerando essa equivalência, responda. FAÇA NO CADERNO

- a) Qual é o sujeito das duas orações?
- b) Ele é agente ou paciente?
- c) Qual é a diferença entre as duas formas verbais?
- d) Qual é a posição do sujeito na frase?

Para a gramática normativa, a primeira oração exemplifica a **voz passiva sintética ou pronominal**; a segunda, a **voz passiva analítica**.

2. Explique com suas palavras os dois tipos de voz passiva concebidos pela gramática.
3. Uma regra básica da gramática normativa determina que o sujeito concorde com o verbo em número (singular/plural) e pessoa. De acordo com essa regra, como ficam as duas orações equivalentes se colocarmos o substantivo “animal” no plural?

## O ponto de vista discursivo

1. Compreenda a placa como interação social, considerando o local onde ela está colocada. FAÇA NO CADERNO

- a) Quem é o agente da interação?
- b) Qual é o interlocutor pretendido?
- c) Qual é o sentido do verbo “procurar”?
- d) Qual é o objetivo da placa?
- e) Explique o sentido criado pelo uso dos substantivos “animal” e “pegadas”.

2. Os agentes da ação de “procurar” estão postos no texto de forma generalizada. Deixando de lado a gramática, somos levados a concluir que, em “procura-se”, há um sujeito generalizado, ou seja, indeterminado pelo “se”: os moradores em geral. De acordo com esse raciocínio, como ficariam as orações no plural?

### Olho vivo para a norma-padrão!

Para esse caso, as interpretações gramatical e discursiva são discordantes. Na hora de empregar uma construção oracional como essa, o melhor a fazer em relação à flexão do verbo é considerar se a interação se dá em tom formal ou coloquial.

Uma dica para facilitar seu raciocínio no emprego da norma-padrão: a equivalência entre as duas orações e, consequentemente, o emprego do “verbo + se” no plural só ocorrem quando o verbo é transitivo direto:

**Procuram-se** animais.

**Educam-se** animais.

**Advertem-se** animais.

O mesmo não acontece com verbos transitivos indiretos (quando o verbo solicita uma preposição):

**Precisa-se** de animais.

**Conta-se** com animais.

**Interessa-se** por animais.

## Voz reflexiva

A gramática normativa considera ainda um terceiro tipo de voz verbal: a voz reflexiva, que ocorre nestes exemplos:

Os homens se prejudicam ao jogar detritos na natureza.  
Eu me vejo comprometido com a causa ecológica.  
Nós nos atribuímos direitos e deveres sociais.

- O critério gramatical para a classificação das vozes verbais é o sujeito ser ativo ou passivo. Considerando-o, responda.
- a) Quem faz as ações expressas pelo verbo?
- b) Quem sofre as ações? Como está marcado gramaticalmente o sujeito paciente?
- c) O sujeito das orações é agente ou paciente?
- d) Defina a voz reflexiva.

FAÇA NO  
CADERNO

## Sistematizando a prática linguística

A noção de sujeito tem duas acepções:

- **gramatical** — o sujeito é um constituinte da oração, está associado a um verbo e independe da situação de comunicação; em relação a ela, é vazio de sentido;
- **discursiva** — o sujeito é construído no discurso; vem marcado pelo sujeito gramatical, mas só tem sentido na situação de interação.

O sujeito gramatical recebe diferentes classificações conforme sua forma de aparecimento. Ele pode ser **existente** ou **inexistente**.

O **existente** pode estar **determinado** ou **indeterminado**.

O **determinado** pode estar:

- marcado pela desinência verbal;
- explícito por palavras.

O **indeterminado** é marcado:

- pelo verbo na terceira pessoa do singular + **se**;
- pelo verbo na terceira pessoa do plural.

O sujeito inexistente se marca:

- pelo verbo **haver** com sentido de “existir”;
- em referência a fenômenos naturais.

O sujeito gramatical pode ser **agente** ou **paciente**.

Quando o sujeito gramatical não é agente, o agente pode aparecer como outro constituinte da oração: o **agente da passiva**, geralmente introduzido pela preposição **por**. Nesse caso, o verbo da oração está flexionado na voz passiva (verbo auxiliar + verbo principal no particípio). É conhecida como voz **passiva analítica**.

### Voz passiva e passividade

É preciso não confundir voz passiva e passividade. Voz é a forma especial em que se apresenta o verbo para indicar que a pessoa recebe a ação:

Ele **foi visitado** pelos amigos.

**Alugam-se** bicicletas.

Passividade é o fato de a pessoa receber a ação verbal. A passividade pode se traduzir, além de pela voz passiva, pela ativa, se o verbo tiver sentido passivo:

Os criminosos recebem o merecido castigo.

Portanto nem sempre a passividade corresponde à voz passiva.

BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa**. 37. ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004. p. 222.

Outra forma de aparecimento da voz passiva é com a utilização do pronome apassivador **se**, sem o agente da passiva. É conhecida como **voz passiva sintética**. A gramática normativa determina que, na voz passiva sintética, o verbo concorde com o sujeito, posposto a ele, o que não ocorre com frequência no padrão coloquial da língua.

A forma de presença ou a ausência do agente interferem no sentido do discurso.

## Usando os mecanismos linguístico-discursivos

1. Leia o fragmento seguinte, do conto “A cartomante”, de Machado de Assis. Depois, responda à pergunta.

FAÇA NO  
CADERNO

Separaram-se contentes, ele ainda mais que ela. Rita estava certa de ser amada; Camilo, não só o estava, mas via-a estremecer e arriscar-se por ele, correr às cartomantes, e, por mais que a repreendesse, não podia deixar de sentir-se lisonjeado. A casa do encontro era na antiga rua dos Barbonos, onde morava uma comprovinciana de Rita. Esta desceu pela rua das Mangueiras na direção de Botafogo, onde residia; Camilo desceu pela da Guarda Velha, olhando de passagem para a casa da cartomante.



O conto “A cartomante” está disponível na íntegra em <<http://ftd.li/p4mfhz>>. Acesso em: 13 abr. 2016.

ASSIS, Machado de. A cartomante. In: \_\_\_\_\_. **A cartomante e outros contos**. São Paulo: Moderna, 1983. p. 47. (Clássicos da literatura brasileira).

- No texto, qual é o sujeito de “ser amada”? Explique.

## Em atividade

FAÇA NO  
CADERNO

1. (Enem/MEC)

Gripado, penso entre espirros em como a palavra gripe nos chegou após uma série de contágios entre línguas. Partiu da Itália em 1743 a epidemia de gripe que disseminou pela Europa, além do vírus propriamente dito, dois vocábulos virais: o italiano *influenza* e o francês *grippe*. O primeiro era um termo derivado do latim medieval *influentia*, que significava “influência dos astros sobre os homens”. O segundo era apenas a forma nominal do verbo *gripper*, isto é, “agarrar”. Supõe-se que fizesse referência ao modo violento como o vírus se apossa do organismo infectado.

RODRIGUES. S. Sobre palavras. **Veja**, São Paulo: Abril, 30 nov. 2011.

Para se entender o trecho como uma unidade de sentido, é preciso que o leitor reconheça a ligação entre seus elementos. Nesse texto, a coesão é construída predominantemente pela retomada de um termo por outro e pelo uso da elipse. O fragmento do texto em que há coesão por elipse do sujeito é:

- “[...] a palavra gripe nos chegou após uma série de contágios entre línguas.”
- “Partiu da Itália em 1743 a epidemia de gripe [...]”.
- “O primeiro era um termo derivado do latim medieval *influentia*, que significava ‘influência dos astros sobre os homens’.”

- “O segundo era apenas a forma nominal do verbo *gripper* [...]”.
- “Supõe-se que fizesse referência ao modo violento como o vírus se apossa do organismo infectado.”

2. (Fuvest-SP) Assinale a alternativa em que há oração sem sujeito.

- Existe um povo que a bandeira empresta.
- Embora com atraso, haviam chegado.
- Existem flores que devoram insetos.
- Alguns de nós ainda tinham esperança de encontrá-lo.
- Há de haver recurso desta sentença.

3. (FMC-SP) Em relação à frase: “Precisa-se de trabalhadores”, indique a alternativa incorreta.

- sujeito indeterminado.
- “de trabalhadores” é objeto indireto.
- “se” é índice de indeterminação do sujeito.
- A frase é ativa de sujeito indeterminado.
- A frase é passiva.

4. (PUC-SP) “O que há entre a vida e a morte?”

- O sujeito do verbo haver é o pronome interrogativo QUE.
- Tem-se uma oração sem sujeito.
- O sujeito está oculto.
- O sujeito é indeterminado.
- O sujeito é “uma curta ponte”.

# Lista de siglas de universidades e exames nacionais

Cefet-PR — Centro Federal de Educação Tecnológica do Paraná  
Enem/MEC — Exame Nacional do Ensino Médio  
ESPM-SP — Escola Superior de Propaganda e Marketing  
FGV-SP — Fundação Getúlio Vargas  
FMC-SP — Faculdade Metropolitana de Caieiras  
Fuvest-SP — Fundação Universitária para o Vestibular da Universidade de São Paulo  
IBMEC-2003 — Instituto Brasileiro de Mercado de Capitais  
ITA-SP — Instituto Tecnológico de Aeronáutica  
Mackenzie-SP — Universidade Presbiteriana Mackenzie  
PUCCamp-SP — Pontifícia Universidade Católica de Campinas  
PUC-MG — Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais  
PUC-RJ — Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro  
PUC-SP — Pontifícia Universidade Católica de São Paulo  
UCSal-BA — Universidade Católica de Salvador  
Udesc-SC — Universidade do Estado de Santa Catarina  
UEPG-PR — Universidade Estadual de Ponta Grossa  
UEL-PR — Universidade Estadual de Londrina  
UERJ-RJ — Universidade Estadual do Rio de Janeiro  
UFBA — Universidade Federal da Bahia  
UFF-RJ — Universidade Federal Fluminense  
UFGO-GO — Universidade Federal de Goiás  
UFMG — Universidade Federal de Minas Gerais  
UFPR — Universidade Federal do Paraná  
UFRGS-RS — Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
UFRJ — Universidade Federal do Rio de Janeiro  
UFRRJ — Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
UFSM-RS — Universidade Federal de Santa Maria  
UFTM-MG — Universidade Federal do Triângulo Mineiro  
UFU-MG — Universidade Federal de Uberlândia  
UFV-MG — Universidade Federal de Viçosa  
Unicamp-SP — Universidade Estadual de Campinas  
Unifenas-MG — Universidade José do Rosário Vellano  
Unifesp-SP — Universidade Federal de São Paulo  
Unitau-SP — Universidade de Taubaté  
Vunesp-SP — Fundação para o Vestibular da Universidade Estadual Paulista

## Sugestões de leitura

ABREU, Caio Fernando. **Além do ponto e outros contos**. São Paulo: Ática, 2015.  
AGUALUSA, José Eduardo. **Manual prático de levitação**: contos. Rio de Janeiro: Gryphus, 2005.  
AMADO, Jorge. **Terras do sem fim**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.  
ANDRADE, Carlos Drummond. **Antologia poética**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.  
ANDRADE, Mario de. **Macunaíma**: o herói sem nenhum caráter. São Paulo: Nova Fronteira, 2015.  
ANDRADE, Mario de. **Poesias completas**. São Paulo: Nova Fronteira, 2013.  
ANDRADE, Oswald de. **Memórias sentimentais de João Miramar**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.  
ASSIS, Machado de. **Quincas Borba**. São Paulo: FTD, 2011.

- BANDEIRA, Manuel. **Antologia poética**. São Paulo: Global, 2013.
- BANDEIRA, Manuel. **Melhores crônicas**: Manuel Bandeira. São Paulo: Global, 2003.
- BARRETO, Lima. **Triste fim de Policarpo Quaresma**. São Paulo: FTD, 2013.
- BAUDELAIRE, Charles. **As flores do mal**. Tradução, introdução e notas de Ivan Junqueira. São Paulo: Nova Fronteira, 2015.
- BILAC, Olavo. **Poesias**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- CORREIA, Raimundo. **Melhores poemas**: Raimundo Correia. São Paulo: Global, 2001.
- COUTO, Mia. **O último voo do flamingo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.
- CRUZ E SOUZA. **Melhores poemas**: Cruz e Souza. São Paulo: Global, 1998.
- FREIRE, Marcelino. **Contos negreiros**. Rio de Janeiro: Rocco, 2005.
- GUIMARAENS, Alphonsus de. **Melhores poemas**: Alphonsus de Guimaraens. São Paulo: Global, 2001.
- LIMA, Jorge de. **Melhores poemas**: Jorge de Lima. São Paulo: Global, 2006.
- LISPECTOR, Clarice. **Crônicas para jovens de amor e amizade**. Rio de Janeiro: Rocco, 2010.
- LISPECTOR, Clarice. **Laços de família**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.
- LOBATO, Monteiro. **O Saci-pererê: o resultado de um inquérito**. São Paulo: Globo, 2008.
- MACHADO, Antônio de Alcântara. **Brás, Bexiga e Barra Funda**. São Paulo: Nova Alexandria, 2012.
- MEIRELES, Cecília. **Romanceiro da inconfidência**. São Paulo: Global, 2012.
- MENDES, Murilo. **Melhores poemas**: Murilo Mendes. São Paulo: Global, 2000.
- OLIVEIRA, Alberto de. **Melhores poemas**: Alberto de Oliveira. São Paulo: Global, 2007.
- PESSANHA, Camilo. **Clepsidra**. Cotia: Ateliê, 2009.
- PESSOA, Fernando. **Poesia completa de Alberto Caeiro**. São Paulo: Companhia de Bolso, 2005.
- PESSOA, Fernando. **Poesia completa de Álvaro de Campos**. São Paulo: Companhia de Bolso, 2007.
- PESSOA, Fernando. **Poesia completa de Ricardo Reis**. São Paulo: Companhia de Bolso, 2005.
- RAMOS, Graciliano. **Memórias do cárcere**. Rio de Janeiro: Record, 2008.
- RAMOS, Graciliano. **Vidas Secas**. Rio de Janeiro: Record, 2006.
- RAMOS, Ricardo. **Circuito fechado**. São Paulo: Biblioteca Azul, 2012.
- REGO, José Lins do. **Fogo Morto**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2010.
- ROSA, João Guimarães. **Grande sertão: veredas**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.
- ROSA, João Guimarães. **Sagarana**. São Paulo: Nova Fronteira, 2015.
- SARAMAGO, José. **O ano da morte de Ricardo Reis**. 10. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- TELES, Gilberto Mendonça. **Vanguarda europeia & modernismo brasileiro**: apresentação e crítica dos principais manifestos vanguardistas. Rio de Janeiro: José Olympio, 2012.
- VERISSIMO, Erico. **Caminhos cruzados**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.
- VERISSIMO, Erico. **Olhai os lírios do campo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

# Referências

- ALAMBERT, Francisco. **A Semana de 22**: a aventura modernista no Brasil. 3. ed. São Paulo: Scipione, 1998.
- ANDRADE, Mário de. **Poesias completas**. Edição crítica de Diléa Zanotto Manfio. Belo Horizonte: Vila Rica; São Paulo: IEB, 1993.
- ANDRADE, Mário de. **Aspectos da literatura brasileira**. 5. ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 2002.
- ANDRADE, Oswald de. **Primeiro caderno do aluno de poesia Oswald de Andrade**. 2. ed. São Paulo: Globo, 1994.
- ANDRADE, Oswald de. **Pau Brasil**. 2. ed. São Paulo: Globo, 2003.
- ARGAN, Giulio Carlo. **Arte moderna**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- ASSIS BARBOSA, Francisco (Org.). **Melhores poemas de Manuel Bandeira**. São Paulo: Global, 2004.
- BAKHTIN, Mikhail. Os gêneros do discurso. In: \_\_\_\_\_. **Estética da criação verbal**. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BAKHTIN, Mikhail; VOLOCHINOV, Valentin N. **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. 7. ed. São Paulo: Hucitec, 1995.
- BANDEIRA, Manuel. **Poesia e prosa**. Rio de Janeiro: Aguilar, 1958. v. 1.
- BARBOSA, Frederico (Sel. e introd.). **Cinco séculos de poesia**. São Paulo: Landy, 2000.
- BARBOSA, Frederico; DANIEL, Claudio (Org.). **Na virada do século**: poesia de invenção no Brasil. São Paulo: Landy, 2002.
- BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.
- BELLUZZO, Ana Maria. **O Brasil dos viajantes**. 2. ed. Rio de Janeiro: Objetiva: Metalivros, 2000.
- BISILLIAT, Maureen. **A João Guimarães Rosa**. São Paulo: Brunner, 1969.
- BOSI, Alfredo. **A literatura brasileira**: o Pré-Modernismo. 4. ed. São Paulo: Cultrix, 1973. v. 5.
- BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. 35. ed. rev. e aum. São Paulo: Cultrix, 1997.
- BOSI, Alfredo. **Dialética da colonização**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- BRAIT, Beth. PCNs, gêneros e ensino de língua: faces discursivas da textualidade. In: ROJO, Roxane (Org.). **A prática de linguagem em sala de aula**: praticando os PCNs. São Paulo: EDIJC; Campinas: Mercado de Letras, 2000.
- BRAIT, Beth. **A personagem**. 8. ed. São Paulo: Ática, 2002. (Série Princípios).
- BRAIT, Beth (Org.). **Bakhtin**: conceitos-chave. São Paulo: Contexto, 2005.
- BRAIT, Beth (Org.). **Bakhtin**: outros conceitos-chave. São Paulo: Contexto, 2006.
- BRAIT, Beth (Org.). **Bakhtin**: dialogismo e polifonia. São Paulo: Contexto, 2009.
- BRAIT, Beth (Org.). **Bakhtin e o Círculo**. São Paulo: Contexto, 2009.
- BRASIL. **Orientações curriculares para o Ensino Médio**. Linguagem, códigos e suas tecnologias. Brasília: SEB/MEC, 2006. v. 1.
- BRITO, Mário da Silva. **História do modernismo brasileiro**: antecedentes da Semana de Arte Moderna. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1974.
- CADERNOS de Literatura Brasileira: Clarice Lispector. Instituto Moreira Salles. n. 17/18, dez. 2004.
- CAMARGOS, Márcia. **Semana de 22**: entre vaias e aplausos. São Paulo: Boitempo, 2002.
- CAMPOS, Maria Inês Batista. **Ensinar o prazer de ler**. São Paulo: Olho d'Água, 2003.
- CANDIDO, Antonio. **A educação pela noite e outros ensaios**. São Paulo: Ática, 1987.
- CANDIDO, Antonio. **Formação da literatura brasileira**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1993. 2 v.
- CANDIDO, Antonio. **Na sala de aula**: caderno de análise literária. São Paulo: Ática, 1995.
- CANDIDO, Antonio. **Iniciação à literatura brasileira**. 4. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2004.
- CASTILHO, Aliba T.; BASÍLIO, Margarida (Org.). **Gramática do português falado**. 2. ed. Campinas: Unicamp, 2002. v. 6.
- COSTA VAL, Maria da Graça. A gramática do texto, no texto. **Revista de estudos da linguagem**. Belo Horizonte: UFMG, v. 10, n. 2, jul. dez. 2002.
- COSTA VAL, Maria da Graça; MARCUSCHI, Beth (Org.). **Livro didático de língua portuguesa**: letramento, inclusão e cidadania. Belo Horizonte: CEALE; São Paulo: Autêntica, 2005.
- DIONÍSIO, Angola Paiva; MACHADO, Anua Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora. **Gêneros textuais e ensino**. 2. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003.
- DIONÍSIO, Angola Paiva; BESERRA, Normanda da Silva (Org.). **Tecendo textos, construindo experiências**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.
- FARACO, Carlos Alberto. **Linguagem e diálogo**: as ideias linguísticas do Círculo de Bakhtin. São Paulo: Parábola, 2009.
- FÁVERO, Leonor Lopes; ANDRADE, Maria Lúcia C. V. O.; AQUINO, Zilda G. O. **Oralidade e escrita**: perspectivas para o ensino de língua materna. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2005.
- FIORIN, José Luiz. **As astúcias da enunciação**: as categorias de pessoa, espaço e tempo. São Paulo: Ática, 1996.
- FROTA, Lélia Coelho (Org.). **Carlos e Mário**: correspondência de Carlos Drummond de Andrade e Mário de Andrade. Rio de Janeiro: Bem-Te-Vi, 2002.
- GALVÃO, Walnice Nogueira. **Guimarães Rosa**. São Paulo: Publifolha, 2000.
- GOTLIB, Nádya Battella. **A linguística e o ensino da língua portuguesa**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- GOTLIB, Nádya Battella. **Clarice**: uma vida que se conta. São Paulo: Ática, 1995.
- GOTLIB, Nádya Battella. **Tarsila do Amaral**: a modernista. São Paulo: SENAC, 2000.
- GOTLIB, Nádya Battella; BASSO, Renato. **O português da gente**: a língua que estudamos, a língua que falamos. São Paulo: Contexto, 2006.
- GUIMARÃES, Eduardo. **Texto e argumentação**: um estudo de conjunções do português. Campinas: Pontes, 2007.
- KLEIMAN, Angela; MATÊNCIO, Maria de Lourdes Meirelles (Org.). **Letramento e formação do professor**: práticas discursivas, representações e construção do saber. Campinas: Mercado de Letras, 2005.
- KOCH, Ingedore Villaça. **A coesão textual**. 4. ed. São Paulo: Contexto, 1991.
- KOCH, Ingedore Villaça; VILELA, Mário. **Gramática da língua portuguesa**: gramática da palavra, gramática da frase, gramática do texto/discurso. Coimbra: Almedina, 2001.
- LAJOLO, Marisa. **Literatura**: leitores e leitura. São Paulo: Moderna, 2001.
- LAJOLO, Marisa. **Como e por que ler o romance brasileiro**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2004.
- LAJOLO, Marisa; CECCANTINI, João Luis. **Monteiro Lobato**: livro a livro. São Paulo: Unesp: Imprensa Oficial, 2009.
- LAJOLO, Marisa; ZILBERMANN, Regina. **A formação da leitura no Brasil**. 3. ed. São Paulo: Ática, 1999.
- LAPA, Gláucia Muniz Proença; MACHADO, Ida Lúcia; EMEDEATO, Wander (Org.). **Análises do discurso hoje**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008. v. 1 e 2.
- LEITE, Marli Quadros. A influência da língua falada na gramática tradicional. In: PRETI, Dino. **Fala e escrita em questão**. São Paulo: Humanitas, 2001. p. 129-157.
- MAINGUENEAU, Dominique. **Análise de textos de comunicação**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2002.
- MELLO E SOUZA, Gilda de (Org.). **Melhores poemas de Mário de Andrade**. São Paulo: Global, 2003.
- MICELI, Sergio. **Imagens negociadas**: retratos da elite brasileira (1920-1940). São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- MIRANDA, Wander Melo. **Graciliano Ramos**. São Paulo: Publifolha, 2004.
- MORAES, Marcos Antonio de (Org.). **Correspondência Mário de Andrade e Manuel Bandeira**. São Paulo: Edusp: IEB, 2000.
- MORICONI, Italo. **Como e por que ler a poesia brasileira do século XX**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.
- MOURA NEVES, Maria Helena. **Guia de uso do português**. São Paulo: Unesp, 2002.
- MOURA NEVES, Maria Helena. **Que gramática estudar na escola?** Norma e uso na língua portuguesa. São Paulo: Contexto, 2003.
- MOURA NEVES, Maria Helena. **Texto e gramática**. São Paulo: Contexto, 2006.
- PAIVA, Aparecida; MARTINS, Aracy; PAULINO, Graça; VERSIANI, Vera (Org.). **Literatura e letramento**: espaços, suportes e interfaces. O jogo do livro. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.
- PAIVA, Aparecida; MARTINS, Aracy; PAULINO, Graça; VERSIANI, Vera (Org.). **Leituras literárias**: discursos transitivos. Belo Horizonte: Ceale; São Paulo: Autêntica, 2005. (Literatura e educação).
- PAULINO, Graça; COSSON, Rildo (Org.). **Leitura literária**: a mediação escolar. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2004.
- POSSENTI, Sírio. **Questões para analistas do discurso**. São Paulo: Parábola, 2009.
- PRETI, Dino. **Diálogos na fala e na escrita**. São Paulo: Humanitas, 2005. v. 7.
- QUINO. **Mafalda n. 9**. São Paulo: Martins Fontes, 1995.
- ROJO, Roxane (Org.). **A prática de linguagem em sala de aula**. São Paulo: EDUC; Campinas: Mercado de Letras, 2000.
- ROSENBAUM, Yudith. **Clarice Lispector**. São Paulo: Publifolha, 2002.
- SOUZA, Geraldo Tadeu de. **Introdução à teoria do enunciado concreto do Círculo Bakhtin/Volochinov/Medvedev**. São Paulo: Humanitas, 1999.
- TELES, Gilberto Mendonça. **Vanguarda europeia e modernismo brasileiro**: apresentação e crítica dos principais poemas, manifestos, prefácios e conferências vanguardistas, de 1857 até hoje. Petrópolis: Vozes, 1977.
- TRAVAGLIA, Luis Carlos; ARAÚJO, Maria Helena Santos; ALVIM, Maria Teonila de Faria. **Metodologia e prática de ensino da língua portuguesa**. 4. ed. rev. Uberlândia: EDUFU, 2007.